363

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 1/427

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

LIV.- 001
PAG.- 017
REG.- 525

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO

AUTOR: LÚCIA BENEDETTI

DISTRIBUIÇÃO

Processo
8314/83/DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Serviço Gráfico do DPF – 35

GOVÊRNO DO ESTADO DO PARANÁ - SUPERINTENDÊNCIA DO TEATRO GUAÍRA

OFÍCIO Nº 255/TG/68.

CURITIBA, 26 DE JULHO DE 1 868.

À P. S.
E - 29/7/68.
P. O. Medeiros
À DCDP.
Em 29-7-968
Assinatura ilegível

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 2

SENHOR DELEGADO:

PASSO AS MÃOS DE VOSSA SENHORIA PARA FINS DE APROVAÇÃO PELO SERVIÇO DE CENSURA DÊSSE DEPARTAMENTO, TREIS TEXTOS DA PEÇA "O CASACO ENCANTADO", DE LUCIA BENNEDETTI, A SER ENCENADO BREVEMENTE PELO = TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ, ELENCO OFICIAL DESTE ÓRGÃO.

NA OPORTUNIDADE APRESENTO A VOSSA SENHORIA MEUS PROTESTOS DE CONSIDERAÇÃO E APRÊÇO.

ATENCIOSAMENTE

OCTAVIO FERREIRA DO AMARAL NETO
SUPERINTENDENTE

ILMO. SNR.
CORONEL WALDEMAR OSWALDO BIANCO.
DIGNÍSSIMO DELEGADO REGIONAL DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
NESTA CAPITAL

D.F.S.P.
D.R. - P.R.
PROTOCOLO
Nº 4568
29/7/68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p-3

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sêde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Curitiba, 26 de Julho de 1968.
Nº 032/68

A U T O R I Z A Ç Ã O

O abaixo assinado, na qualidade de Representante da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), no Estado do Paraná, pelo presente, autoriza a Censura da peça "O CASACO ENCANTADO" de Autoria de Lúcia Benedetti.

Atenciosamente

S. B. A.
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATR
Sucursal do Paraná

ALBERTO G. CUNHA - REPRESENTANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p 4

GOVÊRNO DO ESTADO DO PARANÁ

SUPERINTENDÊNCIA DO TEATRO GUAÍRA

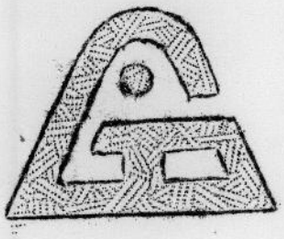
TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ

AUTORA: LÚCIA BENEDETTI



S. B. A. T.
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DO PARANÁ
AUTORIZAMOS A REPRESENTAÇÃO DÊSTE PROGRAMA
Curitiba, 26 de 07 de 1968
Pela S. B. A. T.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 5



GOVÊRNO DO ESTADO DO PARANÁ
SUPERINTENDÊNCIA DO TEATRO GUAÍRA
TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ

"O CASACO ENCANTADO"

peça infantil com 1 PRÓLOGO
3 ATOS
1 EPÍLOGO

PERSONAGENS:

JOÃO
JOSÉ
MÁGICO
MULHER DO MÁGICO
REI
PRINCESA
MINISTRO
RELÓGIO
PAJENS
MANEQUIM
VOVÓ

LÚCIA BENEDETTI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.6

P R Ó L O G O

VOVÓ - Meus netinhos, como têm passado?

Vou contar a vocês a história de João e José. (ABRE O PANO. JOÃO E JOSÉ ESTÃO COSTURANDO) Olhem. Alí estão êles. = João é o mais velho. O mais mocinho é o José. João estudou muito, formou-se, mas não conseguiu emprêgo. José aprendeu costura. Mas também é muito pobre. Mesmo assim, não deixa de ajudar ao amigo. José é um bom rapaz. Mas como é medroso! Apesar de ser um bom alfaiate não se acostuma com a tesoura. Vamos, José; deixe de ser medroso! (JOSÉ USA A TESOURA) Coitados! Estão tão atrapalhados! (CHAMANDO) Relógio! Relógio! (ENTRA O RELÓGIO) Que horas são? (O RELÓGIO MOSTRA QUINZE PARA AS CINCO) Um quarto para as cinco e êles trabalham! Trabalharam a noite inteira costurando êsse casaco. Como estão cansados (JOÃO E JOSÉ SE ESTICAM, BOCEJAM DEMONSTRANDO FADIGA) Mas precisam terminá-lo! (JOÃO E JOSÉ RETOMAM A COSTURA COM PRESTEZA) Imaginem que João, como não conseguiu trabalho, resolveu ser pintor. Juntou os últimos níqueis que tinha e mandou o amigo comprar tintas. Mas... que fatalidade! Com a pressa de voltar para casa, não reparou que ia passando o Rei. Como foi isso, José? Você não reparou? (JOSÉ FAZ QUE NÃO - AGONIADO) José tropeçou! Trazia as latas de tinta na mão. E a tinta caiu em cima do Rei! Que desgraça! O Rei quis matá-lo. Mas... (CHAMA) Relógio! Que horas são? Já? O dia não tarda a = raiar! Corra, vá a casa de João e José para que êles saibam as horas! O casaco deverá ficar pronto antes do amanhecer! (SAI O RELÓGIO, INVADE A CASA DE JOSÉ E JOÃO, MARCANDO CINCO HORAS EM PONTO) E agora vejam o que aconteceu. (O RELÓGIO DÁ O SINAL DE CINCO HORAS E SE RETIRA.)

F I M D O P R Ó L O G O

7 JM

1º A T O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 7

C E N Á R I O :

(CASA DE JOÃO E JOSÉ. DUAS CAMAS, FOGÃO, MESA, ALGUNS MANEQUINS. MÁQUINA DE COSTURA. EM CIMA DO FOGÃO UMA PANELA. SÔBRE A MESA,= UM PRATO COM DOIS PÃES. O DIA AINDA NÃO COMEÇOU. AMBOS TRABALHARAM TÔDA A NOITE, ESTÃO FATIGADOS, MAS ALEGRES. TERMINAM UM GRANDE CASACO VERMELHO, COM BOTÕES DOURADOS. QUANDO O PANO SOBE, = JOÃO, COM UMA ENORME TESOURA, ESTÁ APARANDO OS DERRADEIROS FIAPOS. JOSÉ PREGA O ÚLTIMO BOTÃO. OUVE-SE UM GALO CANTAR.)

JOSÉ - Acabei!

JOÃO - Acabei! (ABRAÇAM-SE NA MAIOR ALEGRIA) Estamos salvos!

JOSÉ - (RADIANTE) (SACUDINDO O CASACO) Ficou pronto! O Rei poderá vesti-lo a qualquer hora! (TORNAM A OLHAR O CASACO) Ah! até que enfim, ficou pronto o casaco! = (BEIJA O CASACO) Meu casaquinho querido! (DANÇA COM ÊLE) Tra-lá-lá...

JOÃO - Se eu não tivesse trabalhado tanto, não vê que não = ficava pronto?!

JOSÉ - Como não? Você quer dizer então que eu não trabalhei também?

JOÃO - Trabalhou, sim. Mas você tinha obrigação de andar depressa. Senão, já sabe. Lesco! (FAZ GESTO DE CORTAR A CABEÇA) Lá se ia a sua cabeça embora!

JOSÉ - E a sua? (FAZENDO O MESMO GESTO) Lesco, lesco! Ia embora também.

JOÃO - Mas eu não tive culpa nenhuma! Foi você quem derrubou tinta no casaco do Rei!

JOSÉ - E de quem era a tinta?

JOÃO - (CONSTERNADO) Minha.

JOSÉ - E, então?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239,p.8

JOÃO - Então, o quê? Por acaso mandei você sair correndo com a lata de tinta na mão e tropeçar no Rei? O casaco ficou que era só tinta roxa. E depois, ainda tive que = pedir misericórdia...

JOSÉ - Isso também eu pedi. Ajoelhei-me junto do Rei e disse: "Seu" Rei (AJOELHA-SE), não nos mate!

JOÃO - Eu também me ajoelhei, quando vi que o Rei não queria atender. E também pedi.

JOSÉ - Pois é. Foi você quem inventou que nós podíamos fazer um casaco igual e entregá-lo antes do sol raiar. Essa tolice saiu da sua cabeça!... (OLHANDO AS MÃOS) Estou com os dedos ardendo de tanto costurar.

JOÃO - E o Rei só perdoou porque achou impossível. Êle está ainda com raiva de nós. Quer nos matar de qualquer = jeito!

JOSÉ - Desta vez nós vencemos. Mas eu sou mesmo um colosso! (OLHA O CASACO) Um colosso!

JOÃO - Deixe de ser convencido. Se não fôsse eu...

JOSÉ - Convencido é você!

JOÃO - É você! Seu trapalhão! (BATEM À PORTA. OS DOIS SE CALAM).

JOSÉ - Quem será?

JOÃO - Quem sabe se o Rei mandou algum soldado nos buscar para... (FAZ GESTO DE CORTAR A CABEÇA) Lesco!

JOSÉ - Isso não. O casaco está pronto!... (BATEM OUTRA VEZ) É melhor fingir que estamos dormindo.

JOÃO - É mesmo. (CADA UM CORRE PARA A SUA CAMA. PÕEM-SE A RONCAR. BATEM OUTRA VEZ E AGORA COM MAIS FÔRÇA)

JOSÉ - (FALA BAIXINHO) Vá ver quem é, João.

JOÃO - Vá você...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.9

JOSÉ - Eu não. Pode ser o Rei e êle não gosta de mim!

JOÃO - Nem de mim. (BATEM À PORTA OUTRA VEZ)

JOSÉ - (FALA FRACAMENTE) (LEVANTANDO-SE) Quem está aí?

MÁGICO - (COM VOZ FORTE) Abra a porta! Sou eu!

JOSÉ - Não posso! Estou dormindo!

MÁGICO - (BATENDO COM MAIS FÔRÇA) Abra!

JOSÉ - (CHORAMINGANDO) Como é que eu vou abrir se estou dormindo?

JOÃO - (ERGUENDO-SE) Deixe de ser medroso! Abra a porta! (JOSÉ ABRE A PORTA DEVAGARINHO, ESPIA E TORNA A FECHAR)

JOSÉ - Credo, que homem feio!

JOÃO - (CURIOSO) Quem é?

JOSÉ - Parece assombração. Tem um chapéu comprido e uma capa preta!

JOÃO - Deixe de bobagem. Assombração não bate na porta! (ABRE A PORTA, ENTRA O MÁGICO, ALTO, CALÇAS DE GRANDES RISCOS AMARELOS E PRETOS, CHAPÉU DE COPA BEM PONTUDA, ENORME CAPA PRETA SÔBRE OS OMBROS; FALA SEMPRE COM AR ROGÂNCIA, O QUE INTIMIDA JOSÉ HORRÌVELMENTE)

MÁGICO - Que demora foi essa? Vocês não sabem que um Mágico não pode esperar?

JOSÉ - Não, senhor. (EXAMINANDO MEIO INCRÉDULO) O senhor é = mágico mesmo?

MÁGICO - Claro que sou. Não está vendo?

JOSÉ - Estou, sim senhor. Mas pensei que fôsse assombração! (REVOLTA DO MÁGICO)

JOÃO - (CONCILIADOR) Êle estava meio tonto de sono... Não viu direito. Nós trabalhamos a noite inteira, estamos muito cansados. Quer ter a bondade de dizer o que deseja?

MÁGICO - Eu quero comida. Vi com meus olhos mágicos que vocês

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 10

estavam acordados e resolvi entrar para descansar um pouco. Estou chegando da China.

JOSÉ - Seu ôlho mágico viu comida aqui?

MÁGICO - Viu.

JOÃO - Onde? (PROCURA PELA SALA, OLHA A PANELA)

JOSÉ - Tomara que êle descubra! Faz três dias que ninguém come direito!

MÁGICO - Em cima da mesa.

JOSÉ - Mas só temos dois pãezinhos! Eu e o João vamos comê-los daqui a pouco, assim que acordarmos. Isto é, vamos dormir, vamos acordar e depois comer o pão.

JOÃO - É verdade. Nós temos só estes dois pãezinhos...

MÁGICO - Pois o que eu quero mesmo é pão!

JOSÉ - Nós temos só dois... (CHORAMINGA) Um para mim e outro para o João...

JOÃO - Não sobra nenhum para o senhor.

MÁGICO - (APANHANDO OS PÃES) Deixem de conversa. Já disse que estou com fome e quero os pães (COMEÇA A COMÊ-LOS)

JOSÉ - Então, seu Mágico, não faça cerimônia. Pode comer. (PARA JOÃO) Nós vamos ficar com fome...

MÁGICO - Fome tenho eu, depois de três dias e três noites de viagem! (MASTIGA O PÃO)

JOÃO - Veio de avião?

MÁGICO - (ORGULHOSO) Vim num cabo de vassoura! (ACABA DE COMER O PÃO) Agora quero dinheiro.

JOSÉ - (SALTANDO DE ALEGRIA) Procure!... Se o senhor achar pode ficar com a metade! Nesta casa nunca apareceu dinheiro! (O MÁGICO ENFIA A MÃO NO BOLSO DE JOSÉ E RETIRA UMA MOEDA DE OURO) Formidável! (METE A MÃO NO BOLSO E NÃO ACHA NADA) Ué! (PARA O MÁGICO) Tira mais! (MÁGICO TIRA OUTRA MOEDA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 11

JOÃO - Tira em mim! (O MÁGICO FAZ O MESMO) Tira mais!

MÁGICO - Agora chega. Não preciso mais do que isso.

JOSÉ - Tira umazinha só pra mim!

JOÃO - Só mais uma, "seu" Mágico! Só mais uma para mim e o meu amigo José...

MÁGICO - Já disse que chega!

JOSÉ - Mais uma, só umazinha!...

MÁGICO - (ZANGADO) Chega! Eu não tiro dinheiro do bôlso dos outros para ninguém. Só para mim!

JOSÉ - Mas o senhor pode tirar, não custa nada, é só enfiar a mão no bôlso... bumba! (TENTA FAZER O MESMO NO SEU BÔLSO, SEM RESULTADO. PROCURA O BÔLSO DE JOÃO, ENCONTRA UM PEDAÇO DE BARBANTE) Ai, ai... (CHORAMINGA)

MÁGICO - Pare com isso! Agora quero dormir e que ninguém me acorde!

JOSÉ - Também quero dormir! (VAI PARA A CAMA)

JOÃO - Eu também... (BOCEJA) Que sono! (VAI PARA SUA CAMA)

MÁGICO - (PARA JOSÉ) Nessa cama quem dorme sou eu...

JOSÉ - Mas... mas esta é a minha cama, seu Mágico... (APONTA PARA A CAMA DE JOÃO) Durma naquela, é mais macia... = (MOSTRANDO AS COBERTAS) mais quentes. (AFOFA O TRAVESSEIRO E DEPOIS O COLCHÃO) Colchão de molas...

JOÃO - Pare com isso! (VAI PARA SUA CAMA)

MÁGICO - Eu vou dormir e você fica de guarda!

JOSÉ - (CONTRARIADO) De guarda?

MÁGICO - Sim senhor! Não quero escutar barulho, não quero que mosquito assente no meu nariz, nem que a coberta caia para o lado! E, principalmente, que ninguém me acorde! (AMEAÇADOR) Ai de você, se alguém me acordar!

JOSÉ - (MEDROSO) Que é que acontece?

MÁGICO - Transformo você num sapo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 12

JOSÉ - Ah, meu Deus, eu que tenho tanto mêdo de sapos! (TREME) Eu prefiro ser passarinho...

MÁGICO - Num sapo, já disse!

JOÃO - (SONOLENTO) Não faz mal, José; se você virar sapo eu levo você todos os dias para passear na lagoa...

JOSÉ - Mas eu não quero ser sapo! Eu tenho mêdo de água fria! Não gosto de lagoa! Além disso, sapo come mosquito. Eu não gosto de mosquito!

JOÃO - Você acaba gostando. (TORNA A BOCEJAR) Uuuu... que sono!

MÁGICO - (DEITANDO-SE) E não me acorde, hem! Senão já sabe! (PUXA AS COBERTAS E COMEÇA A RONCAR).

JOSÉ - (SENTA-SE PERTO DA CAMA E COMEÇA A ABANAR OS MOSQUITOS, E CONSERTAR AS COBERTAS, SEMPRE CHORAMINGANDO, BAIXINHO) Uuuu, uuuu...

JOÃO - Êle já dormiu? (FALA EM VOZ BAIXA)

JOSÉ - Já. Cale a bôca, senão eu viro sapo!

JOÃO - Vira nada, seu bôbo! Você não está vendo que é bobagem?

JOSÉ - Mas se eu virar sapo o que é que vão dizer de mim?

JOÃO - Êste Mágico é um mágico de mentira...

MÁGICO - (ACORDANDO) Tem alguém falando aí?

JOSÉ - Não tem, não senhor, foi o senhor que roncou... (IMITA O RONCO) E o senhor acordou com o seu próprio ronco.

MÁGICO - (AMEAÇADOR) Tem alguém falando!

JOSÉ - (CHORAMINGANDO) Não tem, não senhor... dorme quietinho, dorme... (PUXA AS COBERTAS, ARRUMA O TRAVESSEIRO DO MÁGICO, CANTA) Dorme, Magiquinho, tutu vem pegar... dorme Magiquinho, mas dorme sem roncar... (O MÁGICO COMEÇA A RONCAR)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 13

JOÃO - Deixe de ser bôbo. Êsse homem é um sabidão. Comeu nossa comida, tirou nosso dinheiro.

JOSÉ - Nós não tínhamos dinheiro nenhum... Foi êle que fêz mágica!...

JOÃO - Mágica o quê! Com certeza alguém botou dinheiro no seu bôlso sem você saber.

JOSÉ - Mas quem? Nós não temos nenhum amigo rico! E eu procurei tirar e não tirei nada!

JOÃO - Então o dinheiro era dêle mesmo e êle está querendo nos enganar!

JOSÉ - (MEDROSO) Cala a bôca, senão eu viro sapo!

JOÃO - Deixe de ser burro!

JOSÉ - Eu não me importo de ser burro, mas sapo não quero ser!

MÁGICO - (ACORDANDO) Quem falou aí?

JOSÉ - Ninguém, não senhor... (CANTA) Dorme, Magiquinho...

MÁGICO - Alguém falou sim, e eu ouvi muito bem! (SENTA-SE NA CAMA)

JOÃO - (MUITO VALENTE) Fui eu que falei. E daí? (ERGUENDO-SE COM VALENTIA) Não posso falar na minha casa?

MÁGICO - Não pode, não senhor! Eu mandei que todos se calassem!

JOÃO - Mas eu não me calei, pronto! Não tenho mêdo de Mágico não acredito nessa bobagem... E você, vá saindo daqui, senão apanha. Chega de amolação.

JOSÉ - (MORTO DE MÊDO) Venha cá, João. Não brigue. Daqui a pouco o Rei vem aí! (PUXA JOÃO PARA OUTRO CANTO)

JOÃO - (EMPURRANDO JOSÉ) Estou cansado de aturar êsse Mágico de meia-tijela!

MÁGICO - (AVANÇANDO PARA ÊLE) Mais respeito, ouviu? (PEGA-O PELOS OMBROS)

JOÃO - Fora daqui, fora, seu mambembe! (LUTAM)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 14

JOSÉ - (SEPARANDO A BRIGA) Não faça isso, João! (PUXA-O PARA UM CANTO, EMPURRANDO-O ATÉ A PORTA LATERAL, FECHA A PORTA. PARA O MÁGICO) O senhor desculpe, êle está nervoso...

MÁGICO - (CONSERTANDO A ROUPA) Atrevido! Êle me pagará! (OUVEM SE TROMBETAS)

JOSÉ - Não fique zangado, não... Deite-se. Eu tomo conta!

MÁGICO - Eu não quero mais dormir. Vou-me embora! (OUTRA VEZ TROMBETAS)

JOSÉ - (ALEGRÍSSIMO. INDO APANHAR O CASACO) É o Rei... É o Rei... (PARA O MÁGICO) É o Rei...

MÁGICO - Que me importa? Vou-me embora e vocês hão de me pagar caro!

JOSÉ - Pois então vá... Pode ir. Agora vamos ficar de bem com o Rei!

MÁGICO - Vão ficar de bem? É o que você pensa! (VAI ATÉ A PORTA E FAZ UNS SINAIS CABALÍSTICOS. VOLTA) Pronto, aquêle já está me pagando o que fêz.

JOSÉ - (CHORAMINGANDO) Não faça feitiçaria na minha casa não, hem! Deixe meu amigo sossegado lá dentro! Se o senhor fizer alguma coisa, eu vou me queixar ao Rei!

MÁGICO - (ATIRA UM PÓ EM CIMA DO CASACO) Pois fale com o Rei. Pode se queixar! (JOSÉ AGARRA O CASACO)

JOSÉ - Não suje o casaco do Rei! Êle pode se zangar!

MÁGICO - (RINDO) Zangar? (RI OUTRA VEZ) Êle vai pular, pular, pular! (EMBRULHA-SE NA CAPA E SAI DANDO GARGALHADAS) Ah, ah, ah!...

JOSÉ - João, João! Pode sair que o Mágico já foi embora! = (JOÃO NÃO RESPONDE) João! (COMEÇA A ARRUMAR AS CAMAS, PÕE O CASACO EM CIMA DE UMA CADEIRA, DEPOIS, ACHANDO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.15

QUE PODE AMARROTAR, VESTE-O NUM MANEQUIM. NO MESMO = INSTANTE O MANEQUIM SALTA DE UM LADO PARA OUTRO, PULA, PULA, PULA. AS TROMBETAS SOAM MAIS PERTO) É o Rei, João! (VENDO O MANEQUIM SALTAR) Nossa Senhora! Que é isso? Pára, pára! (ARRANCA O CASACO DO MANEQUIM E CORRE PARA A PORTA. DOIS PAJENS ABREM A PORTA, TOCAM TROMBETAS. SURGE O REI, ACOMPANHADO DA PRINCESA E PAJENS)

JOSÉ - Pode entrar, Majestade! Bom-dia, Alteza!... (FALA COM MÊDO)

REI - Pelo que vejo, vocês cumpriram a palavra...

JOSÉ - Cumprimos, sim, Majestade. O casaco está pronto... isto é... o casaco, sabe, Majestade, está pronto. Mas não serve...

REI - Como? Não serve?

JOSÉ - É que êste casaco não vai ficar bem no senhor...

REI - Se não ficar bem, já sabem o castigo que os espera... (ERGUE A MÃO COM AMEAÇA)

PAJENS - (TODOS AO MESMO TEMPO, FAZENDO GESTO DE CORTAR A CABEÇA) Lesco!

JOSÉ - Nossa Senhora! E agora?

REI - Se o casaco está pronto, quero que me entregue.

JOSÉ - Está pronto, sim senhor... (MOSTRA O CASACO) Viu como nós demos conta do serviço? Está prontinho!

PRINCESA - Nesse caso, entregue o casaco, José. E aqui está o perdão... (MOSTRA UM PERGAMINHO)

JOSÉ - Me dá o perdão primeiro... Depois eu dou o casaco...

PRINCESA - Não, José. Primeiro o casaco.

JOSÉ - Primeiro o perdão... (ESTENDE A MÃO PARA ALCANÇAR O PERGAMINHO DO PERDÃO)

PRINCESA - Primeiro o casaco... O Rei quer vestí-lo ainda hoje!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 16

JOSÉ - Mas "seu" Rei, o senhor tem tantos casacos, por que é que há de querer vestir êste aqui?

REI - Porque quero! Além do mais estou desconfiado. Com = certeza o casaco não serve para mim!

JOSÉ - Serve, sim senhor... Isto é, serviu, mas agora não servo mais!

REI - E por quê?

JOSÉ - (INDO ATÉ A PORTA) Porque... (CHAMANDO COM VOZ DE CHÔRO) João! Sai daí!

REI - Logo vi que havia coisa. Por que foi que o outro se escondeu?

JOSÉ - Eu que o empurrei para lá. (CHAMANDO) João... Sai daí, João!

REI - Vá buscá-lo! Lei a sentença a ambos. Como é que êle se atreve a ficar num quarto quando está aqui o seu Rei?

JOSÉ - Vou perguntar a êle. (VAI ATÉ A PORTA) João... Como é que você se atreve... (SAI UM ENORME SAPO PELA PORTA DO QUARTO, JOSÉ CORRE E SOBE EM CIMA DA CAMA) Ui! Ui! Nossa Senhora!

REI - (PERPLEXO) O que é isso?

JOSÉ - É meu amigo João, que virou sapo.

REI - Mentira!

JOSÉ - Juro! (NO MOMENTO DA JURA, OS PERSONAGENS SE IMOBILIZAM)

VOVÓ - Não comece a fazer juramentos, José!

JOSÉ - (PARA VOVÓ) Mas o Rei não acredita! Fale com êle, Vovó!

VOVÓ - Fale você mesmo.

REI - O seu amigo fugiu!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 17

JOSÉ - Não fugiu, não senhor. É êle mesmo. (DE LONGE) Olha a cara dêle. O senhor está vendo?

REI - Estou vendo coisa nenhuma! Com certeza o casaco não presta e êle fugiu com mêdo de ser morto. Mas eu hei de agarrá-lo! Hei de procurá-lo até no fim do mundo!

JOSÉ - Não precisa, senhor. Êle está aqui mesmo... O senhor não vê que um sapo dêste tamanho só pode ser o meu amigo?

REI - E você não tem vergonha de mentir ao seu Rei?

JOSÉ - Não estou mentindo, não senhor! O senhor é que não conhece sapos, senão via logo que não podia existir um sapo dêste tamanho!

REI - Atrevido! Devia morrer por isso. Então não conheço sapos?

PRINCESA - Não se irrite, papai. Quem sabe se é verdade? Eu nunca vi um sapo tão exquisito na minha vida! (AGRADA O SAPO) Que sapo tão engraçadinho! (O SAPO PULA DE UM LADO PARA OUTRO)

JOSÉ - Viu como êle é mansinho? (FALA DE LONGE, COM MÊDO)

REI - Deixe ver êsse casaco.

JOSÉ - Majestade, o casaco não está muito bom, mas como Vossa Majestade insiste...

SAPO - Nós trabalhamos a noite inteira, Majestade...

JOSÉ - É verdade... eu e João, isto é, eu e o sapo, que antigamente era João...

REI - Basta de conversas! (PARA O SAPO) Quem te ensinou a falar?

JOSÉ - Êle é assim mesmo, Majestade.

REI - Isto aqui não está me parecendo bem... Sapo que fala... Hum! (FAZ MENÇÃO DE VESTIR O CASACO) Está bonito!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 18

JOSÉ - Mas não vai servir... Majestade. É um casaco levado da breca!...

REI - Se não servir, você há de me pagar! E pagará por dois! Por você e pelo outro que fugiu!

JOSÉ - Virou sapo, Majestade!

SAPO - Deixe êle pensar que eu fugi!

JOSÉ - Cale essa bôca que eu não quero conversa com sapo! (FALA PARA O REI) Majestade, o meu amigo virou sapo mesmo. Estêve aqui um Mágico...

REI - Deixe ver o casaco e pare com essas tolices! Não acredito em Mágicos!

SAPO - Eu também não acredito! (SAI PULANDO ATRÁS DO REI) Êste negócio de Mágico é bobagem!

REI - Entregue o casaco.

JOSÉ - Por favor, não vista êsse casaco!

REI - Por que não?

JOSÉ - O senhor não vai gostar...

REI - (EXAMINANDO O CASACO) Se eu não gostar, você é quem paga! (FAZ MENÇÃO DE VESTÍ-LO)

JOSÉ - O senhor vai se arrepender! (O REI VESTE O CASACO, DEPOIS DE ALGUMA HESITAÇÃO. ACONTECE COM ÊLE O MESMO QUE ACONTECEU AO MANEQUIM. SALTA PELA SALA TÔDA. TODOS OS PAJENS CORREM NA MAIOR CONFUSÃO. JOSÉ METE-SE EMBAIXO DA CAMA E SE ENCOLHE O MAIS POSSÍVEL)

REI - Tirem êste casaco! Me tirem êste casaco! (CONTINUA SALTANDO ATÉ QUE OS PAJENS LHE ARRANCAM O CASACO DE CIMA) Atrevido! Onde está êle? (PARA OS PAJENS) Vocês o deixaram fugir?

JOSÉ - (APARECENDO, MEDROSO) Não senhor, eu me escondi...

SAPO - (INDIGNADO) Por que não fugiu?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p 19

JOSÉ - Achei melhor me esconder aqui... (VENDO O SAPO PERTO DÊLE) Ui! Ui! Saia daqui que eu tenho mêdo de sapo!

REI - (PARA OS PAJENS) Tirem êsse atrevido de baixo da cama! E amanhã bem cedo quero que sejam decapitados! = (JOSÉ OUVE A SENTENÇA MORTO DE MÊDO)

PRINCESA - (PENALIZADA) "Êles"? Quer dizer que o sapo também?

REI - O sapo também! Não quero que no meu reino existam sapos dêste tamanho. Isso é uma desmoralização!

SAPO - Qualquer país do mundo teria orgulho de um sapo como eu!

PRINCESA - Oh, meu pai! Seja bondoso... Que mal lhe fêz êste pobre sapo?

JOSÉ - Seja bondoso, "seu" Rei.

REI - Cale-se! Você morrerá amanhã!

SAPO - E eu também?

REI - Também!

PRINCESA - Meu pai... lembre-se de que irá cometer uma injustiça. Decapitar um pobre sapo!... Que dirá a Liga Protetora dos Animais?

REI - A Liga Protetora dos Animais não tem nada com isso. Êste é um sapo particular.

PRINCESA - Mais uma razão, meu pai. Um sapo particular merece tôda consideração... Êle poderá gritar, dizer coisas = contra o senhor... o senhor sabe. É um sapo muito inteligente...

SAPO - Estudei na Universidade Real e sou formado em Ciências e Letras. Tenho curso de Pintura e Arquitetura.

REI - (CORTANDO A FALA DO SAPO) Terá que morrer por estar envolvido no caso do casaco que pula. Insultou o Rei! E êsse insulto será resgatado com a morte! (TODOS OS PAJENS REPETEM O MESMO GESTO ANTERIOR DE DECAPITAÇÃO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.20

PAJENS - Lesco!

PRINCESA - Majestade, eu lhe peço...

REI - Não.

PRINCESA - Êles afirmam que foi o Mágico o causador de tudo. Pois bem, eu lhe peço, meu pai, que lhes conceda três dias para encontrar o Mágico e desencantar o casaco.

REI - E se, no fim de três dias, não tiverem encontrado o Mágico, nem desencantado o casaco?

PAJENS - (FAZENDO O GESTO ANTERIOR) Lesco!

PRINCESA - Êles encontrarão!

JOSÉ - Nós vamos procurar por tôda a parte. Nem que a gente leve um ano ou dois, êsse Mágico tem que aparecer!

REI - Um ano ou dois? Três dias e nada mais!

SAPO - Agradeça ao Rei. Êle nos concedeu três dias!

JOSÉ - Agradeça você.

SAPO - Eu não posso. Cabe a você cumprir êsse dever.

JOSÉ - E, você, pare de falar comigo. Eu tenho mêdo de sapo. Já disse.

SAPO - (COM FIRMEZA) Agradeça!

JOSÉ - Majestade... (FAZ UMA CURVATURA) Eu e o sapo lhe agradecemos muito e prometemos encontrar êsse Mágico de qualquer maneira.

SAPO - Agradeça à Princesa...

JOSÉ - Augusta Princesa, nós lhe agradecemos muito... Daqui a três dias estaremos muito longe daqui... (DÁ A ENTENDER QUE PRETENDE FUGIR E NUNCA MAIS VOLTAR)

REI - Ai de vocês se tentarem fugir! Vou mandar pôr soldados por tôda a parte. Não poderão escapar!

SAPO - (PARA JOSÉ) Trapalhão! Agora você estragou tudo!

JOSÉ - (INDIGNADO) Êsse Rei está implicando comigo desde que eu tropecei nêle!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.21

SAPO - Tudo perdido! Agora não temos mais salvação! Vamos ser vigiados...

REI - Sòmente para atender ao pedido da minha filha, é que lhes concedo êsses três dias. E, agora, até breve! = Voltem com o Mágico. Porque, senão o encontrarem, os meus soldados trarão vocês dois amarrados pelos pés! (JOSÉ SE PÕE A CHORAR)

JOSÉ - Até breve, Majestade. O senhor vai ver como nós vamos voltar amarrados pelos pés! (SOAM TROMBETAS. SAI O REI)

PRINCESA - Até breve, José! Não chore... Coragem!

JOSÉ - (CHORANDO) Não estou chorando não senhora, Augusta Princesa!

PRINCESA - Vocês não vão morrer... Eu hei de ajudar. Por que chorar? Veja o sapo como está firme! Corajoso, não é?

JOSÉ - Sei lá. Eu não estou com mêdo de morrer, não senhora. Eu não quero é andar com êste sapo o dia inteiro.

SAPO - Deixe de bobagem! Você sabe muito bem que eu não sou sapo!

JOSÉ - Não é o quê! Olhe no espelho! É sapo, sim senhor... Ui... uui...

PRINCESA - Até breve, José...

JOSÉ - Até breve, Princesa... A senhora vai ajudar mesmo?

PRINCESA - Vou.

JOSÉ - De que jeito?

PRINCESA - Você verá... Até breve! (SAI)

SAPO - É melhor irmos andando também. Temos que procurar o Mágico.

JOSÉ - Procurar onde? Êle é capaz de ter ido para a China...

SAPO - Não sei onde êle estará. Mas vamos procurar. Apanhe o casaco e faça um embrulho. (JOSÉ VAI OBEDECENDO) A

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 22

gora, depressa, feche a casa e vamos embora. (JOSÉ VAI OBEDECENDO, COM RAPIDEZ. O SAPO FICA NA PORTA. = JOSÉ VAI SAIR, VÊ O SAPO E PÁRA)

JOSÉ - Vá na frente! Não quero sapo atrás de mim! Vá na frente!...

P A N O

F I M D O 1º A T O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 23

S E G U N D O A T O

VOVÓ - Relógio! (SURGE O RELÓGIO EM CENA) Venha cá e marque dez minutos de intervalo! (O RELÓGIO OBEDECE. AO SINAL DE COMEÇAR O SEGUNDO ATO, O RELÓGIO FARÁ SOAR SUA CAMPAINHA).

VOVÓ - João e José andaram muito. Chegaram numa estrada e... vejam...

C E N Á R I O :

(UMA ESTRADA. PEDRAS, ÁRVORES. APARECEM PRIMEIRO O SAPO E, EM SEGUIDA, JOSÉ. ESTÃO CANSADOS)

JOSÉ - Não agüento mais de tanta fome!

SAPO - Eu também! Faz dois dias e duas noites que estamos andando. E nada de encontrarmos o Mágico!

JOSÉ - Ah, se eu pudesse comer um bife!... Com batatinhas, = salada de tomates!...

SAPO - (SUSPIRANDO) Ah!... e uma boa fritada de camarões... depois, sobremesa!...

JOSÉ - Sapo não come fritada. Sapo come mosquito, bichinhos...

SAPO - Já disse que não sou sapo e não quero saber de mosquitos...

JOSÉ - É sapo, sim senhor.

SAPO - Não seja teimoso!...

JOSÉ - (TEIMANDO) Sapo, sapo, sapo!

SAPO - (DESESPERADO) E eu tenho que agüentar êste bobalhão!

JOSÉ - E eu tenho que andar acompanhado de um bicho horroroso como você! Ai meu Deus!

SAPO - Bobalhão!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.24

JOSÉ - Eu é que sou bôbo, não ó? Mas é você quem faz tôdas as trapalhadas. Quem foi que teve essa idéia de fazer o casaco? Foi você. Quem foi que brigou com o Mágico? Foi você. Quem foi que virou sapo? Você.

SAPO - E quem foi que avisou que ia fugir e fêz o Rei botar soldados por tôda a parte? Foi você! E se não fôsse a Princesa...

JOSÉ - É mesmo. E ela ficou de nos ajudar...

SAPO - Ela falou aquilo por falar. Mas não ajuda coisa nenhuma.

JOSÉ - Como é que você sabe?

SAPO - Só falta um dia e ela não mandou ajuda. Amanhã, se não dermos conta do Mágico... Já sabe... Lesco! (RUÍDO DE UMA PESSOA CHORANDO)

JOSÉ - Tem alguém chorando aí...

SAPO - Está enganado.

JOSÉ - Tem, que eu escutei! (SOLUÇOS)

SAPO - (OUVE ATENTAMENTE) Vá ver quem é.

JOSÉ - Vá você.

SAPO - Eu não posso...

JOSÉ - Não pode, por quê?

SAPO - Não vê que fica esquisito um sapo aparecer de repente e começar a falar?

JOSÉ - Ah!... Agora você está dizendo que é sapo, não é?

SAPO - Escuta aqui, José, você sabe muito bem que eu não sou sapo!

JOSÉ - Então vá ver quem é...

SAPO - Não posso! Eu sou sapo, mas não sou, entendeu?

JOSÉ - É sapo, sim! Deixe de história!

SAPO - Veja quem é... (JOSÉ LEVANTA-SE, CAMINHA ATÉ UM GRANDE TRONCO E ESPIA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.25

JOSÉ - (CHORAMINGANDO) Sempre eu é que tenho que ver! (IMOBILIZAÇÃO)

VOVÓ - (INTERVINDO) Que tem isso? É preciso deixar de ser medroso, José! Vamos! Espie... Coragem! (JOSÉ CAMINHA PARA JUNTO DA ÁRVORE)

JOSÉ - (OLHA) Ui! Tem uma mulher chorando!

SAPO - (AUTORITÁRIO) Pergunte quem é. E por que está chorando.

JOSÉ - Psiu! Psiu! Que choradeira é essa?

JOSEFINA - (ESTRANHA FIGURA, CÔMICA, DE FEITICEIRA. APARECENDO) Quem é você?

JOSÉ - Sou o José. E você, quem é?

JOSEFINA - (ADMIRADA) Que sapo tão grande!

JOSÉ - É o meu amigo João que pensa que não é sapo. Como é que você se chama?

JOSEFINA - Josefina.

SAPO - Por que estava chorando?

JOSEFINA - (ASSOMBRADA) Êle fala?

SAPO - Por que estava chorando? Não precisa ter mêdo de mim...

JOSÉ - (CHEGANDO PERTO DO SAPO, SEMPRE COM MUITO MÊDO) Olhe aqui, êle é um sapo mansinho, mesmo...

JOSEFINA - Eu não tenho mêdo de sapo... Não tenho mêdo de nada neste mundo. Só do meu marido!

JOSÉ - Êle é muito valente?

JOSEFINA - Muito. Zanga à-toa. E agora eu sei que êle vai zangar comigo...

SAPO - Por quê?

JOSEFINA - (CHORANDO OUTRA VEZ) Porque quebrei a vassoura de que êle mais gostava...

JOSÉ - Seu marido é fabricante de vassouras?

JOSEFINA - Não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.26

SAPO - É varredor de ruas?

JOSEFINA - Não.

JOSÉ - Coleciona vassouras?

JOSEFINA - Não.

JOSÉ - Então por que é que êle vai brigar por causa de uma vassoura à-toa como esta?

JOSEFINA - À-toa, não! É uma vassoura formidável! É capaz de sair voando e levar a gente mais depressa do que um avião!

SAPO - (DESCONFIADO) Seu marido passeia de vassoura?

JOSEFINA - Passeia... (VAIDOSA) Eu também passeio... (RI)

SAPO - (APROXIMANDO-SE DE JOSÉ E FALANDO BAIXO) É capaz de ser parente do Mágico.

JOSÉ - A senhora é parente de um mágico?

JOSEFINA - (ORGULHOSA) Eu sou casada com um mágico... Estou aprendendo a ser feiticeira, mas não consigo. Hoje saí para dar um passeio e quebrei a vassoura... (CHORA E = MOSTRA A VASSOURA)

SAPO - Não chore... (PARA JOSÉ) Pergunte onde ela mora...

JOSÉ - Onde é que seu marido mora? Nós o procuramos há tanto tempo!

VOVÓ - (DO PROSCÊNIO. INTERVINDO) Não diga, minha filha! Não vê que êles querem prender seu marido?

JOSEFINA - (PARA VOVÓ) É?

VOVÓ - Claro. E o dever de uma espôsa é ser leal ao marido, ainda que êle ande pelo mundo a fazer mágicas.

JOSÉ - Escute aqui, vovó. Não atrapalhe, sim? (PARA A MULHER) Onde é que vocês moram?

JOSEFINA - Por que querem saber?

JOSÉ - Para fazer uma visita...

JOSEFINA - Meu marido não recebe visitas!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239,p.27

JOSÉ - Mas nós precisamos fazer uma visita a seu marido...

JOSEFINA - Não! Eu não digo!

SAPO - Não custa nada... Diga!

JOSEFINA - Não digo!

JOSÉ - Diga... Depois que prendermos seu marido, nós lhe prometemos uma vassoura nova!

JOSEFINA - Prender! Então vocês vão prender meu marido?

SAPO - Trapalhão! Estragou tudo, outra vez!

JOSEFINA - (TEIMOSA) Pois não digo! Não adianta insistir que eu não digo!

SAPO - (SOM DE TROMBETAS AO LONGE) Está ouvindo? Parece que o Rei vem aí...

JOSÉ - (OUVINDO AS TROMBETAS) É mesmo. Deve ser o Rei... Estamos perdidos! Não sabemos nem onde mora o Mágico!

JOSEFINA - E nunca saberão! (COM DESPRÊZO) Vocês são tão bobos que nem conhecem quando é o Rei que vem ou quando é a Princesa. Êsse toque é para a Princesa.

SAPO - (PULANDO DE ALEGRIA) José! Estamos salvos!

JOSÉ - Você disse que ela não viria!

JOSEFINA - A carruagem parou. Está saltando... Aí vem a Princesa! (CURVAM-SE. JOSÉ TAMBÉM SE CURVA. O SAPO FAZ UMA REVERÊNCIA)

SAPO - Salve, Augusta Princesa!

PRINCESA - Salve.

JOSÉ - Salve! Princesa... Nós estávamos quase apostando que a senhora não viria.

PRINCESA - A palavra de uma Princesa é sagrada...

JOSÉ - Foi isso que eu falei ao Sapo. Mas a senhora sabe êsses sapos como são. Não entendem nada de Princesas...

PRINCESA - Não posso me demorar muito, pois o Rei mandou me vigiar para que não me encontrasse com vocês. Já descobriram o Mágico?

PRINCESA - Ótimo! Não vão demorar muito a encontrá-lo agora!

JOSÉ - (MEDROSO) E depois que o encontrarmos como é que vai ser?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 28

SAPO - Estaremos salvos!

JOSÉ - Eu acabo virando sapo também e depois... (CHORA) Êle pode mais do que nós!

PRINCESA - Vim justamente por causa disso. Quando eu era menina, a minha Babá me ensinou uma porção de feitiçarias. Depois que ela morreu, eu esqueci quase tudo, mas de uma coisa não me esqueci.

SAPO - O que é?

PRINCESA - Eu sei de umas palavras cabalísticas que são tão poderosas que...

JOSÉ - (INTERROMPENDO) Palavras o quê?

SAPO - Cabalísticas.

JOSÉ - Que é isso?

SAPO - São palavras de feitiçaria...

PRINCESA - Querem ou não querem aprender? São palavras que fazem qualquer mágico dormir.

JOSÉ - É só falar que êle dorme?

PRINCESA - Só falar!

JOSEFINA - (DANDO UMA GARGALHADA) Ah, ah, ah! Meu marido não dorme nunca!

JOSÉ - Lá em casa, só queria dormir...

JOSEFINA - Estava fingindo, para saber o que vocês diziam...

PRINCESA - Com as minhas palavras qualquer mágico se põe a dormir! É só dizer e êle adormece.

SAPO - Que felicidade! Assim que estiver dormindo, nós o carregaremos para a casa do Rei!

JOSÉ - Oh, Princesa! Que bom! Diga logo essa palavrinha que eu quero aprender!

29

PRINCESA - Não se trata de uma palavrinha; mas de várias... Um versinho. E eu só posso dizer uma vez. Vocês terão que aprender. Não posso repetir.

JOSÉ - Por quê?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 29

PRINCESA - Porque perde o efeito. Só se pode dizer essas palavras uma vez por dia.

SAPO - Temos então que ouvir uma vez só e aprender?

PRINCESA - Tem que ouvir uma vez só e aprender.

JOSÉ - Pode dizer, que eu aprendo! Eu aprendo tudo de uma vez!

PRINCESA - Então prestem atenção. (OS TRÊS SE APROXIMAM DELA, INCLUSIVE JOSEFINA) As palavras são estas... (DIZ MUITO DEPRESSA)

Missecofe dari, dari tira liro
Cli, Clofe, clare, dari, dari don fon-fon
Malacafun, malacafun, clincóide!
Chiributu, chirimici, magá!
Tum! Zaravai, otim, maratu, dispim.
Requequé, requequó
Ó rinhanhã ó rinhanhã.
Pingolim, pimpim!

JOSÉ - Fácil!

VOVÓ - Cale a bôca e trate de decorar isso direitinho!

JOSÉ - (COM BASÓFIA) Fique tranqüila. É só ver o Mágico que eu, bumba! Digo êsse versinho para êle, e êle zás... Cai morto!

PRINCESA - Morto, não. Dorme!

JOSÉ - Pensei que isso matasse!

SAPO - Não fique tagarelando que você se esquece! Cale a bôca!

JOSÉ - Quer ver como eu sei? Quer ver? Misse... Misse... Como é mesmo? (PASSA A MÃO PELA CABEÇA, ANDA DE UM LADO PARA OUTRO) Como é mesmo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.30

PRINCESA - Não posso repetir. Procure se lembrar! (PARA O SAPO) Você aprendeu?

SAPO - Sim, Alteza!

PRINCESA - Então, adeus! Sejam felizes! (SAI, ENQUANTO OS TRÊS FAZEM UMA REVERÊNCIA)

JOSÉ - Agora é que eu quero ver! Agora é que eu quero ver a cara do Mágico.

SAPO - Precisamos saber onde êle mora... (PARA A MULHER) Senhora Dona Josefina, vai nos dizer onde é a sua casa?!

JOSEFINA - Eu não!

JOSÉ - Vai dizer sim!

SAPO - É melhor a senhora dizer!

JOSEFINA - Não, não e não! (SENTA-SE LONGE DÊLES E ESCONDE O ROSTO ENTRE AS MÃOS. CHORA) Ai, meu marido vai brigar comigo.

SAPO - (EM SEGRÊDO, PARA JOSÉ) Que dê o casaco?

JOSÉ - (APANHANDO O CAPOTE) Está aqui.

SAPO - Se a gente conseguisse vestir êsse casaco na Dona Josefina, num instante ela resolvia falar onde mora.

JOSÉ - Qual nada, Dona Josefina é teimosa...

SAPO - Garanto que fala...

JOSÉ - Será?

SAPO - Experimente...

JOSÉ - (INDO ATÉ A MULHER) Dona Josefina... não chore, não chore não. Nós não deixamos seu marido brigar com a senhora.

JOSEFINA - Vocês sabem como êle fica, quando está zangado?

JOSÉ - Pois é... Êle fica uma fera!

JOSEFINA - Me dá cada surra!

SAPO - Covarde!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 31

JOSEFINA - Eu não gosto de apanhar...

JOSÉ - Nem eu. Apanhar não tem graça nenhuma.

JOSEFINA - E logo agora que estou cheia de reumatismo... Quase não posso me mexer.

SAPO - Ótimo! (SALTA DE UM LADO PARA OUTRO CONTENTE)

JOSEFINA - Ótimo, por quê?

SAPO - (CONFIDENCIAL) Nós temos aqui um casaco que cura reumatismo...

JOSEFINA - Cura mesmo?

JOSÉ - Cura mesmo.

JOSEFINA - Já curou alguém?

JOSÉ - Já. Mais de mil pessoas!

SAPO - Vamos indo bem...

JOSEFINA - Deixe ver aqui... (JOSÉ ENTREGA O CASACO)

SAPO - (PULANDO) Ótimo!

JOSEFINA - (EXAMINANDO) Hum... Casaco vermelho...

SAPO - Fica-lhe muito bem...

JOSEFINA - Não. Ainda se fôsse azul, eu vestiria. Mas vermelho? Não fica bem numa mulher de mágico.

JOSÉ - Fica lindo! Experimente... (A MULHER HESITA, POR FIM SE DECIDE)

JOSEFINA - Como é vovó, devo vestir?

VOVÓ - Dessa vez, não quero dar opinião. (PARA AS CRIANÇAS) Que é que vocês acham? Deve vestir ou não?

JOSEFINA - Bem, eu vou experimentar... Afinal, não custa nada, não é?

JOSÉ - É de graça!

SAPO - Veste logo, anda! (A MULHER VESTE E SE PÕE A SALTAR COMO UMA DESESPERADA)

JOSEFINA - Pára! Pára! Tirem êste casaco de cima de mim. (CONTINUA PULANDO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 32

SAPO - Diga onde mora!

JOSEFINA - Não digo! Ui, ui, ui, meu reumatismo!

JOSÉ - Diga onde mora!

JOSEFINA - Atrás daquele morro, à beira do rio...

SAPO - Se não fôr verdade nós a vestiremos outra vez com isso!

JOSÉ - Deve ser verdade, sim. (TIRA O CASACO. A MULHER PÁRA DE PULAR, SENTA-SE SÔBRE UMA PEDRA, EXAUSTA).

JOSEFINA - Uf!

SAPO - Uf! o quê? Vamos andando, que não temos tempo a perder...

JOSEFINA - Eu vou depois...

SAPO - (AUTORITÁRIO) Vai junto conosco! (A MULHER ERGUE-SE, JOSÉ DOBRA O CASACO, COLOCA-O DEBAIXO DO BRAÇO)

JOSÉ - (PARA O SAPO) Vá na frente que eu não quero sapos pulando atrás de mim!

SAPO - Você se lembra das palavras cabalísticas?

JOSÉ - Como é mesmo? Como é mesmo?

JOSEFINA - Vamos! Quero ver vocês enfrentarem meu marido! Ah, ah, ah!

VOVÓ - Venha cá, relógio, e seja camarada. Marque outra vez o intervalo.

(O RELÓGIO ENTRA EM CENA, MARCA NOVAMENTE O INTERVALO)

P A N O

F I M D O 2º A T O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.33

T E R C E I R O A T O

C E N Á R I O :

(CAVERNA DO MÁGICO. CORUJAS EMPALHADAS, UMA GRANDE ARANHA E UMA GRANDE TEIA. MESA, CADEIRAS DESIGUAIS. UMAS ROXAS, OUTRAS AZUIS, TAMBÉM OUTRAS AMARELAS. NO CENTRO, UMA TREMPE, EM CIMA DA QUAL ESTÁ UM CALDEIRÃO.)

VOVÓ - Conforme vocês viram, a mulher do Mágico acabou contando onde morava. E, agora, meus amiguinhos, João e José estão chegando em casa do Mágico. Prestem muita atenção porque não é todos os dias que se pode ver = um Mágico em casa. Vejam! (ABRE-SE O PANO. O MÁGICO MEXE O CALDEIRÃO COM UMA ENORME COLHER-DE-PAU. JOGA DENTRO DA PENA UMAS ERVAS E CONTINUA A MEXER)

MÁGICO - (CANTANDO) Mexe, mexe o caldeirão
Até o caldo ferver
Quem beber dêste caldinho
Terá vida até morrer! (BATEM À PORTA)

MÁGICO - Quem é?

JOSEFINA - Sou eu!

MÁGICO - Eu, quem?

JOSEFINA - A tua mulher!

MÁGICO - Estou sentindo cheiro de gente estranha!

JOSEFINA - Sou eu, pode abrir!

MÁGICO - Você está sòzinha?

JOSEFINA - Trago visitas.

MÁGICO - (ESFREGANDO AS MÃOS) Visitas! Ah! a minha mulherzinha conseguiu justamente o que eu mais desejava! Só me faltava uma visita para completar a minha feitiçaria. E, agora, me aparece gente! (DANÇA)

Mexe, mexe o caldeirão

mexe, mexe até ferver...
Quem beber dêste caldinho
Terá vida até morrer! (ABRE A PORTA)

Podem entrar! (ENTRAM A MULHER, JOSÉ E O SAPO)

SAPO - (CORTÊSMENTE) Com licença...

JOSÉ - Boa-tarde...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 34

MÁGICO - Entrem, entrem...

JOSEFINA - Boa-tarde, meu querido marido...

MÁGICO - (PARA JOSÉ) Como foi que achou o caminho?

SAPO - Nós queríamos lhe pagar a visita.

JOSÉ - (TREMENDO) Pois é. O senhor estêve na nossa casa. Agora é a nossa vez de vir aqui... não é?

MÁGICO - Estou perguntando como foi que chegaram até aqui...

JOSEFINA - Fui eu quem os trouxe. Êles estavam tão aflitos. (PISCANDO OS OLHOS) Queriam tanto pagar a visita!...

JOSÉ - É mesmo. (COM MÊDO) O senhor gosta de visitas, não gosta?

MÁGICO - (DANDO UMA GARGALHADA) Se gosto! Ah! ah, ah! Eu estava esperando por vocês...

SAPO - (DESCONFIADO. PARA JOSÉ, EM VOZ BAIXA) Êle está tramando qualquer coisa...

JOSÉ - Que nada, êle ficou muito contente, não está vendo?

MÁGICO - Há muito tempo eu não recebia visitas... Há mais de trezentos anos. Não, deixe ver... há duzentos e oitenta...

JOSÉ - Quantos anos o senhor tem?

MÁGICO - Oitocentos...

JOSÉ - (IMPRESSIONADO) Criança, aliás...

MÁGICO - Minha mulher é mais nova do que eu. Tem só quinhentos anos.

SAPO - A senhora parece ter muitos menos...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.35

JOSÉ - A gente olhando pensa que tem só uns quatrocentos anos, não é, Sapo?

SAPO - Uns trezentos e cinqüenta...

JOSEFINA - Ah, isso é mesmo! Ninguém diz. A última visita que veio aqui pensava que eu tinha cento e oitenta anos... (OLHA PARA A CORUJA EMPALHADA) Coitada!

SAPO - Esta coruja faz parte da mobília?

JOSEFINA - (PARA O MARIDO) Digo?

MÁGICO - (MEXENDO O CALDEIRÃO, MUITO ALEGRE) Diga, mulher!

JOSEFINA - Essa coruja foi a última pessoa que nos visitou... Era um rapaz muito valente, não era, meu marido?

MÁGICO - Muito.

JOSÉ - (TREMENDO) Rapaz? E, agora, é coruja?

MÁGICO - Foi. Já está empalhada há muitos anos... Eu o transformei em coruja porque minha mulher queria ter um enfeite aí nesse canto...

JOSÉ - (CHORANDO) Por que não comprou uma jarra?

MÁGICO - Isto aqui é casa de Mágico. Não vê logo que não ficava bem comprar uma jarra?

JOSÉ - E a aranha?

MÁGICO - A aranha era uma môça muito faladeira, que passava por aqui cantando todos os dias. Um dia eu a transformei em aranha só para fazê-la calar a bôca...

JOSÉ - Coitadinha!

SAPO - O senhor não podia dizer a essa môça que calasse a bôca?

MÁGICO - Podia. Mas achei mais fácil transformá-la em aranha. Num instante ela ficou calada...

JOSÉ - (SENTANDO-SE) O senhor não gosta de gente que fala, não é?

36 M

MÁGICO - Não.

JOSÉ - (PARA O SAPO) Então é melhor a gente calar a bôca...

JOSEFINA - Não é preciso. Êle vai dar um jeito de vocês ficarem calados por muitos e muitos anos...

JOSÉ - Quantos?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 36

MÁGICO - Uns quinhentos...

JOSÉ - Meu Deus!

SAPO - (VALENTE) Isso agora é conversa fiada... Vê lá se êle vai fazer conosco o mesmo que faz com essa pobre gente... (APOIA-SE SÔBRE UMA CADEIRA)

MÁGICO - Essa cadeira verde que está aí, era um camarada igualzinho a você... Já está calado ha uns seiscentos anos.

JOSÉ - (DANDO UM SALTO DA CADEIRA ONDE SE SENTOU) E esta aqui?

MÁGICO - Essa era um camarada bôbo como você...

JOSÉ - (ALISANDO A CADEIRA) Desculpe... Pensei que você fôsse cadeira mesmo!

SAPO - Não seja bôbo, José, você não vê que isto não é possível? Êle está querendo nos meter mêdo. Mas, comigo, não! Não acredito nessas bobagens!

MÁGICO - (CANTANDO) Mexe, mexe o caldeirão
mexe, mexe até ferver!

JOSEFINA - Ainda demora muito?

MÁGICO - Um pouco...

JOSÉ - (CONCILIADOR) Seu Mágico, o senhor não vai fazer nada disso conosco, não é? Nós somos seus amigos... = Lembre-se do que estêve em nossa casa.

MÁGICO - Não me lembro.

SAPO - Como não? Nós lhe demos comida...

MÁGICO - E eu também lhes darei comida dêste caldeirão...

JOSÉ - Nós lhe demos dinheiro...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 37

MÁGICO - Mulher, traga o saco de dinheiro. (A MULHER APANHA UM ENORME SACO QUE ENTREGA A JOSÉ)

JOSÉ - Obrigado. (PARA O SAPO) Vamos embora...

MÁGICO - Embora?

JOSÉ - É, sim senhor... Já está ficando tarde...

SAPO - (IRRITADO) Como? Êle precisa me desencantar!

JOSÉ - (MUITO TERNO) Não precisa ficar zangado, não, João. Você está tão bonitinho assim de sapo. (PUXANDO-O) Vamos embora! (ARRASTA O SACO DE DINHEIRO ATÉ A PORTA)

SAPO - Eu faço questão!

MÁGICO - Vocês se esqueceram de uma coisa... (COM AR DE ZOMBARIA) Vocês se esqueceram de que eu dormi em sua casa... (CANTANDO) Mexe, mexe o caldeirão
Mexe, mexe até ferver!

JOSÉ - Pois é; mas não tem importância. Outra vez que viermos aqui, nós prometemos dormir também... (FAZ MENÇÃO DE SAIR)

MÁGICO - Ah, ah, ah! Outra vez que vierem? Pois sim! Tem que ser hoje!... (PARA A MULHER) Traga as cordas! (A MULHER DO MAGÍCO TRAZ CORDAS E O MÁGICO COMEÇA A AMARRAR JOSÉ)

JOSÉ - (CHORANDO) Eu não quero dormir amarrado! Eu não estou com sono... (LUTA, MAS O MÁGICO PODE MAIS QUE ÊLE E O AMARRA COMPLETAMENTE) Ai, ai!...

SAPO - Eu quero ver êle me pegar! (COM MUITA VALENTIA) Vem, Mágico bôbo!

JOSÉ - Diz aquêle versinho que a Princesa ensinou! Diz, Sapo, diz!

SAPO - Diga você. (SALTA DE UM LADO PARA OUTRO, ENQUANTO O MÁGICO O PERSEGUE)

38 M

JOSÉ - (CHORANDO) Missecofe, dari dari dari dari... Não me lembro!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 38

SAPO - (FUGINDO DO MÁGICO QUE AVANÇOU PARA ÊLE) Eu me lembro. Vem Mágico bôbo! (Tropeça numa cadeira)

JOSÉ - (CUIDADOSO) Não machuque o rapaz!

SAPO - (PARA A CADEIRA) Vem, que eu te ensino! Quem vai dormir é você, ouviu? E vai dormir mil anos!

JOSÉ - Fale logo! Deixe de contar prosa... Depois êle dorme o tempo que quiser! Diga aquêle versinho da Princesa!...

SAPO - Digo mesmo! (COM IMPONÊNCIA)

Missecofe dari, dari, tira liro
Kli, clofee, café, dari, dari, dari, dari...

JOSÉ - Continua!

DAPO - Dari, dari...

JOSÉ - (CHORANDO) Foi no dari, dari que eu me atrapalhei!

SAPO - Dari, dari, dari... (DESESPERADO) Dorme Mágico!

MÁGICO - (DANDO UMA GARGALHADA) Dorme o quê! (AGARRA O SAPO E COMEÇA A AMARRÁ-LO TAMBÉM) Vocês dois, sim, é que vão dormir um belo sono!

JOSEFINA - Eu quero o Sapo para servir de escrivaninha. A gente coloca uma tábua aqui em cima, e pronto. Não fica bonito?

SAPO - Bonito coisa nenhuma! Eu quero ir embora!

JOSÉ - E eu? Com certeza vou virar uma cadeira azul...

JOSEFINA - Cadeira, não. Poltrona. (PARA O MARIDO) Uma poltrona estofada côr de laranja.

JOSÉ - (CHORANDO) Ah, meu Deus, quando me lembro que passei dois dias e duas noites andando para chegar aqui e virar mobília de Mágico!...

MÁGICO - Você não vai virar mobília, não.

JOSÉ - Que sorte!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.39

JOSEFINA - Como não?

MÁGICO - (MISTERIOSO) Eu preciso dêle para outra coisa!

JOSEFINA - (TEIMOSA) Mas eu quero uma poltrona!

JOSÉ - Olhe aqui, minha filha, deixe seu marido resolver. Se êle não quer que eu vire poltrona, paciência...

MÁGICO - Não quero mesmo!

SAPO - Eu não quero também!

JOSÉ - Você não é poltrona, é escrivaninha. Cale a bôca.

JOSEFINA - (ZANGADA) Mas você me prometeu, você me prometeu!

JOSÉ - Fica para outra vez...

MÁGICO - Eu preciso dêle.

JOSÉ - (CONTENTE) Viu. Êle precisa de mim. Nada de poltronas, dessa vez.

MÁGICO - (PARA A MULHER) Não se aborreça. Você se lembra da receita desta sopa?

JOSEFINA - Lembro. Você sabe que eu nunca me esqueço de nada...

MÁGICO - Como era?

JOSEFINA - Água da serra colhida às três horas da manhã, dois olhos de cabrito, perna de lagarto, gordura de baleia, trombas de elefantes, ovos de pombos cinzentos e fígado de alfaiate!

JOSÉ - (AFLITO) Mau, mau!

MÁGICO - Está faltando só o fígado de alfaiate... (DÁ A COLHER A ELA) Prove aqui.

JOSEFINA - Ótima! Mas você esqueceu também dos ovos de pombos...

JOSÉ - (QUERENDO DESANIMÁ-LO) Fígado de alfaiate tem gosto ruim.

MÁGICO - (SEM LHE DAR IMPORTÂNCIA) É verdade. Você saiu para arranjar... Arranjou?

JOSÉ - Fígado de alfaiate é amargo, azêdo, salgado...

MÁGICO - Cale a bôca. Você daqui a pouco vai para a panela!

JOSÉ - (CHORANDO) Eu não! Eu prefiro ser poltrona!

JOSEFINA - Primeiro é preciso quebrar aí dentro os ovos de pombos...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 40

MÁGICO - Onde estão?

JOSEFINA - Eu... isto é... eu...

MÁGICO - Não arranjou? Eu lhe disse que era só montar na vassoura e seguir em direção de Mato Grosso...

JOSEFINA - Pois é, eu montei na vassoura e fui para os lados de Mato Grosso...

MÁGICO - E então?

JOSÉ - A vassoura enguiçou no caminho...

JOSEFINA - É isso mesmo...

MÁGICO - Não é possível. Uma vassoura novinha. Eu nunca tive uma que fôsse tão boa!

JOSÉ - Pois é. Essas vassouras ùltimamente não valem nada. Quebram à toa...

MÁGICO - Quebram? Quer dizer que você quebrou minha vassoura de estimação?

JOSEFINA - Não se zangue, meu bem. Foi por acaso. Eu não tive culpa...

MÁGICO - Não teve culpa o quê! Você estraga tudo que eu tenho! Bem que eu lhe disse que não saísse com aquela vassoura! Não disse?

JOSEFINA - (CHORANDO) Disse...

MÁGICO - Mas você é teimosa! (AVANÇA PARA ELA) Você é uma mulher impossível! Vou passar mais trinta anos arranjando outra vassoura! (APANHA UM PEDAÇO DE PAU) Mas antes disso hei de lhe ensinar como é que se cuida das coisas! (CORRE PARA A MULHER. A MULHER CORRE, TAMBÉM, FUGINDO) Eu te ensino, relaxada!...

JOSÉ - (ACOMPANHANDO A LUTA) Sobe em cima da cadeira. Corre para o outro canto. Cuidado com a aranha! Volta daí senão êle te pega!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239,p.41

MÁGICO - Cale a bôca que você está me atrapalhando!

SAPO - Não me conformo. Como é mesmo? (PROCURA LEMBRAR-SE DO VERSINHO, SALTA CONFORME PODE, AINDA QUE AMARRADO) Mis secofe...

JOSEFINA - Não me bata! Perdão, perdão!

MÁGICO - (AGARRANDO-A) Perdão? Você vai ver! (ERGUE O CACETE E COMEÇA A BATER NA MULHER)

SAPO - Como é mesmo? Como é mesmo?

VOVÓ - Não deixe que seu marido lhe bata, minha filha! Reaja! Diga aquêle versinho que a Princesa ensinou. Você sabe, sim. Você nunca se esquece de nada.

JOSEFINA - (DESESPERADA) Missecofe dari dari dari liro
Kli clofe clafe, dari dari dari don fron fron
Malacafun, malacafun clinfóido
Chiribibi, chiribibi, magá!
Tum!
Zaravai, otim, marabum dispin
Requequé, requequé,
ó rinhanhã, ó rinhanhã
Pingolim, pim, pim!
(O MÁGICO CAI ADORMECIDO INSTANTÂNEAMENTE) Meu marido! Ah, meu Deus, que fiz eu?

SAPO - A senhora escapou de boa!

JOSEFINA - Que fazer agora? (SACODE O MARIDO) Acorda, querido! Acorda!

JOSÉ - Me desamarra que eu dou um jeito nêle.

SAPO - É isso mesmo. Basta desamarrar a gente. Num instante.

JOSEFINA - Vocês prometem? Vocês fazem êle acordar?

JOSÉ - Num instante. Eu prometo! (A MULHER DESAMARRA JOSÉ. ÊSTE ASSIM QUE SE VÊ LIVRE, AMARRA A MULHER DO MÁGICO, = COM TÔDA A RAPIDEZ) Pronto!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 42

JOSEFINA - Vocês prometeram! (JOSÉ VAI ATÉ ONDE ESTÁ O SAPO E DESAMARRA-O TAMBÉM)

JOSÉ - Eu prometi e cumpro. Vou fazer com que êle acorde!

JOSEFINA - Mas então por que o senhor me amarrou?

SAPO - Não se preocupe. A senhora não sofrerá nada. Vai apenas fazer uma viagem...

JOSEFINA - Até onde?

SAPO - Até a casa do Rei...

JOSÉ - Êle vai acordar na casa do Rei. E é para lá que nós vamos agora. (PARA O SAPO) Vamos! (PARA A MULHER) A senhora vai andando mesmo, que eu não posso carregar dois... (BOTA O MÁGICO NAS COSTAS) Vamos...

SAPO - (ABRINDO A PORTA) Pode passar, minha senhora...

JOSEFINA - (COM RAIVA) Traidores! (PARA JOSÉ) Passe você na frente! (PARA JOÃO) Sapo horroroso!

SAPO - Primeiro as senhoras... depois os sapos. (A MULHER SAI. O SAPO FICA SEGURANDO A PORTA PARA JOSÉ PASSAR COM O MÁGICO ÀS COSTAS)

JOSÉ - Vai na frente. Nós somos muito amigos, tal e coisa, mas eu não agüento sapo pulando atrás de mim!

P A N O

F I M D O 3º A T O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 43

E P Í L O G O

C E N Á R I O :

(CASA DO REI. O REI ESTÁ SENTADO NUMA CADEIRA DE ESPALDAR BEM ALTO. A SEU LADO, UMA CADEIRA MENOR, ONDE ESTÁ A PRINCESA. JUNTO DE AMBOS, O PRIMEIRO-MINISTRO. O RELÓGIO NUM CANTO.)

VOVÓ - Agora, meus netinhos, vejam o que se passou na casa do Rei, para onde João e José levaram o Mágico dormindo... e a mulher do Mágico, tôda amarrada! (SOBE O PANO)

REI - (SACUDINDO O CETRO) Não é possível que já se tenham passado três dias.

PRINCESA - Uns dias tão curtinhos, que nem deram para nada!

MINISTRO - Entretanto, Majestade, é verdade. Já se passaram os três dias do prazo. Aliás (OLHA PARA O RELÓGIO), FALTAM APENAS TRÊS MINUTOS PARA QUE SE EXTINGA COMPLETAMENTE O TEMPO QUE VOSSA MAJESTADE LHES CONCEDEU. Ah, êsses alfaiates são uns indivíduos sem palavra, sem escrúpulos! São uns patifes!... (MUDANDO DE TOM) Posso mandar meus soldados prendê-los, onde quer que os encontrem?

REI - Eu acho que não devo assinar a sentença de morte antes que o prazo esteja completamente esgotado.

PRINCESA - Faltam ainda três minutos! (PARA O RELÓGIO) Ó Relógio, seja bonzinho! Vá bem devagar, mas bem devagar mesmo, para dar tempo dos rapazes chegarem! (O RELÓGIO SAI DO CANTO, FAZ UMA REVERÊNCIA E COMEÇA A ANDAR PARA TRÁS, BEM DE MANSINHO) Obrigada!

MINISTRO - Ah, é assim que Sua Alteza faz?! Quando se trata de prender dois perigosos alfaiates que andam à solta

- pela rua, atropelando os Reis, Vossa Alteza pede ao relógio que ande devagar. No entanto, não teve pena dos meus dois sobrinhos que ainda estão no calabouço!

PRINCESA - Tive pena, sim, Ministro. Mas os seus sobrinhos roubaram tanto o Tesouro, que não era possível deixar de prendê-los.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239,p.44

MINISTRO - Faltam só dois minutos. Quer assinar a sentença?

REI - Espere um pouco...

PRINCESA - Ah, se êles me trouxerem o Mágico!

REI - Pouco me importa o Mágico, eu quero é o meu casaco!

MINISTRO - Quer ter a bondade de assinar agora? Está em cima da hora.

RELÓGIO - Faltam sessenta segundos! Não enxerga?

MINISTRO - Sessenta segundos passam num instante.

RELÓGIO - Vou dar um jeito de demorar...

MINISTRO - (PARA O RELÓGIO) Você é assim mesmo... Vive adulando a Princesa! (RUÍDO DE VOZES)

PRINCESA - São êles!

REI - (PARA O MINISTRO) Vá ver!

MINISTRO - (INDO ATÉ A PORTA) Majestade, vejo um grande sapo que se aproxima, acompanhado de uma mulher e mais...

SAPO - (ENTRANDO) Dá licença, Majestade? Aqui estamos nós conforme lhe havíamos prometido...

MINISTRO - (MUITO CONTENTE) Exatamente o que eu lhe desejava para o Jardim Zoológico! Um sapo que fala!

SAPO - Para o Jardim Zoológico vá o senhor! (ENTRAM JOSÉ, CARREGANDO O MÁGICO, E A MULHER).

JOSÉ - Pronto, "seu" Rei. Viemos ou não viemos? (PARA A PRINCESA) Aquêles versinhos são formidáveis. Pra mim, êle não acorda nunca mais!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 45

REI - Sim, pelo que vejo, conseguiram descobrir o Mágico. Êsse que está aí é o Mágico, não é?

SAPO - Sim, Majestade, ainda que um tanto adormecido...

REI - Adormecido! Então êle dormiu no caminho? (PARA O MINISTRO) Acorde-o!

JOSÉ - (PARA O SAPO) Agora é que eu quero ver!

SAPO - Deixe o Ministro se esforçar!

MINISTRO - (SACUDINDO O MÁGICO) Acorde, homem! Não vê que é falta de respeito dormir diante do Rei? Acorde, acorde!

SAPO - Duvido!

MINISTRO - (SACUDINDO-O IRRITADO) Acorde!

JOSÉ - (PARA A PRINCESA) Tem algum versinho aí que sirva para acordar?

PRINCESA - Nenhum!...

SAPO - (RINDO) Ah, ah, ah! Está difícil, hem?

MINISTRO - (SACUDINDO O MÁGICO) Acorde! (PARA O SAPO) Não estou pedindo a sua opinião!

SAPO - Agora é que eu quero ver. O senhor não é Ministro? O senhor não acha que sou um sapo horrível? Pois é! Mas quem é que não consegue acordar o Mágico?

MINISTRO - Eu o acordarei! (AMEAÇADOR) Não me aborreça!

SAPO - O Rei está ficando cansado de esperar. Que é que acontece quando um súdito não obedece às ordens do Rei? (PAJENS APARECENDO SÙBITAMENTE, FAZENDO O GESTO DE CORTAR O PESCOÇO)

PAJENS - Lesco!

MINISTRO - (AO SAPO) Saia! (PARA O REI) Majestade, êsse sapo horrível está me perturbando! Peço-lhe que o mande embora! (PARA O MÁGICO) Acorde!

REI - Êle não deixa de ter razão. Quando dou uma ordem e não sou obedecido...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 46

PAJENS - (VOLTANDO) Lesco!

MINISTRO - Já sei... Já sei... (PARA O MÁGICO) Acorde! (PARA O SAPO) Saia daqui!

SAPO - Eu não!

MINISTRO - Saia!

JOSÉ - Sai, João. Você não vê que o Ministro está nervoso?

SAPO - Mas eu quero ver com que cara êsse homem vai acordar!

JOSÉ - (LEVANDO-O ATÉ A PORTA) Depois eu te conto... (SAI O SAPO)

JOSEFINA - Eu sei que êle não vai acordar nunca mais! Uma vez êle pegou no sono e dormiu trinta e cinco anos!

MINISTRO - Quem é a senhora?

JOSEFINA - Sou a mulher do Mágico.

MINISTRO - Êle dormiu trinta e cinco anos? E que foi que a senhora ficou fazendo durante todo êsse tempo?

JOSEFINA - Aproveitei para dar uma limpeza na nossa casa. Tinha tanta poeira!

MINISTRO - E como foi que êle acordou?

JOSEFINA - Com uma raiva, que só vendo!

JOSÉ - Foi isso mesmo que me disseram... Mágico quando acorda é um inferno.

MINISTRO - Cale a bôca! (PARA O MÁGICO) Acorde!

JOSÉ - (AJUDANDO) Acorde, senão o Ministro vai ficar mal! O Rei não está gostando da demora!

MINISTRO - Só eu é que vou ficar mal?

JOSÉ - Ué, e então? Não é você quem tem que acordar o Mágico?

MINISTRO - E se êle não acordar?

JOSÉ - Lesco!

MINISTRO - Se êle não acordar, não desencantará o casaco. Se êle não desencantar o casaco... já se sabe! Lesco! Quem é que vai perder a cabeça?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 47

JOSÉ - (CHORANDO) Pra que o senhor foi lembrar? Eu já tinha até me esquecido! Ai, meu Deus! (PARA A PRINCESA) A senhora não sabe nenhum outro versinho?

PRINCESA - Não.

JOSÉ - Acorde, seu Mágico! Deixe de bobagem! (FAZENDO-LHE CÓCEGAS NOS PÉS) Ui, ui, ui! Acorde, bobinho! Deixe de brincadeira.

MINISTRO - Acho que podemos perder as esperanças...

JOSÉ - Qual nada! (SACUDINDO-O) Eu hei de dar um jeito. Eu faço êle pular! (SACODE-O COM MUITA FÔRÇA E COM ORGULHO) Viu? Eu sou quase igual ao Casaco Encantado! (LEMBRANDO-SE) Ah! O Casaco Encantado! Se nós o vestíssemos com o Casaco Encantado?

MINISTRO - O que é que acontece?

REI - Êle vai pular como um desesperado! Eu que o diga!

JOSEFINA - E eu também!

JOSÉ - Eu também!

MINISTRO - Será mesmo bom?

JOSÉ - (DESEMBRULHANDO O CASACO, E ENFIANDO-O NO MÁGICO) Vamos ver isso agora! Já começou! (O MÁGICO PÕE-SE DE PÉ E DESATA A SALTAR) Está funcionando!

MÁGICO - Ui! Ui! Que é isto? Onde estou?

JOSÉ - Acorde primeiro que depois eu digo.

MÁGICO - Já acordei! Que é isto? Parem com isto! Tirem êste casaco de cima de mim!

JOSÉ - Você promete desencantar o sapo?

MÁGICO - (PULANDO) Prometo!

JOSÉ - Então desencanta!

MÁGICO - (INDO ATÉ A PORTA, PULANDO SEMPRE) Está desencantado! (FAZ UNS GESTOS CABALÍSTICOS) Ui, ui, agora me tirem o casaco!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 48

JOÃO - (APARECENDO E ABRAÇANDO JOSÉ) Ah, meu amigo! Que saudade que eu tinha de ser gente outra vez! (MÁGICO CONTINUA PULANDO)

JOSÉ - Ah, João, como você está bem disposto! (ESQUECENDO O MÁGICO, QUE CONTINUA PULANDO) Aqui entre nós, eu dizia que você estava bonitinho de sapo, mas não era = verdade. Você era um sapo danado de feio! (RI)

JOÃO - (OFENDIDO) Deixe disso. Até que como sapo eu era bem simpático!

JOSÉ - (CAÇOANDO) Feio pra burro!

JOÃO - Não seja exagerado! (BEIJANDO A MÃO DA PRINCESA) Não é verdade, Princesa, que eu não era tão feio assim?

PRINCESA - Era um amor de sapo!

MÁGICO - Parem com essa conversa! Já estou cansado! (CONTINUA PULANDO)

JOSÉ - Cansado o quê! Você dormiu muito e agora precisa de exercício!

MÁGICO - Tenham pena de mim!

JOSEFINA - Coitado!

JOSÉ - Quer mesmo que eu tire êsse casaco?

MÁGICO - Sim! Não agüento mais!

JOSÉ - Você promete que não baterá mais na sua mulher?

MÁGICO - Prometo!

JOSEFINA - Que bom!

JOSÉ - E promete desencantar êsse casaco?

MÁGICO - Prometo. Mas assim vestido com êle não posso!

JOSÉ - Eu vou tirar. (TIRA O CASACO E O MÁGICO CAI SENTADO, EXAUSTO) Cansadinho, hem?

MÁGICO - (LIMPANDO O SUOR) É verdade! (ERGUENDO-SE) Também assim que desencantar êsse casaco vou embora! Deus me livre!... (APANHA O CASACO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 49

REI - Um momento! (TODOS SE VOLTAM PARA ÊLE) Deixem o casaco conforme está...

PRINCESA - Oh, meu pai!

JOSÉ - Ué... Depois de tanta perseguição, depois da gente ter apanhado tanto, corrido tanto perigo, o senhor quer o Casaco Encantado do jeito que está?

REI - Sim! Brevemente o Rei meu vizinho virá me visitar. É um Rei mau e ambicioso. Sei que deseja se apoderar = de metade do meu Reino. E, para isso, talvez me declare guerra...

JOSÉ - Que é que o casaco tem a ver com isso?

REI - Ah! Se êle tiver mesmo a intenção de me declarar guerra, visto-lhe o Casaco Encantado!

JOSÉ - Bem lembrado! (ENTREGA O CASACO AO REI)

MÁGICO - (PARA A MULHER) Vamos embora!

JOSEFINA - Mas eu estou amarrada. Por quê?

JOSÉ - Esquecimento...

MÁGICO - E também porque não presta atenção nas coisas que lhe ensino. Onde já se viu uma mulher de Mágico tão sem prática? Saiba que mulher de Mágico tem que ser tão mágica quanto o marido! Quando entra numa história = deve fazer mágicas também... E você, que foi que fêz nesta história?

JOSEFINA - Bem... dessa vez eu entrei na história e fiz algumas tolices. Mas da próxima vez... Ah, vocês hão de ver! Encontrarei Reis e Rainhas... E, se encontrar um Príncipe também, mas que seja bom, corajoso, belo e honesto, hei de trazê-lo até aqui. Sabem para quê? Para que conheça a nossa Princesa! Conhecendo a nossa Princesa êle se apaixonará por ela. Apaixonando-se, há de casar. E casando terão muitos filhos...

PRINCESA - Ah... ela deve estar falando do Principe Dagoberto!

JOSÉ - Quem é o Principe Dagoberto?

PRINCESA - Um Principe belo, valente, honesto, um amor!

JOSÉ - (PARA A MULHER DO MÁGICO) Da próxima vez que a senhora entrar numa história não deixe seu marido viajar, sim?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 50

JOSEFINA - Quem sabe?

MÁGICO - Vamos todos embora. Essa história já acabou! (PUXA A MULHER E SE DIRIGE PARA A PORTA) Adeus! Adeus!

JOSÉ - Adeus! (PARA A VOVÓ) Adeusinho, sim?

JOÃO - Adeus, minha gente!

PRINCESA - Um momento! (TODOS SE DETÊM) Antes do senhor ir embora quero que faça ainda uma pequena mágica...

MÁGICO - Pois não, Alteza. Que ordena?

PRINCESA - Que mágica deve ser, vovó?

VOVÓ - Faça chover balas de frutas para os meus netinhos.

MÁGICO - Com prazer! (FAZ UNS GESTOS CABALÍSTICOS. AS BALAS DEVERÃO CAIR SÔBRE OS ESPECTADORES. MÚSICA, ADEUSES, ATÉ QUE CAIA COMPLETAMENTE O PANO).

P A N O

F I N A L D A P E Ç A

JFM/ Curitiba, 15 de julho de 1 968.

SEÇÃO DE MIMEO DATILOGRAFIA DO TEATRO GUAÍRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 51

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor Carlos Queiroz, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: O CASACO ENCANTADO

AUTOR: Lucia Benedetti

RESTRIÇÃO SUGERIDA: LIVRE - Nenhuma restrição cabível.

OBS.

Em 14/8/68

Chefe da TCTC

VISTO:

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em 14/8/68

Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acôrdo com voto do Censor

Em

CHEFE DO SCDF

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

52

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: O Casaco Encantado ::::::

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p-52

Nome do Autor: Lucia Benedetti ::::::

Nome do Tradutor:

Gênero: Infantil :::::::

Entrecho: Estória de um casaco real enfeitiçado por um mágico que passa a ser procurado pelos alfaiates que castigára, e que querem se livrar da sentença de morte lavrada por Sua Magestade. ::::::

Apreciação moral: Despreocupada em fundamentar a sua obra em mensagens morais, a autora visou o entretenimento de seu público infantil, oferecendo-lhe situações fantasiosas. ::::::::

Observações: Sugiro a aprovação sem restrições ::::::::

Classificação final: L i v r e *******

Brasília-DF. em 14 de agôsto de 1968

Censor Federal - matrícula n. 1.282.938
Carlos Lúcio

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.53

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 525/68

PEÇA -/ O CASACO ENCANTADO /-

ORIGINAL DE LÚCIA BENNEDETTI

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 14 de AGOSTO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

Brasília, 14 de AGOSTO de 19 68

Chefe do S. C. D. P.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

apca/

M. J. – D. P. F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -16-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ O C ASACO ENCANTADO /-

Original de LÚCIA BENNEDETTI

Tradução de

Adaptação de

Produção de SUPERINTENDÊNCIA DO TEATRO GUAÍRA (TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ)

Tendo sido censurada em 14 de A G O S T O de 19 68 e recebi a seguinte classificação: ::: L I V R E ::: =NENHUMA RESTRIÇÃO ETÁRIA=

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ É VÁLIDO, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 14 de A G O S T O de 19 68

Serv. de Censura de Diversões Públicas – D. P. F.

-JOSÉ SAMPAIO BRAGA-
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 54

53

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 55

Exmº Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões
Públicas do Departamento de Polícia Federal
Ed. do B.N.D.E. - 4º Andar
Brasília - D.F.

O abaixo assinado, Grupo de Montagens Infantís - GRUMOEIN, representado por seus diretores, Júlio Quirino e Edivar Resende, domiciliado nesta cidade, à Rua Bacurí, 156 - Bairro João Pinheiro, vem mui respeitosamente requerer de V.Exa. se dígne autorizar a censura do texto anexo, "O Casaco Encantado", de Lúcia Benedetti, que segue juntamente com carta da SBAT, para apresentações teatrais nessa praça, no Teatro Marília, a partir de 03/01/69 e diversas outras praças de nosso território.

Nêstes têrmos,
Pede deferimento.
Belo Horizonte, 24 de novembro de 1969.

Grupo de Montagens Infantís - GRUMOEIN
EDIVAR RESENDE - JÚLIO QUIRINO

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 26 de novembro de 1969

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 56

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões
Públicas do Departamento de Polícia Federal
BRASÍLIA - DF

Senhor Chefe:

Com a presente, passamos às mãps de V. Sªa. 3 (três) cópias mimeografadas da peça "O CASACO ENCANTADO" de autoria da nossa associada Lúcia Benedetti, para ser censurada de acôrdo com o regulamento dêsse conceituado Serviço.

Sem outro particular, para o momento, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Estado de Minas Gerais

GROVER FERREIRA
Diretor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 57

55

O CASACO ENCANTADO

Peça infantil em 3 atos e 1 epílogo

de

LUCIA BENEDETTI

(Cópia da Coletanea Teatral) cai. nº 6
GRUMOHIN = 1/70

PERSONAGENS

JOÃO
JOSÉ
MÁGICO
MULHER DO MÁGICO
REI
PRINCESA
MINISTRO
RELÓGIO
PAGENS
MANEQUIM
VOVÓ

PRÓLOGO

VOVÓ - Bom dia, meus netinhos! Vou contar a vocês a história de João e José . (Abre-se o pano, João e José estão costurando) -Olhem Ali estão êles. João é o mais velho. Omais mocinho é José. João estudou muito, formou-se, mas não conseguiu emprego. Então aprendeu costura. Mas também é muito pobre. Mesmo assim, não deixa de ajudar o amigo. E' por isso que José mora em casa de João. José é um bom rapaz. Mas como é medroso! Apesar de ser um bom ajudante, não se acostuma com a tesoura. Vamos, José;deixa de sermedroso! A tesoura não vai te comer. (José usa a tesoura) Coitados! Estão tão atrapalhados. É noite. (chamando) Relógio! Relógio! (Entra o relógio)- Que horas são? (Relógio Mostra quinze para as cinco) - Um quarto para as cinco e êles trabalham! Trabslham a noite inteira costurando êsse casaco. Como estão cansados! (João e José se esticam, bocejam demonstrando fadiga) Mas precisam terminá-lo! (João e José retomam a costura com presteza. -Imaginem que João, como não conseguia trabalho, resolveu ser pintor. Juntou os últimos niqueis que tinha e mandou o amigo comprar tintas. Mas... que fatalidade! Com a presteza de voltar para a casa, não reparou que ia passando o Rei. Como foi isso, José? Você não reparou? (José faz que não entendeu) - José atrapalhou o Rei! Trazia os vidros de tinta na mão. E a tinta caiu em cima do Rei! Que desgraça! O Rei quis matá-los. Mas... (chama) - Relógio! Que horas são? Já? O dia não tarda a raiar! Corra, vá a casa de João e de José para que êles saibam as hora ! O casaco deverá ficar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p 58

pronto antes do amanhecer! (Sai o Relógio, invade a casa de José e João, marcando cinco horas em ponto) -E agora vejam o que aconteceu.(O Relógio dá o sinal de cinco horas e se retira).

JOSE - -Acabei!...

FIM DO PRÓLOGO

PRIMEIRO ATO

CENÁRIO -Casa de João e José. Alfaiate. Duas camas, fogão, mesa, alguns manequins. Máquina de costura. Em cima do fogão uma panela, sôbre a mesa, um prato com dois pães. O dia ainda não começou . Ambos trabalharam tôda a noite, estão fatigados, mas alegres. Terminam um grande casaco vermelho, com botões dourados. Quando o pano sabe, João, com uma enorme tesoura está aparando os derradeiros fiapos. José prega o último botão. Ouve-se um galo cantar).

JOSE - Acabei!

JOÃO - Acabei! (abraçam-se na maior alegria) Estamos salvos! Não seremos decapitados!...

JOSE - (SACUDINDO O CASACO) - Ficou pronto! O Rei poderá vestí-lo a qualquer hora! (tornam a olhar o casaco) Ah! até que enfim, ficou pronto o casaco! (Beija o casaco) Meu casaquinho querido! (dansa com êle) Tra-la-lá...

JOÃO -se não fosse eu ter trabalhado tanto, bão vê que ficava pronto.

JOSÉ - Como não? Você quer dizer então, que eu não trabalhei também!

JOÃO - Trabalhou, sim. ~~Você quer dizer então~~ Mas você tinha obrigação de andar depressa. Senão, já sabe. Lésco! (FAZ UM GESTO DE CORTAR A CABEÇA) Lá se ia sua cabeça embora.

JOSÉ -E a sua? (fazendo o mesmo gesto)Lésco? lésco! Ia embora também.

João - Mas eu não tive culpa nenhuma! Foi você quem derrubou tinta no casaco do Rei!

JOSÉ - E de quem era a tinta?

JOÃO -Minha.

JOSE -~~X X XXX?~~ - E, então?

JOÃO - -ntão, o que? Por acaso mandei você sair correndo com a lata de tinta na mão e tropeçar no Rei? O casaco ficou que era só tinta rôxa. E depois, ainda tive que pedir misericórdia...

JOSE -Isso também eu pedi. Me ajoelhei junto do Rei e disse: Seu Rei, (AJOELHA-SE)- não nos mate!

JOÃO - Eu também me ajoelhei, quando vi que o Rei não ia te atender. E também pedi.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.59

casaco igual e entrega-lo antes do sol raiar. Essa besteira saiu de sua cabeça!... (olhando as mãos) Estou com os dedos ardendo de tanto costurar.

João - E o Rei só perdoou porque achou impossível. Êle está ainda com raiva de nós. Quer nos matar de qualquer jeito.

JOSÉ - Dessa vez nós vencemos. Mas, eu sou mesmo um colosso! (olha o casaco Um colosso!

JOÃO - Deixe de ser convencido. Se não fosse eu...

JOSE - Convencido é você!

JOÃO - E' você! Seu trapalhão! (BATEM À PORTA. OS DOIS SE CALAM

JOSÉ - Quem será?

JOÃO - Quem sabe se o Rei mandou algum soldado nos buscar para ... (FAZ UM GESTO DE CORTAR A CABEÇA) - Lésco!

JOSÉ - Isso não. O casaco está pronto!... (BATEM OUTRA VEZ) E' melhor fingir que estamos dormindo.

JOÃO - É MESMO. (CAEM / CORRE PARA SUA CAMA E PÕE-SE A RONCAR)

JOÃO - Vai voce...

JOSÈ - Eu não. Pode ser o Rei e êle não gosta de mim!

JOÃO - Nem de mim . (Batem na porta outra vez).

JOSÉ - (Levantando-se) Quem está ai?

MÀGICO - Abra a porta! Sou eu!

JOSÈ - (LEVANTA-SE) [illegible] -Não posso estou dormindo!

MÀGICO - (BATENDO COM MAIS FORÇA) Abra!

JOSE - (CHORAMINGANDO)- Como é que eu vou abrir se estou dormindo?

JOÃO - (ERGUENDO-SE)- Deixe de ser medroso! Abra a porta! (JOSE ABRE A PORTA DEVAGARINHO, ESPIA E TORNA A FECHAR)

JOSÉ - Credo, que homem feio!

JOÃO -(Curioso) - Quem é?

JOSE - Parece assombração. Tem um chapéu comprido e uma capa preta!

JOÃO - Deixe de bobagem. Assombração não bate na porte! (abre a porta , entra o Mágico, Alto, calças de grandes riscos amarelos e pretos, chapéu de copa bem pontuda, enorme capa preta sôbre os ombros; fala sempre com arrogância, o que intimida José horrivlemente).

MÁGICO - Que demora foi essa? Vocês não sabem que um Mágico não pode esperar?

JOSÉ - Não senhor, (EXAMINA DO MEIO INCRÉDULO) O senhor, é mágico mesmo?

MÁGICO - Claro que sou. Não está vendo?

JOSÉ - Estou, sim senhor. Mas pensei que fosse assombração.

JOÃO - Cale a boca, José...

- BATEM OUTRA VEZ (AGORA COM MAIS FÔRÇA)

JOSÉ - [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.60

58

José - Ma s êle parece assombração mesmo!

MÁGICO - Desaforo! Me deixou esperando do lado de fora, um tempo enor - me e agora me chama de assombração!

JOÃO -Êle estava meio tonto de sono... Não viu direito. Nós trabalhamos a noite inteira, estamos muito cansados. Quer ter a bondade de dizer o que deseja?

MÁGICO -Eu quero comida. Vi com meus olhos mágicos que voc^s estavam acordados e resolvi entrar para descansar um pouco. Estou chegando da China.

JOSÉ - Seu olho mágico viu comida aqui?

MÁGICO -Viu.

JOÃO -Onde? (PROCURA PELA SALA, OLHA A PANELA).

JOSÉ -Tomara que êle descubra! Faz três dias que ninguém come direito!

MÁGICO - Em cima da mesa.

JOSÉ - Mas, só dois pãezinhos que nós temos! Eu e o João vamos comê-los daqui a pouco, assim que acordamos. Isto é, vamos dormir, vamos acordar e depois comer o pão.

JOÃO -É verdade. Nós temos só estes dois pãezinhos...

MÁGICO -Pois o que eu quero mesmo é pão!

JOSÉ - Nós temos só dois... (CHORAMINGA)Um para mim e outro para o João.

JOÃO -Não sobra nenhum para o senhor.

MÁGICO -(APANHANDO OS PÃES)- Deixem de conversa. Já disse que estou com fome e quero os pães! (COMEÇA A COMÊ-LOS).

JOSÉ - Então, seu Mágico, não faça cerimônia. Pode comer.(PARA JOÃO) - Nós vamos ficar com fome...

MÁGICO - Fome tenho eu depois de três dias e três noites de viagem! (MASTIGA O PÃO)

JOÃO - Veio de avião?

MÁGICO - Vim num cabo de vassoura! (acaba de comer o pão) Agora quero o dinheiro.

JOSÉ - (SALTANDO DE ALEGRIA) Vê se „cha! Se o senhor achar pode ficar com a metade! Nesta casa nunca apareceu dinheiro! (O MÁGICO ENFIA A MÃO NO BOLSO DE JOSÉ E RETIRA UMA MOEDA DE OURO) Formidavel! (METE A MÃO NO BOLSO E NÃO ACHA NADA) Ué! (Para o MÀGICO) Tira mais! (MÀGICO TIRA OUTRA MOEDA)- Tira mais! (Mágico tira outra moeda)

JOÃO = Ti a em mim! (O MÁGICO FAZ O MESMO) - Tira mais!

MÁGICO - Agora chega. Não preciso mais do que isso.

JOSE -Tira umazinha só pra mim!

JOÃO - Só mais uma, seu Mágico! Só mais uma para mim e o meu amigo José...

MÁGICO -Já disse que chega!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 61

59

JOSE - Mais uma, só uma umazinha!...

MÁGICO - (ZANGADO)- Chega! Eu não tiro dinheiro do bolso dos outros para ninguém . Só para mim!

JOSÉ - Mas o senhor pode tirar, não custa nada, é só enfiar a mão no bolso... bumba! (tenta fazer o mesmo no seu bolso, sem resultado. Procura o bolso de João, encontra um pedaço de barbante) Ai, ai... (choraminga).

MÁGICO - Pare com isso! Agora quero dormir e que ninguém me acorde!

JOsé = Também quero dormir! (V I PARA A CAMA)

JOÃO - Eu também... (BOCEJA) Que sono! (VAI PARA A SUA CAMA)

MÁGICO) - (PARA JOSÉ) - Nessa cama quem dorme sou eu...

JOSÉ - Mas... mas, esta é a minha cama, seu Mágico (APONTA PARA A CAMA) DE JOÃO) - Dorme naquela, é mais macia... (MOSTRANDO AS COBERTAS). Mais quente. (AFOFA O TRAVESSEIRO E DEPOIS O COLCHÃO) Colchão de molas...

JOÃO - Pare com isso! (VAI PARA SUA CAMA)

MÁGICO - Eu vou dormir e você fica de guarda!

JOSÉ = De guarda?

MÁGICO - Sim senhor! Não quero escutar barulho, não quero que mosquito assente no meu nariz, nem que a coberta caia para o lado! E, principalmente, que ninguém me acorde (AMEAÇADOR)- Ai de você, se alguem me acordar!

JOSE -(MEDO SO)- Que é que acontece?

MÁGICO = Transformo você num sapo!

JOSE - Ah, meu Deus, eu que tenho tanto medo de sapos! (treme) Me transforma num passarinho, seu Mágico... Eu prefiro ser passarinho...

MÁGICO =Num sapo,já disse!

JOÃO - (sonolento) - Não faz mal, José; se você virar sapo eu levo você todos os dias para passear na lagôa...

JOSÉ -Mas eu não quero ser sapo! Eu tenho medo de agua fria! Não gosto de lagoa! Alem disso, sapo come mosquito. Eu não gosto de mosquito!

JOÃO - Você acaba gostando. (TORNA A BOCEJAR)Uuuu... que sono!

MÁGICO - (DEITANDO-SE) E não me acorde, heim! Senão já sabe! (Puxa as cobertas e começa a roncar)

JOSÉ -(SENTA-SE PERTO DA CAMA E COMEÇA A ABANAR OS MOSQUITOS E CONSERTAR AS COBERTAS, SEMPRE CHORAMINGANDO, BAIXINHO) Uuuu, uuuu...

JOÃO - Êle já dormiu? (FALA EM VOZ BAIXA)

JOSÉ - Já. Cala a bôca senão eu viro sapo!

JOÃO - Vira nada, seu bobo! Você não vendo que é bobagem?

JOSÉ - Mas se eu virar sapo o que é que vão dizer de mim?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.62

60 M

JOÃO - Esse mágico é um mágico de mentira...

MÁGICO - (ACORDANDO) Tem alguém falando dexmim ai?

JOSÉ - Não tem, não senhor, foi o senhor que roncou... (IMITA O RONCO) E o sr. acordou com o próprio ronco.

MÁGICO - (AMEAÇADOR) Tem alguem falando!

JOSE -(CHORAMINGANDO)- Não tem, não senhor... dorme quiétinho, dorme... (PUXA AS COBERTAS, ARRUMA O TRAVESSEIRO DO MÁGICO) CANTA) Dorme, Magiquinho, tutú vem pegar... dorme Magiquinho, mas dorme sem roncar...(O MÁGICO COMEÇA A RONCAR)

JOÃO -Deixe de ser bobo, José. Esse homem é um sabidão .Comeu nossa comida, tirou nosso dinheiro...

JOSÉ - Nós não tinhamos dinheiro nenhum... Foi êle que fez mágica!...

JOÃO -Mágica o que! Com certeza alguem botou dinheiro no seu bolso sem você saber!

JOSE -Mas, quem? Nós não temos nenhum amigo rico! E eu procurei tirar e não tirei nada!

JOÃO - Então o dinheiro era dêle mesmo e êle está querendo nos engamar! Comigo não!

JOSE -(MEDROSO)- Cala a bôca, senão eu viro sapo!

JOÃO - Deixe de ser burro!

JOSE = Eu não me importo de ser burro, mas sapo eu não quero ser!

MÁGICO - (ACORDANDO)- Quem falou ai?

JOSÈ - Ninguém falou, não senhor... (CANTA) "Dorme, Mágiquinho..."

MÁGICO - Alguem falou, sim, e eu ouvi muito bem! (SENTA-SE NA CAMA)

JOÃO - (MUITO VALENTE)- Fui eu que falei. E dai? (ERGUE-SE COM VALENTIA) Não posso falar na minha casa?

MÁGICO -Não pode, não senhor! Eu mandei que todos se calassem!

JoÃO - Mas eu não me calei, pronto! Não tenho medo de Mágico, não acredito nessa besteira... E você vai dando o fora daqui, senão apanha, Chega de Amolação.

JOSE -(MORTO DE MEDO)- Vem cá, João, não brinca, não brinca que daqui a pouco o Rei vem ai!(PUXA JOÃO PARA OUTRO CANTO).

JOÃO -(EMPURRANDO JOSE)- Vai da frente. Estou cansado de aturar esse Mágico de meia tigela!

MÁGICO - (AVANÇANDO PARA ÊLE) Mais respeito, ouviu? (PEGA-O PELOS OMBROS).

JOÃO - Fóra daqui, fóra, seu mambembe! (LUTAM):

JOSÉ - (SEPARANDO A BRIGA)-Não faça isso, João! (PUXA-O PARA UM CANTO, EMPURRANDO-O ATÉ A PORTA LATERAL, FECHA A PORTA) (PARA O MÁGICO) O senhor desculpe, êle está nervoso...

MÁGICO -(CONSERTANDO A ROUPA)- Atrevido! Êle me pagará! (Ouvem-se trombetas)

JOSÉ - Não fique zangado, não... Deite-se. Eu tomo conta!

MÁGICO - Eu não quero mais dormir. Vou-me embora!(Outra vez trombetas)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.63

E' o Rei! (PARA O MÁGICO)- E' o Rei...

MÀGICO - Que me importa? Vou-me embora e vocês hão de me pagar caro!

JOSÉ - Pois então vá... Pode ir. Agora vamos ficar de bem com o Rei

MÁGICO - Vai ficar de bem? E' o que você pensa! (VAI ATÉ A PORTA E FAZ UNS SINAIS CABALISTICOS. VOLTA) Pronto, aquele já está me pagando o que fez.

JOSE - (CHORAMINGANDO)- Não faz macumba na minha casa não, heim! Deixe meu amigo sossegado lá dentro! Se o senhor fizer alguma coisa, eu vou me queixar ao Rei!

MÁGICO -(ATIRA UM PO EM CIMA DO CASACO)- Pois fale com o Rei, pode se queixar! (JOSE AGARRA O CASACO).

JOSE - Não suje o casaco do Rei! Êle pode se zangar!

MÁGICO - (RINDO)- Zangar? (RI OUTRA VEZ) Êle vai pular, pular, pular, (EMBRULHA-SE NA CAPA E SAI DANDO GARGALHADAS) Ah, ah, ah!...

JOSE - João, João! Pode sair que o Mágico já foi embora! (JOÃO NÃO RESPONDE) João! (COMEÇA A ARRUMAR AS COISAS, PÕE O CASACO EM CIMA DE UMA CADEIRA, DEPOIS, ACHANDO QUE PODE AMARROTAR, VESTE-O NUM MANEQUIM. NO MESMO INSTANTE O MANEQUIM SALTA DE UM LADO PARA OUTRO, PULA, PULA, PULA. MAS JOSE ESTA OCUPADO EM AJEITAR A CASA E NÃO VÊ IMEDIATAMENTE. AS TROMBETAS SOAM MAIS PERTO) É o Rei, João! (VENDO O MANEQUIM SALTAR) Nossa senhora! Que é isso? Pára, pára! (ARRANCA O CASACO DO MANEQUIM E CORRE PARA A PORTA. DOIS PAGENS ABREM A PORTA, TOCAM CORNETA. Surge O REI, ACOMPANHADO DA PRINCESA E PAGENS).

JOSE - Pode entrar Majestade, bom dia, Alteza!... (FALA COM MEDO)

REI - Pelo que vejo, vocês cumpriram a palavra...

JOSE - Cumprimos, sim, Majestade. O casaco está pronto... isto é... O casaco, sabe, Majestade, está pronto. Mas não serve...

REI = Como, não serve?

JOSE - E' que este casaco não vai ficar bem no senhor...

REI = Se não ficar bem, já sabem o castigo que os espera... (ERGUE A MÃO COM AMEAÇA).

PAGENS - (TODOS AO MESMO TEMPO, FAZENDO GESTOS DE CORTAR A CABEÇA) Lésco!

JOSE - Nossa senhora! E agora?

REI - Se o casaco está pronto, quero que me entregue.

JOSE - Está pronto, sim senhor... (MOSTRA O CASACO) Viu como nós demos conta do serviço? Está prontinho!

PRINCESA-Nesse caso, entregue o casaco, José. Aqui está o perdão... (MOSTRA UM PERGAMINHO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.64

JOSÉ - Me dá o perdão primeiro... Depois eu dou o casaco...

PRINCEZA - Não, José. Primeiro o casaco.

JOSÉ - Primeiro o perdão... (ESTENDE A MÃO PARA ALCANÇAR O HERGAMINHO DO PERDÃO).

PRINCEZA- Primeiro o casaco... O Rei quer vestí-lo ainda hoje!

JOSE - Mas "seu" Rei, o senhor tem tantos casacos, por que é que há de querer vestir este aqui?

REI -Porque quero! Além do mais estou desconfiado desse casaco. Com certeza não serve em mim!

JOSE - Serve, sim senhor... Isto é, serviu, mas agora não serve mais!

REI - E por que?

JOSÉ - Porque... (CHAMANDO COM VOZ DE CHORO) João... João! Sai dai!

REI -Logo vi que havia coisa. Por que foi que o outro se escondeu?

JOSE =Fui eu que botei êle lá... (CHAMANDO) João... Sai dai, Joãao!

REI -Vá buscá-lo! Eu dei a sentença a ambos. Como é que êle se atreve a ficar num quarto quanto está aqui o seu Rei!

JOSE -Vou perguntar a êle. (VAI ATÉ A PORTA) João... Como é que você se atreve... (SAI UM ENORME SAPO PELA PORTA DO QUARTO. JOSE CORRE E SOBE EM CIMA DA CAMA) Ui! Ui! Nossa Senhora!

REI -O que é isso?

PRINCESA - Um sapo!

REI-MENTIRA!

JOSE - Juro! (MOBILIZADO)

VOVÓ - Não começe a fazer juramentos, José! O Rei não acredita!

JOSE - (PARA VOVÓ) Mas o Rei não acredita! Fale com êle, Vovó!

VOVÓ - Fale você mesmo

REI - O seu amigo fugiu!

VOVÓ - Agora, vocês têm tempo de descansar um pouco. Alguem por ai sabe como é que a Princesa vai ajudar? Se souber, cale a bôca! (CHAMANDO) Melógio! Venha cá! Fique aqui e marque dez minutos de intervalo!

REI - O seu amigo fugiu!

JOSE - Não fugiu, não senhor. É êle mesmo. (de longe) Olha a cara dêle. O senhor está vendo?

REI -Estou vendo coisa nenhuma! Com certeza o casaco não presta e êle fugiu com medo de ser morto. Mas eu hei de agarrá-lo! Hei de procura-lo até no fim do mundo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.65

64
4

JOSE - Não precisa, senhor. Êle está aqui mesmo... O senhor não vê que um sapo desse tamanho, só pode ser o meu amigo?

REI -E você não tem vergonha de mentir ao seu Rei?

JOSÉ - Não estou mentindo, não senhor! O senhor é porque não conhece sapos, senão via logo que não podia existir um sapo dêste tamanho!

REI - Atrevido! Devias morrer por isso. Então não conheço sapos?

PRINCEZA -Não se irrite, papai. Quem sabe se é verdade? Eu nunca vi um sapo tão esquisito, na minha vida! (agrada o sapo)Que sapo tão engraçadinho! O sapo pula de um lado para outro).

JOSE - Viu, como êle é mansinho? (FALA DE LONGE COM MÊDO)

REI -Deixe ver êsse casaco.

JOSE - Seu Rei, o casaco não está muito bom, mas, como o senhor insiste...

SAPO - Nós trabalhamos a noite inteira, majestade...

JOSE - É verdade... eu e João, isto é, eu e o sapo, que antigamente era João...

REI -Basta de conversas! (PARA O SAPO)- Quem te ensinou a falar?

JOSÉ -Êle é assim mesmo, seu Rei...

REI - Isto aqui não está me parecendo bem... Sapo que fala... Hum! (Faz menção de vestir o casaço) Está bonito!...

JOSÉ - Mas não vai servir... Majestade, E' um casaco levado da breca!...

REI - Se não servir, você há de me pagar! E pagará por dois! Por você e pelo outro que fugiu!

JOSÉ - Virou sapo, Majestade!

SAPO - Deixe êle pensar que eu fugi!

JOSÉ - Cala essa bôca que eu não quero conversa com sapo! (FALA PARA O REI) Seu Rei, o meu amigo virou sapo mesmo. Esteve aqui um mágico...

REI - Deixe ver o casaco e pare com essas tolices! Não acredito em Mágicos!

SAPO - Eu também não acredito! (SAI PULANDO ATRAZ DO REI) Esse negócio de mágico é besteira!

REI -Entregue o casaco!

JOSE - Por favor, não vista êsse casaco!

REI - Por que não?

JOSE - O senhor não vai gostar...

REI - (EXAMINANDO O CASACO) Se eu não gostar você é quem paga!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.66

(FAZ MENÇÃO DE VESTIR)

JOSE -O senhor vai se arrepender!) O REI VESTE O CASACO, DEPOIS DE ALGUMA HESITAÇÃO) (ACONTECE COM ÊLE O MESMO QUE ACONTECEU AO MANEQUIM. SALTA, SALTA PELA SALA TÔDA, ENQUANTO O SAPO SALTA ATRAZ DÊLE, A PRINCEZA ATRAZ DOSAPO: TODOS OS PAGENS CORREM NA MAIOR CONFUSÃO ;JOSE CORRE PARA DEBAIXO DA CAMA E SE ENCOLHE O MAIS POSSIVEL).

REI - Tira este casaco danado! Me tirem este casaco! (CONTINUA SALTANDO ATE QUE OS PAGENSLHE ARRANCAM O CASACO DE CIMA) Atrevido! Onde está êle? (PARA OS PAGENS) Vocês o deixaram fugir?

JOSE - Não senhor, eu me escondi...

SAPO -Seu burro, Por que não fugiu?

JOSE -Eu achei melhor me esconder aqui... (VENDO O SAPO PERTO DELE) Ui! Ui! Sai daqui que eu tenho medo de sapo!

REI - (PARA OS PAGENS)- Tirem esse atrevido debaixo da cama! E amanhã bem cedo quero que sejam decapitado! (JOSE OUVE A SENTENÇA MORTO DEMEDO)

PRINCEZA -"Eles"? Quer dizer que o sapo também?

REI - O sapo também !Não quero que no meu reino existam sapos deste tamanho. Isso é uma desmoralisação!

SAPO - Qualquer país do mundo teria orgulho de um sapo como eu!

PRINCEZA - Oh! meu pai! Seja bondoso... Que mal lhe fez êste pobre sapo?

JOSÉ - Seja bondoso, seu Rei.

REI - Cale-se! Você morrerá amanhã!

SAPO - E eu também?

REI = Também!

PRINCESA - Meu pai... lembre-se de que irá cometer uma injustiça. Decapitar um pobre sapo!... Que dirá a Liga Protetora dos Animais?

REI - A Liga Protetora dos Animais não tem nada com isso. Este, é um sapo particular.

PRINCESA -Mais uma razão meu pai. Um sapo particular merece tôda consideração... Ele poderá gritar, dizer coisas contra o senhor... O senhor sabe. E' um sapo muito inteligente.

SAPO - Estudei na Universidade Real e sou formado em Ciências e Letras Tenho curso de Pintura e Arquitetura.

REI *(CORTANDOA FALA DO SAPO)- Terá que morrer por estar envolvido no caso do Casaco que pula. Insultou o Rei! E esse insulto será resgatado com a morte! (TODOS OS PAGENS REPETEM O MESMO GESTO ANTERIOR DE DECAPITAÇÃO).

PAGENS - Lésco!

PRINCESA -Majestade, eu lhe peço...

REI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 67

65

PRINCESA - Eles afirmam que foi o Mágico o causador de tudo. Pois bem, eu lhe peço, meu pai, que lhes conceda três dias para encontrarem o Mágico e desencatar o casaco.

REI -E, se no fim de três dias, não tiverem encontrado o Mágico e nem desencantado o casaco?

~~REX~~ - E, se no fim de ~~três dias~~,

PAGENS -(FAZENDO O GESTO ANTERIOR) Lésco!

PRINCESA -Eles encontrarão!

JOSÉ - Nós vamos procurar por tôda a parte. Nem que a gente leve um ano ou dois, êsse Mágico tem que aparecer!

Rei - Um ano ou dois? TRÊS DIAS! TRÊS DIAS E NADA MAIS!

SAPO - Agradeça ao Rei. Ele nos concedeu três dias!

JOSE - Agradeça você.

SAPO -Eu não posso. Cabe a você cumprir esse dever.

JOSE - E você, seu sapo, páre de falar comigo. Eu tenho medo de sapo. Já disse.

SAPO - Agradeça!

JOSE -Majestade... (FAZ UMA CURVATURA)- Seu Rei... Eu e o Sapo lhe agradecemos muito e prometemos encontrar esse Mágico de qualquer maneira.

SAPO - Agradeça à Princesa...

JOSE - Dona Princesa, nós lhe agradecemos muito... Daqui a três dias estaremos muito longe daqui... (DÁ A ENTENDER QUE PRETENDE FUGIR E NUNCA MAIS VOLTAR).

REI -Ai de vocês se tentarem fugir! Vou mandar pôr soldados por tôda a parte. Não poderão escapar!...

SAPO -(PARA JOSE)- Trapalhão! Agora você estragou tudo!

JOSE - Estraguei nada. Esse Rei está implicando comigo desde que eu tropecei nele!

SAPO - Tudo perdido! Agora não temos mais salvação! Vamos ser vigiados! (Soam as trombetas. O REI VAI EMBORA).

REI - Sómente para atender ao pedido da minha filha, é que lhes concedo esses três dias. E agora até breve! Voltem com o Mágico. Porque senão o encontrarem os meus soldados trarão vocês dois amarrados pelos pés! (JOSE SE PÕE A CHORAR).

JOSE -Até breve, seu Rei! O senhor vai ver como nós vamos voltar amarrados pelos pés! (SAI O REI)

PRINCESA -Até breve, José! Não chore... Coragem!

JOSÉ -(CHORANDO)- Não estou chorando não senhora, Dona Princeza!

PRINCESA - Vocês não vão morrer... Eu hei de ajudar . Por que chorar? Veja o sapo como está firme! Corajoso, não é?

JOSÉ - Sei lá. Eu não estou com medo de morrer, não senhora. Eu não quero é andar com êste sapo o dia inteiro.

SAPO -Deixe de bobagem! Você sabe muito bem que eu não sou sapo!

JOSE - Não é o que! Olhe no espelho! E' sapo, sim senhor... Ui...tuui

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 68

PRINCESA - Até breve, José...

JOSÉ - Até breve, Princesa... A senhora vai ajudar mesmo?

PRINCESA - Vou.

JOSE - De que jeito?

PRINCESA - Você verá... Até breve! (SAI)

SAPO - É melhor irmos andando também. Temos que procurar o Mágico.

JOSE - Procurar onde? Ele é capaz de ter ido pra a China...

SAPO - Não sei onde ele estará. Mas vamos procurar. Apanhe o casaco e faça um embrulho. (JOSE VAI OBEDECENDO) Agora, depressa, feche a casa e vamos embora. (JOSE VAI OBEDECENDO, COM RAPIDEZ. O SAPO FICA NA PORTA. JOSÉ VAI SAIR, VÊ O SAPO E PÁRA).

JOSE - Voce vai na frente! Eu não quero sapo atras de mim! Vai na frente!...

P A N O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 69

67

SEGUNDO ATO

VÔVÓ - João e José andaram muito e chegaram numa estrada e... Vejam como...

CENÁRIO -(Uma estrada. Pedras, árvores, Aparecem primeiro o sapo e em seguida José. Estão cansados.)

JOSÉ - Não aguento mais de tanta fome!

SAPO - Eu também! Faz dois dias e duas noites que estamos andando. E nada de encontrarmos o Mágico!

JOS-E -Ah, se eu pudesse comer um bife... Com batatinha, salada de tomates!...

SAPO - SUSPIRANDO)- Ah... e uma boa fritada de camarões.. depois sobremesa...

JOSE - Sapo não come fritada, Sapo come mosquito, bichinho...

SAPO -. Já disse que não sou sapo e não quero saber de mosquito!...

JOSÉ -E' sapo sim senhor.

SAPO - Não seja burro!

JOSÉ - (TEIMANDO)- Sapo, sapo, sapo!

SAPO -(DESESPERADO)- E eu tenho que aguentar este bobalhão!

JOSÉ - E eu ter de andar em companhia de um bicho hororoso como você! Ai meu Deus!

SAPO - Bobalhão!

JOSE - Eu é que sou bobo, não é? Mas é você quem arruma tôdas as encrencas! Quem foi que inventou essa idéia de fazer o casaco? Foi você. Quem foi que brigou com o Mágico? Foi você... Quem foi que virou sapo? Você.

SAPO - E quem foi que avisou que ia fugir e fez o Rei botar soldados por tôda a parte? Foi você! E se não fosse a Princesa...

JOSÉ - E' mesmo. E ela ficou de nos ajudar...

SAPO =Ela falou aquilo por falar. Mas não ajuda coisa nenhuma...

JOSE -EXLA- Como é que você sabe?

SAPO - Só falta um dia e ela nãomandou ajuda nenhuma. Amanhã se não dermos conta do Mágico... Já sabe.. Lésco! (RUIDO DE PESSOA CHORANDO)

JOSE - Tem alguém chorando ai...

SAPO -Tem nada!

JOSE - Tem, que eu escutei! (SOLUÇOS)

SAPO - Vá ver quem é.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 70

JOSE -Vá você.

SAPO -Eu não posso...

JOSE - Não pode, por que?

SAPO -Não vê logo que se eu aparecer, a pessoa fica assustada? Não vê que fica exquisito um sapo aparecer de repente e começar a falar?

JOSE -Ah!... Agora você está dizendo que é sapo, não é?

SAPO - Escuta aqui, José, você sabe muito bem que eu não sou sapo!

JOSÉ - Então vai ver quem é ...

SAPO - Não posso! Eu sou sapo, mas não sou, entendeu?

JOSE - E' sapo, sim! Deixe de história!

SAPO - Veja quem é... (JOSE LEVANTA-SE, CAMINHA ATE UM GRANDE TRONCO E ESPIA).

JOSE - CHORAMINGANDO) Sempre sou eu que tenho que ver! (IMOBILIZADO)

VÓVÓ -(INTERVINDO)- Que tem isso? E' preciso deixar de ser medroso José! Vamos. Espie. Coragem!...

JOSE - (OLHA)- Ui! Tem uma mulher chorando!

SAPO - Pergunte quem é e por que está chorando?

JOSE - Psiu! Psiu! que choradeira é essa?

MULHER -(APARECENDO)- Quem é você?

JOSE - Sou o José. E você quem é?

MULHER - Que sapo tão grande!

JOSE - E' o meu amigo João, que pensa que não é sapo. Como é que você se chama?

MULHER -JOsefina.

SAPO -E por que estava chorando?

MULHER - (ASSOMBRADA)- Êle fala?

SAPO - Por que estava chorando? Não precisa ter medo de mim...

JOSE - (CHEGANDO PERTO DO SAPO, SEMPRE COM MUITO MEDO)- Olhe aqui, êle é um sapo mansinho, mesmo...

MULHER - Eu não tenho medo de sapo... Não tenho medo de nada neste mundo. Só do meu marido!

JOSE -Êle é muito valente?

MULHER - Muito. Zanga atôa. E agora eu sei que êle vai zangar comigo...

SAPO - Por que?

MULHER - Porque eu quebrei a vassoura deque êle mais gostava...

JOSÉ - Seu marido é fabricante de vassoura?

MULHER - Não.

SAPO - E' varredor de rua?

MULHER - Não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 71

69

JOSE -Coleciona vassuras?

MULHER - Não.

JOSE - Então porque é que êle vai brigar por causa de uma vassoura atôa como esta?

MULHER -Atôa não! E' uma vassoura formidável! E' capaz de sair voando e levar a gente a qualquer lugar mais depressa do que um avião!

SAPO -Seu marido passeia de vassoura?

MULHER - Passeia... (VAIDOSA) Eu também passeio...(RI)

SAPO - (APROXIMANDO DE JOSE E FALANDO BAIXO)- E' capaz de ser parente do Mágico.

JOSE -A senhora é parente de um mágico?

MULHER -(ORGULHOSA)- Eu sou casada com um mágico... Estou aprendendo a ser feiticeira, mas não consigo. Hoje sai para dar um passeio e quebrei a vassoura... (CHORA E MOSTRA A VASSOURA).

SAPO -Não chore... (PARA JOSE)- Pergunte onde ela mora...

JOSE - Onde é que seu marido mora? Nós andamos atrás dele há tanto tempo.

VÓVÓ - (INTERVINDO)- Não diga, minha filha! Não vê que êles querem prender seu marido?

MULHER - (PARA VÓVÓ) E?

VÓVÓ - Claro. E o dever de uma esposa é ser leal ao marido ainda que êle ande pelo mundoa fazer mágicos deste jeito.

JOSE - Escute aqui, vóvó! A senhora agora virou amiga da onça? Não atrapalhe, sim? (PARA A MULHER) Onde é que vocês moram?

MULHER - Para que é que vocês querem saber?

JOSE - Para fazer uma visita...

MULHER - Meu marido não recebe visitas!

JOSE - Mas nós precisamos fazer uma visita a seu marido...

MULHER - Não! Eu não digo!

SAPO -Não custa nada... Diga!

MULHER - Não digo!

JOSE -Diga... vá, depois que nós prendermos seu marido, nós prometemos lhe dar uma vassoura nova!

MULHER - Prender! Então vocês vão prender meu marido?

SAPO - Seu trapalhão! Estragou tudo, outra vez!

MULHER - Pois não diga! Não é preciso teimar que eu não digo!

SAPO - Está ouvindo? Parece que o Rei vem ai...

JOSE - (OUVINDO AS TROMBETAS) E' mesmo! Deve ser o Rei... Estamos perdidos! Não sabemos nem onde mora o Mágico.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.72

MULHER - E nunca saberão! (COM DESPREZO)- Vocês são tão que nem conhecem quando é o Rei que vem ou quando é a Princesa. Esse toque é para a Princesa.

SAPO -PULANDO DE ALEGRIA)- E' a Princeza, José! Estamos salvos!

JOSÉ -Eu não disse que ela vinha!

SAPO - Disse coisa nenhuma! Você disse que ela não vinha!

MULHER -A carruagem parou. Está saltando. Aí vem a Princesa! (CURVAM-=SE;JOSÉ, TAMBÉM SE CURVA; O SAPO FAZ O POSSIVEL PARA FAZER UMA REVERÊNCIA)

SAPO -Salve, Augusta Princesa!

PRINCESA -Salve.

JOSE - Salve, dona Princesa... Nós estamos quase apostando que a senhora não vinha.

PRINCESA - Como, apostando! A palavra de uma Princesa é sagrada...

JOSE - Foi isso que eu falei ao sapo. Mas a senhora sabe esses sapo como são. Não entendem nada de Princesas...

PRINCESA -Não posso me demorar muito, pois o Rei mandou me vigiar para que não me encontrasse com vocês. Já descobriram o Mágico?

JOSE - Só descobrimos a mulher dêle!

PRINCESA - Ótimo! Não vão demorar muito a encontrá-lo agora!

JOSE - (MEDROSO)- E se nós nos encontrarmos com êle, como é que vai ser?

SAPO - Estaremos salvos!

JOSE - Salvos! Eu acabo virando sapo também e depois... (chora) Ele pode mais do que nós!

PRINCESA)-Eu vim justamente por causa disso. Quando eu era menina, a minha babá me ensinou uma porção de feitiçarias. Depois que ela morreu, me esqueci de quase tudo, mas, de uma coisa não me esqueci.

SAPO - O que é?

PRINCESA - Eu sei de umas palavras cabalisticas que são tão poderosas que...

JOSE - (interrompendo) - Palavras o que?

SAPO - Cabalisticas.

JOSE -Que é isso?

SAPO - São palavras de feitiçaria...

PRINCESA - Querem ou não querem aprender? São palavras que botam qualquer mágico para dormir.

JOSÈ - E' só falar que êle dorme?

PRINCESA - Só falar!

MULHER - (DANDO UMA GARGALHADA)- Ah! Ah! aH! Vê lá se meu marido vai cair nessa! Ele não dorme nunca!

JOSE - Que não dorme o que! Lá em casa só queria dormir...

MULHER - Estou ouvindo para saber o que vocês diziam... Bobos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p 73

71

PRINCESA - Estou dizendo que qualquer mágico se põe a dormir! Na mesma hora. E' só dizer e êle adormece.

SAPO - Que felicidade! Assim que êle estiver dormindo é só carregar com êle para a casa do Rei!

JOSE - Oh? Princesa! Que bom! Diga logo essa palavrinha que eu quero aprender!

PRINCESA - Não se trata de uma palavrinha. Mas, de várias... Um versinho. E eu só posso dizer uma vez. Vocês terão que aprender tudo de uma vez. Não posso repetir.

JOSE - Por que?

PRINCESA - Porque perde o efeito. A gente só pode dizer essas palavrinhas uma vez por dia. Vocês, por exemplo, não podem repetir essas palavrinhas hoje. Se encontrarem o mágico, as palavras não terão mesmo efeito e êle os matará.

SAPO -Temos então que ouvir uma vez só e aprender?

PRINCESA - Tem que ouvir uma vez só e aprender.

JOSE - Pode dizer, que eu aprendo! Eu aprendo tudo de uma vez!

PRINCESA - Então prestem atenção. (OS TRES SE APROXIMAM DELA, INCLUSIVE A MULHER) As palavras são estas... (DIZ MUITO DEPRESSA COMO QUE METRALHADORA).

Missecofe, dari, dari tira liro
Eli, glofe, ciare, dari, dari
Dari Don, Fronfron.
Maalcafun, malcafun, clincóide!
Chiribatu, chirimici, maga!
Tum! Zaravai, otim, maratu, dispim,
Requeque, requequer.
O rinhanha, Orinhanha.
Pingolim, pimpim!

JOSE - Fácil!

VÓVÓ - Cale a bôca e trate de decorar isso direitinho!

JOSE - (COM BASÓFIA)- Está no papo. E' só ver o Mágico que eu, bumba! Digo esse negócio para êle e êle záz... Cai morto!

PRINCESA - Morto não. Dorme!

JOSE - Ué! Eu pensei que isso matasse!

SAPO - Não fique falando que você se esquece! Cale a bôca!

JOSE - Esqueço nada! Quer ver como eu sei! Quer ver! Misse... misse... Como é mesmo? (Passa a mao pela cabeça de um lado para outro) Como é mesmo?

PRINCESA - Nao posso repetir. Procure se lembrar(para o sapo) Voce aprendeu?

SAPO - Sim, Alteza!

PRINCESA - Entao, adeus! Sejam felizes! (SAI ENQUANTO OS TRÊS FAZEM UMA REVERÊNCIA).

JOSE - Agora é que eu quero ver! Agora é que eu quero ver a cara do Magico.

SAPO - Precisamos saber onde êle mora... (Para a MULHER) E a senhora, Doma Josefina, vai nos dizer onde é a sua casa?!

MULHER - Eu não! Não adianta teimar que eu não digo!

JOSE - Vai dizer sim!

BR DFANBSB N8.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 74

77

SAPO - É melhor a senhora dizer!

MULHER - Não, não e não! (SENTA-SE LONGE DÊLES E ESCONDE O ROSTO ENTRE AS MÃOS) CHORA) Ai, meu marido vai brigar comigo.

SAPO - (EM SEGREDOPARA JOSE)- Que dê o casaco?

JOSE - Apanha o capote) Está aqui.

SAPO - Se a gente conseguisse vestir êsse casaco na dona Josefina, num instante ela resolvia falar onde mora.

JOSE - Qual nada, dona Josefina é teimosa!..

SAPO - Garanto que fala...

JOSE - Será?

SAPO - Experimente...

JOSE (INDO ATE A MULHER)- Dona Josefina... não chore, não chore não. Nós não deixamos seu marido brigar com a senhora...

MULHER - Vocês sabem como êle fica, quando está zangado!

JOSE - Pois é... Ele fica uma fera!

MULIER - Me dá cada surra!

SAPO - Covarde!

MULHER - Eu não gosto de apanhar...

JOSE - Nem eu. Apanhar é uma coisa chata!

MULHER - E logo agora que estou cheia de reumatismo... Quase não posso mexer.

SAPO - Ótimo, (SAI A DE UM LADO PARA OUTRO COMENTE)

MULHER - Ótimo, por que?

JOSE - Nós temos um casaco aqui, que cura reumatismo...

MULHER - Cura mesmo?

JOSE - Cura mesmo.

MULHER - Já curou alguém?

JOSE - Já . Mais de mil pessoas!

SAPO - Ótimo! Ótimo!...

MULHER - Deixe-ver aqui... (JOSE ENTREGA O CASACO)

MULHER - (EXAMINANDO)- Hum... Casaco vermelho...

SAPO - Fica-lhe muito bem... As senhora vai ficar uma belezinha de casaco vermelho...

MULHER - Não. Ainda se fosse azul, eu vestiria. Mas vermelho? Não fica bem numa mulher de mágico.

JOSE - Fica linda! Experimente... (A MULHER HESITA, POR FIM SE DECIDE)

MULHER - Como é vovó devo vestir?

VÓVÓ - Desta vez não quero dar opinião. (PARA AS CRIANÇAS) Que é que vocês acham? Deve vestir ou não?

MULHER - Bem, eu vou experimentar... Afinal, não custa nada, não é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.75

3º ATO

CENÁRIO : caverna do Mágico. Corujas empalhadas, esqueletos. Uma grande aranha e uma grande teia. Mesa, cadeiras, degiguais; uma roxa, outras azuis, também outras amarelas. No centro uma trempe, em cima da qual está um caldeirão.

VOVÓ - Conforme vocês viram, a mulher do Mágico acabou contando onde morava. E agora, meus amiguinhos, João e José estão chegando em casa do Mágico. Prestem muita atenção porque não é todos os dias que a gente pode ver um Mágico em casa. Vejam !
(Abre-se o pano. O Mágico mexe o caldeirão com uma enorme colher de pau. Joga dentro da panela umas ervas e continua a mexer.)

MÁGICO - (cantando): Mexe, mexe o caldeirão
até o caldo ferver
Quem beber dêste caldinho
terá vida até morrer !
(batem à porta)

MÁGICO - Quem é ?
MULHER - Sou eu !
MÁGICO - Eu quem ?
MULHER - A tua mulher !
MÁGICO - Estou sentindo cheiro de gente estranha !
MULHER - Sou eu, pode abrir !
MÁGICO - Você está sozinha ?
MULHER - Trago visitas.
MÀGICO - (esfregando as mãos) Visitas ! Ah ! a minha mulherzinha conseguiu justamente o que eu mais desejava ! Só me faltava uma visita para completar a minha feitiçaria. E agora me aparece gente !
(dança) : Mexe, mexe o caldeirão
mexe, mexe até ferver ...
Quem beber dêste caldinho
terá vida até morrer.(abre a porta)
Podem entrar !
(entram a mulher, José e o sapo)

SAPO - (cortesmente) Com licença ...
JOSÉ - Boa tarde ...
MÁGICO - Entrem, entrem ...
MULHER - Boa tarde, meu querido marido ...
MÁGICO - (para José) Como foi que achou o caminho ?
SAPO - Nós queríamos lhe pagar a visita ...
JOSÉ - (tremendo) Pois é ! O senhor esteve na nossa casa. Agora é a nossa vez de vir aqui ... não é ?
MÁGICO - Estou perguntando como foi que chegaram até aqui ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 76

MULHER - Fui eu quem os trouxe. Eles estavam tão aflitos. (Piscando os olhos) Queria tanto pagar a sua visi ta ...

JOSÉ - É mesmo. (com medo) O senhor gosta de visitas, não gosta ?

MÁGICO - Se gosto (dando uma gargalhada) Ah,ah,ah ! Eu estava esperando por vocês ...

SAPO - (para José em voz baixa)- Ele está tramando qualquer coisa ...

JOSÉ - Que nada, ele ficou muito contente, não está vendo ?

MÁGICO - Há muito tempo eu não recebi visitas ... Há mais de trezentos anos. Não, deixe ver ... há duzentos e oitenta ...

JOSÉ - Quantos anos o senhor tem ?

MÁGICO - Oitocentos ...

JOSÉ - Criança ainda ....

MÁGICO - Minha mulher é mais nova do que eu. Tem só 500 anos ...

SAPO - A senhora parece ter muito menos ....

JOSÉ - A gente olhando pensa que tem só uns 400 anos, não é, Sapo ?

SAPO - Uns trezentos e cinquenta ...

MULHER - Ah, isso é mesmo. Ninguem diz. A última visita que veio aqui pensava que eu tinha cento e oitenta anos ... (olha para a coruja empalhada) Coitada !

SAPO - Essa coruja faz parte da mobilia ?

MULHER - (para o marido) Digo ?

MÁGICO - (mexendo o caldeirão, muito alegre) Diga, mulher !

MULHER - Essa coruja foi a última pessoa que nos visitou... Era um rapaz muito valente, não era, meu marido ?

MÁGICO - Muito.

JOSÉ - (tremendo) Rapaz ? E agora é coruja ?

MÁGICO - Foi. Já está empalhada há muitos anos ...Eu o transformei em coruja porque minha mulher queria ter um enfeite por ai nessa canto ...

JOSÉ - (chorando) Por que não comprou uma jarra ?

MÁGICO - Isto aqui é casa de Mágico, seu pateta. Não vê logo que não ficava bem comprar uma jarra ?

JOSÉ - E a aranha ?

MÁGICO - A aranha era uma moça muito faladeira, que passava por aqui cantando todos os dias. Um dia eu a transformei em aranha só para fazê-la calar a boca ...

JOSÉ - Coitadinha ...

SAPO - O senhor não podia dizer a essa moça que calasse a boca ?

MÁGICO - Podia. Mas achei mais fácil transformá-la em aranha. Num instante ela ficou calada ...

JOSÉ - (sentando-se) O senhor não gosta de gente que fala, não é ?

MÁGICO - Não.

JOSÉ - (para o Sapo) Então é melhor a gente calar a boca ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.77

MULHER - Não é preciso. Êle vai dar um jeito de vocês ficarem calados por muitos e muitos anos ...

JOSÉ - Quantos ?

MÁGICO - Uns quinhentos ...

JOSÉ - Meu Deus !

SAPO - (valente) Isso agora é conversa fiada ... Vê lá se êle vai fazer conosco o mesmo que faz com essa pobre gente ...
(apoia-se sôbre uma cadeira)

MÁGICO - Essa cadeira verde que está aí era um camarada igualzinho a você... Já está calado há uns seiscentos anos.

JOSÉ - (dando um salto da cadeira onde se sentou) E esta aqui ?

MÁGICO - Essa era um camarada bobo como você ...

JOSÉ - (alisando a cadeira) Desculpe ... Pensei... que você fosse uma cadeira mesmo !

SAPO - Não seja bobo, José, você não vê que isto não é possível ? Êle está querendo nos meter medo. Mas, comigo não ! Não acredito nessas bobagens !

MÁGICO - Mexe, mexe o caldeirão
mexe, mexe até ferver !

MULHER - Ainda demora muito ?

MÁGICO - Um pouco ...

JOSÉ - (conciliador) Seu Mágico, o senhor não vai fazer nada disso conosco, não é ? Nós somos seus amigos ... Lembre-se de que esteve em nossa casa.

MÁGICO - Não me lembro.

SAPO - Como não ? Nós lhe demos comida ...

MÁGICO - E eu também lhes darei comida ... dêste caldeirão.

JOSÉ - Nós lhe demos dinheiro ...

MÁGICO - Mulher, traga o saco de dinheiro.
(A mulher apanha um enorme saco que entrega a José).

JOSÉ - Obrigado. (para o sapo) Vamos embora ...

MÁGICO - Embora ?

JOSÉ - E' sim, senhor ... Já está ficando tarde ...

SAPO - (irritado) Como ?

JOSÉ - (muito terno) Não precisa não, João. Você está tão bonitinho assim de sapo (puxando-o) Vamos embora ! (arrasta o saco de dinheiro até a porta).

SAPO - Eu faço questão !

MÁGICO - Vocês se esqueceram de uma coisa... (com ar de deboche) Vocês se esqueceram de que eu dormi em sua casa ...

JOSÉ - Pois é: mas não tem importância. Outra vez que nós viermos aqui, nós prometemos dormir também ... (faz menção de sair)

MÁGICO - Ah, ah, ah! Outra vez que vierem ? Pois sim ! Tem que ser hoje !... (para a mulher) Traga as cordas ! (A mulher do mágico traz algumas cordas e o Mágico começa a amarrar José)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 78

JOSÉ - (chorando) Me deixa ! Eu não quero dormir amarrado ! Eu não estou com sono ... (Luta, mas o Mágico pode mais que ele e o amarra completsmente) Ai, ai ...

SAPO - Eu quero ver ele me pegar ! (com mais valentia) Vem Mágico bêsta !

JOSÉ - Diz aquele negócio que a Pincesa ensinou ! Diz, Sapo, diz !

SAPO - Diga você. (salta de um lado para outro, enquanto o Mágico o persegue).

JOSÉ - (chorando) Missecofe, dari, dari dari dari ... Não me lembro !

SAPO - (fugindo do Mágico que avançou para êle) Eu me lembro ! Vem, Mágico de uma figa ! (tropeça numa cadeira)

JOSÉ - (cuidadoso) Não machuque o rapaz !

SAPO - (para a cadeira) Desculpe ! Vem, desgraçado que eu te ensino ! Quem vai dormir é você, ouviu ? E vai dormir mil anos !

JOSÉ - Fala logo ! Deixa de contar prosa ... Depois êle dorme o tempo que quiser ! Diz aquele versinho da Princesa !...

SAPO - Digo mesmo ! (com imponência) :

Missecofe dari, dari, tira liro
Kli, clofee, café, dari, dari, dari, dari ...

JOSÉ - Continua !

SAPO - Dari, dari ...

JOSÉ - (chorando) Foi no dari, dari que eu me encrenquei ...

SAPO - Dari, dari, dari .... (desesperado) Dorme Mágico !

MÁGICO - (dando uma gargalhada) Dorme o que ? (agarra o sapo e começa a amarrá-lo também) Vocês dois, sim, é que vão dormir um belo sono.

MULHER - Eu quero o sapo para servir de escrevaninha. A gente coloca uma tábua aqui em cima e pronto. Não fica bonito ?

SAPO - Bonito coisa nenhuma ! Eu quero ir embora !

JOSÉ - E eu ? Com certeza vou virar uma cadeira azul ...

MULHER - Cadeira, não, poltrona, (para o marido) Uma poltrona côr de laranja.

JOSÉ - (chorando) Ah, meu Deus, quando me lembro que passei dois dias e duas noites andando para chegar aqui e virar mobília de Mágico.

MÁGICO - Você não vai virar mobilia, não.

JOSÉ - Que sorte !

MULHER - Como não ?

MÁGICO - Eu preciso dele para outra coisa.

MULHER - Mas eu quero uma poltrona !

JOSÉ - Olhe aqui, minha filha, deixe seu marido resolver. Se ele não quer que eu vire poltrona, paciência ...

MÁGICO - Não quero mesmo.

SAPO - Eu não quero também !

JOSÉ - Você não é poltrona, é escrevaninha. Cale a boca.

MULHER - (zangada) Mas você me prometeu ! Você me prometeu !

JOSÉ - Fica para outra vez ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.79

24

MÁGICO - Eu preciso dele.
JOSÉ - (contente) Viu ? Ele precisa de mim. Nada de poltronas, dessa vez.
MÁGICO - (para a mulher) Não se aborreça. Você se lembra da receita desta sopa ?
MULHER - Lembro. Você sabe que eu nunca me esqueço de nada...
MÁGICO - Como era ?
MULHER - Água da serra colhida às 3 horas da manhã, 2 olhos de cabrito, perna de lagarto, gordura de baleia, trombas de elefante, ovos de pombos cinzentos e fígado de alfaiate.
JOSÉ -(aflito) Mau, mau !
MÁGICO - Está faltando só o fígado de alfaiate ... (Dá a colher a ela) Prove aqui.
MULHER - Otima ! Mas você enqueceu tambem dos ovos de pombos ...
JOSÉ - Fígado de alfaiate tem gôsto ruim ...
MÁGICO - (sem lhe dar importância) É verdade. Você saiu para arranjar... Arranjou ?
JOSÉ - Fígado de alfaiate é amargo, azêdo, salgado ...
MÁGICO - Cale a boca ... Você daqui a pouco vai para a panela !
JOSÉ - (chorando) Eu não ! Eu prefiro ser poltrona !
MULHER - Primeiro é preciso quebrar aí dentro os ovos de pombos ...
MÁGICO - Onde estão ?
MULHER - Eu ... isto é ... eu ...
MÁGICO - Não arranjou ? Eu lhe disse que era só montar na vassoura e fui para os lados de Mato Grosso ...
MÁGICO - E então ?
JOSÉ - A vassoura encrencou no caminho ...
MULHER - É isso mesmo...
MÁGICO - Não é possível. Uma vassoura novinha. Eu nunca tive uma que fosse tão boa !
JOSÉ - Pois é: essas vassouras ultimamente não valem nada. Quebram atôa ...
MÁGICO - Quebram ? Quer dizer que você quebrou minha vassoura de estimação ?
MULHER - Não se sangue, meu bem. Foi por acaso . Eu não tive culpa ...
MÁGICO - Não teve culpa o que ! Você estraga tudo que eu tenho ! Bem que eu lhe disse que não saísse com aquela vassoura ! Não disse ?
MULHER - (chorando) - Disse ...
MÁGICO - Mas você é teimosa ! (avança para ela) Você é uma mulher impossível! Vou passar mais 30 anos arranjando outra vassoura ! (apanha um pedaço de pau) Mas antes disso hei de lhe ensinar como é que se cuida das coisas ! (corre para a mulher. A mulher corre, também fugindo) Eu te ensino relaxada !
JOSÉ - (acompanhando a luta) Sobe em cima da cadeira. Corre para o outro canto. Cuidado com a aranha! Volta daí senão ele te pega !
MÁGICO - Cale a boca que você está me atrapalhando !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 80

SAPO - Não me conformo. Como é mesmo ? (procura lembrar-se do versinho) Salta conforme pode, ainda que amarrado) Missecofe ...

MULHER - Não me bate ! Perdão, perdão !

MÁGICO - (agarrando-a) Perdão ? Você vai ver ! (ergue o cacete e começa a bater na mulher).

SAPO - Como é mesmo ? Como é mesmo ?

VOVÓ - Não deixe que seu marido lhe bata, minha filha! Reaja ! Diga aquele versinha que a Princesa ensinou. Você sabe, sim . Você nunca se esquece de nada.

MULHER - (desesperada)

Missecofe daridari dari liro
Kli, clofe clafe, dari dari dari don from from
Malacafun, malacafun clinfoide
Chiribibi, chiribibi, magá !
Tum (
Zaravai, otim, marabum dispin
Requequé, requequé
Ó rinhanhã. Ô rinhanhã
Pingolim, pim, pim !

(O Mágico cai adormecido instantaneamente)

Meu marido ! Ah, meu Deus, que fiz eu ?

SAPO - A senhora escapou de boa !

MULHER - Que fazer agora ? (sacode o marido) Acorda, querido! Acorda !

JOSÉ - Me desamarra que eu dou um jeito nele.

SAPO - É isso mesmo. Basta desamarrar a gente. Num instante.

MULHER - Vocês prometem ? Vocês fazem ele acordar ?

JOSÉ - Num instante. Eu prometo. (A mulher desamarra José. Este assim que se vê livre, amarrar a mulher do mágico com toda a rapidez) Pronto, serviço limpo !

MULHER - Você prometeu ! (José vai até onde está o Sapo e desamarra-o)

JOSÉ - Eu prometi e cumpro. Vou fazer com que êle acorde.

MULHER - Mas então por que o senhor me amarrou ?

SAPO - Não se preocupe. A senhora não sofrerá nada. Vai apenas fazer uma viagem.

MULHER - Para onde ?

SAPO - Até a casa do Rei ...

JOSÉ - Ele vai acordar na casa do rei. E é para lá que nós vamos agora. (Para o sapo) Vamos. (para a mulher) A senhora vai andando mesmo que eu não posso carregar dois ... (bota o Mágico nas costas) Vamos ...

SAPO - (abrindo a porta) Pode passar, minha senhora.

MULHER - (com raiva) Traidores ! (Para José) Passe você na frente (para João) Sapo horroroso.

SAPO - Primeiro as senhoras ... depois os sapos.
A mulher sai. O sapo fica segurando a porta para José passar com o Mágico às costas.)

JOSÉ - Vai na frente, Nós somos muito amigos, tal e coisa, mas eu não aguento sapo pulando atrás de mim !

79

P A N O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 81

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.82

Cenário : Casa do Rei. O Rei está sentado numa cadeira de espaldar bem alto. A seu lado, uma cadeira menor, onde está a Princesa. Junto de ambos o Primeiro Ministro. Um grande relógio num canto.

VOVÓ - Agora, meus netinhos, vejam o que se passou na casa do Rei, para onde João e José levaram o Mágico dormindo ... E a mulher do Mágico, toda amarrada !

REI - (sacudindo o cetro) Não é possível que já se tenham passado 3 dias.

PRINCESA- Uns dias tão curtinhos que nem deram para nada !

MINISTRO- Entretanto, Majestade, é verdade. Já se passaram os 3 dias do prazo. Aliás, (olha para um grande relógio) faltam apenas 3 minutos para que se extinga completamente o tempo que Vossa Majestade lhes concedeu. Ah, esses alfaiates são uns indivíduos sem palavra, sem escrúpulos. São uns patifes ! .... (mudando de tom) Posso mandar meus soldados prendê-los, onde quer que os encontrem ?

REI - Eu acho que não devo assinar a sentença de morte antes que o prazo esteja completamente esgotado.

PRINCESA- Faltam ainda 3 minutos ! (para o relógio) Ó relógio, seja bonzinho! Vá bem devagar, mas bem devagar mesmo, para dar tempo dos rapazes chegarem ! (o relógio sai do canto, faz uma reverência e começa a andar para traz, bem de mansinho) Obrigada !

MINISTRO- Ah, é assim que sua Alteza faz ? Quando se trata de prender dois perigosos alfaiates que andam à solta pela rua, atropelando os Reis, Vossa Alteza pede ao relógio que ande devagar. No entanto, não teve pena dos meus dois sobrinhos que ainda estão no calabouço !

PRINCESA- Tive pena, sim, ministro. Mas os seus sobrinhos roubaram tanto o Tesouro que não era possível deixar de prendê-los.

MINISTRO-Faltam dois minutos, quer assinar a sentença ?

REI -Espere um pouco...

PRINCESA-Ah, se eles me trouxerem o Mágico !

REI -Pouco me importa o Mágico, eu quero é o meu casaco !

MINISTRO-Quer ter a bondade de assinar agora ? Está em cima da hora.

RELÓGIO -Faltam sessenta segundos ! Não enxerga ?

MINISTRO-Sessenta segundos passam num instante.

RELÓGIO -Vou dar um jeito de demorar ...

MINISTRO- (para o relógio) Você é assim mesmo ... Vive adulando a Princesa.

(ruido de vozes)

PRINCESA- São eles !

REI - (para o Ministro) Vá ver !

MINISTRO-(indo até à porta) Majestade, vejo um sapo repugnante que se aproxima, acompanhado de uma mulher e mais ...

SAPO - (entrando) Dá licença ? Aqui estamos nós, conforme lhe havíamos prometido ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.83

28

81

MINISTRO -(muito contente) Exatamente o que eu desejava para o Jardim Zoológico ! Um sapo que fala !

SAPO - Para o Jardim Zoológico vá o senhor !
(entram : José carregando o Mágico e a mulher)

JOSÉ - Pronto, seu Rei. Viemos ou não viemos ? (para a Princesa) Aqueles versinhos são formidaveis. Pra mim êle não acorda nunca mais!

REI - Sim, pelo que vejo, conseguiram descobrir o Mágico. Esse que está aí é o Mágico, não é ?

SAPO - Sim, Majestade, ainda que um tanto adormecido...

REI - Adormecido ! Então, êle dormiu no caminho ?
(para o Ministro) Acordai-o !

JOSÉ - (para o Sapo) Agora é que eu quero ver !

SAPO - Deixe o Ministro se esforçar !

MINISTRO - (sacudindo o Mágico) Acorde, homem ! Não vê que é falta de respeito dormir diante do Rei ? Acorde, acorde !

SAPO - Duvido !

MINISTRO - (sacudindo-o irritado) Acorde !

JOSÉ - (para a Princesa) - Tem algum versinho aí que sirva para acordar?

PRINCESA - Nenhum.

SAPO - (rindo) Ah,ah,ah! Está dificil, heim ?

MINISTRO - (sacudindo o Mágico) Acorde ! (para o Sapo) Não éstou pedindo a sua opânião.

SAPO - Agora é que eu quero ver. O senhor não é Ministro ? O senhor não acha que sou um sapo horrível ? Pois é ! Mas quem é que não consegue acordar o Mágico ?

MINISTRO - Eu o acordarei ! (ameaçador) Não me aborreça !

SAPO - O Rei está ficando cansado de esperar. Que é que acontece quando um súdito não obedece às ordens do Rei ?
(Pagens aparecendo subitamente, fazendo o gesto de cortar o pescoço).

PAGENS - Lésco !

MINISTRO - Saia ! (para o Rei) Majestade, esse sapo horrível está me perturbando ! Peço-lhe que o mande embora ! (para o Mágico) Acorde.

REI - Ele não deixa de ter razão. Quando dou uma ordem e não sou obedecido ...

PAGENS - (voltando) Lésco !

MINISTRO - Já sei ... Já sei ...(para o Mágico) Acorde ! (para o sapo) Saia daqui !

SAPO - Eu não !

MINISTRO - Saia !

JOSÉ - Sai, João. Você não vê que o seu Ministro está nervoso ?

SAPO - Mas que quero ver com que cara êsse homem vai acordar !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 84

29

JOSÉ - (levando-o até a porta) Depois eu te conto ...(Sai o Sapo)

MULHER - Eu sei que êle não vai acordar nunca mais ! Uma vez ele pegou no sono e dormiu trinta e cinco anos !

MINISTRO- Quem é a senhora ?

MULHER -Sou a mulher do Mágico.

MINISTRO -Ele dormiu trinta e cinco anos ? E que foi que a senhora ficou fazendo durante todo esse tempo ?

MULHER -Aproveitei para dar uma limpeza na nossa casa. Tinha tanta poeira!

MINISTRO -E como foi que ele acordou ?

MULHER - Com uma raiva que só vendo !

JOSÉ - Foi isso mesmo que me disseram... Mágico quando acorda é um inferno ...

MINISTRO - Cale a boca ! (para o Mágico) Acorde ! !

JOSÉ - (ajudando) Acorde, senão o Ministro vai ficar mal ! O Rei não está gostando da demora !

MINISTRO - Só eu que vou ficar mal ?

JOSÉ - Ué, e então ? Não é você quem tem que acordar o Mágico ?

MINISTRO - E se ele não acordar ?

JOSÉ - Lesco !

MINISTRO - Se ele não acordar, não desencantará o casaco. Se ele não desencantar o casaco ... já se sabe ! Quem é que vai perder a cabeça ?

JOSÉ - (chorando) P'ra que que o senhor foi se lembrar ? Eu já tinha até me esquecido ! Ai, meu Deus ! (para a Princesa) A senhora não sabe mesmo nenhum outro versinho ?

PRINCESA - Não.

JOSÉ - Acorde, seu Mágico ! Deixe de bobagem ! (fazendo-lhe cócega nos pés) Ui,ui,ui! Acorde, bobinho ! Deixe de brincadeira!

MINISTRO - Acho que podemos perder as esperanças ...

JOSÉ - Qual nada ! (sacudindo-o) Eu hei de dar um jeito ! Eu faço ele pular ! (sacode-o com muita fôrça e com orgulho) Viu ? Eu sou quase igual ao casaco encantado ! (lembrando-se) Ah! o Casaco Encantado ! Se nós o vestíssemos com o casaco encantado ?

MINISTRO - O que é que acontece ?

REI - Ele vai pular como um desesperado ! Eu que o diga !

MULHER - E eu também !

JOSÉ - Eu também.

MINISTRO - Será mesmo bom ?

JOSÉ - (desembrulhando o casaco e enfiando-o no Mágico) Vamos ver isso agora ! Já começou ? (O Mágico põe-se de pé e desanda a saltar) Está funcionando !

MÁGICO - Ui,ui! Que é isto ? Onde estou ?

JOSÉ - Acorde primeiro que depois eu digo.

MÁGICO - Já acordei ! Que é isto ? Parem com isto ! Tirem êste casaco de cima de mim !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.85

83
30

JOSÉ - Você promete desencantar o sapo ?
MÁGICO - (pulando) Prometo !
JOSÉ - Então desencanta !
MÁGICO - (indo até a porta, pulando sempre) Está desencantado ! (faz uns gestos cabalísticos) Ui, ui agora me tirem o casaco!
JOÃO - (abraçando José (aparecendo) - Ah, meu amigo ! Que saudade que eu tinha de ser gente outra vez ! (Mágico continua pulando)
JOSÉ - Ah, João, como você está bem disposto ! (esquecendo o Mágico, que continua pulando) Aqui entre nós, eu dizia que você estava bonitinho de sapo, mas não era verdade. Você era um sapo danado de feio ! (ri)
JOÃO - (ofendido) Deixe disso. Até que como sapo, eu era bem simpático.
JOSÉ - (caçoando) Feio p'ra burro !
JOÃO - Não seja exagerado !(beijando a mão da Princesa) Não é verdade, Princesa, que eu não era tão feio, assim ?
PRINCESA - Era um amor de sapo !
MÁGICO - Párem com essa conversa ! Já estou cansado ! (continua pulando)
JOSÉ - Cansado o que ! Você dormiu muito e agora precisa de exercício.
MÁGICO - Tenham pena de mim !
MULHER - Coitado !
JOSÉ - Quer mesmo que eu tire esse casaco ?
MÁGICO - Sim, não agüento mais !
JOSÉ - Você promete que não baterá mais na sua mulher ?
MÁGICO - Prometo !
MULHER - Que bom !
JOSÉ - E promete desencantar esse casaco ?
MÁGICO - Prometo. Mas assim vestido com ele não posso !
JOSÉ - Eu vou tirar.
(Tira o casaco e o Mágico cai sentado, exausto.) Cansadinho, heim?
MÁGICO - (limpando o suor) É verdade ! (erguendo-se) Tambem assim que desencantar esse casaco vou embora. Deus me livre ! ... (apanha o casaco)
REI - Um momento ! (Todos se voltam para êle) Deixem o casaco conforme está ...
PRINCESA - Oh, meu pai ...
JOSÉ - Ué ... Depois de tanta perseguição, depois da gente ter apanhado tanto, corrido tanto perigo, o senhor quer o casaco encantado do jeito que está ?
REI -Sim! Brevemente o Rei meu vizinho virá me visitar. É um Rei mau e ambicioso. Sei que deseja se apoderar de metade do meu Reino. E para isso, talvez me declare guerra ...
JOSÉ - Que é que o casaco tem a ver com isso ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 86

REI - Ah ! Se ele tiver mesmo a intenção de me declarar guerra, visto-lhe o casaco encantado !

JOSÉ - Bem lembrado !
(entrega o casaco ao Rei)

MÁGICO - (para a mulher) Vamos embora !

MULHER - Mas eu estou amarrada, Por que ?

JOSÉ - Esquecimento ...

MÁGICO - E também porque não presta atenção nas coisas que lhe ensino. Onde já se viu uma mulher de mágico tão sem prática ? Saiba que mulher de Mágico tem que ser tão mágica quanto o marido ! Quando entra numa história deve fazer mágicas também ... E você, que foi que fez nesta história ?

MULHER - Bem ... dessa vez eu entrei nesta história e fiz algumas tolices. Mas da próxima vez... Ah, vocês hão de ver ! Encontrarei Reis e rainhas ... E se encontrar um Príncipe tambem, mas que seja bom, corajoso, belo e honesto, hei de trazê-lo até aqui. Sabem para que ? Para que conheça a nossa Princesa ! Conhecendo a nossa Princesa, ele se apaixonará por ela. Apaixonando-se, há de se casar. E casando terão muitos filhos ...

PRINCESA - Ah ... ela deve estar falando do Principe Dagoberto !

JOSÉ - Quem é o Principe Dagoberto ?

PRINCESA - Um principe belo, valente, honesto, um amor !

JOSÉ - (para a mulher do Mágico) Da próxima vez que a senhora entrar numa história não deixe seu marido andar viajando, não, sim?

MULHER - Quem sabe ?

MÁGICO - Vamos todos embora . Essa história já acabou !
(Puxa a mulher e se dirige para a porta) Adeus, adeus !

JOSÉ - Adeus ! (para a Vovó) Adeusinho, sim ?

JOÃO - Adeus, minha gente !

PRINCESA - Um momento ! (Todos se detem) Antes do senhor ir embora quero que faça ainda uma pequena mágica...

MÁGICO - Pois não, Alteza. Que ordena ?

PRINCESA - Faça chover balas de frutes para os meus netinhos.

MÁGICO - Com prazer ! (Faz uns jestos cabalísticos. As balas deverão cair sôbre os espectadores. Música, aduses, até que cáia completamente o pano).

- P A N O -

Fim

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

65
M

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.87

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O CASACO ENCANTADO.

b) Título original:

c) Autor: LÚCIA BENEDETTI

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: LIVRE.

II) Análise ESTA PEÇA JÁ FOI CENSURADA E TEM

a) Gênero: O CERTIFICADO Nº 525/68, DE 14/8/68.

b) Argumento: TEM O MESMO AUTOR E O TEXTO NÃO DIFERE DO ANTERIOR, PODENDO, DESTA FORMA, SER LIBERADO COM A CLASSIFICAÇÃO ANTERIOR, OU SEJA, LIVRE.

c) 1 - Mensagem:

2 - Impressão final:

d) Diálogos:

e) Cenas:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.88

f) Personagens:

g) Valor educativo:

III) Conclusão

Brasília, 05 de DEZEMBRO de 1969.

Wilson Queiroz Garcia

Técnico de Censura - Cart. nº 013

Sr. Chefe da Seção de Censura

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o voto do Técnico de Censura Credenciado WILSON QUEIROZ GARCIA, que a examinou

TÍTULO :- O CASACO ENCANTADO
AUTOR :- LUCIA BENEDETTI
REST. :- LIVRE

EM, 09-12-69

TCTC-SC-SCDP

À consideração do Senhor Chefe do SCDP.

Em 9/12/69

À TCTC

M3202-69.

9.12.69

DPF-SAv.192

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 89

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Divisão de Diversões Públicas - Serv. D. P. F.

Certificado Nº 2106/69

PEÇA -/ O CASACO ENCANTADO /-

ORIGINAL DE LUCIA BENEDETTI

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 09 de DEZEMBRO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

Brasília, 09 de DEZEMBRO de 19 69

ap/

Chefe do S. C. D. P. CONSTÂNCIO MONTEBELLO-SUBSTITUTO

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 66, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -O CASACO ENCANTADO-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.90

Original de LUCIA BENEDETTI

Tradução de

Adaptação de

Produção de GHUMOEHN-GRUPO MONTAGENS INFANTIS-Rua Bacurí,156-João Pinheiro B.Horizonte-MG

Tendo sido censurada em 05 de DEZEMBRO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: L I V R E --- NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE ---

O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

Brasília, 09 de DEZEMBRO de 19 69

Divisão de Diversões Públicas D.P.F.

RUBENS GARIGAN PINTO
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.91

47
M

348/69-TCTC
09-12-1969

Chefe do SCDP
Sr. Delegado Regional do DPF/MG
Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico [illegible]-te Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça teatral "O CASACO ENCANTADO", de Lúcia Benedetti;

2. enviar a êste SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,

3. entregar script à certificado anexo ao interessado - qualificado no verso do certificado - sòmente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do ítem 2.

Atenciosamente,

Recebi
9/12/69

CONSTÂNCIO MONTEBELLO
Chefe do SCDP-Substituto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p 92

D.F.S.P.
005961 | 19FEV70

98
M

Serv. de Diversões Públicas
70/70
D.P.F.
20/2/70

À S. Censura
20/2/70
Qua.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL EM MINAS GERAIS

Para resposta favor mencionar número, data e sigla deste expediente

Em, 18 de fevereiro de 1970

Of. nº 483/70/PS/TCDP/DR/MG

Do Delegado Regional do DPF, em Minas Gerais
Ao Exmo. Sr. Diretor-Geral do D.P.F. -Brasília DF.
Ass. Relatório (remete)

Senhor Diretor-Geral

Em atenção ao mem. nº 348/69-TCTC, de 9-12-69, encaminho a V.Ex. o relatório que nos foi presente pelo Chefe da TCDP, que, tendo determinado ao Fiscal de Censura Augustus Gribel, êste compareceu á prévia da peça infantil, "O Casaco Encantado", de Lúcia Benedetti.

RELATÓRIO -"Senhor Chefe da TCDP-MG - Consoante determinação de V.Sa., comparecemos ao Teatro Marília, na noite de sexta-feira última, dia 13 do corrente, onde se realizou o ensaio / da peça teatral infantil "O Casaco Encantado", de Lúcia Bene - detti, que estreiou naquela casa de espetáculos na noite se - guinte, segundo estava préviamente anunciado.

Peça conhecida, de execução sem fundo musical, destinada a crianças, sob a direção de Júlio Kirino na presente apresentação, o trabalho realizado corresponde ao esfôrço, com absoluta obediência ao "script". Nada, por conseguinte poderá ser anotado que viesse marcar mais essa apresentação de "O Casaco Encantado". É o que nos cumpria relatar, para os devidos efeitos e conhecimento de V.Sa. Belo Horizonte, 16 de / fevereiro de 1970.-Ass. Augustus Gribel-Redator-Fiscal de Censura".

Na oportunidade renovamos a V,Ex., os protes-

Continúa a Fls. 2-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 93

protestos de elevada estima, consideração e respeito.

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 1970

Dr. ANTONIO EMILIO ROMANO
Delegado Regional do DPF/MG

DRA - DA - D. P. F.
RECEBI - 19/2/70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 94

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CÓPIA PARA CONTRÔLE DO D. C. T.

DEP. FEDERAL SEG. PÚBLICA
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
SETOR CENTRO DE MENSAGENS
Recebido 15 / 2 / 70 Hr. 1890
Encaminhado - / / Hr
AS-

90

DRMG

46-TCTC 23 02 70

TENDO VISTA REL ENSAIO GERAL PEÇA ASPAS C CASACO ENCANTADO ASPAS VG AUTZO ENTREGA DOCUMENTAÇÃO INTERESSADO PT SDS CH SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 95

Botucatu, 20 de agôsto 1970

Caro Senhor

Peço por gentileza a censura da peça anexa a esta.

Desde já muito obrigado

José Roberto Pereira Viana

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P. 1405/70 26/8/70

Botucatu Estado de S. Paulo

José Roberto Pereira Viana
Rua Senhor José Francisco 643
Vila dos Lavradores. Botucatu. Est. S. P.

Este é o meu endereço para ser enviado qualquer correspondência.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 96

97
M

LÚCIA BENEDETTI

O CASACO ENCANTADO

PEÇA EM 3 ATOS

PERSONAGENS

JOÃO
JOSÉ
MÁGICO
MULHER DO MÁGICO
REI
PRINCESA
MINISTRO
RELÓGIO
PAJENS
MANEQUIM
VOVÔ

RECEBI O EXPEDIENTE
REF. À PEÇA
BRASÍLIA, 21/09/70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p 97

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

Departamento de Polícia Federal
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES
S. O. - CMG
Recebido em 2/9/70 às 1445
Encaminhado a:
Em ___/___/___ às ___
Rubrica:

TCDP-DR/SP

174-TCTC 02 09 70

SOLICITO ENTRAR CONTACTO SR JOSÉ ROBERTO PEREIRA VIANA VG RUA TENENTE JOÃO FRANCISCO VG 643 VG VILA DOS LA - -VRADORES VG BOTUCATU VG ESCLARECENDO DEVERAH ENVIAR COMPROVANTES DIREITOS AUTORAIS PEÇA TEATRAL ASPAS O CASACO ENCANTADO ASPAS VG AUTORIA LUCIA BENEDETTI VG SEM QUE A MESMA NÃO PODERAH SER CENSURADA PT SDS CH SCDP.

pelo Chefe SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 98

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

a4

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

Departamento de Polícia Federal
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES
S. O. - CMG
Recebido em 2 / 9 / 70 às 1445
Encaminhado a:
Em / / às
Rubrica:

TCDP-DR/SP

174-TCTC 02 09 70

SOLICITO ENTRAR CONTACTO SR JOSÉ ROBERTO PEREIRA VIANA VG RUA TENENTE JOÃO FRANCISCO VG 643 VG VILA DOS LA - -VRADORES VG BOTUCATU VG ESCLARECENDO DEVERAH ENVIAR COMPRO- VANTES DIREITOS AUTORAIS PEÇA TEATRAL ASPAS O CASACO ENCANTA DO ASPAS VG AUTORIA LUCIA BENEDETTI VG SEM QUE A MESMA NÃO PODERAH SER CENSURADA PT SDS CH SCDP.

pelo Chefe SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 99

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

COPIA PARA CONTRÔLE DO D. C. T.

Departamento de Polícia Federal
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES
S. O. - CMG
Recebido em 2 9 / 70 às 1445
Encaminhado a:
Em / / às
Rubrica:

TCDP-DR/SP

174-TCTC 02 09 70

SOLICITO ENTRAR CONTACTO SR JOSÉ ROBERTO PEREIRA VIANA VG RUA TENENTE JOÃO FRANCISCO VG 643 VG VILA DOS LA - -VRADORES VG BOTUCATU VG ESCLARECENDO DEVERAH ENVIAR COMPRO- VANTES DIREITOS AUTORAIS PEÇA TEATRAL ASPAS O CASACO ENCANTA DO ASPAS VG AUTORIA LUCIA BENEDETTI VG SEM QUE A MESMA NÃO PODERAH SER CENSURADA PT SDS CH SCDP.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

96

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.100

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O CASACO ENCANTADO

b) Título original:

c) Autor: LUCIA BENEDETTI

d) Tradutor:

e) Diretor: JOSE ROBERTO PEREIRA VIANA

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: LIVRE

II) Análise

a) Gênero: TEATRO INFANTIL

b) Argumento: ESTÓRIA DE 2 COSTUREIROS QUE FAZEM UM CASACO PARA O REI, PORÉM ESTE É ENFEITIÇADO POR UM MAGICO. PASSAM OS 2 COSTUREIROS A PROCURAREM O MAGICO PARA DESFAZER A MAGICA NO CASACO, POIS TINHAM SIDO / CASTIGADO COM A PENA DE MORTE. A PRINCESA AJUDA AOS 2 COSTUREIROS A ENCONTRAREM O MAGICO, TERMINANDO POR ENCONTRA-LO NA FLORESTA, LEVANDO-O A PRESENÇA DO REI. ENTÃO O MAGICO DESFAZ A MAGICADO CASACO, COMO / TAMBEM TRANSFORMA O SAPO EM JOÃO.

c) 1 - Mensagem: BOA, POIS TRATA-SE DE UMA PEÇA PARA UM PUBLICO INFANTIL

2 - Impressão final: BOA, MOSTRA QUE AS PESSOAS BOAS SEMPRE VECEM AS MÁS

d) Diálogos: BOM, DE FACIL CAPTAÇÃO PARA O PUBLICO INFANTIL

e) Cenas: A VISTA DO ENSAIO GERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 101

f) Personagens: COMUNICATIVOS

g) Valor educativo: BOM

III) Conclusão É UMA PEÇA EM QUEV A AUTORA VISOU O ENTRETERIMENTO DO PUBLICO INFANTIL, OFERECENDO UM PUNHADO DE CENAS FANTASIOSAS.

Brasília, 17 de SETEMBRO de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº 407
WILSON CAMARGO

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do Técnico de Censura WILSON CAMARGO, que a examinou.

Título: O CASACO ENCANTADO
Autor : LUCIA BENEDETTI
Restr,: LIVRE

Obs.: Peça infantil já liberada anteriormente com a mesma classificação.

Em 17 de setembro de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.102

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

97
M

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3029/70

PEÇA ==="O CASACO ENCANTADO"===

ORIGINAL DE LUCIA BENEDETTI

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 18 de SETEMBRO de 19 75

Brasília, 18 de SETEMBRO de 19 70

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 95, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O CASACO ENCANTADO "

Original de LUCIA BENEDETTI

Tradução de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 103

Adaptação de

Produção de JOSÉ ROBERTO PEREIRA VIANA - Rua Ten. João Francisco/BOTUCATU-

Tendo sido censurada em 17 de SETEMBRO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: LIVRE (CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL)-

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 18 de SETEMBRO de 19 70

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF-SAv. 150

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

a8
M

MEMº Nº 66770-TCTC DATA: 21/ 9/1 970

DO: CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
AO: SR. CHEFE DA TCDP/DR/ SP
ASSUNTO: PROVIDÊNCIAS (SOLICITA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.104

Sr. Chefe,

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue tôda a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste Serviço esteja de acôrdo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatório.

PEÇA : O CASACO ENCANTADO
AUTOR : LUCIA BENEDETTI
INTER.: JOSÉ ROBERTO PEREIRA VIANA
ENDER.: R. TEN. JOÃO FRANCISCO, BOTUCATU/SP

Atenciosamente,

O Encanto

PROF. WILSON T. DE AGUIAR
CHEFE DO SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.105

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS
25 FEV 1972
06696
RECEBIDO POR:

a 9
µ

Do Sr Presidente do
TEATRO DE AMADORES UNIDOS
NATAL / RN

Ao Ilmo Sr
CHEFE DO SCDP
EDIFICIO DO BNDE
4º Andar / BRASILIA / DF

JESIEL MACIEL DE FIGUEIREDO, presidente do TEATRO DE AMDORES UNIDOS, Natal, RN, vem muito respeitosamente, solicitar a LIBERAÇAO da Censura Federal, para as PEÇAS INFANTIS - " O CASACO ENCANTADO ", de Lucia Benedetti, CHAPEUZINHO VERMELHO, de Maria Clara Machado, A REVOLTA DOS BRINQUEDOS, de Pernambuco de Oliveira, JOAOZINHO ~~MAIS~~ E MARIA, de Daniel Rocha e a " FORMIGUINHA QUE FOI A LUA", de Zuleika melo.

TODAS ESTAS PEÇAS estão contidas, no livro editado pelo SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO, selecionado por Lucia Benedetti, e do qual seguem TRES EXEMPLARES, acompanhadas de correspondente Certificado da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.

Salientamos que estamos enviando todas estas peças infantis e mais algumas, devido a necessidade e difculdades de manter um Teatro Infantil Permanente, todos os Domingos, no Teatro Alberto Maranhão desta cidade, e apelamos para a compreensão de V. S., para que neste particular sejamos atendidos com urgência, levando-se em conta a atividade educativa que estamos empreendendo.

Certos de sua compreensão,
Nestes termos,
P. deferimento.

Jesiel Maciel de Figueiredo

JESIEL MACIEL DE FIGUEIREDO
RESIDENTE A RUA PRINCESA ISABEL / 743, e atuando no TEATRO ALBERTO MARANHÃO, RIBEIRA em Natal /RN
Natal, 17 de fevereiro de 1971

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 106

Direitos de Representação — Autorização Nº 209560

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-932, a representação da peça teatral:

"ASAÇO ENCANTADO", CHAPEUZINHO VERMELHO", "A REVOLTA DOS BRINQUEDOS", "JOAOZINHO E MAIS MARIA", "A FORMIGA QUE FOI A LUA "

Originais de Lucia Benedetti, Maria C. Machado, Pernambuco de Oliveira, Daniel da Silva Rocha, e Zuleika Mello, repectivamente.

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro Alberto Maranhão Cidade NATAL/ RN

nos dias de DOMINGO, dos Meses correspondente ao ano letivo de 1971

sob a condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10 % da renda bruta de cada espetáculo, mediante

a garantia mínima de Cr$ (1/2 salário) por espetáculo, obrigando-se

a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilisando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados

a via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 107

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorisação, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legítimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n, 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções ai realisadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realisarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.108

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

101

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: " Teatro Infantil "

b) Título original: O CASACO ENCANTADO

c) Autor: Lúcia Benedeti

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia: Tetro de Amadores Unidos , Natal RN

h) Classificação da Censura: Censura Livre

II) Análise

a) Gênero: Peças Infantis

b) Argumento: Lúcia Benedeti reuniu num livro diversas peças tôdas com temas infantis abordandando temas próprios ao público que se destina, que trazem enrêdos conhecidos adaptados pela autora ao teatro. São elas:

1) O Casaco Encantado de Lúcia Benedeti
2) Chapéuzinho Vermelho de Maria Clara Machado
3) A Revolta dos Brinquedos de Pernambuco de Oliveira
4) Joãozinho mais Maria de Daniel Rocha
5) A Formiguinha Que Foi à Lua de Zuleica Melo

c) 1 - Mensagem:

Dentro do entretenimento apresenta lições de moral variando dentro dos temas apresentados.

2 - Impressão final: Peças para teatro infantil interessantíssimas e sugestivas.

d) Diálogos: Apropriados aos temas.

e) Cenas: Condicionadas ao ensaio geral .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.109

f) Personagens: Característicos das estórias apresentadas.

g) Valor educativo: Visa entretenimento.

III) Conclusão Conjunto de peças de autores variados com temas apropriados ao público infantil. Opino sejam liberadas com censura livre.

Brasília, 10 de março de 1971

Técnico de Censura - Cart. nº 036
Vilma Duarte do Nascimento.

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho as peças abaixo indicadas, com o parecer do Técnico de Censura VILMA DUARTE, que as examinou.

Títulos: O CASACO ENCANTADO, Autoria de Lúcia Benedetti
CHAPEUZINHO VERMELHO, Autoria de Maria Clara Machado
A REVOLTA DOS BRINQUEDOS, Autoria de Pernambuco de Oliveira
JOÃOZINHO MAIS MARIA, Autoria de Daniel Rocha
A FORMIGUINHA QUE FOI À LUA, Autoria de Zuleika Melo

Restr.: L I V R E

Obs: Tôdas estas peças são do gênero Infantil, e foram liberadas sem restrição, nas diversas vêzes em que foram censuradas por êste SCDP.

Em 10 de março de 1971
ANTÔNIO DE PÁDUA CARVALHO ALVES
T.C.T.C.

Libere-se.
Em 18/3/71.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Memº. nº 156/71-SCDP Brasília, 24 /03 /1 971

102

DO : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

PARA : Sr. Chefe da TCDP- DR/R G DO NORTE

ASST. : Providências (solicita).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.110

Senhor Chefe :

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça : Várias peças infantis

Autor : diversos

Inter.: Jesiel Maciel de Figueiredo

Endço.: Av. Princesa Isabel, 743

Atenciosamente,

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE
Chefe do SCDP

AP/ap.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239/p. 111

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

103

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3526/71

PEÇA "O CASACO ENCANTADO "

ORIGINAL DE LUCIA BENEDETTI

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 22 de MARÇO de 19 76

Brasília, 22 de MARÇO de 19 71

Chefe do S. C. D. P.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 11, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

"O CASACO ENCANTADO"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.112

Original de LUCIA BENEDETTI

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO DE AMADORES UNIDOS - NATAL (RN)

Tendo sido censurada em 10 de MARÇO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: L I V R E . CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL =

O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 22 de MARÇO de 19 71

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

Chefe da Turma de Censores
-chefe da seção de censura-
de teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

Instituto de Educação "João Climaco Ximenes"

ENTIDADE MANTENEDORA DA FACULDADE DE DIREITO DE CAMPINA GRANDE, DA ESCOLA DE PREGADORES LEIGOS E DO GINÁSIO EVANGÉLICO
CAMPINA GRANDE — PARAÍBA

104

Ofício nº 10/71 Campina Grande, 01 de outubro de 1971

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 113

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS
13 OUT 1112 40417
RECEBIDO POR:

Sr. Diretor:

O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO "JOÃO CLIMACO XIMENES" , vem mui respeitosamente solicitar a V.Sa., a liberação da Peça Infantil de autoria de LUCIA BENEDETTI, " O CASACO ENCANTADO".

Esta peça será encenada no I FESTIVAL DE TEATRO INFANTIL de Campina Grande, no dia 30 de outubro do ano em curso.

Certos de sermos atendidos aproveitamos a oprtunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

Cordiais Saudações

Pedro de Farias Nóbrega

PEDRO DE FARIAS NÓBREGA = DIRETOR DE CENA

105

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.1

Campina Grande, 06 de Outubro de 1.971.

Ao
Diretor do Departamento de Censura Federal
D. P. F.
BRASILIA DF.

Prezado Senhor-:

Levo ao conhecimento de V.S., que o Instituto João Climaco Ximenes, da Cidadedde Campina Grande ná Paraiba, está auto/rizado a montar o texto teatral(O Casaco Encantado) de auto ria de Lúcia Benedehi, na seguinte base 50% (CINCOENTA POR CENTO) do salario mímino da Região.

Sem outro assunto, para o momento, firmo-me atenciosamente.

João Correia de Araujo
Representante.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.115

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

106

TÍTULO O CASACO ENCANTADO DE LÚCIA BENEDETTI

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

A PEÇA O CASACO ENCANTADO, DE LÚCIA BENEDETTI JÁ FOI VISTA E LIBERADA COM CENSURA LIVRE, POR ÊSTE SERVIÇO. O ATUAL TEXTO FOI VISTO POR MIM E CONSTATEI QUE SE TRATA DA MESMA PEÇA. OPINO, PORTANTO, PARA QUE SEJA LIBERADA SEM RESTRIÇÃO ETÁRIA.

BRASÍLIA, 22 DE OUTUBRO DE 1971

Heloisa M. D. d'Oliveira

HELOISA M. D. D'OLIVEIRA

DPF-SAv.447

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 116

Ao Chefe:

A I.T. cabe a ação, mantendo a abstenção anterior.

Liore.

25.10.71

P/ TC

Ao Chefe

25.10.71

Cumbo

Libere-se, sem restrições.

Em 26/10/71.

Diretor da Divisão do SCDP.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 117

TEATRO

** Certificado Nº 4373/71

PEÇA ' O CASACO ENCANTADO '

ORIGINAL DE LÚCIA BENEDETTI

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 08 de NOVEMBRO de 19 7[illegible]

Brasília, 08 de NOVEMBRO de 19 71

Chefe do S. C. D. P. ROGÉRIO NUNES

M.J.-D.P.F.
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 38, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada ' O CASACO ENCANTADO '

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 118

Original de LÚCIA BENEDETTI

Tradução de

Adaptação de

Produção de INST. DE EDUCAÇÃO "JOÃO CLIMACO XIMENES" /PB

Tendo sido censurada em 22 de OUTUBRO de 1971 e recebido a seguinte classificação: LIVRE - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL // O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Brasília, 08 de NOVEMBRO de 1971

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CH. DA SEÇÃO DE CENSURA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF Sec. 150

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 877

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 119

Data 11.11.71

Do: Chefe da TCTC do SCDP

Para: Sr. Chefe da TCDP-DR-DPF/PB

Assunto: Providências - Solicita -

108

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da - peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: O CASACO ENCANTADO
Autor: Lucia Benedetti
Intrs: Inst.de Educação "JOÃO SLIMACO XIMENES"/PB
Endrç: João Pessoa-PB.

PAULO LEITE DE LACERDA
-TCTC-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.120

1.

MJ - DPF - SRA/BSB
30 NOV 1530 Nº 055696
RECEBIDO POR .....

109

Ilmo.Sr.Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.
Brasília

José Arivaldo Barata Lima,presidente da Cia.Teatral Época, vem mui respeitosamente solicitar de V.S.que se digne liberar a peça / infantil intitulada "O CASACO ENCANTADO",da autoria de Lúcia Benedetti em 3(três) atos e 1(um)epílogo.

N.Têrmos
P.Deferimento

Salvador,23 de novembro de 1972

José Arivaldo Barata Lima

15505193/001

CIA. TEATRAL ÉPOCA
Av Centenário - Edf. S. Gonçalo - Apto 104
Parque S. Paulo
Salvador-Ba,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Nino Guimarães
Representante Geral
(Estado da Bahia)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.121

C I A . T E A T R A L É P O C A

A presenta:

O CASACO ENCANTADO- da autoria de Lucia Benedetti

Personagens:

José
João (Sapo)
Mágico
Princesa
Rei
Ministro
Mulher
Pajens
Relógio

15505193/001
CIA. TEATRAL ÉPOCA
Av Centenário - Edf. S. Gonçalo - Apto 104
Parque S. Paulo
Salvador-Ba.

Salvador, 6 de novembro de 1972

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Nino Guimarães
Representante Geral
(Estado da Bahia)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 122

S. C. T. C.

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO

GÊNERO: PEÇA

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : SIM

Cls. Estária anterior: LIVRE

Praça: SALVADOR - BA

DF. 1º/12/72

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Ferreira

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 4.12.72 a 6/12/72

OBS:

DF. 4.12.72

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Emito certificado de conformidade com o abaixo disposto:

01. Quantidade: 2 (dois)
02. Natureza: Nacional
03. Grupo: Local Época
04. Local p/ exame: SR/BA
05. Classificação: Livre
06. Prazo validade: 08/11/76

Em: 05/12/72

P/SCTC

4) CHEFE S. C.

Se. Diretor DCDP
- Libere - Em 6.12.72

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 6/12/1972
Rogério Nunes
P. Diretor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.123

M.J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO " O CASACO ENCANTADO "

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

ESPÉCIE Peça Infantil
COM CORTES? Não
BOA QUALIDADE -
LIV P/ EXPORTAR? -
DUBLADO? -
LEGENDADO? -
VED EXPL COMERCIAL? Não.

CENAS Só após o ensai geral
ENREDO Peça infantil, envolvendo tipos humanos e animais com aptidões humanas, numa demonstração da preponderância do Rei e docilidade de seus vassalos e súditos, sendo envolvidos pela sagacidade de um garoto e um sapo...
ÉPOCA Passada
GÊNERO Drama-Comédia
LINGUAGEM Simples
MENSAGEM Positiva
PERSONAGEM Normais
TEMA Infantil

OBS: 1. CORTES.
2. CONCLUSÃO.: Pelo exposto, sugerimos liberação, sem restrição de faixa etária, visto tratar-se de peça já censurada, recebendo classificação / de livre, e o SCRIPT está conforme o original.

Brasília, 04 de dezembro de 1972.

Antônio Gomes Ferreira
(Téc. Cens.)

256/72-SC/DCDP 05 DEZEMBRO 2

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 124

SUPERINTENDENTE REGIONAL/BA

" O CASACO ENCANTADO "

LÚCIA BENEDETTI

: SUPERINTENDENTE,

EM SALVADOR-BA.

01 17

" O CASACO ENCANTADO "

LÚCIA BENEDETTI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 125

CIA TEATRAL ÉPOCA - BA

04 DEZEMBRO 72

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL/// O PRE
SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDA
MENTE CARIMBADO PELO DCDP.

05 DEZEMBRO 72

LIVRE

BRUDETH BUZAMAQUI MG/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 126

525/72

" O CASACO ENCANTADO "

LÚCIA BENEDETTI

08 NOVEMBRO 76

05 DEZEMBRO 72

ROGÉRIO NUNES

LIVRE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 127

INSTITUIÇÃO "JESUS CHRISTO"

ORGANIZAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E ESPIRITUAL

Registrada no Conselho Nacional de Serviço Social sob o n.º 83.610

Utilidade Pública Municipal
Lei n.o 141 - de 28 - XI - 1963

Pessôa Jurídica N.o 8 de Ordem

Endereço Telegráfico: NAZARENO - SANTANA - ESTADO DA BAHIA

Brasília, em 29 de janeiro de 1973

MEC - SRA/DSP
29 JAN 09 55 Nº 004668
RECEBIDO POR

AO
SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL

A Instituição "Jesus Cristo" por intermédio de seu bastante procurador JORGE [illegible] DO LAGO, vem requerer a liberação das peças teatrais: "A [illegible] QUE ERA BOA" (Maria Clara Machado) e "O CASACO ENCANTADO" (Lúcia Benedetti)conforme cópias em anexo, a serem apresentadas na Sala Martins Pena, nos dias 23,24 e 25 de março, próximo futuro.

Nestes Termos
P. Deferimento

JORGE [illegible] DO LAGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 128

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Brasília, DF, 06 de 02 de 1973

DO: Chefe da Seção de Arquivo

AO: Sr. JORGE EUDES DO LAGO (INSTITUIÇÃO "JESUS CHRISTO")

COMUNICAÇÃO AO INTERESSADO

Comunicamos a V. Sa. que o pedido CENSURA sôbre as Peças teatrais "ABRUXINHA QUE ERA BOA, O CASACO ENCANTADO recebeu o seguinte despacho: o interessado deverá encaminhar à esta Divisão o comprevante de recolhimento dos direitos autorais (Guia da SBAT).

Avisamos que o não atendimento no prazo de 15 dias resultará no arquivamento do processo.

Visto: Chefe da Seção de Censura

CIENTE:

DPF. SAv. 446

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 129

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 Nº 37522

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: ...A Bruxinha Que era Boa - e o Casa-encantado-.....-x-x-.....-x-x-....

Original de .Maria Clara Machado - e Lúcia Benedetti -.....

Música de ...-x-x-.....-x-x-.....-x-x-.....

Tradução de -x-x-.....-x-x-.....-x-x-....

No Teatro Martins Pena -..... Cidade Plano Piloto -.....

Emprêsa .-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x- Pela Cia. -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-.

nos dias .23-24 e 25 de março de 1973.-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-.

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .15..%(quinze por cento-. da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ 50%..-------.. por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Brasília, D.F., ...30.... de .....janeiro..... de 1973.

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

.....

(pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 130

BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL
CARTÓRIO DO 2º. OFÍCIO

Autenticado para os devidos efeitos, a presente fotocópia que é reprodução fiel do documento que me foi apresentado. (Decreto - Lei nº 2.148, de 25/04/1.940).

Brasília, 14 de 02 de 19 B

IVONE AGRIPINA DA SILVA
Func. Autorizada

CARTÓRIO DO 2.º OFÍCIO
DE NOTAS E T
BRASÍLIA - D. F.
Geldário Borges Teixeira
TABELIÃO VITALÍCIO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.131

Ofício

S. C. T. C.

114

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : Sim

Cls. Estária anterior: LIVRE

Praça: Brasília - DF

DF. 14/02/73

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Ferreira

Técnico de Censura: —

Técnico de Censura: —

Data para Exame: de 19/02/73 a 21/02/73

OBS:

DF. 16/02/73 p/Vanda

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Emitir certificados de conformidade com o abaixo disposto:

1. Quantidade: 2 (dois).
2. Natureza: Magia
3. Grupo: Instituições Jesus Cristo.
4. Local p/ encenação: Brasília
5. Classificação: Livre
6. Prazo Validade: 08/11/76

Em: 22/02/73

8/SCTC

4) CHEFE S. C.

Sr. Diretor
— Livre Em 16-2-73
J. Bittencourt

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 26/2/1973
J. Bittencourt
Rogério Nunes
p

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 132

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

1149

TÍTULO: " O CASACO ENCANTADO " de Lúcia Benedetti

FAIXA ETÁRIA: L I V R E 1149/73

ESPÉCIE : Teça Teatral Infantil.
SEM CORTE.
PERMITIDA EXPLORAÇÃO COMERCIAL.
CENAS só após o ensaio geral.
Trata-se de uma peça infantil, cujos personagens, numa verdadeira integração de sentimentos e bons costumes / lutam para encontrar solução para o problema em que se deixa envolver a filha do rei"das fadas"e o casamento/ de sua querida filha.
PERSONAGENS: Simples, normais e de bons sentimentos.
LINGUAGEM : Ingênua, pura e objetiva
MENSAGEM: Positiva, pelos seus aspectos intencionalmente educativos.
TEMA : Infantil

CONCLUSÃO : Pelo exposto e, tratando-se de uma peça já censurada várias vezes por este Departamento, liberada sem restrição, e, estando seu SCRIPT fiel ao original, sugerimos liberação sem restrição de qualquer faixa etária.

Brasília, 22 de fevereiro de 1973.

Antonio Gomes Ferreira
(Téc. Cens.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 133

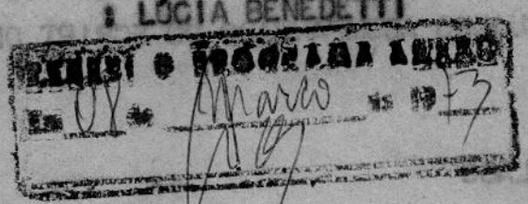
595

04668/73

525/73

: O CASACO ENCANTADO

: LÚCIA BENEDETTI



08 NOVEMBRO 76

26 FEVEREIRO 73

LIVRE

- ROGÉRIO NUNES -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

01 17

: O CASACO ENCANTADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 134

: LÚCIA BENEDETTI

INSTITUIÇÃO JESUS CHRISTO - BA -

22 FEVEREIRO 73

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: JORGE EUDES DO LAGO

26 FEVEREIRO 73

MH

- DEUSDETH BURLAMAQUI -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 135

120

525/73

: O CASACO ENCANTADO

: LÓCIA BENEDETTI

08 NOVEMBRO 76

LIVRE

26 FEVEREIRO 73

- ROGÉRIO NUNES -

AM

01 17

: O CASACO ENCANTADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p-136

: LÚCIA BENEDETTI

INSTITUIÇÃO JESUS CHRISTO - BA -

22 FEVEREIRO 73

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: JORGE EUDES DO LAGO

26 FEVEREIRO 73

MH

- DEUSDETH BURLAMAQUI -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 137

MJ-DPF-SRA/BSB
19 MAR 0426 S-D 12905
RECEBIDO POR .....

Ilmo. Sr. Chefe do Departamento de Censura e Diversões Públicas

do Departamento de Polícia Federal - ~~Brasília~~

Manoel Lopes Pontes, registrado no Serviço de Censura e Diversões Públicas da Bahia sob nº 295, casado, residente a Rua e Conjunto Augusto Frederico Schimith Bloco D ala 2 apto - 703 - Chame Chame, Salvador - Bahia, vem mui respeitosamente solicitar a V. Sa. que se digne examinar com fins de liberação a peça infantil de Lúcia Benedetti "O Casaco Encantado", que deverá estreiar no dia 7 de abril do corrente ano, no Teatro Castro Alves.

Cordiais Saudações

Salvador, 13 de março de 1973

Manoel Lopes Pontes

Manoel Lopes Pontes

Diretor Artístico e Sócio Sub-gerente
do Teatro de Equipe Ltda.

Serviço de Censura de Diversões Públicas
Nino Guimarães
Procurador

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 138

173

Ilmo. Sr. Chefe do Departamento de Censura e Diversões Públicas

do Departamento de Polícia Federal - Brasília

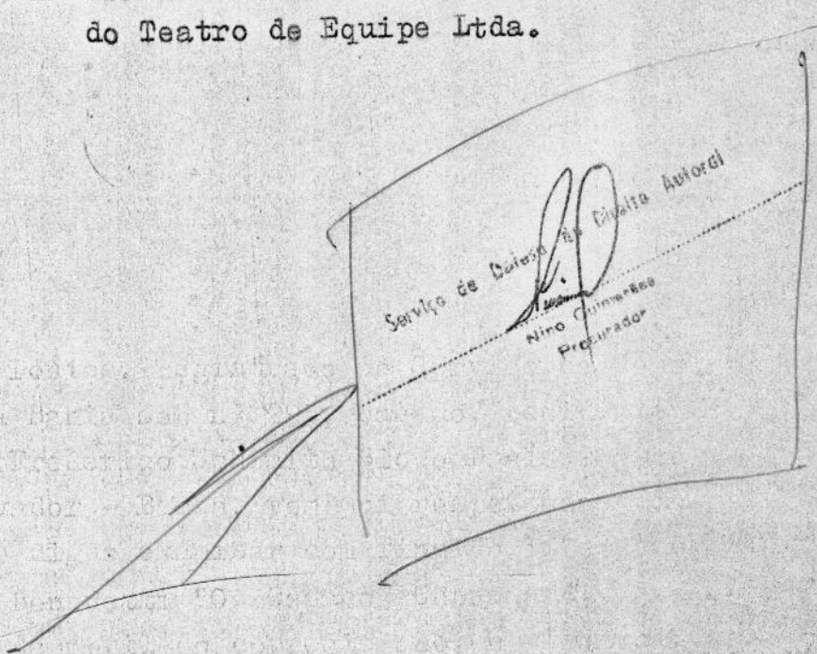
Manoel Lopes Pontes, registrado no Serviço de Censura e Diversões Públicas da Bahia sob nº 295, casado, residente a Rua e Conjunto Augusto Frederico Schimith Bloco D ala 2 apto - 703 - Chame Chame, Salvador - Bahia, vem mui respeitosamente solicitar a V. Sa. que se digne examinar com fins de liberação a peça infantil de Lúcia Benedetti "O Casaco Encantado", que deverá estreiar no dia 7 de abril do corrente ano, no Teatro Castro Alves.

Cordiais Saudações

Salvador, 13 de março de 1973

Manoel Lopes Pontes

Diretor Artístico e Sócio Sub-gerente
do Teatro de Equipe Ltda.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 139

Ilmo. Sr. Chefe do Departamento de Censura e Diversões Públicas

do Departamento de Polícia Federal - Brasília

Manoel Lopes Pontes, registrado no Serviço de Censura e Diversões Públicas da Bahia sob nº 295, casado, residente a Rua e Conjunto Augusto Frederico Schimith Bloco D ala 2 apto - 703 - Chame Chame, Salvador - Bahia, vem mui respeitosamente solicitar a V. Sa. que se digne examinar com fins de liberação a peça infantil de Lúcia Benedetti "O Casaco Encantado", que deverá estreiar no dia 7 de abril do corrente ano, no Teatro Castro Alves.

Cordiais Saudações

Salvador, 13 de março de 1973

Manoel Lopes Pontes

Diretor Artístico e Sócio Sub-gerente
do Teatro de Equipe Ltda.

Serviço de Censura de Diversões Públicas
Nino Guimarães
Procurador

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 140

125/78

S. C. T. C.

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO

GÊNERO: PEÇA

1) S. ARQUIVO

Liberada

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : SIM

Cls. Estária anterior: LIVRE

Praça: SALVADOR - BA

DF. 20/03/73

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Queiroz

Técnico de Censura: —

Técnico de Censura: —

Data para Exame: de 21/03/73 a 23/03/73

OBS:

DF. 21/03/73 p/ Wanda

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

— De acordo com o parecer nº 1.760/73 - Libre.

— Junta-se os certificados na forma do anteriormente exposto.

F. V. DE AZEVEDO NETTO

4) CHEFE S. C.

Ao Diretor

Libre - Em 28/3/73

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 28/3/1973

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 141

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

126/Ar

Parecer Nº 1760/73

Título: "O CASACO ENCANTADO" (Lúcia Benedetti)

Classificação Etária: LIVRE

Espécie: Peça Teatral Com cortes: Não

Boa Qualidade: - - - Livre P/Exportação: - - -

Dublado: - - - Legendado: - - -

Vedada a Exploração Comercial: Não

Cenas: Próprias do mundo ilusório de fadas, reis, princesas. Montagem de cenas apropriadas para público infantil.

Época: Medieval Gênero: Teatro Infantil

Linguagem: Apropriada ao tema

Tema: Ficção, reunindo reis, princesas e fadas, em confronto com animais encantados, tudo ao gosto infantil.

Personagem: Já enumerados acima

Mensagem: Positiva. De entretenimento, mas condensando bons princípios e exemplos dignificantes.

Enredo: Estória de um casaco real enfeitiçado por um mágico que passa a ser procurado pelos alfaiates que castigara e que querem se livrar da sentena de morte real.

1 – Cortes:

2 – Conclusão: Peça já liberada anteriormente e com certificado em vigor. Atende ao disposto no art. 10 da Lei n. 5.536/68. Assim, opino pela manutenção da classificação anterior.

Brasília, 27 de março de 1973

Wilson de Queiroz Garcia
Técnico de Censura.

DPF–507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 142

127

138/73-SC/DCDP 27 MARÇO 3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF NA BAHIA

- O CASACO ENCANTADO -

LUCIA BENEDETTI

SUPERINTENDENTE,

NO TEATRO CASTRO ALVES -

FVAN/aga

128
M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.143

525/73

: " O CASACO ENCANTADO "

: LÚCIA BENEDETTI

08 NOVEMBRO 76

27 MARÇO 73

LIVRE

- ROGÉRIO NUNES -

01 17

: O CASACO ENCANTADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 144

: LÚCIA BENEDETTI

: TEATRO DE EQUIPE LTDA. -BA -

27 MARÇO 73

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: MANOEL LOPES PONTES

27 MARÇO 73

MH

- DEUSDETH BURLAMAQUI -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 145

MJ-DPF-SRA/BSB
25 ABR 0841 019450
RECEBIDO POR

189

EXMO. SR.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DO
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
DIVISAO DE DIVERSOES PUBLICAS
BRASILIA - DF -

EXMO. SR.

O ABAIXO ASSINADO, ALDO ROBERTO DA SILVA, BRASILEIRO, SOLTEIRO, MAIOR, DIRETOR RESPONSAVEL DA "A.R.P.A." - TEATRO DE GRUPO" - COM SEDE NESTA CIDADE, A RUA ALMIRANTE PRATA, 20-F., VEM MUI RESPEITOSAMENTE A PRESENÇA DE V.EXCIA., COM O PROPOSITO DE SOLICITAR DESTE DEPARTAMENTO O RESPECTIVO CERTIFICADO LIBERATORIO, - PARA A REPRESENTAÇAO DA PEÇA INFANTIL "O CASACO ENCANTADO", DE LUCIA BENEDETTI.

PARA TANTO, ANEXA AO PRESENTE, TRÊS (3) CÓPIAS DO TEXTO MIMEOGRAFADO E A AUTORIZAÇAO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT).

TERMOS EM QUE,

P. DEFERIMENTO

UBERABA, 23 DE ABRIL DE 1973.

P/ALDO ROBERTO PROD. ARTISTICAS "A.R.P.A."
"TEATRO DE GRUPO"
ALDO ROBERTO DIRETOR-ARTÍSTICO.

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação

Autorização Nº 146517

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 146

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O Casaco Encantado - Peça Infantil

Original de

Música de

Tradução de Lucia Benedetti

No Teatro Experimental Cidade Piracicaba

Emprêsa Pela Cia.

nos dias 12 marcar

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Piracicaba, 23 de abril de 1953

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.147

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, comédia, ópera, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequados, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo os que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 2.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

131

S. C. T. C.

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 148

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : Sim

Cls. Estária anterior: LIVRE

Praça: UBERABA - MG

DF. 26/04/73

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: J. Carmo

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 30/4/73 a 2/5/73

OBS:

DF. 27/4/73

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 3.667/73 - Livre - sem cortes, condicionado ao ensaio geral

Emita-se os certificados com validade até 08.11.76.

04.5.73

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) CHEFE S. C.

Ao Diretor

Livre. Em 07-05-73

J. Bustamante

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 07/05/1973

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 149

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 2667/73

Título: O CASACO ENCANTADO

Autora: LUCIA BENEDETTI

Classificação Etária: L I V R E

Espécie: Peça Teatral. Com cortes: Não.

Boa Qualidade: - - - Livre P/Exportação: - - -

Dublado: - - - Legendado: - - -

Vedada a Exploração Comercial: Não.

Cenas: À vista do ensaio-geral.

Época: Imprecisa. Gênero: Drama infantil.

Linguagem: Bem adaptada à compreensão infantil.

Tema: Entretenimento.

Personagem: Humildes, honestos, bondosos, maus.

Mensagem: Positiva.

Enredo: João e José envolvem-se numa aventura com poderoso feiticeiro que encantara um casaco feito para o rei, culminando a estória com um final feliz, em palácio de sua majestade.

1 – Cortes: Não os há.

2 – Conclusão: Peça já examinada em várias oportunidades pela DCDP. O presente texto, comparado com outros de nosso Arquivo, não traz nenhuma modificação, pelo que indico a manutenção do critério adotado até agora: censura LIVRE.

Brasília, 2 de maio de 1973

JOSÉ DO CARMO ANDRADE
-Téc. Cens.-

DPF–507

133

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 150

252/73-SCTC/SC-DCDP 03 maio 3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF EM MINAS GERAIS

- O CASACO ENCANTADO -

LUCIA BENEDETTI

SUPERINTENDENTE,

EM UBERABA - MG

FVAN/aga

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.151

134
M

525/73

: O CASACO ENCANTADO

: LÚCIA BENEDETTI

08 NOVEMBRO 76

LIVRE

07 MAIO 73

- ROGÉRIO NUNES -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

01 17

: O CASACO ENCANTADO

: LÚCIA BENEDETTI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.152

: A.R.P.A. - TEATRO DE GRUPO - MG -

02 MAIO 73

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: ALDO ROBERTO

07 MAIO 73

DEUSDETH BURLAMAQUI

mh

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239 fl. 153

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

135

Ref. "O Cabaço Encantado"

1. Marque-se ensaio geral da presente peça, no dia 24 do corrente, às 16:00 horas, na área Especial nº 1 - Vila Dinos - Jaguaruna.

2. Designe-se a Técnica Geraldo de Macedo Coelho para assistir ao ensaio supramencionado.

22.1.73

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 154

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

RELATÓRIO Nº 338/1/73

Brasília, 25 de maio de 1973

Da Téc. de Censura Geralda de Macedo Coelho
Ao Chefe de Censura de Teatro
Assunto: Ensaio-geral

Senhor Chefe:

Tendo assistido à tarde de ontem na Área Especial nº 1 Vila-Dimas, cidade satélite de Taguatinga, ao ensaio geral da peça intitulada O CASACO ENCANTADO, de autoria de Lúcia Benedetti e produzida pelo grupo de teatro INSTITUIÇÃO JESUS CRISTO da cidade de Santana Estado da Bahia, venho informar-lhe o seguinte:

a. O ensaio contou com a participação de todo o elenco sem no entanto trajar suas devidas indumentárias;

b. Os atores demonstraram conhecimento do texto, não tendo usado expressões não constantes do "script" liberado pela DCDP;

c. Observou-se perfeita marcação;

d. Os cenários não foram devidamente montados face a encenação da peça acontecer na Escola Normal de Brasília e pelo que fui informada pelo coordenador do grupo, trata-se de material extremamente frágil podendo estragar-se facilmente. No entanto, por tratar-se de peça infantil e encenada por um grupo religioso, creio que não acarretará maiores problemas.

Ante o exposto, opino pela encenação da referida peça, devendo ser conservada a classificação etária.

~~Saudações~~

Geralda de Macedo Coelho

De acordo. Apto à Ch SCTC
28.5.73

J. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-S./DCDP

DPF-SAv. 258

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 155.

Arquide-se
Em 28.5.73

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 156

MJ - DPF - SRA/BSB
28 AGO 1031 Z 53344
RECEBIDO

137

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

OFÍCIO Nº 054/74- SCDP/DPF/RJ Em 27 de agosto de 1974

Do Diretor da Divisão de Polícia Federal no Estado do Rio de Janeiro

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas- DPF/BSB

Assunto : Encaminhamento (Faz)

FICHADO
S. A. DCDP

De ordem
ao arquivo
em 28 08 74

Ruth Rogales
Chefe do SA/DCDP

Senhor Diretor:

Sirvo-me do presente, para encaminhar a V.S., três (3) vias do " script " da peça teatral infantil intitulada " O CASACO ENCANTADO ", de LUCIA BENEDETTI, para fins de censura prévia.

A presente peça segue acompanhada da devida autorização da SBAT.

Na oportunidade, apresento a V.S., meus protestos de estima e distinta consideração.

NILTON DOS SANTOS BRITTO- Bel

Diretor da DPF/RJ

138
2

PMN - Instituto Niteroiense de Desenvolvimento Cultural

Avenida Amaral Peixoto, 847 — Niterói

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 157

Do

Ao SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF/BSB

Assuto

Venho, por intermédio desta, requerer a V. Sª., que se digne de mandar para o serviço de censura federal, em Brasília a peça infantil " O CASACO ENCANTADO ", de autoria de Lúcia Benedetti, para a devida apreciação e liberação da mesma.

Ciente de sua prestimosa atenção, subscrevo-me atenciosamente.

Niterói, 26 de agosto de 1974

LYAD DE ALMEIDA
PRESIDENTE

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 158

Rio de Janeiro, 27 de Agosto de 1974

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:

O CASACO ENCANTADO

DE: Lucia Benedetti

próxima apresentação da GRUPO DO I.N.D.C.

no Teatro LEOPOLDO FRÓES -NITEROI

com estréia marcada para o dia 2ª Quinzena de Setembro de 1974

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

p/ Dialma Bittencourt
Superintendente

TEATRO

TÍTULO O CASACO ENCANTADO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 159

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem
Clas. Anterior LIVRE
Praça NITERÓI - RJ
Obs.: ____

DF. 29/ 8/ 74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. Concordo com o Parecer nº 1932/74.

Emito-se os certificados, livre, sem cortes, condicionado, todavia, ao exame do ensaio geral.

À consideração do Senhor Chefe do S. C.

Em, 09.09.74

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres/SC

5) Diretor da D. C. D. P.

Libere-se
Em 10/9/74

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

DPF—538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p-160

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 19391 / 74

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

ESPÉCIE: Peça teatral de autoria de Lucia Benedetti

Peça já censurada por diversas vezes e liberada sem restrições etárias. Ao proceder ao confronto constatei que o atual texto não difere do anterior, portanto sugiro seja mantido o mesmo critério liberatório.

Brasília, 5 de setembro de 1974

Teresa Guimarães Paternostro

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 161

147
M

100974

714/74-SCTC/SC/DCDP

Diretor do Departamento de Polícia Federal em Niterói

" O CASACO ENCANTADO"

Lúcia Benedetti

Diretor:

Niterói -RJ

MFCG/rs

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.162

525/74

: O CAÇADOR ENCANTADO

: LÚCIA BENEDETTI

10 SETEMBRO 79

10 SETEMBRO 74

ROGÉRIO NUNES

LIVRE

: O CASACO ENCANTADO

: LÚCIA BENEDETTI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 163

GRUPO I.N.D.C. - GB -

LYAD DE ALMEIDA

85 SETEMBRO 74

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::

10 SETEMBRO 74

MANOEL FRANCISCO D. GUIDO - SUBST.

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 164

FICHADO S.A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ofício nº 038/75 - SCDP/DPF/RJ-NITERÓI Em 04 de agosto de 1975

Do Diretor da Divisão de Polícia Federal/Rio de Janeiro/Niterói

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Encaminhamento (faz)

De ordem
Ao Arquivo
Em 05-8-75

Senhor Diretor:

Encaminho a V.Sa., os relatórios de ensaio geral, procedido por esta Divisão, das peças O SOLDADO, O PALHAÇO E A MENINA, de autoria de Paulo Matosinho; BRUXARIAS DE GREGÓRIO E MATILDE, de autoria de Milguel Oniga e Elza Andrade e O CASACO ENCANTADO, de autoria de Lúcia Banedetti.

Na oportunidade reitero meus protestos de estima e distinta consideração, atenciosamente.

NILTON DOS SANTOS BRITTO - Bel
Diretor da Div/DPF/RJ-Niterói

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 165

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Divisão de Polícia Federal no Est.do Rio de Janeiro-Niterói
Seção de Censura de Diversões Públicas

165

Peça.....: O CASACO ENCANTADO
Autor.....:: Lúcia Benedetti
Validade.....: 10.09.1979
Classificação.....: Livre
Número do certificado.....: 525/74

O cenário é composto de: casa do alfaiate - paredes pintadas, 2 camas e 1 máquina de costura; floresta - promontório em compensadã, dando idéia de pedra, onde as bru - xas usam como esconderijo; Casa do bruxo - paredes pintadas ; e o palácio do rei - cortinas azuis, um trono complementado com duas luminárias.

O figurino é composto de roupas em esti lo colocial, digo, medieval, formado de malhas e túnicas.

Consta no script todo o diálogo apresen tado na peça.

Desenvolve-se a peça contando a histó - ria de dois alfaiates que se comprometeram fazer em vinte e qua tro horas, um casaco para o rei. Quando terminam o casado apa- rece um bruxo e encanta o casaco. O rei ao saber do acontecido' intima os dois alfaiates, para que num prazo de setenta e duas horas, encontrem o bruxo e tragam de volta o casaco já desen - cantado.

História infantil, sendo que a classifi cação livre, é a recomendável para a peça, pois nada há para que se proceda de forma diferente.

Sendo o que há para relatar.

Niterói, 29 de julho de 1975

ALVARO TAVEIRA DA SILVA JUNIOR

DPF-SAv.241

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.166

FURB — Fundação Educacional da Região de Blumenau

MJ-DPF-SRA/BSB
-2 ABR 1044 76 013779

Natal

Lib 4

Blumenau, 29 de março de 1976

Ilmo. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASÍLIA DF

Sr. Diretor,

O presente tem a finalidade de solicitar a V.S. o obséquio de mandar censurar e liberar a peça "O casaco Encantado de Lucia Benedetti, que as alunas do Curso de Educação Artística (Teatro), pretendem encenar em alguns estabelecimentos de ensino em nosso Estado.

Aproveitamos o ensejo para apresentar a V.Sa. os nossos protestos de estima e distinta consideração

Atenciosamente

Edith Kormann, profa. de teatro da FURB

Rua Antônio da Veiga, 140 - Fones: 22-4500 - 22-2699 - Caixa Postal, 7E - 89100 - BLUMENAU - S.C.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 167

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Direitos de Representação **Autorização Nº 201038**

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-932, a representação da peça teatral:

O Homem Encantado

Original de Lucia Benedetti

Música de —

Tradução de —

No Teatro Carlos Gomes Cidade Blumenau

nos dias 30ª Quinzena de Maio - Fº

sob a condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — % — da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ — por espetáculo, obrigando-se

Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, vidamente autenticado, responsabilisando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.168

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr, 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorisação, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legítimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n, 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções ali realisadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realisarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.

TEATRO

1/26
M

TÍTULO O CASACO ENCANTADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.169

Lucia Benedetti

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça BLUMENAU - SANTA CATARINA

Obs.:

DF. ___ / 09 / 04 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 28 de abril de 1976

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE - livre.
na forma do parecer, processo anterior.
Em, 30/Abril/1976

P/ Rogério Nunes

DPF-538

BR DFANBSB N8.CPR.TEA.PTE. 0239, p.170

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

169 p

PARECER Nº 8397 176

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Procedendo a leitura de "Casaco Encantado" da autora Lucia Benedetti, fazendo o confronto com os demais " script" da mesma peça e já liberado por esta Divisão de Censura, verifiquei tratar-se da mesma peça.

De facil compreensão para publico infantil, a qual é a mesma destinada, nada impede a sua liberação com a faixa etaria livre.

Estas sãos as minhas considerações a respeito da peça óra examinada e confrontada.

Brasilia 18 abril de 1976

Carlos Rodrigues
Técnico Censura
2126258

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 171

295/76-SCTC/SC/DCDP

3-5-76

Superintendente Regional do DPF em Santa Catarina-SR/SC

"O CASACO ENCANTADO"

Lucia Benedeti

Superintendente:

Blumenau-SC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 172

151

525/76

: O CASACO ENCANTADO

: LÚCIA BENEDETTI

29 ABRIL 81

: LIVRE

29 ABRIL 76

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 173

: O CASACO ENCANTADO

: LÚCIA BENEDETTI

CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA - FURB - SC.

28 ABRIL 76

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Coriolano de L C Fagundes

29 ABRIL 76 CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 174

MJ-DPF-SR4/BSB
25 ABR 1124 F 013275

DPF-SR4
N. s.º
Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SNA/FICHADO

153

Of. nº 340 /77-SCDP/SR/DPF-RJ Em 20/04/1977

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/DPF-RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF

Assunto : Encaminhamento (faz)

FICHADO
S. A. DCDP

Ref. Prot. nº 13707 /1977-SR/DPF-RJ

Se ordena
ao arquivo
aos 25-04-77

Peça: "O CASACO ENCANTADO"

Autor: LUCIA BENEDETTI

Tradução:

Adaptação:

Requerente: LUIZ CARLOS GUARALDI (DIRETOR DO GRUPO ARTE SESC DE NOVA FRIBURGO)

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1 da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha consideração e distinguido apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/DPF-RJ

BR DFANBSB NS.CPR TEA.PTE. 0239, p.175

TEATRO

153

TÍTULO O CASACO ENCANTADO

LUCIA BENEDETTI

1) S. ARQUIVO

Documentação

Clas. Anterior LIVRE

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.:

DF. 26 / 04 / 77

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores~~ de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionado ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 05 de maio de 1977

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: Livre

Brasília-DF, 05 maio 1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF—538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 176

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 1747 / 77

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO - peça de Lúcia Benedetti.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E.

Fizemos o confronto com o primeiro texto censurado e verificamos que o conteúdo e a mensagem não foram alterados, houve apenas a supressão do prólogo. Possui certificado em vigor.

Sugerimos a mesma classificação etária: livre, condicionada ao ensaio geral, oportunidade em que poderá ser verificado o motivo que levou o grupo a trocar o personagem José por Maria.

Brasília, 4 de maio de 1977.

Yunko Akegava

DPF—742

BR DFANBSB N8.CPR.TEA.PTE.0239, p. 177

155

Ofício nº 668/77-SCTC/SC/DCDP 04/05/77

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro

Encaminhamento - faz -

Ref. Of. nº 340/77-SCDP/SR/RJ

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, encaminho a / V.Sa., as anexas 1ª e 2ª vias do certificado de censura da peça teatral intitulada "O CASACO ENCANTADO", de Lucia Benedetti.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239/p.178

525/77

O CASACO ENCANTADO

LÚCIA BENEDETTI

29 ABRIL 81

05 MAIO 77

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

O CASACO ENCANTADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 179

LUCIA BENEDETTI

GRUPO ARTE SESC DE NOVA FRIBURGO - RJ

05 MAIO 77

L I V R E, CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.
ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

05 MAIO 77

OFB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 180

MJ-DPF-SRA/BSB
-2 JUN 1452 018389
DPF-SRA

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIAFFEDERAL

OFÍCIO Nº 466 /77-SCDP/SR/RJ Em 31.5.77

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Aditamento (faz)
Ref.: Of. nº 340/77-SCDP/SR/RJ

FICHADO
S.A. DCDP

De ordem
ao Arq. Fic.
em 6-6-77

Senhor Diretor:

Em aditamento ao Ofício referenciado e para fins do disposto do sub-item 1.4 da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a V.Sª. cópias dos pareceres liberando a peça " O CASACO ENCANTADO ", de Lúcia Benedetti, sem restrição etária, na dependência do ensaio geral.

Esclareço que através do Ofício nº 668/77 - SCTC/DCDP, este Serviço já recebeu o certificado definitivo.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.181

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

154

Departamento Policia Federal

Serviço de Censura e Diversões Públicas

Parecer nº 863

Assunto: Leitura de texto (Peça Teatral)

Título : O Casaco Encantado: " Lúcia Bemlotti "

Autor : GAS - Grupo Arte Sesc

Genero : Infantil

Classificação : LIVRE

Uma literalidade infantil baseada na estória de um casaco encantado; um alfaiate que vira sapo por contrariar á vontade do mágico, criando problemas para alegria das crianças.

Personagens: Mario

João

Mágico

Rei

Princesa

Josefina (Feiticeira)

Libero com a impropriedade LIVRE

Rio de Janeiro, 25 de abril de 1977

Orlando Viegas

Mat. 1.523.000

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

159

Parecer nº 886

O CASACO ENCANTADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 182

Livre

Peça infantil de autoria de Lucia Benedetti.

Maria e João passaram a noite acordados, fazendo um novo casaco para o rei. João manchara o casaco do soberano, e para escapar ao castigo prometeu fazer um outro, e entregá-lo antes do sol nascer. Quando terminaram a obra e resolveram se deitar, batem à porta. Temerosos, abrem-na e um mágico zangado entra para descansar. Discutem e o mágico transforma João num sapo e joga um pózinho no casaco que faz com que a pessoa que o vista dê pulos altíssimos.

Quando rei e sua comitiva chegam, encontram João transformado e o soberano, ao vestir o casaco, dá grandes saltos. Irritado, condena-os à morte mas a pedido da princesa, concede aos dois tres dias para encontrarem o gégante malvado.

Após uma série de incidentes, encontram o mágico que desencanta o menino e o rei finalmente os perdoa.

Liberado sem restrições.

Rio de Janeiro, 25 de abril de 1977

Sonia Maria Galo Mendes

Tec. Censura - Mat. 2.415.820

FICHADO
S.A DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB

13 OUT 1039 030773

DPF-SRA
Fls. nº
Rub.

160

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.
Nº 7.110/77-SCDP/SR/DPF

Em, 11 de outubro de 1977.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.183

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "A ORGIA" original de Henrique Buenaventura; "BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES" original de Walt Disney; "SE" original de Jorge Jockman; "O URSO" e "PEDIDO DE CASAMENTO" original de Anton Checov; "O CASACO ENCANTADO" original de Lucia Benedetti "MOMENTOS ANGUSTIANTES" original de Carlos Angelo; "DIVA DO BARATO" original de Zeno Wilde Mendonça e Alvaro Guimarães; "DECISÃO" original de Jorge Geraldo N.Barbosa; "A PRINCESINHA DE OURO" original de Paulo de Magalhães; "DOM PIRLIMPIMPIM COM BELISA EM SEU JARDIM" original de Garcia Lorca; "ALEM DA VIDA" original de Alfredo Rubens Ingisa; "TIDE MOREIRA E SUA BANDA DE NAJAS" original de Alcides Nogueira Pinto e "EU, RICARDO BANDEIRA" original de Ricardo Bandeira.

Outrossim, informamos que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa a DCDP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

a/

Ilmo. Sr. Dr. Diretor da Censura Federal - São Paulo.

MJ-DPF SR/SP
-4 OUT 1402 77 36966

RECEBIDO POR

161

1) Remeter a DCDP um texto de acordo c/a Port. 42/75
2) Designar TC para o exame do texto no SCDP/SR/SP
cl SCDP/SR/SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 184

HENRIQUE BERTELLI, brasileiro, casado, residente nesta Capital á Rua Conselheiro Cotegipe nº 125 no bairro do Belém, com R.G. nº 442.935, vem respeitósamente solicitar de V.S. seja expedido um ALVARÁ de Censura da peça infantil " O CASACO ENCANTADO," de AUTORIA de Lúcia Benedetti, á ser exibida á partir do dia 15 de Outubro de 1.977, no horario das 10,30 e 16,30 hs. aos sabados, domingos e feriados, no Teatro Celia Helena, sito nesta Capital á Rua Barão de Iguape nº 125, no bairro da Liberdade, com direção de FERNANDO SARMento.

Esperando ser atendido,

Nestes Têrmos,
P. Deferimento.

São Paulo, 04 de Outubro de 1.977.

Henrique Bertelli

CONFERIDO 9º CART.

9.º CARTÓRIO DE NOTAS
Rua Quirino de Andrade, 241 - Fone 258-2611 - S. P.
Reconheço por semelhança a firma Henrique Bertelli
S Paulo 4 de OUT. de 1977
Em testo da verdade.
LUIZ MARIN
MOACIR GARDINAL } Escreventes Autorizados
TOT. POR ATO CR$ 5,00

Sêlos Estaduais e da Carteira e das Serventias, recolhidos p/ Verba.

TEATRO

167

TÍTULO O Casaco Encantado

Renata Benedetti

1) ~~S.C.T.C.~~ Arquivo

Clas. Anterior livre

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 19 / 10 / 77 / ____

Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.185

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Em de de 1.97

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a clas... ~~próprio para menores~~ de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 18 de nov. de 1977

Maria Ariele L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: livre

Brasília-DF, 21 nov. 1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 186

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

163

PARECER Nº 4910 / 77

TÍTULO: " O CASACO ENCANTADO" -Peça teatral de Lucia Benedetti

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Confronto da peça infantil anteriormente já liberada para livre. No exame ora feito, nada obsta para que continue a mesma chancela, tendo em vista, não constar impedimentos censórios. Sugiro, portanto a reiteração da chancela :LIVRE.

Brasília, 17 de novembro de 1.977.

Selia Natalha Stolte Rouver

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 187

525/77

O CASACO ENCANTADO

LUCIA BENEDETTI

29 ABRIL 81

21 NOVEMBRO 77

LIVRE

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

Substituto

O CASACO ENCANTADO

LUCIA BENEDETTI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 188

FERNANDO SARMENTO - SP

18 NOVEMBRO 77

L I V R E. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

21 NOVEMBRO 77

OFB

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO - SUBST.

164
M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 189

[redacted]

BSB, 18/11/77

1908/77

em São Paulo

7110/77-SCDP/SR/SP

"O CASACO ENCANTADO" de Lucia Benedetti.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 190

MJ-DPF-SR/BSB
8UR 1416 007247

FILMADO
S.C. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM PERNAMBUCO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO POR:

165

OF.Nº 0479/78-SCDP/SR/PE Recife, 13 de março de 1 978

Arquivo-se e junte-se ao Proc. 08038

Senhor Diretor

Pelo presente, encaminhamos a V.Sª. 03 (três)vias do script da peça teatral "O CASACO ENCANTADO", original de Lúcia Benedetti, a fim de que seja devidamente examinada por essa DCDP.

Anexo, enviamos cópia do requerimento da peça supracitada.

Aproveitamos o ensejo para renovar a V.Sª. protestos de elevada estima e real apreço.

Bel. DERMEVAL BARRETO DE MATOS
Técnico de Censura
Chefe do SCDP/SR/PE

Ilmº. Sr.
Dr. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da DCDP/BSA
B R A S Í L I A - DF.

DPF/SR/PE - 014

Ilmº. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 191

O Grupo de Teatro Amador de Prezeres, GTAP., sob a direção de Joselha Treuvelina da Silva, portadora da Cédula de Identidade nº 1.195.037. SSP/PE, vem, mui respeitosamente, solicitar de .Sª se digne conceder a liberação da peça teatral: O CASACO ENCANTADO, de autoria de Lúcia Benedetti.

Nestes Termos

Pede Deferimento

Recife, 13 de março de 1978.

Eterminia Lucia da Silva
Componente do grupo. (Secretária)

TEATRO

167
M

TÍTULO O Casaco Encantado

Heloisa Benedetti

1) ARQUIVO

Clas. Anterior livre

Praça Recife - PE

Obs.:

DF. ___ / 22 / 03 / 78

Fabiana N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 192

Em de de 1.97

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados com a classificação: ~~impróprio para menores~~ de LIVRE, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 10 de abril de 1978

Maria Helena P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: Livre sem cortes
Brasília-DF, 11 de abril de 1978

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 193

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

168
M

PARECER Nº 1186 / 78

TÍTULO: "O CASACO ENCANTADO"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Autor: Lúcia Benedetti

Examinando o novo texto-teatral apresentado para confronto, verificamos não ter havido nenhuma alteração de importância.

Opinamos pela liberação do texto atual com a chancela de "LIVRE", sem cortes, ratificando os pareceres anteriores dado a esta peça infantil.

Brasília, 07 de abril de 1978.

João Martins

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 194

169

486/78-SCTC/SC/DCDP 10/04 8

Superintendente Regional do DPF em Pernambuco

"O CASACO ENCANTADO"

Lucia Benedetti

Superintendente:

RECIFE-PE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239/P195

: O CASACO ENCANTADO

: LÚCIA BENEDETTI

GTAP - PE

: ETELMINA LÚCIA DA SILVA

10 ABRIL 78

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

11 ABRIL 78 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 196

525/78

: O CASACO ENCANTADO

: LÚCIA BENEDETTI

LIVRE

29 ABRIL 81

11 ABRIL 78

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 197

SRA / FICHADO

MJ - DPF - SRA/BSB

DPF - SRA
Fl. nº
Rub.

Serviço Público Federal

10 DEZ 1033 nº 034189

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

RECEBIDO POR:

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO-SCDP

Vitória, 07 de dezembro de 1979

Ofício nº 24-SCDP/SR/DPF/ES.

FICHADO
S. A. DCDP

Do Sr. Chefe da SCDP/SR/DPF/ES.

Ao: Sr. Dr. José Vieira Madeira
MD. Diretor da DCDP/DPF

Assunto: Texto teatral (encaminha)

Sr. Diretor

Anexo estamos encaminhando para exame, por solicitação de Dirce de Souza Viana, o texto -três vias- da peça teatral intitulada, "O Casaco Encantado", autoria de Lúcia Benedetti.

Cordialmente

Bel. Rogério F. Frões
Chefe da SCDP/SR/DPF/ES.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239,p.198

178

EXMO.SR.DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL EM BRASÍLIA - DF.

DIRCE DE SOUZA VIANA, com CPF nº 195.420.897/91, Cart.Identidade nº 128.298, filha de Eurico de Souza Fogo e Isabel de Vasconcelos Souza, residente à Rua Chafic Murad nº 130, Bento Ferreira nesta Capital, brasileira, casada de prenda domésticas, vem mui respeitosamente solicitar de V.Excia. o exame censório e liberação da peça infantil "O Casaco Encantado" de Lúcia Benedetti, até o dia 20 do corrente.

NESTES TERMOS
PEDE DEFERIMENTO

Vitória, 06 de Dezembro de 1979.

Dirce de Souza Viana

Dirce de Souza Viana

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE. 0239, p. 199

173

EXMO.SR.DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL EM BRASÍLIA - DF.

DIRCE DE SOUZA VIANA, com CPF nº 195.420.897/91, Cart.Identidade nº 128.298, filha de Eurico de Souza Fogo e Isabel de Vasconcelos Souza, residente à Rua Chafic Murad nº 130, Bento Ferreira nesta Capital, brasileira, casada de prenda domésticas, vem mui respeitosamente solicitar de V.Excia. o exame censório e liberação da peça infantil "O Casaco Encantado" de Lúcia Benedetti, até o dia 20 do corrente.

NESTES TERMOS
PEDE DEFERIMENTO

Vitória, 06 de Dezembro de 1979.

Dirce de Souza Viana

Dirce de Souza Viana

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE, 0239, p. 200

TEATRO

TÍTULO O Casaco Encantado

Patrícia Benedetti

1) ARQUIVO

Clas. Anterior livre

Praça Vitória - ES

Obs.:

DF. 14 / 12 / 79 /

Carlina N. Gomes

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: ~~imprópria para menores de~~ livre anos, ~~0 (zero)~~ cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.:

Brasília-DF, 04 de janeiro de 1980

Nelle Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do paracer
Em, 07 / 01 / 1980

Eliel José de Sousa
Matr. 2 095 665

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.201

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

175
M

PARECER Nº 202 / 79

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO
AUTORA: LUCIA NENEDETTI
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

Trata-se de peça infantil versando sobre mágico que faz encantamentos.

Um alfaiate sofrendo a atuação do mágico transforma-se num sapo, mesmo nesta condição luta juntamente com amigo de profissão para voltar a normalidade. No final consegue, com auxílio da mulher do mágico que aproveita a oportunidade para obter promessa do esposo de não mais a infringir maus tratos.

Peça de motivação infantil capaz de despertar grande interesse nas mentes das crianças. Confrontando o excrito ora examinado com os demais textos que compõem o processo, não vimos grandes discrepâncias, sendo o presente até mais atenuado, o que nos leva a referendar a chancela L I V R E , sujeita, no entando, a ensaio geral.

Brasília, 04 de janeiro de 1 980

José Barbosa Cardoso
T. de Censura

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.202

176

525/80

"O CASACO ENCANTADO"

LUCIA BENEDETTI

07 JANEIRO 85

07 JANEIRO 80

LIVRE

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 203

O CASACO ENCANTADO

LUCIA BENEDETTI

DIRCE DE SOUZA VIANA - VITÓRIA (ES)

04 JANEIRO 80

LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

07 JANEIRO 80

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 204

177

21/80-DCDP 07/01 80

Superintendente Regional do DPF no Espirito Santo

"O CASACO ENCANTADO"

Lúcia Benedetti

Superintendente:

VITÓRIA-ES

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 205

(RJ)

178

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O CASACO ENCANTADO"

"LÚCIA BENEDETTI MAGALGÃES"

MJ - DPF - DCDP - BSB
- 2 JUL 1407 E 007817
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL - SR/RJ

Oficio nº 959/81-SCDP/SR/RJ Em, 30.06.81

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Endereço: Av. Rodrigues Alves, 1/3º

Ao: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 200

Ref. Prot.: 008655/81-SCDP/SR/RJ

Senhor Diretor:

Para fins de expedição de certificado definitivo, encaminho a V.Sa. texto, pareceres e cópia do certificado provisório nº 095/81/RJ da peça teatral "O CASACO ENCANTADO", de Lucia Benedetti Magalhães, o exame foi requerido por Fernando Arruda da Silva - Rep. Grupo Fogo de Palha.

Atenciosamente,

HÉLIO GUERRERO
Chefe do SCDP/SR/RJ

eas/.

LSL/.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/ DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS/SR/DPF/RJ

180
P

PARECER Nº 231/81.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.207

ASSUNTO : RELATORIO DO EXAME DO ENSAIO GERAL
TITULO : " O CASACO ENCANTADO"
AUTOR : LUCIA BENEDETTI MAGALHAES
CLASSIFICAÇÃO : LIVRE.

Procedemos o exame do ensaio geral da peça "O Casaco Encantado" da autoria de Lucia Benedetti Magalhães, constando de uma estória em que dois jovens alfaiates "João e José" envolvidos numa tarefa de confeccionar um casaco para o "Rei". O personagens aparecem devidamente caracterizados, sendo seguidos, na íntegra todos os diálogos, os cenários; adequados ao público infantil. Obedecidos os padrões censórios, opinamos pela liberação sem restrições, com a classificação / LIVRE.

Rio de Janeiro/RJ - 24/06/81

HELIO FERNANDES DA SILVA
TC. MAT. Nº 2405318
SCDP/ SR/DPF/RJ

Bel. Joel Paulo da Silva
T. Censura - Mat. 1.741.796

Irigoié Rosa Pedrosa
T. CENSURA - SCDP/RJ
MAT. 2.404.837

DPF-243

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.208

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/ DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSOES PUBLICAS/SR/DPF/RJ.

PARECER Nº 779

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

ASSUNTO : LEITURA DE TEXTO- PEÇA TEATRAL
TITULO : "O CASADO ENCANTADO"
AUTOR : LUCIA BENEDETTI MAGALHAES
CLASSIFICAÇAO : LIVRE

Texto infantil que conta a estória de dois alfaiates "João e José", os quais, por um acidente conseguem danificar o casaco do "Rei", ficando desta forma incumbidos de fazerem / um outro e entregá-lo ao amanhecer; surge então a figura do "Mágico", atrapalhando os serviços de ambos, acabando por transformar a roupa em "casaco encantado".

Mais tarde "João e José" com a ajuda da "princesa" quebram os encantos do "Mágico" e devolvem o casaco ao "Rei" voltando assim a paz entre eles.

O tema apresenta uma linguagem clara e simples, própria para o público a que se destina, pelo qual opino pela classificação etária Livre.

Rio de Janeiro/RJ - 15/06/81

Bel. Hélio Fernandes da Silva
Tº Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.405.318

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

187

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 209

PARECER Nº 780

ASSUNTO: EXAME DE TEXTO
TITULO : O CASACO ENCANTADO
AUTOR : LUCIA BENEDETTI
CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

Texto para teatro infantil, contando a história de dois irmãos alfaiates, encarregados de fazer um casaco para o Rei.

Quando o casaco Real esta pronto, surge o mágico do reino, que por não ter sido bem tratado, coloca um feitiço no casaco e transforma um dos irmãos em sapo.

Depois de muita trapalhada e sob a ameaça de serem decapitados por desrespeito a autoridade real, conseguem / anular o feitiço e tudo acaba bem com todos felizes.

Pelo,que o texto apresenta, opino pela liberação sem restrições etárias.

Rio de Janeiro, 22 de junho de 1981.

Irigoé Rosa Pedroso
T. CENSURA - SCDP/RJ
MAT. 2.404.837

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL SR/RJ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS SR/RJ.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 210

ASSUNTO : TEXTO TEATRAL
TITULO : O CASACO ENCANTADO
AUTORIA : LÚCIA BENEDETTI
PARECER Nº 781
CLASSIF : LIVRE

Efetuei a leitura do texto em epigrafe, constando estória de dois irmãos, João e José, sofrendo o problema de certo descuido, ao estragarem o casaco do Rei fazendo com que os mesmos, confeccionassem um novo casaco dentro de determinado prazo, pois que seriam decapitados, surge a figura do mágico que de maldade, cria problema, transformando João em sapo, relogio com seu horário, com um final feliz para os irmãos, princesa um belo principe e mágico cumprindo uma ordem, fazer chover balas de frutas para seus netinhos,

Texto proprio para público infantil, na faixa etária LIVRE, sem qualquer restrição.

Rio de Janeiro, 22 de Junho de 1981

Joel Paulo da [illegible]
Censura - Mat. 1.74[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 211

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 095/81/RJ

PROVISÓRIO

PEÇA "O CASACO ENCANTADO"

ORIGINAL DE LUCIA BENEDETTI MAGALHÃES

APROVADO PALA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 29 de AGOSTO de 1981

Brasília, XXXXXXX RIO DE JANEIRO, 29 de JUNHO de 1981

Bel. HELIO GUERRERO
Chefe do SCDP/SR/RJ
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 047, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada "O CASACO ENCANTADO"

- - -

- - -

Original de LUCIA BENEDETTI MAGALHÃES BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.212

Tradução de -

Adaptação de -

Produção de -

Tendo sido censurada em 24 de JUNHO de 19 81 e recebido a seguinte classificação: LIVRE/CONDICIONADA AO ENSAIO GERAL/ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/RJ. **********

RJ.
~~Brasília~~, 29 de JUNHO de 19 81

Z/B

Maria Cecília O. Costa
Bel. Maria Cecília M. Oliveira Costa
Chefe da SCC/SCDP/SR/RJ
Chefe do Serviço de Censura
Mat. 2545.006

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 213

RECHADO DCDP
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
15 JUN 1814 55 000000
ENCAMINHE RUBRICA

22082 14

DCDP

DE RIO 2965 18 1506 1720

DCDP/BSA

NR 220 SCDP 150681 PT SOL INF ANTEC PECA ASPAS O CASACO ENCANTADO ASPAS VG AUTO LUCIA BENEDETTI MAGALHAES VG REQ FERDINANDO ARRUDA DA SILVA REP GRUPO FOGO DE PALHA PT

SR/RJ

ARQUIVO/DCDP

"O CASACO ENCANTADO" AUTORIA DE "LÚCIA BENEDETTI"
CONSTA REGISTRO. Reg: 525, Liv: 01, Pág: 17.
Clas: LIVRE, Censura em: 07.01.81

Bsb, 16.06.81

Chefe da Penha

NNNN
C2

GSE
E- 16/06/81

Isabel Prudente Carvalhedo Mª

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 214

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SR/RJ - RJO -

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 500/DCDP de 16 _ 6 _ 81 ___ RERA NR 220/SCDP/RJ DE 15.6.81 VG
INFO PEÇA " O CASACO ENCANTADO " LIB LIVRE PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

Hélio Bezerra Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

DPF—84

DPF

DITEL BSA
2122433DPFE BR

21493

DE RIO 2873 30 1006 1725

ENCHADO
DCDP

DCDP/BSA

10 JUN 1856 000000
DCDP

NR 216 - SCDP 100681 PT SOL INF ANTEC PEÇA ASPAS O CASACO ENCANTADO ASPAS VG AUT LUCIA BENEDETTI MAGALHAES VG REQ FERDINNDO ARRUDA DA SILVA REP GRUPO FOGO DE PALHA PT

SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 215

ARQUIVO/DCDP

CORRETO : - FERDINNDO

A PEÇA: "O CASACO ENCANTADO" autoria de "LÚCIA BENEDETTI" CONSTA REGISTRO. Reg:525,Liv: 01, pág: 17. Clas: LIVRE, censura em: 7.1.80

Bsb, 11.06.81

Mª da Penha

NNNN
T POR NP AS 1813
REC POR
DITEL BSA
2122433DPFE BR

a SE
11/06/81

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 216

[redacted]FANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

SR/RJ - RJO -

485/DCDP 12 6 81 RERA NR 215 ET 216/SCDP/RJ DE 10.6.81 VG INFO NADA CONSTA PEÇA " VIVA SAPATA OU TEM PAI QUE EH CEGO " VG CONSTA REG PEÇA " O CASACO ENCANTADO " LIB LIVRE PT DCDP

Arésio Oliveira Paixão
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

TEATRO

TÍTULO "O CASACO ENCANTADO"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 217

"LÚCIA BENEDETTI MAGALÃES"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça RIO DE JANEIRO / RJ

Obs.:

DF. / 02 / 06 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: ~~imprópria para menores de~~ livre ~~anos~~, ~~cortes~~, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: Ensaio Geral SP/87

Brasília-DF, 06 de 07 de 1981

Maria Austreide Pinheiro
Técnica de Censura
Mat. 2.015.804

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 10 / 07 / 1981

Eliel José de Sousa
Matr. 2.035.868

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 218

525

"O CASACO ENCANTADO"

LÚCIA BENEDETTI

06 JULHO 86

06 JULHO 81

LIVRE

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 219

O CASACO ENCANTADO

LÚCIA BENEDETTI

24 JUNHO 81

LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

06 JULHO 81

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.220

07 JULHO 81

1.853/81-DCDP

RJ

Of.nºs 958-959-962/81-SCDP/SR/RJ

1 - "EM ALGUM LUGAR ONDE TUDO É POSSÍVEL", de Alexandre de Paula
2 - "O CASACO ENCANTADO", de Lúcia Benedetti
3 - "EXERCÍCIO EM FAMÍLIA", de Kátia Regina Rabello da Costa.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.221

MJ - DPF - DCDP - BSB
17 JAN 0955 83 000407
RECEBIDO EM

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ

FICHADO SCDP

Ofício nº012/83-SCDP/SR/RJ Em, 11/01/83

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Endereço: Av.Rodrigues Alves nº 1 - 3º andar

Am: Srª Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

Ref.Prot.: 00002/83- MJ-DPF/NT

Senhor Diretor:

Para fins de expedição de certificado definitivo, encaminho a V.Sª texto, pareceres e cópia do certificado / provisório nº ...001/83-SCDP/DPF/NIT... da peça teatral ...O CASACO ENCANTADO... de ...LÚCIA BENEDETTI... foi requerido por ...MARIA JACINTHA TROVÃO DA COSTA CAMPOS...

Atenciosamente

HÉLIO GUERRERO
CHEFE DO SCDP/SR/RJ.

ZFB/

LG.

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - DPF DPf/NT

03 JANEIRO/83
Protocolo 00002

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 222

MARIA JACINTHA (Maria Jacintha Trovão da Costa Campos)
Requerente

Brasileira, Diretora, escritora teatral e professora
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 05556692 - I - Instituto Felix Pacheco
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Moreira César, 123 aptº 201 - Icaraí - Niterói, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) Peça Teatral - Infantil abaixo relacionada(s)
Espécie

de autoria de: Lúcia Benedetti

" O CASACO ENCANTADO "
Título(s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Niterói, 28 de Dezembro de 1982
Local e Data

Maria Jacintha
Requerente

Anexos:

SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.223

1 – EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Teatro Estável de Niterói CGC: Não empresarial

Sede: Rua Moreira César, 123/201 - Icaraí - Niterói

CEP:

Diretor ou Responsável: MARIA JACINTHA

2 – DADOS DO AUTOR

Nome: Lúcia Benedetti Magalhães

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Brasileira Naturalidade Mococa - SP

Data do Nasc.: 1914 Identificação:

Estado Civil: Viúva

Profissão Escritora Teataral

Endereço: R. Mascarenhas de Moraes, 100 aptº 701 (RJ)

tel: 257 4618 CEP:

3 – PARCERIA

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (executando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 28 de Dezembro de 1982 - Niterói

Ass.: Maria Jacinta

DPF-1085

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 224

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Niteroi, 03 de Janeiro de 1983

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

" O CASACO ENCANTADO "

Original de Lúcia Benedetti

Tradução de —

Próxima apresentação de 08 à 31 de Janeiro/83

Teatro Leopoldo Fróis Cidade Niterói

Estado R.J.

A estréia está prevista para 08/1/83

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

J. Ponte

AUTORAIS
APRESENTAÇÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 225

TEATRO ESTÁVEL DE NITERÓI

" O CASACO ENCANTADO "

de

Lúcia Benedetti

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239,p.226

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
04/10/83
Divisão de Polícia Federal no R.J.

1.º ATO

C E N A R I O :

(Casa de João e José. Duas camas, fogão, mesa, alguns manequins. Máquina de costura. Em cima do fogão uma panela. Sôbre a mesa, um prato com dois pães. O dia ainda não começou. Ambos trabalharam tôda a noite, estão fatigados, mas alegres. Terminam um grande casaco vermelho, com botões dourados. Quando o pano sobe, João, com uma enorme tesoura, está aparando os derradeiros fiapos. José prega o último botão. Ouve-se um galo cantar.)

JOSÉ

Acabei!

JOÃO

Acabei! (*Abraçam-se na maior alegria*) Estamos salvos!

JOSÉ (radiante)

(*Sacudindo o casaco*) Ficou pronto! O Rei poderá vesti-lo a qualquer hora! (*Tornam a olhar o casaco*) Ah! até que enfim, ficou pronto o casaco! (*Beija o casaco*) Meu casaquinho querido! (*Dança com êle*) Tra-lá-lá...

JOÃO

Se eu não tivesse trabalhado tanto, não vê que não ficava pronto?!

JOSÉ

Como não? Você quer dizer então que eu não trabalhei também?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.227

JOÃO

Trabalhou, sim. Mas você tinha obrigação de andar depressa. Senão, já sabe. Lesco! (*Faz gesto de cortar a cabeça*) Lá se ia a sua cabeça ombora!

JOSÉ

E a sua? (*Fazendo o mesmo gesto*) Lesco, lesco! Ia embora também.

JOÃO

Mas eu não tive culpa nenhuma! Foi você quem derrubou tinta no casaco do Rei!

JOSÉ

E de quem era a tinta?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas 04/01/83 - Divisão de Polícia Federal no R/J.

JOÃO

(*Consternado*) Minha.

JOSÉ

E, então?

JOÃO

Então, o quê? Por acaso mandei você sair correndo com a lata de tinta na mão e tropeçar no Rei? O casaco ficou que era só tinta roxa. E depois, ainda tive que pedir misericórdia...

JOSÉ

Isso também eu pedi. Ajoelhei-me junto do Rei e disse: "Seu" Rei (*Ajoelha-se*), não nos mate!

JOÃO

Eu também me ajoelhei quando vi que o Rei não queria atender. E também pedi.

JOSÉ

Pois é. Foi até você quem inventou que nós podíamos fazer um casaco igual e entregá-lo antes do sol raiar. Essa to-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.228

lice saiu da sua cabeça!... (*Olhando as mãos*) Estou com os dedos ardendo de tanto costurar.

JOÃO

E o Rei só perdoou porque achou impossível. Êle está ainda com raiva de nós. Quer nos matar de qualquer jeito!

JOSÉ

Desta vez nós vencemos. Mas eu sou mesmo um colosso! (*Olha o casaco*) Um colosso!

JOÃO

Deixe de ser convencido. Se não fôsse eu...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

JOSÉ

Convencido é você!

JOÃO

É você! Seu trapalhão! (*Batem à porta. Os dois se calam*).

JOSÉ

Quem será?

JOÃO

Quem sabe se o Rei mandou algum soldado nos buscar para... (*Faz gesto de cortar a cabeça*) Lesco!

JOSÉ

Isso não. O casaco está pronto!... (*Batem outra vez*) É melhor fingir que estamos dormindo.

JOÃO

É mesmo. (*Cada um corre para a sua cama. Põem-se a roncar. Batem outra vez e agora com mais fôrça*)

JOSÉ

(*Fala baixinho*) Vá ver quem é, João.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 229

JOÃO

Vá você...

JOSÉ

Eu não. Pode ser o Rei e êle não gosta de mim!

JOÃO

Nem de mim. (*Batem à porta outra vez*)

JOSÉ (*Fala fracamente*)

(*Levantando-se*) Quem está aí?

MÁGICO

(*Com voz forte*) Abra a porta! Sou eu!



JOSÉ

Não posso! Estou dormindo!

MÁGICO

(*Batendo com mais fôrça*) Abra!

JOSÉ

(*Choramingando*) Como é que eu vou abrir se estou dormindo?

JOÃO

(*Erguendo-se*) Deixe de ser medroso! Abra a porta! (*José abre a porta devagarinho, espia e torna a fechar*)

JOSÉ

Credo, que homem feio!

JOÃO

(*Curioso*) Quem é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.230

JOSÉ

Parece assombração. Tem um chapéu comprido e uma capa preta!

JOÃO

Deixe de bobagem. Assombração não bate na porta! (*Abre a porta, entra o Mágico, alto, calças de grandes riscos amarelos e pretos, chapéu de copa bem pontuda, enorme capa preta sôbre os ombros; fala sempre com arrogância, o que intimida José horrivelmente*)

MÁGICO

Que demora foi essa? Vocês não sabem que um Mágico não pode esperar?

JOSÉ

Não, senhor. (*Examinando meio incrédulo*) O Senhor é Mágico mesmo?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

MÁGICO

Claro que sou. Não está vendo?

JOSÉ

Estou, sim senhor. Mas pensei que fôsse assombração! (*Revolta do Mágico*)

JOÃO

(*Conciliador*) Êle estava meio tonto de sono... Não viu direito. Nós trabalhamos a noite inteira, estamos muito cansados. Quer ter a bondade de dizer o que deseja?

MÁGICO

Eu quero comida. Vi com meus olhos mágicos que vocês estavam acordados e resolvi entrar para descansar um pouco. Estou chegando da China.

JOSÉ

Seu ôlho mágico viu comida aqui?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 231

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL NO R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

Viu.

JOÃO

Onde? (*Procura pela sala, olha a panela*)

JOSÉ

Tomara que êle descubra! Faz três dias que ninguém come direito!

MÁGICO

Em cima da mesa.

JOSÉ

Mas só temos dois pãezinhos! Eu e o João vamos comê-los daqui a pouco, assim que acordarmos. Isto é, vamos dormir, vamos acordar e depois comer o pão.

JOÃO

É verdade. Nós temos só êstes dois pãezinhos...

MÁGICO

Pois o que eu quero mesmo é pão!

JOSÉ

Nós temos só dois... (*Choraminga*) Um para mim e outro para o João...

JOÃO

Não sobra nenhum para o senhor.

MÁGICO

(*Apanhando os pães*) Deixem de conversa. Já disse que estou com fome e quero os pães (*Começa a comê-los*)

JOSÉ

Então, seu Mágico, não faça cerimônia. Pode comer. (*Para João*) Nós vamos ficar com fome...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 232

MÁGICO

Fome tenho eu, depois de três dias e três noites de viagem! (*Mastiga o pão*)

JOÃO

Veio de avião?

MÁGICO

(*Orgulhoso*) Vim num cabo de vassoura! (*Acaba de comer o pão*) Agora quero dinheiro.

JOSÉ

(*Saltando de alegria*) Procure!... Se o senhor achar pode ficar com a metade! Nesta casa nunca apareceu dinheiro! (*O Mágico enfia a mão no bôlso de José e retira uma moeda de ouro*) Formidável! (*Mete a mão no bôlso e não acha nada*) Ué! (*Para o Mágico*) Tira mais! (*Mágico tira outra moeda*)

JOÃO

Tira em mim! (*O Mágico faz o mesmo*) Tira mais!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

MÁGICO

Agora chega. Não preciso mais do que isso.

JOSÉ

Tira umazinha só pra mim!

JOÃO

Só mais uma, "seu" Mágico! Só mais uma para mim e o meu amigo José...

MÁGICO

Já disse que chega!

JOSÉ

Mais uma, só umazinha!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p-233

MÁGICO

(*Zangado*) Chega! Eu não tiro dinheiro do bôlso dos outros para ninguém. Só para mim!

JOSÉ

Mas o senhor pode tirar, não custa nada, é só enfiar a mão no bôlso... bumba! (*Tenta fazer o mesmo no seu bôlso, sem resultado. Procura o bôlso de João, encontra um pedaço de barbante*) Ai, ai... (*Choraminga*)

MÁGICO

Pare com isso! Agora quero dormir e que ninguém me acorde!

JOSÉ

Também quero dormir! (*Vai para a cama*)

JOÃO

Eu também... (*Boceja*) Que sono! (*Vai para sua cama*)

MÁGICO

(*Para José*) Nessa cama quem dorme sou eu...

JOSÉ

Mas... mas esta é a minha cama, seu Mágico... (*Aponta para a cama de João*) Durma naquela, é mais macia... (*Mostrando as cobertas*) mais quentes. (*Afofa o travesseiro e depois o colchão*) Colchão de molas...

JOÃO

Pare com isso! (*Vai para sua cama*)

MÁGICO

Eu vou dormir e você fica de guarda!

JOSÉ

(*Contrariado*) De guarda?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no M.E. - Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 234

MÁGICO

Sim senhor! Não quero escutar barulho, não quero que mosquito assente no meu nariz, nem que a coberta caia para o lado! E, principalmente, que ninguém me acorde! (*Ameaçador*) Ai de você, se alguém me acordar!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

JOSÉ

(*Medroso*) Que é que acontece?

MÁGICO

Transformo você num sapo.

JOSÉ

Ah, meu Deus, eu que tenho tanto mêdo de sapos! (*Treme*) Eu prefiro ser passarinho...

MÁGICO

Num sapo, já disse!

JOÃO

(*Sonolento*) Não faz mal, José; se você virar sapo eu levo você todos os dias para passear na lagoa...

JOSÉ

Mas eu não quero ser sapo! Eu tenho mêdo de água fria! Não gosto de lagoa! Além disso, sapo come mosquito. Eu não gosto de mosquito!

JOÃO

Você acaba gostando. (*Torna a bocejar*) Uuuu... que sono!

MÁGICO

(*Deitando-se*) E não me acorde, hem! Senão já sabe! (*Puxa as cobertas e começa a roncar*).

JOSÉ

(*Senta-se perto da cama e começa a abanar os mosquitos, e consertar as cobertas, sempre choramingando, baixinho*) Uuu, uuuu...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 235

JOÃO

Êle já dormiu? (*Fala em voz baixa*)

JOSÉ

Já. Cale a bôca, senão eu viro sapo!

JOÃO

Vira nada, seu bôbo! Você não está vendo que é bobagem?

JOSÉ

Mas se eu virar sapo o que é que vão dizer de mim?

JOÃO

Êste Mágico é um mágico de mentira...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

MÁGICO

(*Acordando*) Tem alguém falando aí?

JOSÉ

Não tem, não senhor, foi o senhor que roncou... (*Imita o ronco*) E o senhor acordou com o seu próprio ronco.

MÁGICO

(*Ameaçador*) Tem alguém falando!

JOSÉ

(*Choramingando*) Não tem, não senhor... dorme quietinho, dorme... (*Puxa as cobertas, arruma o travesseiro do Mágico, canta*) Dorme, Magiquinho, tutu vem pegar... dorme Magiquinho, mas dorme sem roncar... (*O Mágico começa a roncar*)

JOÃO

Deixe de ser bôbo. Êsse homem é um sabidão. Comeu nossa comida, tirou nosso dinheiro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 236

JOSÉ

Nós não tínhamos dinheiro nenhum... Foi êle que fêz mágica!...

JOÃO

Mágica o quê! Com certeza alguém botou dinheiro no seu bôlso sem você saber.

JOSÉ

Mas quem? Nós não temos nenhum amigo rico! E eu procurei tirar e não tirei nada!

JOÃO

Então o dinheiro era dêle mesmo e êle está querendo nos enganar!

JOSÉ

(*Medroso*) Cala a bôca, senão eu viro sapo!



JOÃO

Deixe de ser burro!

JOSÉ

Eu não me importo de ser burro, mas sapo não quero ser!

MÁGICO

(*Acordando*) Quem falou aí?

JOSÉ

Ninguém, não senhor... (*Canta*) Dorme, Magiquinho...

MÁGICO

Alguém falou sim, e eu ouvi muito bem! (*Senta-se na cama*)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.237

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

JOÃO

(*Muito valente*) Fui eu que falei. E daí? (*Erguendo-se com valentia*) Não posso falar na minha casa?

MÁGICO

Não pode, não senhor! Eu mandei que todos se calassem!

JOÃO

Mas eu não me calei, pronto! Não tenho mêdo de Mágico não acredito nessa bobagem... E você, vá saindo daqui, senão apanha. Chega de amolação.

JOSÉ

(*Morto de mêdo*) Venha cá, João. Não brigue. Daqui a pouco o Rei vem aí! (*Puxa João para outro canto*)

JOÃO

(*Empurrando José*) Estou cansado de aturar êsse Mágico de meia-tijela!

MÁGICO

(*Avançando para êle*) Mais respeito, ouviu? (*Pega-o pelos ombros*)

JOÃO

Fora daqui, fora, seu mambembe! (*Lutam*)

JOSÉ

(*Separando a briga*) Não faça isso, João! (*Puxa-o para um canto, empurrando-o até a porta lateral, fecha a porta. Para o Mágico*) O senhor desculpe, êle está nervoso...

MÁGICO

(*Consertando a roupa*) Atrevido! Êle me pagará! (*Ouvem-se trombetas*)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239/p.238

JOSÉ

Não fique zangado, não... Deite-se. Eu tomo conta!

MÁGICO

Eu não quero mais dormir. Vou-me embora! (*Outra vez trombetas*)

JOSÉ

(*Alegríssimo. Indo apanhar o casaco*) É o Rei... É o Rei... (*Para o Mágico*) É o Rei...

MÁGICO

Que me importa? Vou-me embora e vocês hão de me pagar caro!

JOSÉ

Pois então vá... Pode ir. Agora vamos ficar de bem com o Rei!

MÁGICO

Vão ficar de bem? É o que você pensa! (*Vai até a porta e faz uns sinais cabalísticos. Volta*) Pronto, aquêle já está me pagando o que fêz.

JOSÉ

(*Choramingando*) Não faça feitiçaria na minha casa não, hem! Deixe meu amigo sossegado lá dentro! Se o senhor fizer alguma coisa, eu vou me queixar ao Rei!

MÁGICO

(*Atira um pó em cima do casaco*) Pois fale com o Rei. Pode se queixar! (*José agarra o casaco*)

JOSÉ

Não suje o casaco do Rei! Êle pode se zangar!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - DPF/RJ
Seção de Censura de Diversões Públicas
Departamento de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 239

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

MÁGICO

(*Rindo*) Zangar? (*Ri outra vez*) Êle vai pular, pular, pular! (*Embrulha-se na capa e sai dando gargalhadas*) Ah, ah ,ah!...

JOSÉ

João, João! Pode sair que o Mágico já foi embora! (*João não responde*) João! (*Começa a arrumar as camas, põe o casaco em cima de uma cadeira, depois, achando que pode amarrotar, veste-o num manequim. No mesmo instante o manequim salta de um lado para outro, pula, pula, pula. As trombetas soam mais perto*) É o Rei, João! (*Vendo o manequim saltar*) Nossa Senhora! Que é isso? Pára, pára! (*Arranca o casaco do manequim e corre para a porta. Dois pajens abrem a porta, tocam trombetas. Surge o Rei, acompanhado da Princesa e Pajens*)

JOSÉ

Pode entrar, Majestade! Bom-dia, Alteza!... (*Fala com mêdo*)

REI

Pelo que vejo, vocês cumpriram a palavra...

JOSÉ

Cumprimos, sim, Majestade. O casaco está pronto... isto é... o casaco, sabe, Majestade, está pronto. Mas não serve...

REI

Como? Não serve?

JOSÉ

É que êste casaco não vai ficar bem no senhor...

REI

Se não ficar bem, já sabem o castigo que os espera... (***Ergue a mão com ameaça***)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 240

PAJENS

(Todos ao mesmo tempo, fazendo gesto de cortar a cabeça) Lesco!

JOSÉ

Nossa Senhora! E agora?

REI

Se o casaco está pronto, quero que me entregue.

JOSÉ

Está pronto, sim senhor... *(Mostra o casaco)* Viu como nós demos conta do serviço? Está prontinho!

PRINCESA

Nesse caso, entregue o casaco, José. E aqui está o perdão... *(Mostra um pergaminho)*

JOSÉ

Me dá o perdão primeiro... Depois eu dou o casaco...

PRINCESA

Não, José. Primeiro o casaco.

JOSÉ

Primeiro o perdão... *(Estende a mão para alcançar o pergaminho do perdão)*

PRINCESA

Primeiro o casaco... O Rei quer vesti-lo ainda hoje!

JOSÉ

Mas "seu" Rei, o senhor tem tantos casacos, por que é que há de querer vestir êste aqui?

REI

Porque quero! Além do mais estou desconfiado. Com certeza o casaco não serve para mim!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.241

JOSÉ

...e, sim senhor... Isto é, serviu, mas agora não serve mais.

REI

E por quê?

JOSÉ

(*Indo até a porta*) Porque... (*Chamando com voz de choro*) João... João! Sai daí!

REI

Logo vi que havia coisa. Por que foi que o outro se escondeu?

JOSÉ

Eu que o empurrei para lá. (*Chamando*) João... Sai daí, João!

REI

Vá buscá-lo! Dei a sentença a ambos. Como é que êle se atreve a ficar num quarto quando está aqui o seu Rei?

JOSÉ

Vou perguntar a êle. (*Vai até a porta*) João... Como é que você se atreve... (*Sai um enorme sapo pela porta do quarto, José corre e sobe em cima da cama*) Ui! Ui! Nossa Senhora!

REI

(*Perplexo*) O que é isso?

JOSÉ

É meu amigo João, que virou sapo.

REI

Mentira!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R/J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 242

JOSÉ

Juro! (*No momento da jura, os personagens se imobilizam*)

VOVÓ

Não comece a fazer juramentos, José!

JOSÉ

(*Para Vovó*) Mas o Rei não acredita! Fale com êle, Vovó!

VOVÓ

Fale você mesmo.

REI

O seu amigo fugiu!

JOSÉ

Não fugiu, não senhor. É êle mesmo. (*De longe*) Olha a cara dêle. O senhor está vendo?

REI

Estou vendo coisa nenhuma! Com certeza o casaco não presta e êle fugiu com mêdo de ser morto. Mas eu hei de agarrá-lo! Hei de procurá-lo até no fim do mundo!

JOSÉ

Não precisa, senhor. Êle está aqui mesmo... O senhor não vê que um sapo dêste tamanho só pode ser o meu amigo?

REI

E você não tem vergonha de mentir ao seu Rei?

JOSÉ

Não estou mentindo, não senhor! O senhor é que não conhece sapos, senão via logo que não podia existir um sapo dêste tamanho!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - RJ
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.243

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

REI

Alto lá! Devia morrer por isso. Então não conheço sapos?

PRINCESA

Não se irrite, papai. Quem sabe se é verdade? Eu nunca vi um sapo tão exquisito na minha vida! (*Agrada o sapo*) Que sapo tão engraçadinho! (*O sapo pula de um lado para outro*)

JOSÉ

Viu como êle é mansinho? (*Fala de longe, com mêdo*)

REI

Deixe ver êsse casaco.

JOSÉ

Majestade, o casaco não está muito bom, mas como Vossa Majestade insiste...

SAPO

Nós trabalhamos a noite inteira, Majestade...

JOSÉ

É verdade... eu e João, isto é, eu e o sapo, que antigamente era João...

REI

Basta de conversas! (*Para o Sapo*) Quem te ensinou a falar?

JOSÉ

Êle é assim mesmo, Majestade.

REI

Isto aqui não está me parecendo bem... Sapo que fala... Hum! (*Faz menção de vestir o casaco*) Está bonito!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.244

JOSÉ

Mas não vai servir... Majestade. É um casaco levado da breca!...

REI

Se não servir, você há de me pagar! E pagará por dois! Por você e pelo outro que fugiu!

JOSÉ

Virou sapo, Majestade!

SAPO

Deixe êle pensar que eu fugi!

JOSÉ

Cale essa bôca que eu não quero conversa com sapo! (*Fala para o Rei*) Majestade, o meu amigo virou sapo mesmo. Estêve aqui um Mágico...

REI

Deixe ver o casaco e pare com essas tolices! Não acredito em Mágicos!

SAPO

Eu também não acredito! (*Sai pulando atrás do Rei*) Êste negócio de Mágico é bobagem!

REI

Entregue o casaco.

JOSÉ

Por favor, não vista êsse casaco!

REI

Por que não?

JOSÉ

O senhor não vai gostar...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 245

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

REI

(*Examinando o casaco*) Se eu não gostar, você é quem paga! (*Faz menção de vesti-lo*)

JOSÉ

O senhor vai se arrepender! (*O Rei veste o casaco, depois de alguma hesitação. Acontece com êle o mesmo que aconteceu ao manequim. Salta pela sala tôda. Todos os Pajens correm na maior confusão. José mete-se embaixo da cama e se encolhe o mais possível*)

REI

Tirem êste casaco! Me tirem êste casaco! (*Continua saltando até que os Pajens lhe arrancam o casaco de cima*) Atrevido! Onde está êle? (*Para os Pajens*) Vocês o deixaram fugir?

JOSÉ

(*Aparecendo, medroso*) Não senhor, eu me escondi...

SAPO

(*Indignado*) Por que não fugiu?

JOSÉ

Achei melhor me esconder aqui... (*Vendo o Sapo perto dêle*) Ui! Ui! Saia daqui que eu tenho mêdo de sapo!

REI

(*Para os Pajens*) Tirem êsse atrevido de baixo da cama! E amanhã bem cedo quero que sejam decapitados! (*José ouve a sentença morto de mêdo*)

PRINCESA

(*Penalizada*) "Êles"? Quer dizer que o sapo também?

REI

O sapo também! Não quero que no meu reino existam sapos dêste tamanho. Isso é uma desmoralização!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239/p.246

SAPO

Qualquer país do mundo teria orgulho de um sapo como eu!

PRINCESA

Oh, meu pai! Seja bondoso... Que mal lhe fêz êste pobre sapo?

JOSÉ

Seja bondoso, "seu" Rei.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

REI

Cale-se! Você morrerá amanhã!

SAPO

E eu também?

REI

Também!

PRINCESA

Meu pai... lembre-se de que irá cometer uma injustiça. Decapitar um pobre sapo!... Que dirá a Liga Protetora dos Animais?

REI

A Liga Protetora dos Animais não tem nada com isso. Êste é um sapo particular.

PRINCESA

Mais uma razão, meu pai. Um sapo particular merece tôda consideração... Êle poderá gritar, dizer coisas contra o senhor... O senhor sabe. É um sapo muito inteligente...

SAPO

Estudei na Universidade Real e sou formado em Ciências e Letras. Tenho curso de Pintura e Arquitetura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 247

REI

(*Cortando a fala do Sapo*) Terá que morrer por estar envolvido no caso do casaco que pula. Insultou o Rei! E êsse insulto será resgatado com a morte! (*Todos os Pajens repetem o mesmo gesto anterior de decapitação*)

PAJENS

Lesco!

PRINCESA

Majestade, eu lhe peço...

REI

Não.

PRINCESA

Êles afirmam que foi o Mágico o causador de tudo. Pois bem, eu lhe peço, meu pai, que lhes conceda três dias para encontrar o Mágico e desencantar o casaco.

REI

E se, no fim de três dias, não tiverem encontrado o Mágico, nem desencantado o casaco?

PAJENS

(*Fazendo o gesto anterior*) Lesco!

PRINCESA

Êles encontrarão!

JOSÉ

Nós vamos procurar por tôda a parte. Nem que a gente leve um ano ou dois, êsse Mágico tem que aparecer!

REI

Um ano ou dois? Três dias! Três dias e nada mais!

SAPO

Agradeça ao Rei. Êle nos concedeu três dias!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R/J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 248

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no Rio
37
Seção
de
Censura de
Diversões
Públicas

JOSÉ

Agradeça você.

SAPO

Eu não posso. Cabe a você cumprir êsse dever.

JOSÉ

E, você, pare de falar comigo. Eu tenho mêdo de sapo. Já disse.

SAPO

(*Com firmeza*) Agradeça!

JOSÉ

Majestade... (*Faz uma curvatura*) Eu e o sapo lhe agradecemos muito e prometemos encontrar êsse Mágico de qualquer maneira.

SAPO

Agradeça à Princesa...

JOSÉ

Augusta Princesa, nós lhe agradecemos muito... Daqui a três dias estaremos muito longe daqui... (*Dá a entender que pretende fugir e nunca mais voltar*)

REI

Ai de vocês se tentarem fugir! Vou mandar pôr soldados por tôda a parte. Não poderão escapar!

SAPO

(*Para José*) Trapalhão! Agora você estragou tudo!

JOSÉ

(*Indignado*) Êsse Rei está implicando comigo desde que eu tropecei nêle!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.249

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

SAPO

Tudo perdido! Agora não temos mais salvação! Vamos ser vigiados...

REI

Sòmente para atender ao pedido da minha filha, é que lhes concedo êsses três dias. E, agora, até breve! Voltem com o Mágico. Porque, senão o encontrarem, os meus soldados trarão vocês dois amarrados pelos pés! (*José se põe a chorar*)

JOSÉ

Até breve, Majestade. O senhor vai ver como nós vamos voltar amarrados pelos pés! (*Soam trombetas. Sai o Rei*)

PRINCESA

Até breve, José! Não chore... Coragem!

JOSÉ

(*Chorando*) Não estou chorando não senhora, Augusta Princesa!

PRINCESA

Vocês não vão morrer... Eu hei de ajudar. Por que chorar? Veja o sapo como está firme! Corajoso, não é?

JOSÉ

Sei lá. Eu não estou com mêdo de morrer, não senhora. Eu não quero é andar com êste sapo o dia inteiro.

SAPO

Deixe de bobagem! Você sabe muito bem que eu não sou sapo!

JOSÉ

Não é o quê! Olhe no espelho! E' sapo, sim senhor... Ui... uui...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 250

PRINCESA

Até breve, José...

JOSÉ

Até breve, Princesa... A senhora vai ajudar mesmo?

PRINCESA

Vou.

JOSÉ

De que jeito?

PRINCESA

Você verá... Até breve! (*Sai*)

SAPO

É melhor irmos andando também. Temos que procurar o Mágico.

JOSÉ

Procurar onde? Êle é capaz de ter ido para a China...

SAPO

Não sei onde êle estará. Mas vamos procurar. Apanhe o casaco e faça um embrulho. (*José vai obedecendo*) Agora, depressa, feche a casa e vamos embora. (*José vai obedecendo, com rapidez. O sapo fica na porta. José vai sair, vê o sapo e pára*)

JOSÉ

Vá na frente! Não quero sapo atrás de mim! Vá na frente!...

P a n o

FIM DO 1.º ATO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.251

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - R/J.
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

2.º ATO

VOVÓ

Relógio! (*Surge o relógio em cena*) Venha cá e marque dez minutos de intervalo! (*O relógio obedece. Ao sinal de começar o segundo ato, o relógio fará soar sua campainha*)

VOVÓ

João e José andaram muito. Chegaram numa estrada e... vejam...

CENÁRIO:

(*Uma estrada. Pedras, árvores. Aparecem primeiro o sapo e, em seguida, José. Estão cansados*)

JOSÉ

Não agüento mais de tanta fome!

SAPO

Eu também! Faz dois dias e duas noites que estamos andando. E nada de encontrarmos o Mágico!

JOSÉ

Ah, se eu pudesse comer um bife!... Com batatinhas, salada de tomates!...:

SAPO

(*Suspirando*) Ah... e uma boa fritada de camarões... depois, sobremesa!...

JOSÉ

Sapo não come fritada. Sapo come mosquito, bichinhos...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.252

SAPO

Já disse que não sou sapo e não quero saber de mosquitos...

JOSÉ

É sapo, sim senhor.



SAPO

Não seja teimoso!...

JOSÉ

(*Teimando*) Sapo, sapo, sapo!

SAPO

(*Desesperado*) E eu tenho que agüentar êste bobalhão!

JOSÉ

E eu tenho que andar acompanhado de um bicho horroroso como você! Ai meu Deus!

SAPO

Bobalhão!

JOSÉ

Eu é que sou bôbo, não é? Mas é você quem faz tôdas as trapalhadas. Quem foi que teve essa idéia de fazer o casaco? Foi você. Quem foi que brigou com o Mágico? Foi você. Quem foi que virou sapo? Você.

SAPO

E quem foi que avisou que ia fugir e fêz o Rei botar soldados por tôda a parte? Foi você! E se não fôsse a Princesa...

JOSÉ

É mesmo. E ela ficou de nos ajudar...

SAPO

Ela falou aquilo por falar. Mas não ajuda coisa nenhuma.

JOSÉ

Como é que você sabe?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 253

SAPO

Só falta um dia e ela não mandou ajuda. Amanhã, se não dermos conta do Mágico... Já sabe... Lesco! (*Ruído de uma pessoa chorando*)

JOSÉ

Tem alguém chorando aí...

SAPO

Está enganado.

JOSÉ

Tem, que eu escutei! (*Soluços*)

SAPO

(*Ouve atentamente*) Vá ver quem é.

JOSÉ

Vá você.

SAPO

Eu não posso...

JOSÉ

Não pode, por quê?

SAPO

Não vê que fica esquisito um sapo aparecer de repente e começar a falar?

JOSÉ

Ah!... Agora você está dizendo que é sapo, não é?

SAPO

Escuta aqui, José, você sabe muito bem que eu não sou sapo!

JOSÉ

Então vá ver quem é...

SAPO

Não posso! Eu sou sapo, mas não sou, entendeu?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - MJN
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 254

JOSÉ

É sapo, sim! Deixe de história!

SAPO

Veja quem é... (*José levanta-se, caminha até um grande tronco e espia*)

JOSÉ

(*Choramingando*) Sempre eu é que tenho que ver! (*Imobilização*)

VOVÓ

(*Intervindo*) Que tem isso? É preciso deixar de ser medroso, José! Vamos! Espie... Coragem! (*José caminha para junto da árvore*)

JOSÉ

(*Olha*) Ui! Tem uma mulher chorando!

SAPO

(*Autoritário*) Pergunte quem é. E por que está chorando.

JOSÉ

Psiu! Psiu! Que choradeira é essa?

JOSEFINA

(*Estranha figura, cômica, de feiticeira. Aparecendo*) Quem é você?

JOSÉ

Sou o José. E você, quem é?

JOSEFINA

(*Admirada*) Que sapo tão grande!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R.J.
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. c239, p.255

JOSÉ

É o meu amigo João que pensa que não é sapo. Como é que você se chama?

JOSEFINA

Josefina.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

SAPO

Por que estava chorando?

JOSEFINA

(*Assombrada*) Êle fala?

SAPO

Por que estava chorando? Não precisa ter mêdo de mim...

JOSÉ

(*Chegando perto do sapo, sempre com muito mêdo*) Olhe aqui, êle é um sapo mansinho, mesmo...

JOSEFINA

Eu não tenho mêdo de sapo... Não tenho mêdo de nada neste mundo. Só do meu marido!

JOSÉ

Êle é muito valente?

JOSEFINA

Muito. Zanga à-toa. E agora eu sei que êle vai zangar comigo...

SAPO

Por quê?

JOSEFINA

(*Chorando outra vez*) Porque quebrei a vassoura de que êle mais gostava...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 256

JOSÉ

Seu marido é fabricante de vassouras?

JOSEFINA

Não.

SAPO

É varredor de ruas?

JOSEFINA

Não.

JOSÉ

Coleciona vassouras?

JOSEFINA

Não.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Filial do Departamento de Polícia Federal no R/J.

JOSÉ

Então por que é que êle vai brigar por causa de uma vassoura à-toa como esta?

JOSEFINA

À-toa, não! É uma vassoura formidável! É capaz de sair voando e levar a gente mais depressa do que um avião!

SAPO

(*Desconfiado*) Seu marido passeia de vassoura?

JOSEFINA

Passeia... (*Vaidosa*) Eu também passeio .. (*Ri*)

SAPO

(*Aproximando-se de José e falando baixo*) E' capaz de ser parente do Mágico.

JOSÉ

A senhora é parente de um mágico?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 257

JOSEFINA

(*Orgulhosa*) Eu sou casada com um mágico... Estou aprendendo a ser feiticeira, mas não consigo. Hoje saí para dar um passeio e quebrei a vassoura... (*Chora e mostra a vassoura*)

SAPO

Não chore... (*Para José*) Pergunte onde ela mora...

JOSÉ

Onde é que seu marido mora? Nós o procuramos há tanto tempo!

VOVÓ

(*Do proscênio. Intervindo*) Não diga, minha filha! Não vê que êles querem prender seu marido?

JOSEFINA

(*Para Vovó*) É?

VOVÓ

Claro. E o dever de uma espôsa é ser leal ao marido, ainda que êle ande pelo mundo a fazer mágicas.

JOSÉ

Escute aqui, vovó. Não atrapalhe, sim? (*Para a mulher*) Onde é que vocês moram?

JOSEFINA

Por que querem saber?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

JOSÉ

Para fazer uma visita...

JOSEFINA

Meu marido não recebe visitas!

JOSÉ

Mas nós precisamos fazer uma visita a seu marido...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 258

JOSEFINA

Não! Eu não digo!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

SAPO

Não custa nada... Diga!

JOSEFINA

Não digo!

JOSÉ

Diga... Depois que prendermos seu marido, nós lhe prometemos uma vassoura nova!

JOSEFINA

Prender! Então vocês vão prender meu marido?

SAPO

Trapalhão! Estragou tudo, outra vez!

JOSEFINA

(*Teimosa*) Pois não digo! Não adianta insistir que eu não digo!

SAPO

(*Som de trombetas ao longe*) Está ouvindo? Parece que o Rei vem aí...

JOSÉ

(*Ouvindo as trombetas*) E' mesmo. Deve ser o Rei... Estamos perdidos! Não sabemos nem onde mora o Mágico!

JOSEFINA

E nunca saberão! (*Com desprêzo*) Vocês são tão bobos que nem conhecem quando é o Rei que vem ou quando é a Princesa. Êsse toque é para a Princesa.

SAPO

(*Pulando de alegria*) José! Estamos salvos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.259

JOSÉ

Você disse que ela não viria!

JOSEFINA

A carruagem parou. Está saltando... Aí vem a Princesa! (*Curvam-se. José também se curva. O sapo faz uma reverência.*)

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

SAPO

Salve, Augusta Princesa!

PRINCESA

Salve.

JOSÉ

Salve! Princesa... Nós estávamos quase apostando que a senhora não viria.

PRINCESA

A palavra de uma Princesa é sagrada...

JOSÉ

Foi isso que eu falei ao Sapo. Mas a senhora sabe êsses sapos como são. Não entendem nada de Princesas...

PRINCESA

Não posso me demorar muito, pois o Rei mandou me vigiar para que não me encontrasse com vocês. Já descobriram o Mágico?

JOSÉ

Só descobrimos a mulher dêle!

PRINCESA

Ótimo! Não vão demorar muito a encontrá-lo agora!

JOSÉ

(*Medroso*) E depois que o encontrarmos como é que vai ser?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239,p 260

SAPO

Estaremos salvos!

JOSÉ

Eu acabo virando sapo também e depois... (*Chora*) Êle pode mais do que nós!

PRINCESA

Vim justamente por causa disso. Quando eu era menina, a minha Babá me ensinou uma porção de feitiçarias. Depois que ela morreu, eu esqueci quase tudo, mas de uma coisa não me esqueci.

SAPO

O que é?

PRINCESA

Eu sei de umas palavras cabalísticas que são tão poderosas que...

JOSÉ

(*Interrompendo*) Palavras o quê?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R/J.

SAPO

Cabalísticas.

JOSÉ

Que é isso?

SAPO

São palavras de feitiçaria...

PRINCESA

Querem ou não querem aprender? São palavras que fazem qualquer mágico dormir.

JOSÉ

E' só falar que êle dorme?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 261

PRINCESA

Só falar!

JOSEFINA

(*Dando uma gargalhada*) Ah, ah, ah! Meu marido não dorme nunca!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

JOSÉ

Lá em casa, só queria dormir...

JOSEFINA

Estava fingindo, para saber o que vocês diziam...

PRINCESA

Com as minhas palavras qualquer mágico se põe a dormir! É só dizer e êle adormece.

SAPO

Que felicidade! Assim que estiver dormindo, nós o carregaremos para a casa do Rei!

JOSÉ

Oh, Princesa! Que bom! Diga logo essa palavrinha que eu quero aprender!

PRINCESA

Não se trata de uma palavrinha; mas de várias... Um versinho. E eu só posso dizer uma vez. Vocês terão que aprender. Não posso repetir.

JOSÉ

Por quê?

PRINCESA

Porque perde o efeito. Só se pode dizer essas palavras uma vez por dia.

SAPO

Temos então que ouvir uma vez só e aprender?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.262

PRINCESA

Tem que ouvir uma vez só e aprender.

JOSÉ

Pode dizer, que eu aprendo! Eu aprendo tudo de uma vez!

PRINCESA

Então prestem atenção. (*Os três se aproximam dela, inclusive Josefina*) As palavras são estas... (*Diz muito depressa*)

Missecofe dari, dari tira liro
Cli, Clófe, clare, dari, dari don fon-fon
Malacafun, malacafun, clincóide!
Chiributu, chirimici, magá!
Tum! Zaravai, otim, maratu, dispim.
Requequé, requequé
O' rinhanhã ó rinhanhã.
Pingolim, pimpim!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

JOSÉ

Fácil!

VOVÓ

Cale a bôca e trate de decorar isso direitinho!

JOSÉ

(*Com basófia*) Fique tranqüila. É só ver o Mágico que eu, bumba! Digo êsse versinho para êle, e êle zás... Cai morto!

PRINCESA

Morto, não. Dorme!

JOSÉ

Pensei que isso matasse!

SAPO

Não fique tagarelando que você se esquece! Cale a bôca!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239,p.263

JOSÉ

Quer ver como eu sei? Quer ver? Misse... Misse... Como é mesmo? (*Passa a mão pela cabeça, anda de um lado para outro*) Como é mesmo?

PRINCESA

Não posso repetir. Procure se lembrar! (*Para o Sapo*) Você aprendeu?

SAPO

Sim, Alteza!

PRINCESA

Então, adeus! Sejam felizes! (*Sai, enquanto os três fazem uma reverência*)

JOSÉ

Agora é que eu quero ver! Agora é que eu quero ver a cara do Mágico.

SAPO

Precisamos saber onde êle mora... (*Para a mulher*) Senhora Dona Josefina, vai nos dizer onde é a sua casa?!

JOSEFINA

Eu não!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

JOSÉ

Vai dizer sim!

SAPO

É melhor a senhora dizer!

JOSEFINA

Não, não e não! (*Senta-se longe dêles e esconde o rosto entre as mãos. Chora*) Ai, meu marido vai brigar comigo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 264

SAPO

(*Em segrêdo, para José*) Que dê o casaco?

JOSÉ

(*Apanhando o capote*) Está aqui.

SAPO

Se a gente conseguisse vestir êsse casaco na Dona Josefina, num instante ela resolvia falar onde mora.

JOSÉ

Qual nada, Dona Josefina é teimosa...

SAPO

Garanto que fala...

JOSÉ

Será?

SAPO

Experimente...

JOSÉ

(*Indo até a mulher*) Dona Josefina... não chore, não chore não. Nós não deixamos seu marido brigar com a senhora.

JOSEFINA

Vocês sabem como êle fica, quando está zangado?

JOSÉ

Pois é... Êle fica uma fera!

JOSEFINA

Me dá cada surra!

SAPO

Covarde!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.265

JOSEFINA

Eu não gosto de apanhar...

JOSÉ

Nem eu. Apanhar não tem graça nenhuma.

JOSEFINA

E logo agora que estou cheia de reumatismo... Quase não posso me mexer.

SAPO

Ótimo! (*Salta de um lado para outro contente*)

JOSEFINA

Ótimo, por quê?

SAPO

(*Confidencial*) Nós temos aqui um casaco que cura reumatismo...

JOSEFINA

Cura mesmo?

JOSÉ

Cura mesmo.

JOSEFINA

Já curou alguém?

JOSÉ

Já. Mais de mil pessoas!

SAPO

Vamos indo bem...

JOSEFINA

Deixe ver aqui... (*José entrega o casaco*)

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.266

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

SAPO

(*Pulando*) Ótimo!

JOSEFINA

(*Examinando*) Hum... Casaco vermelho.

SAPO

Fica-lhe muito bem...

JOSEFINA

Não. Ainda se fôsse azul, eu vestiria. Mas vermelho? Não fica bem numa mulher de mágico.

JOSÉ

Fica lindo! Experimente... (*A mulher hesita, por fim se decide*)

JOSEFINA

Como é vovó, devo vestir?

VOVÓ

Dessa vez, não quero dar opinião. (*Para as crianças*) Que é que vocês acham? Deve vestir ou não?

JOSEFINA

Bem, eu vou experimentar... Afinal, não custa nada, não é?

JOSÉ

É de graça!

SAPO

Veste logo, anda! (*A mulher veste e se põe a saltar como uma desesperada*)

JOSEFINA

Pára! Pára! Tirem êste casaco de cima de mim. (***Continua pulando***)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.267

SAPO

Diga onde mora!

JOSEFINA

Não digo! Ui, ui, ui, meu reumatismo!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

JOSÉ

Diga onde mora!

JOSEFINA

Atrás daquele morro, à beira do rio...

SAPO

Se não fôr verdade nós a vestiremos outra vez com isso!

JOSÉ

Deve ser verdade, sim. (*Tira o casaco. A mulher pára de pular, senta-se sôbre uma pedra, exausta*).

JOSEFINA

Uf!

SAPO

Uf! o quê? Vamos andando, que não temos tempo a perder...

JOSEFINA

Eu vou depois...

SAPO

(*Autoritário*) Vai junto conosco! (*A mulher ergue-se, José dobra o casaco, coloca-o debaixo do braço*)

JOSÉ

(*Para o Sapo*) Vá na frente que eu não quero sapos pulando atrás de mim!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 268

SAPO

Você se lembra das palavras cabalísticas?

JOSÉ

Como é mesmo? Como é mesmo?

JOSEFINA

Vamos! Quero ver vocês enfrentarem meu marido! Ah, ah, ah!

VOVÓ

Venha cá, relógio, e seja camarada. Marque outra vez o intervalo.

(*O relógio entra em cena, marca novamente o intervalo*)

P a n o

FIM DO 2.º ATO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - M.J.
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.269

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - R.J.
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

3.º ATO

CENÁRIO:

(Caverna do Mágico. Corujas empalhadas, uma grande aranha e uma grande teia. Mesa, cadeiras desiguais. Umas roxas, outras azuis, também outras amarelas. No centro, uma trempe, em cima da qual está um caldeirão.)

VOVÓ

Conforme vocês viram, a mulher do Mágico acabou contando onde morava. E, agora, meus amiguinhos, João e José estão chegando em casa do Mágico. Prestem muita atenção porque não é todos os dias que se pode ver um Mágico em casa. Vejam! *(Abre-se o pano. O Mágico mexe o caldeirão com uma enorme colher-de-pau. Joga dentro da panela umas ervas e continua a mexer)*

MÁGICO

(Cantando) Mexe, mexe o caldeirão
até o caldo ferver
Quem beber dêste caldinho
Terá vida até morrer! *(Batem à porta)*

MÁGICO

Quem é?

JOSEFINA

Sou eu!

MÁGICO

Eu, quem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.270

JOSEFINA

A tua mulher!

MÁGICO

Estou sentindo cheiro de gente estranha!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

JOSEFINA

Sou eu, pode abrir!

MÁGICO

Você está sòzinha?

JOSEFINA

Trago visitas.

MÁGICO

(*Esfregando as mãos*) Visitas! Ah! a minha mulherzinha conseguiu justamente o que eu mais desejava! Só me faltava uma visita para completar a minha feitiçaria. E, agora, me aparece gente! (*Dança*)

Mexe, mexe o caldeirão
mexe, mexe até ferver...
Quem beber dêste caldinho
Terá vida até morrer! (*Abre a porta*)

Podem entrar! (*Entram a mulher, José e o Sapo*)

SAPO

(*Cortêsmente*) Com licença...

JOSÉ

Boa-tarde...

MÁGICO

Entrem, entrem...

JOSEFINA

Boa-tarde, meu querido marido...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 271

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

MÁGICO

(*Para José*) Como foi que achou o caminho?

SAPO

Nós queríamos lhe pagar a visita.

JOSÉ

(*Tremendo*) Pois é. O senhor estêve na nossa casa. Agora é a nossa vez de vir aqui... não é?

MÁGICO

Estou perguntando como foi que chegaram até aqui...

JOSEFINA

Fui eu quem os trouxe. Êles estavam tão aflitos. (*Piscando os olhos*) Queriam tanto pagar a visita!...

JOSÉ

É mesmo. (*Com mêdo*) O senhor gosta de visitas, não gosta?

MÁGICO

(*Dando uma gargalhada*) Se gosto! Ah, ah, ah! Eu estava esperando por vocês...

SAPO

(*Desconfiado. Para José, em voz baixa*) Êle está tramando qualquer coisa...

JOSÉ

Que nada, êle ficou muito contente, não está vendo?

MÁGICO

Há muito tempo eu não recebia visitas... Há mais de trezentos anos. Não, deixe ver... há duzentos e oitenta...

JOSÉ

Quantos anos o senhor tem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.272

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

MÁGICO

Oitocentos...

JOSÉ

(*Impressionado*) Criança, aliás...

MÁGICO

Minha mulher é mais nova do que eu. Tem só quinhentos anos.

SAPO

A senhora parece ter muitos menos...

JOSÉ

A gente olhando pensa que tem só uns quatrocentos anos, não é, Sapo?

SAPO

Uns trezentos e cinqüenta...

JOSEFINA

Ah, isso é mesmo! Ninguém diz. A última visita que velo aqui pensava que eu tinha cento e oitenta anos... (*Olha para a coruja empalhada*) Coitada!

SAPO

Essa coruja faz parte da mobília?

JOSEFINA

(*Para o marido*) Digo?

MÁGICO

(*Mexendo o caldeirão, muito alegre*) Diga, mulher!

JOSEFINA

Essa coruja foi a última pessoa que nos visitou... Era um rapaz muito valente, não era, meu marido?

MÁGICO

Muito.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 273

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal
Seção de Censura de Diversões Públicas
65

JOSÉ

(*Tremendo*) Rapaz? E, agora, é coruja?

MÁGICO

Foi. Já está empalhada há muito anos... Eu o transformei em coruja porque minha mulher queria ter um enfeite aí nesse canto...

JOSÉ

(*Chorando*) Por que não comprou uma jarra?

MÁGICO

Isto aqui é casa de Mágico. Não vê logo que não ficava bem comprar uma jarra?

JOSÉ

E a aranha?

MÁGICO

A aranha era uma môça muito faladeira, que passava por aqui cantando todos os dias. Um dia eu a transformei em aranha só para fazê-la calar a bôca...

JOSÉ

Coitadinha!

SAPO

O senhor não podia dizer a essa môça que calasse a bôca?

MÁGICO

Podia. Mas achei mais fácil transformá-la em aranha. Num instante ela ficou calada...

JOSÉ

(*Sentando-se*) O senhor não gosta de gente que fala, não é?

MÁGICO

Não.

JOSÉ

(*Para o Sapo*) Então é melhor a gente calar a bôca...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 274

JOSEFINA

Não é preciso. Êle vai dar um jeito de vocês ficarem calados por muitos e muitos anos...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no D.F. - Seção de Censura de Diversões Públicas

JOSÉ

Quantos?

MÁGICO

Uns quinhentos...

JOSÉ

Meu Deus!

SAPO

(*Valente*) Isso agora é conversa fiada... Vê lá se êle vai fazer conosco o mesmo que faz com essa pobre gente... (*Apóia-se sôbre uma cadeira*)

MÁGICO

Essa cadeira verde que está aí, era um camarada igualzinho a você... Já está calado há uns seiscentos anos.

JOSÉ

(*Dando um salto da cadeira onde se sentou*) E esta aqui?

MÁGICO

Essa era um camarada bôbo como você...

JOSÉ

(*Alisando a cadeira*) Desculpe... Pensei que você fôsse cadeira mesmo!

SAPO

Não seja bôbo, José, você não vê que isto não é possível? Êle está querendo nos meter mêdo. Mas, comigo, não! Não acredito nessas bobagens!

MÁGICO

(*Cantando*) Mexe, mexe o caldeirão
mexe, mexe até ferver!

JOSEFINA

Ainda demora muito?

MÁGICO

Um pouco...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 275

JOSÉ

(*Conciliador*) Seu Mágico, o senhor não vai fazer nada disso conosco, não é? Nós somos seus amigos... Lembre-se de que estêve em nossa casa.

MÁGICO

Não me lembro.

SAPO

Como não? Nós lhe demos comida...

MÁGICO

E eu também lhes darei comida dêste caldeirão...

JOSÉ

Nós lhe demos dinheiro...

MÁGICO

Mulher, traga o saco de dinheiro. (*A mulher apanha um enorme saco que entrega a José*)

JOSÉ

Obrigado. (*Para o Sapo*) Vamos embora...

MÁGICO

Embora?

JOSÉ

É, sim senhor... Já está ficando tarde...

SAPO

(*Irritado*) Como? Êle precisa me desencantar!

JOSÉ

(*Muito terno*) Não precisa ficar zangado, não, João. Você está tão bonitinho assim de sapo. (*Puxando-o*) Vamos embora! (*Arrasta o saco de dinheiro até a porta*)

SAPO

Eu faço questão!

MÁGICO

Vocês se esqueceram de uma coisa... (*Com ar de zombaria*) Vocês se esqueceram de que eu dormi em sua casa...

(*Cantando*) Mexe, mexe o caldeirão
Mexe, mexe até ferver!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - DIVISÃO de Polícia Federal no R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 276

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

JOSÉ

Pois é; mas não tem importância. Outra vez que viermos aqui, nós prometemos dormir também... (*Faz menção de sair*)

MÁGICO

Ah, ah, ah! Outra vez que vierem? Pois sim! Tem que ser hoje!... (*Para a mulher*) Traga as cordas! (*A mulher do Mágico traz cordas e o Mágico começa a amarrar José*)

JOSÉ

(*Chorando*) Eu não quero dormir amarrado! Eu não estou com sono... (*Luta, mas o Mágico pode mais que êle e o amarra completamente*) Ai, ai!...

SAPO

Eu quero ver êle me pegar! (*Com muita valentia*) Vem, Mágico bôbo!

JOSÉ

Diz aquêle versinho que a Princesa ensinou! Diz, Sapo, diz!

SAPO

Diga você. (*Salta de um lado para outro, enquanto o Mágico o persegue*)

JOSÉ

(*Chorando*) Missecofe, dari dari dari dari... Não me lembro!

SAPO

(*Fugindo do Mágico que avançou para êle*) Eu me lembro. Vem Mágico bôbo! (*Tropeça numa cadeira*)

JOSÉ

(*Cuidadoso*) Não machuque o rapaz!

SAPO

(*Para a cadeira*) Desculpe! Vem, que eu te ensino! Quem vai dormir é você, ouviu? E vai dormir mil anos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.277

JOSÉ

Fale logo! Deixe de contar prosa... Depois êle dorme o tempo que quiser! Diga aquêle versinho da Princesa!...

SAPO

Digo mesmo! (*Com imponência*):

Missecofe dari, dari, tira liro
Kli, clofee, café, dari, dari, dari, dari...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

JOSÉ

Continua!

SAPO

Dari, dari...

JOSÉ

(*Chorando*) Foi no dari, dari que eu me atrapalhei!

SAPO

Dari, dari, dari... (*Desesperado*) Dorme Mágico!

MÁGICO

(*Dando uma gargalhada*) Dorme o quê! (*Agarra o sapo e começa a amarrá-lo também*) Vocês dois, sim, é que vão dormir um belo sono!

JOSEFINA

Eu quero o Sapo para servir de escrivaninha. A gente coloca uma tábua aqui em cima, e pronto. Não fica bonito?

SAPO

Bonito coisa nenhuma! Eu quero ir embora!

JOSÉ

E eu? Com certeza vou virar uma cadeira azul...

JOSEFINA

Cadeira, não. Poltrona. (*Para o marido*) Uma poltrona estofada côr de laranja.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.278

JOSÉ

(*Chorando*) Ah, meu Deus, quando me lembro que passei dois dias e duas noites andando para chegar aqui e virar mobília de Mágico!...

MÁGICO

Você não vai virar mobília, não.



JOSÉ

Que sorte!

JOSEFINA

Como não?

MÁGICO

(*Misterioso*) Eu preciso dêle para outra coisa!

JOSEFINA

(*Teimosa*) Mas eu quero uma poltrona!

JOSÉ

Olhe aqui, minha filha, deixe seu marido resolver. Se êle não quer que eu vire poltrona, paciência...

MÁGICO

Não quero mesmo!

SAPO

Eu não quero também!

JOSÉ

Você não é poltrona, é escrivaninha. Cale a bôca.

JOSEFINA

(*Zangada*) Mas você me prometeu, você me prometeu!

JOSÉ

Fica para outra vez...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.279

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal do R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas 69

MÁGICO

Eu preciso dêle.

JOSÉ

(*Contente*) Viu. Êle precisa de mim. Nada de poltronas, desta vez.

MÁGICO

(*Para a mulher*) Não se aborreça. Você se lembra da receita desta sopa?

JOSEFINA

Lembro. Você sabe que eu nunca me esqueço de nada...

MÁGICO

Como era?

JOSEFINA

Água da serra colhida às três horas da manhã, dois olhos de cabrito, perna de lagarto, gordura de baleia, trombas de elefantes, ovos de pombos cinzentos e fígado de alfaiate!

JOSÉ

(*Aflito*) Mau, mau!

MÁGICO

Está faltando só o fígado de alfaiate... (*Dá a colher a ela*) Prove aqui.

JOSEFINA

Ótima! Mas você esqueceu também dos ovos de pombos...

JOSÉ

(*Querendo desanimá-lo*) Fígado de alfaiate tem gôsto ruim.

MÁGICO

(*Sem lhe dar importância*) É verdade. Você saiu para arranjar... Arranjou?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.280

JOSÉ

Fígado de alfaiate é amargo, azêdo, salgado...

MÁGICO

Cale a bôca. Você daqui a pouco vai para a panela!

JOSÉ

(*Chorando*) Eu não! Eu prefiro ser poltrona!

JOSEFINA

Primeiro é preciso quebrar aí dentro os ovos de pombos...

MÁGICO

Onde estão?

JOSEFINA

Eu... isto é... eu...

MÁGICO

Não arranjou? Eu lhe disse que era só montar na vassoura e seguir em direção de Mato Grosso...

JOSEFINA

Pois é, eu montei na vassoura e fui para os lados de Mato Grosso...

MÁGICO

E então?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

JOSÉ

A vassoura enguiçou no caminho...

JOSEFINA

É isso mesmo...

MÁGICO

Não é possível. Uma vassoura novinha. Eu nunca tive uma que fôsse tão boa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.281

JOSÉ

Pois é. Essas vassouras últimamente não valem nada. Quebram à toa...

MÁGICO

Quebram? Quer dizer que você quebrou minha vassoura de estimação?

JOSEFINA

Não se zangue, meu bem. Foi por acaso. Eu não tive culpa...

MÁGICO

Não teve culpa o quê! Você estraga tudo que eu tenho! Bem que eu lhe disse que não saísse com aquela vassoura! Não disse?

JOSEFINA

(*Chorando*) Disse...

MÁGICO

Mas você é teimosa! (*Avança para ela*) Você é uma mulher impossível! Vou passar mais trinta anos arranjando outra vassoura! (*Apanha um pedaço de pau*) Mas antes disso hei de lhe ensinar como é que se cuida das coisas! (*Corre para a mulher. A mulher corre, também, fugindo*) Eu te ensino, relaxada!...

JOSÉ

(*Acompanhando a luta*) Sobe em cima da cadeira. Corre para o outro canto. Cuidado com a aranha! Volta daí, senão êle te pega!

MÁGICO

Cale a bôca que você está me atrapalhando!

SAPO

Não me conformo. Como é mesmo? (*Procura lembrar-se do versinho, salta conforme pode, ainda que amarrado*) Missecofe...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 282

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal
Seção de Censura de Diversões Públicas

JOSEFINA

Não me bata! Perdão, perdão!

MÁGICO

(*Agarrando-a*) Perdão? Você vai ver! (*Ergue o cacête e começa a bater na mulher*)

SAPO

Como é mesmo? Como é mesmo?

VOVÓ

Não deixe que seu marido lhe bata, minha filha! Reaja! Diga aquêle versinho que a Princesa ensinou. Você sabe, sim. Você nunca se esquece de nada.

JOSEFINA

(*Desesperada*) Missecofe dari dari dari liro
Kli clofe clafe, dari dari dari don fron fron
Malacafun, malacafun clinfóide
Chiribibi, chiribibi, magá!
Tum!
Zaravai, otim, marabum dispin
Requequé, requequé,
Ó rinhanhã, ó rinhanhã
Pingolim, pim, pim!

(*O Mágico cai adormecido instantâneamente*) Meu marido! Ah, meu Deus, que fiz eu?

SAPO

A senhora escapou de boa!

JOSEFINA

Que fazer agora? (*Sacode o marido*) Acorda, querido! Acorda!

JOSÉ

Me desamarra que eu dou um jeito nêle.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 283

SAPO

É isso mesmo. Basta desamarrar a gente. Num instante.

JOSEFINA

Vocês prometem? Vocês fazem êle acordar?

JOSÉ

Num instante. Eu prometo! (*A mulher desamarra José. Êste assim que se vê livre, amarra a mulher do Mágico, com tôda a rapidez*) Pronto!

JOSEFINA

Vocês prometeram! (*José vai até onde está o sapo e desamarra-o também*)

JOSÉ

Eu prometi e cumpro. Vou fazer com que êle acorde!

JOSEFINA

Mas então por que o senhor me amarrou?

SAPO

Não se preocupe. A senhora não sofrerá nada. Vai apenas fazer uma viagem...

JOSEFINA

Até onde?

SAPO

Até a casa do Rei...

JOSÉ

Êle vai acordar na casa do Rei. E é para lá que nós vamos agora. (*Para o Sapo*) Vamos! (*Para a mulher*) A senhora vai andando mesmo, que eu não posso carregar dois... (*Bota o Mágico nas costas*) Vamos...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal no R.J. - Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 284

SAPO

(*Abrindo a porta*) Pode passar, minha senhora...

JOSEFINA

(*Com raiva*) Traidores! (*Para José*) Passe você na frente! (*Para João*) Sapo horroroso!

SAPO

Primeiro as senhoras... depois os sapos. (*A mulher sai. O sapo fica segurando a porta para José passar com o Mágico às costas*)

JOSÉ

Vai na frente. Nós somos muito amigos, tal e coisa, mas eu não agüento sapo pulando atrás de mim!

P a n o

FIM DO 3.º ATO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 285



EPÍLOGO

C E N Á R I O :

(*Casa do Rei. O Rei está sentado numa cadeira de espaldar bem alto. A seu lado, uma cadeira menor, onde está a Princesa. Junto de ambos, o Primeiro-Ministro. O relógio num canto.*)

VOVÓ

Agora, meus netinhos, vejam o que se passou na casa do Rei, para onde João e José levaram o Mágico dormindo... e a mulher do Mágico, tôda amarrada! (*Sobe o pano*)

R E I

(*Sacudindo o cetro*) Não é possível que já se tenham passado três dias.

PRINCESA

Uns dias tão curtinhos, que nem deram para nada!

MINISTRO

Entretanto, Majestade, é verdade. Já se passaram os três dias do prazo. Aliás (*Olha para o relógio*), faltam apenas três minutos para que se extinga completamente o tempo que Vossa Majestade lhes concedeu. Ah, êsses alfaiates são uns indivíduos sem palavra, sem escrúpulos! São uns patifes!... (*Mudando de tom*) Posso mandar meus soldados prendê-los, onde quer que os encontrem?

R E I

Eu acho que não devo assinar a sentença de morte antes que o prazo esteja completamente esgotado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 286

PRINCESA

Faltam ainda três minutos! (*Para o relógio*) Ó relógio, seja bonzinho! Vá bem devagar, mas bem devagar mesmo, para dar tempo dos rapazes chegarem! (*O relógio sai do canto, faz uma reverência e começa a andar para trás, bem de mansinho*) Obrigada!

MINISTRO

Ah, é assim que Sua Alteza faz?! Quando se trata de prender dois perigosos alfaiates que andam à sôlta pela rua, atropelando os Reis, Vossa Alteza pede ao relógio que ande devagar. No entanto, não teve pena dos meus dois sobrinhos que ainda estão no calabouço!

PRINCESA

Tive pena, sim, Ministro. Mas os seus sobrinhos roubaram tanto o Tesouro, que não era possível deixar de prendê-los.

MINISTRO

Faltam só dois minutos. Quer assinar a sentença?

REI

Espere um pouco...

PRINCESA

Ah, se êles me trouxerem o Mágico!

REI

Pouco me importa o Mágico, eu quero é o meu casaco!

MINISTRO

Quer ter a bondade de assinar agora? Está em cima da hora.

RELÓGIO

Faltam sessenta segundos! Não enxerga?

MINISTRO

Sessenta segundos passam num instante.

RELÓGIO

Vou dar um jeito de demorar...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.287

MINISTRO

(*Para o relógio*) Você é assim mesmo... Vive adulando a Princesa! (*Ruído de vozes*)

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

PRINCESA

São êles!

REI

(*Para o Ministro*) Vá ver!

MINISTRO

(*Indo até a porta*) Majestade, vejo um grande sapo que se aproxima, acompanhado de uma mulher e mais...

SAPO

(*Entrando*) Dá licença, Majestade? Aqui estamos nós conforme lhe havíamos prometido...

MINISTRO

(*Muito contente*) Exatamente o que eu desejava para o Jardim Zoológico! Um sapo que fala!

SAPO

Para o Jardim Zoológico vá o senhor! (*Entram José, carregando o Mágico, e a mulher*).

JOSÉ

Pronto, "seu" Rei. Viemos ou não viemos? (*Para a Princesa*) Aquêles versinhos são formidáveis. Pra mim, êle não acorda nunca mais!

REI

Sim, pelo que vejo, conseguiram descobrir o Mágico. Êsse que está aí é o Mágico, não é?

SAPO

Sim, Majestade, ainda que um tanto adormecido...

REI

Adormecido! Então êle dormiu no caminho? (*Para o Ministro*) Acorde-o!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.288

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

JOSÉ

(*Para o Sapo*) Agora é que eu quero ver!

SAPO

Deixe o Ministro se esforçar!

MINISTRO

(*Sacudindo o Mágico*) Acorde, homem! Não vê que é falta de respeito dormir diante do Rei? Acorde, acorde!

SAPO

Duvido!

MINISTRO

(*Sacudindo-o irritado*) Acorde!

JOSÉ

(*Para a Princesa*) Tem algum versinho aí que sirva para acordar?

PRINCESA

Nenhum!...

SAPO

(*Rindo*) Ah, ah, ah! Está difícil, hem?

MINISTRO

(*Sacudindo o Mágico*) Acorde! (*Para o Sapo*) Não estou pedindo a sua opinião!

SAPO

Agora é que eu quero ver. O senhor não é Ministro? O senhor não acha que sou um sapo horrível? Pois é! Mas quem é que não consegue acordar o Mágico?

MINISTRO

Eu o acordarei! (*Ameaçador*) Não me aborreça!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 289

SAPO

O Rei está ficando cansado de esperar. Que é que acontece quando um súdito não obedece às ordens do Rei? (*Pajens aparecendo sùbitamente, fazendo o gesto de cortar o pescoço*)

PAJENS

Lesco!

MINISTRO (*ao Sapo*)

Saia! (*Para o Rei*) Majestade, êsse sapo horrível está me perturbando! Peço-lhe que o mande embora! (*Para o Mágico*) Acorde!

REI

Êle não deixa de ter razão. Quando dou uma ordem e não sou obedecido...

PAJENS

(*Voltando*) Lesco!

MINISTRO

Já sei... Já sei... (*Para o Mágico*) Acorde! (*Para o Sapo*) Saia daqui!

SAPO

Eu não!

MINISTRO

Saia!

JOSÉ

Sai, João. Você não vê que o Ministro está nervoso?

SAPO

Mas eu quero ver com que cara êsse homem vai acordar!

JOSÉ

(*Levando-o até a porta*) Depois eu te conto... (*Sai o Sapo*)

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.290

JOSEFINA

Eu sei que êle não vai acordar nunca mais! Uma vez êle pegou no sono e dormiu trinta e cinco anos!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no R.J.

MINISTRO

Quem é a senhora?

JOSEFINA

Sou a mulher do Mágico.

MINISTRO

Êle dormiu trinta e cinco anos? E que foi que a senhora ficou fazendo durante todo êsse tempo?

JOSEFINA

Aproveitei para dar uma limpeza na nossa casa. Tinha tanta poeira!

MINISTRO

E como foi que êle acordou?

JOSEFINA

Com uma raiva, que só vendo!

JOSÉ

Foi isso mesmo que me disseram... Mágico quando acorda é um inferno.

MINISTRO

Cale a bôca! (*Para o Mágico*) Acorde!

JOSÉ

(*Ajudando*) Acorde, senão o Ministro vai ficar mal! O Rei não está gostando da demora!

MINISTRO

Só eu é que vou ficar mal?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 291

JOSÉ

Ué, e então? Não é você quem tem que acordar o Mágico?

MINISTRO

E se êle não acordar?

JOSÉ

Lesco!

MINISTRO

Se êle não acordar, não desencantará o casaco. Se êle não desencantar o casaco... já se sabe! Lesco! Quem é que vai perder a cabeça?

JOSÉ

(*Chorando*) Pra que o senhor foi lembrar? Eu já tinha até me esquecido! Ai, meu Deus! (*Para a Princesa*) A senhora não sabe nenhum outro versinho?

PRINCESA

Não.

JOSÉ

Acorde, seu Mágico! Deixe de bobagem! (*Fazendo-lhe cócegas nos pés*) Ui, ui, ui! Acorde, bobinho! Deixe de brincadeira.

MINISTRO

Acho que podemos perder as esperanças...

JOSÉ

Qual nada! (*Sacudindo-o*) Eu hei de dar um jeito. Eu faço êle pular! (*Sacode-o com muita fôrça e com orgulho*) Viu? Eu sou quase igual ao Casaco Encantado! (*Lembrando-se*) Ah! O Casaco Encantado! Se nós o vestíssemos com o Casaco Encantado?

MINISTRO

O que é que acontece?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Divisão de Polícia Federal
Seção de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 292

REI

Êle vai pular como um desesperado! Eu que o diga!

JOSEFINA

E eu também!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

JOSÉ

Eu também!

MINISTRO

Será mesmo bom?

JOSÉ

(*Desembrulhando o casaco, e enfiando-o no Mágico*) Vamos ver isso agora! Já começou! (*O Mágico põe-se de pé e desanda a saltar*) Está funcionando!

MÁGICO

Ui! Ui! Que é isto? Onde estou?

JOSÉ

Acorde primeiro que depois eu digo.

MÁGICO

Já acordei! Que é isto? Parem com isto! Tirem êste casaco de cima de mim!

JOSÉ

Você promete desencantar o sapo?

MÁGICO

(*Pulando*) Prometo!

JOSÉ

Então desencanta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 293

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal - R.J.

MÁGICO

(*Indo até a porta, pulando sempre*) Está desencantado! (*Faz uns gestos cabalísticos*) Ui, ui, agora me tirem o casaco!

JOÃO

(*Aparecendo e abraçando José*) Ah, meu amigo! Que saudade que eu tinha de ser gente outra vez! (*Mágico continua pulando*)

JOSÉ

Ah, João, como você está bem disposto! (*Esquecendo o Mágico, que continua pulando*) Aqui entre nós, eu dizia que você estava bonitinho de sapo, mas não era verdade. Você era um sapo danado de feio! (*Ri*)

JOÃO

(*Ofendido*) Deixe disso. Até que como sapo eu era bem simpático!

JOSÉ

(*Caçoando*) Feio pra burro!

JOÃO

Não seja exagerado! (*Beijando a mão da Princesa*) Não é verdade, Princesa, que eu não era tão feio assim?

PRINCESA

Era um amor de sapo!

MÁGICO

Parem com essa conversa! Já estou cansado! (*Continua pulando*)

JOSÉ

Cansado o quê! Você dormiu muito e agora precisa de exercício!

MÁGICO

Tenham pena de mim!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239(P.294

JOSÉ

Ué... Depois de tanta perseguição, depois da gente ter apanhado tanto, corrido tanto perigo, o senhor quer o Casaco Encantado do jeito que está?

REI

Sim! Brevemente o Rei meu vizinho virá me visitar. É um Rei mau e ambicioso. Sei que deseja se apoderar de metade do meu Reino. E, para isso, talvez me declare guerra...

JOSÉ

Que é que o casaco tem a ver com isso?

REI

Ah! Se êle tiver mesmo a intenção de me declarar guerra, visto-lhe o Casaco Encantado!

JOSÉ

Bem lembrado! (*Entrega o casaco ao Rei*)

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - D.F.
Seção de Censura de Diversões Públicas
Divisão de Polícia Federal no D.F.

MÁGICO

(*Para a mulher*) Vamos embora!

JOSEFINA

Mas eu estou amarrada. Por quê?

JOSÉ

Esquecimento...

MÁGICO

E também porque não presta atenção nas coisas que lhe ensino. Onde já se viu uma mulher de Mágico tão sem prática? Saiba que mulher de Mágico tem que ser tão mágica quanto o marido! Quando entra numa história deve fazer mágicas também... E você, que foi que fêz nesta história?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 295

JOSEFINA

Coitado!

JOSÉ

Quer mesmo que eu tire êsse casaco?

MÁGICO

Sim! Não agüento mais!

JOSÉ

Você promete que não baterá mais na sua mulher?

MÁGICO

Prometo!

JOSEFINA

Que bom!

JOSÉ

E promete desencantar êsse casaco?

MÁGICO

Prometo. Mas assim vestido com êle não posso!

JOSÉ

Eu vou tirar. (*Tira o casaco e o Mágico cai sentado, exausto*) Cansadinho, hem?

MÁGICO

(*Limpando o suor*) É verdade! (*Erguendo-se*) Também assim que desencantar êsse casaco vou embora! Deus me livre!... (*Apanha o casaco*)

REI

Um momento! (*Todos se voltam para êle*) Deixem o casaco conforme está...

PRINCESA

Oh, meu pai!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.296

MÁGICO

Pois não, Alteza. Que ordena?

PRINCESA

Que mágica deve ser, vovó?

VOVÓ

Faça chover balas de frutas para os meus netinhos.

MÁGICO

Com prazer! (*Faz uns gestos cabalísticos. As balas deverão cair sôbre os espectadores. Música, Adeuses, até que caia completamente o pano*).

P a n o

FINAL DA PEÇA

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL - Seção de Censura de Diversões Públicas - Divisão de Polícia Federal no R.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 297

JOSEFINA

Bem... dessa vez eu entrei na história e fiz algumas tolices. Mas da próxima vez... Ah, vocês hão de ver! Encontrarei Reis e Rainhas... E, se encontrar um Príncipe também, mas que seja bom, corajoso, belo e honesto, hei de trazê-lo até aqui. Sabem para quê? Para que conheça a nossa Princesa! Conhecendo a nossa Princesa, êle se apaixonará por ela. Apaixonando-se, há de casar. E casando terão muitos filhos...

PRINCESA

Ah... ela deve estar falando do Príncipe Dagoberto!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Seção de Censura de Diversões Públicas
4001/83
Divisão de Polícia Federal no R.J.

JOSÉ

Quem é o Príncipe Dagoberto?

PRINCESA

Um Príncipe belo, valente, honesto, um amor!

JOSÉ

(*Para a mulher do Mágico*) Da próxima vez que a senhora entrar numa história não deixe seu marido viajar, sim?

JOSEFINA

Quem sabe?

MÁGICO

Vamos todos embora. Essa história já acabou! (*Puxa a mulher e se dirige para a porta*) Adeus! Adeus!

JOSÉ

Adeus! (*Para a Vovó*) Adeusinho, sim?

JOÃO

Adeus, minha gente!

PRINCESA

Um momento! (*Todos se detêm*) Antes do senhor ir embora quero que faça ainda uma pequena mágica...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 298

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE NITERÓI - RJ.

PARECR DE COMPARAÇÃO DE TEXTO Nº 001/83

GÊNERO:- TEATRO
TÍTULO:- O CASACO ENCANTADO
AUTORA:- LÚCIA BENEDETTI
CLASSIFICAÇÃO:- LIVRE

O CASACO ENCANTADO:- Estória de dois alfaiates que se comprometem a fazer em vinte e quatro horas um casaco para o Rei; pronto este, um bruxo o encanta; o Rei sabedor do ocorrido dá um prazo de tres dias para os alfaiates encontrarem o // bruxo...

Comparando os dois textos, verificou-se serem idênticos tanto no enredo quanto na mensagem.

Peça infantil muito propria para qualquer idade.

Sou pela liberação do texto sem RESTRIÇÕES.

Niterói, 04 de janeiro de 1983

Bel. João M. O. Guedes
Tec. Censura
Mat. 1.741.126

DPF-243

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 299

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL/NITERÓI/RJ
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER nº 002/83

TÍTULO : O CASACO ENCANTADO
GÊNERO : PEÇA TEATRAL
AUTORA : LUCIA BENEDETTI
CLASSIFICAÇÃO : LIVRE

Estória de dois alfaiates que se encrecam com o rei ao derramar tinta roxa na túnica real predileta e para repararem tal dano e se livrarem da pena de decapitação se comprometem a fazer outro casaco em vinte e quatro horas. Mas ao término da tarefa aparece um mágico que encanta o casaco e ainda / transforma um dos alfaiates em sapo falante.

O rei se inteira do ocorrido e após rogos da princesa concede um prazo de três dias para que encontrem o mágico e desencante o casaco.

Com o auxílio da princesa, após várias peripécias, conseguem adormecer o mágico, levá-lo à presença real e desencantar o casaco. Mas o rei, então desiste da idéia e resolve / presentear o rei vizinho, que é seu inimigo, com o dito casaco, pois ao vestí-lo pulará incessantemente. E quanto aos alfaiates é concedido o perdão.

O estilo do enredo é tipicamente infantil, à moda Carochinha, mostra o personagem medroso e chorão em contrapartida ao mais afoito. A vitória da astúcia contra a maldade do bruxo.

Mensagens positivas. Alusão a Liga de Proteção aos Animais. O poder de persuasão em seu aspecto positivo.

Por outro lado a maneira violenta do rei em resolver problemas pois a tudo e a todos ameaça com a degola.

Trata-se de estudo comparativo entre dois textos e eis que já houve análise anterior, só discrepando alguns termos vocabulares, sem, no entanto, alterar a essência textual.

Por tais fundamentos e também por se apresentar em linguagem adequada ao público a que se destina, opino pela liberação com classificação LIVRE.

Niterói, 05 de janeiro de 1983.

Marlene F. Silva – Téc. Cens.
mat. 022.1116

DPF-243

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 300

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE NITERÓI - RJ.

PARECR DE EXAME DE ENSAIO GERAL Nº 003/83/SCDP/DPF/NT - RJ.

GÊNERO:- TEATRO
TÍTULO:- O CASACO ENCANTADO
AUTORA:- LÚCIA BENEDETTI
PRODUÇÃO:- GRUPO DE TEATRO AMADOR ESTÁVEL DE NITERÓI
DIREÇÃO:- MARIA JACINTMA
CLASSIFICAÇÃO:- LIVRE
LOCAL DO ENASIO: Rua MOREIRA CESAR,Nº 123 - ICARAÍ - NT.

O CASACO ENCANTADO:- Tema infantil envolvendo os vassalos de um Reinado em torno de um casaco encantado e encomendado pelo Monarca.

DA APRESENTAÇÃO:- Em um cenário composto de duas camas,uma mesa, duas cadeiras e um espelho representando a casa dos / alfaiates; um painel ao fundo ilustrando uma floresta; um / caldeirão, livros e coruja representado a casa do Mágico;um trono, duas cadeiras laterais e um brasão com desenho de corôa. O Grupo apresenta-se com vestimentas adequadas aos tres atos: calça e meias 3/4 azul, sapatos com fivelas, colete marron para um alfaiate; fantasia verde aparentando um sapo para o outro alfaiate. Roupão preto para o Mágico. Roupão lilás e grande chapéu pra a bruxa. Casacão azul, colete amarelo, / calça 3/4, sapatos com fivela e uma corôa para o Rei. Vestido rosa com detalhes prateados e uma corôa para aPrincesa. Farda azul com medalhas para o Ministro. Vestido longo com xale, um lenço na cabeça e óculos para a vovó. Jelecos azul e branco e meias brancas para os Pagens do Rei.

Os personagens desenvolvem o espetáculo seguindo o texto apreciado pela Cesura, sem improvisações.

Direção pecando pelo amadorismo. Iluminação regular.

Espetáculo digno para ser apreciado por todas

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE NITERÓI - RJ.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 301

Continuação do Parecer nº 003/83

por todas as crianças, podendo ser liberado para apresentação pública sem qualquer RESTRIÇÃO.

Niterói, 06 de janeiro de 1983

Bel. João D. O. Gueiros
Téc. Censura
Mat. 1.741.126

CEL. FRANKLIN FERREIRA DO NASCIMENTO
Técnico de Censura - Mat. 2.415.918

DPF-243

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 302

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

PROVISÓRIO

Certificado Nº 001/83-SCDP/DPF/NIT

PEÇA O CASACO ENCANTADO

ORIGINAL DE LÚCIA BENEDETTI

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
LIVRE
SCDP/DPF/NI

VÁLIDO ATÉ 06 de MARÇO de 1983

Niterói, 06 de JANEIRO de 1983

FRANKLIN FERREIRA DO NASCIMENTO
Técnico de Censura - Mat. 2.416.913
Chefe da Seção de Censura de Diversões Públicas
p/ Diretor do DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 303

M.J- D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CASACO ENCANTADO

Original de LÚCIA BENEDETTI

Tradução de -X-X-X-X-X-

Adaptação de -X-X-X-X-X-

Produção de TEATRO ESTÁVEL DE NITEROI

Requerida por MARIA JACINTHA

Tendo sido censurada em 05 de JANEIRO de 19 83 e recebido a seguinte classificação: L I V R E. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA SCDP.

Niteroi, Brasília, 06 de JANEIRO de 19 83

FRANKLIN FERREIRA DO NASCIMENTO
Técnico de Censura - Mat. 2.416.918
Chefe da Seção de Censura de Diversões Públicas
DPF (RJ)

Chefe do Serviço de Censura

DPF—150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 304

TEATRO

TÍTULO O casaco Encantado

Autora: Lucia Benedetti

1) ARQUIVO

Clas. Anterior Livre

Praça SCSP/DR/RJ

Obs.:

DF. 19/01/83/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: impróprio para menores de LIVRE anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio.

Obs.: cert. provisório - SR/RJ - NI

Brasília, 19 de 01 de 19 83

Brasília – DF de Maria Prudente Carvalhedo Matr. 2415781 de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de Livre

Brasília-DF, 20 de 1º de 1983

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 20/1/1983

Solange M. T. Hernandes

Diretora da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 305

24 de janeiro de 1983

180/83-SE/DCDP

RIO DE JANEIRO

"O CASACO ENCANTADO" de

Lúcia Benedetti Magalhães.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 306

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 525

PEÇA " O CASACO ENCANTADO "

ORIGINAL DE LUCIA BENEDETTI MAGALHÃES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 20 de JANEIRO de 19 88

Brasília, 20 de JANEIRO de 19 83

Dofange M. F. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 307

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CASACO ENCANTADO

Original de LUCIA BENEDETTI GUIMARÃES

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por MARIA JACINTHA - NITERÓI/RJ

Tendo sido censurada em 05 de JANEIRO de 19 83 e recebido a seguinte classificação: LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 19 de JANEIRO de 19 83

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 308

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 005153
MJ - DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
Superintendencia Regional em Santa Catarina
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ofício nº 1379/83-SCDP/SR/SC Fpolis, 22 de junho de 1983

Senhora Diretora:

Encaminhamos a essa Divisão, em anexo, as seguintes 8 peças teatrais, para exame e expedição de certificado: "A PANTERA E O GIGANTE" de Nilson Mello; "DONA PATINHA VAI SER MISS" de Arthur Maia; "AS FORMIGUINHAS BOCA-DOCE" de Nilson Mello; "LIÇÃO PARA GAZEADORES" de Ivo Hadlich; "NÓ CEGO" de Carlos Vereza; "O CASACO ENCANTADO" de Lúcia Benedetti; "O PLANETA DOS PALHAÇOS" de Pasqual Lourenço; "A CAMINHADA DO ESPANTA TUDO NAS ASAS DA GRALHA AZUL" de Marilda Kobachuk. Seguem os respectivos documentos de praxe.

Respeitosamente,

JOSÉ AUGUSTO COSTA
Chefe do SCDP/SR/SC

Ilma. Sra.
Dra. SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
DDa. Diretora da DCDP
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 309

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

D. P. F.
D P F/S C
S. C. D. P.
PROTOCOLO
Nº 1454
Data 17/5/83
Hora 0

EQUIPE VIRA LATA - VALENTIM SCHMOELER
Requerente

BRASILEIRA, ATOR
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 4[illegible] 421.862 - S.S.I - ITAJAÍ S.C
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à XV de novembro 1405 - Blumenau S.C

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) peça abaixo
Espécie

relacionada(s), de autoria de: Lúcia Benedeti

" O CASACO ENCANTADO "
Título(s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Blumenau, 13 de maio de 1983
Local e Data

Valentim Schmoeler
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 310

1 — EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: EQUIPE VIRA LATA CGC:

Sede: TEATRO CARLOS GOMES - BLUMENAU S.C

R: XV de novembro 1181 CEP: 89.100

Diretor ou Responsável: Valentim Schmoeler

2 — DADOS DO AUTOR

Nome: LÚCIA BENEDETI

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

3 — PARCERIA

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Blumenau, 13 de maio de 1983

Ass.:

DPF-1085

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 311

"CASACO ENCANTADO"

"LÚCIA BENEDETE"



João

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 312

O CASACO ENCANTADO
de LÚCIA BENEDETE

PEÇA EM TRÊS ATOS E UM EPÍLOGO

PRÓLOGO

VOVÔ- Bom dia, meus netinhos! Vou contar a vocês a história João e José. (Abre o pano, João e José estão costurando) - Olhem. Ali estão eles. João é o mais velho. O mais novinho é José. João estudou muito, formando-se mas não conseguiu emprego. Então aprendeu a costura, mas também é muito pobre. Mesmo assim não deixa de ajudar o amigo. É por isso que José mora em casa de João. José é um bom rapaz. Mas como é medroso! Apesar de ser um bom ajudante, não se acostuma com a tesoura. Vamos, José deixa de ser medroso! A tesoura não vai te comer. (José usa a tesoura) - Coitados! Estão tão atrapalhados! É noite.(chamando) Relógio! Relógio! (Entra o Relógio) Que horas são? (Relógio mostra quinze para cinco)- Um quarto para cinco e eles trabalham! Trabalham a noite inteira costurando esse casaco. Como estão cansados! (João e José se esticam, bocejam demonstrando fadiga) Mas precisam terminá-lo! (João e José retomam a costura).

PRIMEIRO ATO

CENÁRIO - (Casa de João e José, alfaiates. Duas camas, Fogão, Mesa, alguns manequins. Máquina de costura. Em cima do fogão uma panela, sobre a mesa um prato com dois pães. O dia ainda não começou. Ambos trabalharam toda a noite, estão fatigados, mas alegres. Terminam um grande casaco vermelho, com botões dourados. Quando o pano sobe. João com uma enorme tesoura está aparando os derradeiros fiapos. José prega o último botão. Ouve-se um galo cantar).

JOSÉ - Acabei!

JOÃO - Acabei (Abrágam-se na maior alegria) Estamos salvos! Não seremos decapitados!.....

JOSÉ (Sacudindo o casaco) Ficou pronto! O Rei poderá vestí-lo a qualquer hora! (Tornam a olhar o casaco) Ah! até que enfim, ficou pronto o casaco! (Beija o casaco) Meu casaquinho querido! (Dança com ele) Trá lá lá

João - Se o rei não tivesse nos dado essa chance já teriam cortado a sua cabeça.

JOSE - E a sua (Fazendo gesto) Lesc! lesco ! Ia ia embora tambem.

JOÃO - Mas eu não tive culpa nenhuma. Foi voce quem derrubou a tinta no casaco do Rei.

JOSE - E de quem era a tinta?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.313

JOÃO - Minha.

JOSE - E então.

JOÃO - Então o que? Por acaso madei voce sair correndo com a lata de tinta na mão e tropeçar no Rei? O casaco ficou que era so tinta roxa. e depois, aida tive que pedir misericórdia....

JOSE - Isso tambem eu pedi. me ajoelhei diante do Rei e disse:"SEU" Rei (ajoelha-se) Não nos mate!

JOÃO - Eu tambem me ajoelhei quando vi que o rei não ia atender. E tambem pedi.

JOSE - Pois é. Foi ate voce quem inventou que nos podiamos fazer um casaco igual e entrega-lo antes do sol raiar. Essa besteira saiu da sua cabeça!... (Olhando as mãos) Estou com os dedos ardento de tanto costurar.

JOÃO - E o Rei so perdoou porque achou impossivel. Ele está ainda com raiva de nós. Quer nos matar de qualquer maneira!

JOSE - Desta vez nos vencemos. Mas, eu sou mesmo um colosso!(Olha o casaco) Um colosso!

JOÃO - Deixe de ser convencido. Se não fôsse eu ...

JOSE - Convencido é voce!

JOÃO - È voce! Seu (trapalhão)! (Batem a porta Os dois se calam)

JOSE - Quem sera ?

JOÃO - Quem sabe se o Rei mandou algum soldado nos buscar para (faz gesto de cortar a cabeça) Lesco!

JOSE - Isso Não! O casaco esta pronto!...(Batem Outra vez) E melhor fingir que estamos dormindo.

JOÃO - È mesmo (Cada un corre para sua cama e põen-se a roncar.Batem outra vez a porta agora com mais força)

JOSE - (Fala baixinho) Vai ver quem é, João.

JOÃO - Vai voce...

JOSE - Eu não. Pode ser o pai e ele não gosta de mim!

JOÃO - Nem de mim. (Batem na porta outra vez)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 314





JOSE - (Levantando-se) Quem está ai?
MAGICO - - Abra a porta! sou eu!
JOSE - Não posso! Estou dormindo !
+ QUEM É
JOSE - Parece assombração. Tem um chapéu comprédo e uma capa preta.
JOÃO - Deixe de bobagem. Assombração não bate na porta!(Abre a porta, entra o magico. Alto, calças de grandes riscos amarelos e pretos, Chapeu de copa bem pontuda enorme capa preta, sobre os ombros. Fala sempre com arrogancia (o que intimida Jose terrivelmente)
MAGICO - Que demora foi essa? Voces não sabe que um Magico não pode esperar?
JOSE - Não Senhor.(Examinando meio incrédulo) O Sr. é magico mesmo?
MAGICO - Claro que ~~xxxxx~~ sou não esta vendo?
JOSE - Estou sim senhor. Mas pensei que fosse assombração !
JOÃO - Cale a boca Jose ...
MOSE - Mas ele parece assombração mesmo!
MAGICO - Desaforo! Me deixou esperando do lado de fora, um tempo enorme e agora me chame de assombração!
JOÃO - Ele estava meio tonto de sono... Não viu direito. Nós trabalhamos a noite inteira, estamos muito cansados. Quera bomdade de dizer o que deseja?
TER
MAGICO - Eu quero comida. Vi com meus olhos que voces estavam acordadose resolvi entrar para descansar um pouco. Estou chegando da china.
JOSE - Seus olhos magicos viram comida aqui?
MAGICO - Viram.
JOÃO - Onde? (Procura pela sala olha a panela)
JOSE - Tomara que ele descubra! Faz tres dias que ninguém come direito!
MAGICO - Em cima da mesa.
JOSE - Mas so dois pãezinhos que nos temos. Eu e o João vamos comê-lo daqui a pouco, depois que acordarmos. Isto é, vamos dormir, vamos acordar depois vamos comer o pão.
JOÃO - É Verdade. Nos temos so estes dois paezinhos...
MAGICO - Pois eu quero mesmo é pão!
JOSE - Nós temos só dois (Choraminga) Um para mim outro para o João
JOÃO - Não sobra nenhum para o Sr.
MAGICO - (Apanhando os pãos) Deixem de conversa. Ja disse que estou com fome e quero pães(Começa a come-los).
JOSE - Então, seu Magico, não fa cerimonia. Pode comer.(Para João) nos vamos ficar com fome...
MAGICO - Fome tenho eu depois de tres dias e tres noite de viagem! (Mastiga o pão)
JOÃO - Veio de avião?
MAGICO - Vin num cabo de vassopra ! (Acaba de comer o pão)Agora quero o dinheiro.
JOSE -(Saltando de Alegria) Ve se acha e se achar pode ficar com a metade

Poche a mão no bolso e tira Dinheiro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 319

JOÃO - Só mais uma, seu Mágico! Só mais uma para mim e o meu amigo José...
MÁGICO- Já disse que chega!
JOSÉ- Mais uma, só uma umazinha.....
MÁGICO- (Zangado) Chega! Eu não tiro dinheiro do bolso dos outros para ninguém. Só para mim!
JOSÉ- Mas o senhor pode tirar, não custa nada, é só entrar a mão no bolso...Bumba! (Tenta fazer o mesmo no seu bolso sem resultado. Procura o bolso de João encontra um pedaço de barbante) Ai ai .... (Chorando)
MÁGICO- Pare com isso! Agora quero dormir o que ninguém me acorde!
JOSÉ- Também quero dormir! (Vai para a cama)
JOÃO- Eu também....(Boceja) Que sono! (Vai para a sua cama)
MÁGICO- Para José) Nesta cama quem dorme sou eu.....
JOSÉ- Mas... Mas, esta é a minha cama, seu Mágico... (A outra cama de João), Dorme naquela é mais macia....(Mostrando as cobertas) Mais quente. (Afofa o travesseiro e depois o colchão) Colchão de molas....
JOÃO- Pare com isso! (Vai para a sua cama)
MÁGICA- Eu vou dormir e voce fica de guarda.
JOSÉ- De guarda?
MÁGICO- Sim senhor! Não quero escutar barulho, não quero que mosquito assente no meu nariz, nem que a coberta caia para o lado! E principalmente, que ninguém me acorde! (Ameaçador) Ai de vocem se alguém me acordar!
JOSÉ - (Medroso) Que é que acontece?
MÁGICO - Transformo voce num sapo!
JOSÉ- Ah meu Deus, eu que tenho medo tanto medo de sapos! (Treme) Me transforma num passarinho, seu Mágico! Eu prefiro ser passarinho.....
MÁGICO- Num sapo, já disse!
JOÃO- (Sonolento) Não faz mal, José, se voce virar sapo eu levo voce todos os dias para passeas na lagoa.....
JOSÉ- Mas eu não quero ser sapo! Eu tenho medo de água fria! Não gosto de lagoa! Além disso sapo come mosquito. Eu não gosto de mosquito!
JOÃO- Voce acaba gostando. (Torna a bocejar) Uuuu.... que sono!
MÁGICO - (Deitando-se) E não me acorde, heim! Senão já sabe! (Puxa as cobertas e começa a roncar).
JOSÉ - (Senta-se perto da cama e começa a abanar os mosquitos e conservar a coberta, sempre choramingando baixinho) Uuuuu.... Uuuuu.....
JOÃO- Ele já dormiu? (Fala em voz baixa)
JOSÉ- Já. Cala a boca, senão eu viro sapo!

MAGICO. TEM ALGUEM FALANDO AÍ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 31

NÃO JOÃO NÃO SR

JOÃO- (Preocupando) Não tem, não senhor.... Dorme queninno, dorme... (Puxa as cobertas e arruma o travesseiro do mágico. Canta) Dorme Magiquinho, tutu virá te pegar.... dorme magiquinho, mas dorme sem roncar....(o Mágico começa a roncar)

JOÃO- Deixe de ser bobo, José. Esse homem é um sabidão. Comeu nossa comida, tirou nosso dinheiro....

JOSÉ- Nós não tinhamos dinheiro nenhum.... Foi êle que fez mágica....

JOÃO- Mágica, o que! Com certeza alguém botou dinheiro no seu bolso sem você saber!

JOSÉ- Mas quem? Nós não temos nenhum amigo rico! E eu procurei tirar e não tirei nada!

JOÃO- Então o dinheiro era dele mesmo e êle está querendo nos enganar. Comigo não!

JOSÉ- (Medroso) Cala a boca, senão eu viro sapo!

JOÃO- Deixe de ser burro!

JOSÉ- Eu não me importo de ser burro, mas sapo não quero ser!

MÁGICO- Quem falou aí?

JOSÉ- Ninguém não senhor....(Canta) Dorme Magiquinho.... dorme.

MÁGICO- Alguém falou e eu ouvi muito bem! (Senta-se na cama)

JOÃO- (Muito Valente) Fui eu que falei. E daí? (Ergue-se com valentia) Não posso falar na minha casa?

MÁGICO- Não pode, não senhor! Eu mandei que todos calassem!

JOÃO- Mas eu não calei, pronto! Não tenho medo de Mágico, não acredito nessa besteira... E você vai dando o fora daqui, senão apanha, chega de amolação.

JOSÉ- (Morto de medo) Vem cá, João, não briga, que daqui a pouco o Rei vem aqui! (Puxa João para outro canto)

JOÃO-(Empurrando José) Sai da frente, estou cansado de aturar esse Mágico de meia tigela!

MÁGICO-(Avançando para êle) Mais respeito, ouviu? (Pega-o pelos ombros).

JOÃO- Fora daqui, seu mambembe! (Lutam).

JOSÉ-(Separando a briga) Não faça isso, João! Puxa-o para um canto, empurrando-o até a porta lateral, fecha a porta. Para o Mágico) O senhor desculpe, êle está nervoso...

MÁGICO-(Consertando a roupa) Atrevido! Ele me pagará! (Ouvem-se trombetas)

JOSÉ- Não fique zangado não... Deite-se. Eu tomo Conta!

MÁGICO- Eu não quero mais dormir. Vou-me embora! (Outra vez trombetas)

JOSÉ- (Indo apanhar o casaco) É o Rei... É o Rei... (Para o Mágico) É oRei...

MÁGICO- Que me importa? Vou-me embora e voces hão de me pagar caro!

JOSÉ- Pois então vá... Pode ir... Agora Vamos ficar de bem com o Rei!

MÁGICO- ~~Vai~~ ficar de bem? É o que voce pensa (Vai até a porta e faz uns sinais VÁO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.317

(josé agarra o casaco).
JOSÉ- Não suje o casaco do Rei! Ele pode se zangar!
MÁGICO- (Rindo) - Zangar? (Ri outra vez) Ele vai pular, pular, pular! (Embrulha-se na capa e sai dando gargalhadas) Ah, ah, ah!.....
JOSÉ- João, João! Pode sair que o mágico já foi embora! (João não responde) João! (Começa a arrumar as camas, põe o casaco em cima de uma cadeira, depois, achando que pode amarrotar, veste-o num manequim. No mesmo instante o manequim salta de um lado para o outro, pula, pula. Mas José está ocupado em ajeitar a casa e não vê imediatamente. As trombetas soam mais perto) É o Rei, João! (Vendo o manequim saltar) Nossa Senhora! Que é isso? Para para! (Arranca o casaco do manequim e corre para a porta. Dois pajens abrem a porta, tocam a corneta. Surge o Rei, acompanhado da princesa e pajens).
JOSÉ- Pode entrar majestade, bom dia, Alteza!.... (Fala com medo).
Rei- Pelo que vejo, voces cumpriram a palavra.....
JOSÉ- Cumprimos, sim, Majestade. O casaco está pronto.... Isto é.... O xasaco, sabe, Majestade, está pronto. Mas não serve....
REI- Como não serve?
JOSÉ- É que este casaco não vai ficar bem no senhor.....
REI- Se não ficar bem, já sabem o castigo que os espera....(Ergue a mão com ameaça).
PAJENS- (Todos ao mesmo tempo, fazendo gesto de cortar a cabeça) Lesco!
JOSÉ- Nossa Senhora! E agora!?
REI- Se o casaco está pronto, quero que me entregue.
JOSÉ- Está pronto, sim senhor... (Mostra o casaco) Viu como nós demos conta do serviço? Está prontinho!
PRINCESA- Nesse caso, entregue o casaco, José. E aqui está o perdão... (Mostra um pergaminho).
JOSÉ- Me dá o perdão primeiro.... Depois eu dou o casaco....
PRINCESA- Não, José. Primeiro o casaco.
JOSÉ- Primeiro o perdão.....(Estende a mão para alcançar o pergaminho do perdão)
PRINCESA- Primeiro o casaco... O Rei quer vestí-lo ainda hoje!
JOSÉ- Mas "seu" Rei, o senhor tem tantos casacos, por que é que há de querer vestir este aqui?
REI- Porque quero! Além do mais estou desconfiado desse casaco. Com certeza não serve em mim!
JOSÉ- Serve, sim senhor.... Isto é, serviu, mas agora não serve mais!
REI- E por que?
JOSÉ - Porque....(chamando com voz de choro) João....João! Sai daí

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 318

REI- Vá Buscá-lo! Eu dei a sentença a ambos. Como é que ele se atreve a ficar num quarto quando está aqui o seu Rei!
JOSÉ- Vou perguntar a ele. (Vai até a porta) João.... Como é que voce se atreve...(Sai um enorme sapo pela porta do quarto. José corre e sobe em cima da ~~mesa~~ cama) Ui! Ui! Nossa Senhora!
REI- O que é isso?
PRINCESA- Um Sapo!
REI- MENTIRA!
JOSÉ- Juro! (Mobilização)
VOVÓ- Não comece a fazer juramentos, José! O Rei não acredita!
JOSÉ- (Para vovó) Mas o Rei não acredita! Fale com ele vovó!
VOVÓ- Fale voce mesmo.
REI- O seu amigo fugiu!
JOSÉ- Não fugiu, não senhor. É ele mesmo. (De longe) Olha a cara dele. O senhor está vendo?
REI- Estou vendo coisa nenhuma! Com certeza o casaco não presta e ele fugiu com medo de ser morto. Mas eu hei de agarrá-lo! Hei de procurá-lo até o fim do mundo!
JOSÉ- Não precisa, senhor. Ele está aqui mesmo... O senhor não ve que um sapo desse tamanho, só pode ser o meu amigo?
REI- E voce não tem vergonha de mentir ao seu Rei?
JOSÉ- Não estou mentindo, não senhor! O senhor não conhece sapos, senão via logo que não podia existir um sapo deste tamanho!
REI- Atrevido! Devias morrer por isso. Então não conheço sapos?
PRINCESA- Não se irrite papai. Quem sabe se éverdade? Eu nunca vi um sapo tão esquisito, na minha vida! (Agrada o sapo) Que sapo tão engraçadinho! (O sapo pula de um lado para outro).
JOSÉ- Viu, como ele é mansinho? (Fala de longe com medo)
REI - Deixe ver esse casaco.
JOSÉ- Seu Rei, o casaco não está muito bom, mas como o senhor insiste.....
SAPO- Nós trabalhamos a noite inteira, majestade....
JOSÉ- É verdade.... Eu e João, isso é, eu e o sapo, que antigamente era João....
REI- Basta de conversas! (Para o sapo) Quem te ensinou a falar?
JOSÉ- Elo é assim mesmo seu Rei....
REI- Isto aqui não está me parecendo bem... Sapo que fala... Hum! (Faz menção de vestir o casaco) Está bonito!....
JOSÉ- Mas não vai servir.... Majestade. É um casaco levado da breca!....
REI- Se não servir, voce há de me pagar! E pagará por dois! Por voce e pelo outro que fugiu!.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 319

JOSÉ- Virou sapo, Majestade!
SAPO- Deixe ele pensar que eu fugi!
JOSÉ- Cala a boca que eu não quero conversa com sapo!(Fala para o rei)Seu Rei o meu amigo virou sapo mesmo. Estove aqui um Mágico...
REI- Deixe ver o casaco e pare com essas tolices! Não acredito em mágicos!
SAPO- Eu também não acredito! (Sai pulando atrás do Rei) Esse negócio de mágico é besteira!....
REI- Entregue o casaco.
JOSÉ- Por favor, não vista esse casaco!
REI- Por que não?
JOSÉ- O senhor não vai gostar.....
REI- (Examinando o casaco) Se eu não gostar você é quem paga! (Faz menção de vestir)
JOSÉ- O senhor vai se arrepender! (ORei veste o casaco depois de alguma coitação. Acontece com ele o mesmo que aconteceu com o manequim; salta, salta pela sala toda enquanto o sapo salta atrás dele, a princesa atrás do sapo. Todos os pagens correm em na maior confusão. José corre para de baixo da cama e se encolhe o mais possível).
REI- Me tirem este casaco! (continua saltando até que os pajens lhe arrancam o casaco de cima) Atrevido! Onde está ele!? (Para os pajens) Voces o deixaram fugir?
JOSÉ- Não senhor, eu me escondi....
SAPO- Seu bobo! Porque não fugiu?
JOSÉ- Eu achei melhor me esconder aqui...(Vendo o sapo perto dele) UI, Ui Sai daqui que eu tenho medo de sapo!
REI-(para os pajens)- Tirem esse atrevido de baixo da cama! E amanhã bem cedo quero que eles sejam decapitados! (José ouve a sentença morto de medo)
PRINCESA- Eles? Quer dizer que o sapo também?
REI- O Sapo também! Não quero que no meu reino existam sapos deste tamanho. Isso é uma desmoralização!
SAPO- Qualquer país do mundo teria orgulho de um sapo como eu!
PRINCESA- Oh, meu pai! Seja bondoso... Que mal lhe fez este pobre sapo!.. Que dirá a Liga Protetora dos Animais?
REI- A Liga Protetora dos Animais não tem nada com isso. Este é um sapo particular.
PRINCESA- Mais uma razão, meu pai. Um sapo particular merece toda consideração.... Ele poderá gritar, dizer coisas contra o senhor.... O senhor sabe. É um sapo muito inteligente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 320

SAPO- Estudei na Universidade Real e seu formado em Ciências e Letras. Tenho curso de Pintura e Arquitetura.
REI- (Cortando a fala do sapo) Terá que morrer por estar envolvido no caso de casaco que pula. Insultou o Rei! E esse insulto será resgatado com a morte! (Todos os pajens repetem o mesmo gesto anterior de decapitação)
PAJENS- LESCO!
PRINCESA- Majestade, eu lhe peço.
REI- Não
PRINCESA- Eles afirmam que foi ~~magúxin~~ o mágico o causador de tudo. Pois bem, eu lhe peço meu pai, que lhes conceda três dias para encontrarem o Mágico e desencantar o casaco.
REI- E, se no fim de três dias, não tiverem encontrado o Mágico, nem desencantado o casaco?
PAJENS- (Fazendo o gesto anterior) - Lesco!
PRINCESA- Eles encontrarão!
JOSÉ- Nós vamos procurar por toda a parte. Nem que a gente leve um ano ou dois, esse mágico tem que aparecer!
REI- Um ano ou dois? Três dias! Três dias e mais nada.
SAPO- Agradeça ao Rei. Ele nos concedeu três dias!
JOSÉ- Agradeça voce.
SAPO- Eu não posso. Cabe a voce cumprir esse dever. ....
JOSÉ- E voce, seu sapo, pare de falar comigo. Eu tenho medo de sapo.... Já disse.
SAPO- Agradeça!... ...
JOSÉ- Majestade...(Faz uma curvatura) Seu Rei... Eueo sapo lhe agradecemos muito e prometemos encontrar esse Mágico de qualquer maneira.
SAPO- Agradeça à princesa... ....
JOSÉ- Dona Princesa, nós lhe agradecemos muito.... Daqui a três dias estaremos muito longe daqui....(Dá a entender que pretende fugir e nunca mais voltar)
REI- Ai de voces se tentarem fugir! Vou mandar por soldados por toda a parte. Não poderão escapar!.....
SAPO -(Para José)- Trapalhão! Agora vocem estragou tudo!
JOSÉ- Estraguei nada. Esse Rei está implicando comigo desde que eu tropecei nele.
SAPO- Tudo perdido! Zgora não temos mais salvação! Vamos ser vigiados!
(Soam as trombetas, o Rei vai embora)
REI- Somente para atender ao pedido de minha filha, é que lhes concedo esses três dias. E agora, até breve! Voltem com o Mágico. Porque senão o encontrarem, os meus soldados trarão voces dois amarrados pelos pés!
(José se põe a chorar).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 321

JOSE - Até breve, seu Rei. O senhor vai ver como nos vamos voltar amarrados pelos pés. (Sai o Rei)

PRINCESA - Até breve, Jose! Não chore... Coragem!
JOSE - (Chorando) Não estou chorando não senhora doma princesa!
PRINCESA - Voces não vão morrer... Eu hei de ajudar. Por que chorar ? veja o sapo, está firme! Corajoso, não é?
JOSE - Sei lá. Eu não estou com medo não senhora. Eu não quero é andar com este sapo o dia inteiro.
SAPO - Deixa de bobagem ! Voce sabe muito bem que eu não sou sapo!
JOSE - Não é o que! Olhe no espelho! È Sapo, sim senhor...Ui...uuuui
PRINCESA - Até breve, José...
JOSE - Ate breve, Princesa...A senhora vai ajudar mesmo?
PRINCESA - Vou.
JOSE - De que jeito?
PRINCESA - Voce verá...Ate Breve(sa)
SAPO - È melhor irmos andando também. Temos que procurar o magico.
JOSE - Não sei onde ele estara. Mas vamos procurar. Apanhe o casaco e faça um embrulho.(JOSE vai obedecendo, com rapidez. O sapo fica na porta. Jose vai sair ve o sapo e para.)
JOSE - Voce vai na frente! Eu não quero sapo atraz de mim. Vai na frente!

P A N O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 322

SEGUNDO ATO

(CENARIO - Uma estrada. Pedras, arvores. Aparece primeiro o sapo em seguida J$_o$se . Estão cansados.)

VOVÓ - João e Jose andaram muito e chegaram numa estrada e...Vejam como
JOSE - Não aguento mais de tanta fome !
SAPO - Eu tambem! Faz dois dias e duas noites que estamos andando. E nada de encontrarmos o Mágico!
JOSE - Ah, seu eu podesse comer um bife... Com batatinhas, salada de tomates!...
SAPO -(Suspirando)AH... e Uma boa fritada de camarões...Depois Sobremesa
JOSE = Sapo não come fritadas. Sapo come mosquito, bichinho...
SAPO - Já disse que não sou sapo e não quero saber de mosquito!...
JOSE - É sapo sim senhor.
SAPO - Não seja burro!
JOSE -(Teimando) Sap, sapo, sapo !
SAPO - Desesperado) - E eu tenho que aguentar este bobalhão!
JOSE - E eu ter que andar acompanhado de um bicho horroroso como voce! Ai, meu Deus.
SAPO - Bobalhã$_o$.
JOSE - Eu é que sou bobo, não é? Mas voce é quem arruma todas as encrencas! Quem foi que brigou com o mágico? Foi voce...Quem foi que virou sapo? Voce.
SAPO - E quem foi que avisou que ia fugir e fez o Rei botar soldados por toda a parte? Foi voce ! E se não fosse a princesa...
JOSE - É mesmo .E Ela ficou de nos ajudar...
SAPO - Ele falou aquilo por falar. Mas não ajuda coisa nenhuma...
JOSE - E como é qur voce sabe ?
SAPO - Só falta um dia e ela não mandou ajuda nenhuma. Amanhã se não dermos conta do mágico...Ja sabe...Lesco(Ruido de uma pessoa chorando)
JOSE - Tem alguem chorando aí...
SAPO - Tem nada.
JOSE - Tem, que eu escutei. (Soluços)
SAPO - Vá ver quem é.
JOSE - Vá voce.
SAPO - Eu não posso...
JOSE - Não pode porque?
SAPO - Não ve logo que se eu aparecer, a pessoa fica assustada? Não ve que fica esquisito um sapo aparecer de repente e começar a falar?
JOSE - Ah!...Agora voce esta dizendo que é sapo, não é ?
SAPO - Escuta aqui, Jose? voca sabe muito bem que eu não sou sapo!
JOSE - Então vai ver quem é...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 323

SAPO - Não posso! Eu sou sapo, mas não sou, entendeu?
JOSE - E sapo sim! Deixe de história!
SAPO - Veja quem é...(Jose levantase, caminha ate um grande tronco e espia)
JOSE - (Choramingando) Sempre sou eu quem tenho que ver!(Imobilização)
VOVÓ - (Intevindo)Que tem isso È preciso deixar de ser medroso,Jose! Vamos esoie. Coragem!...
JOSE - (Olha) Ui! Tem uma mulher chorando?
SAPO - Pergunte quem é e porque esta chorando ?
JOSE - Psiu!Psiu Que choradeira é esta?
MULHER - (Aparecendo) Quem é voce.
JOSE - Sou o Jose, E voce quem é?
MULHER - Que sapo tão grande!
JOSE - É o meu amigo João,que pensa que não é sapo.Como é que voce se chama?
MULHER - Josefina.
SAPO - E por que estava chorando?
MULHER - Assombrada) Ele fala?
SAPO - Por que estava chorando? Não Precisa ter medo de mim...
JOSE - (Chegando perto do sapo, Sempre com muito medo) Olhe aqui ele é um sapo mansinho mesmo...
MULHER - Eu não tenho medo do sapo...Não tenho medo da nada neste mundo. Só do meu marido!
JOSE - Ele é muito valente ?
MULHER - Muito. Zanga á toa. E agora eu sei que ele vai zangar comigo...
SAPO - Por que ?
MULHER - Porque eu quebrei a vassoura que ele mais gostava...
JOSE - Seu marido é fabricante de vassouras?
MULHER - Não
SAPO - É varredor de rua ?
MULHER - Não
JOSE - Coleciona Vassouras ?
MULHER - Não
JOSE - Então por que é que ele vai brigar por causa de uma vassoura a toa como esta?
MULHER - À toa, Não! È uma vassoura formidavel!È Capaz de sair voando e levar a gente a qualquer lugar mais depressa que avião!
SAPO - Sei marido passeia de vassoura?
MULHER - Passeia...(Vaidoso) EU tambem passeio...(Ri)
SAPO - (Aproximando-se de Jose e falando Baixo)É capaz de ser parente do mágico.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p 324

JOSE - A senhora é parente de um mágico ?
MULHER - (Orgulhosa) Eu casada com um mágico...Estou aprendendo a ser feiticeira, mas não consigo. Hoje sai para dar um passeio e quebrei a vassoura. (Chora e mostra a vassoura)
SAPO - Não Chore...(Para Jose)- Pergunte onde ela mora...
JOSE - Onde é que seu marido mora?Nós andamos atras dele há tanto tempo.
VOVÓ = (intervindo) Não Diga minha filha!Não ve que eles querem prender seu marido.
MULHER - (para Vovó) - É.
VOVÓ - CLARO. E o dever de uma esposa é ser leal ao marido ainda que ele ande pelo mundo a fazer magica desse jeito.
JOSE - Escute aqui vovó A senhora agora virou amiga da onça?Não Atrapalhe, sim?(Para a mulher) Onde é que voces moram?
MULHER - Para que é que voces querem saber?
JOSE - Para fazer uma visita...
MULHER - Meu marido não recebe visitas.
JOSE - Mas nós precisamos fazer uma visita ao seu marido...
MULHER - Não! Eu não digo!
SAPO - Não custa nada...Diga!
MULHER - Não digo!
JOSE - Diga ...Vá, Depois que nós prendermos seu marido,nós prometemos lhe dar uma vassoura nova!
MULHER - Prender! Então voces vão prender meu marido?
SAPO - Seu trapalão. Estragou tudo, outra vez!~~MULHER - Eu não digo!~~
MULHER - Pois não dig ! Não é preciso teimar que não digo!
SAPO - Esta ouvindo? Parece que o rei Vem ai....
JOSE - (OUvindo as trombetas)É mesmo deve ser o Rei...Estamos perdidos! Não sabemos nem onde mora o ~~Rei~~ mágico.
MULHER - E nunca saberão! (Com desprezo) Voces são tão bobos que nem conhecem quando é rei que vem ou quando é a Princesa. Esse toque é para a Princesa.
SAPO - (Pulando de alegria)-É a princesa Jose! Estamos Salvos!
JOSE - Eu não disse que ela vinha?
SAPO - Disse coisa nenhuma!Voce disse que ela não vinha!
MULHER - Acarruagem parou. Esta saltando...Ai vem a Princesa!(Curvase. Jose tambem se curva, o sapo faz o possivel para fazer uma reverencia)
SAPO - Salve , Augusta Princesa!
PRINCESA - Salve
JOSE - Salve, Dona Princesa...Nós estavamos quase apostando que a senhora não vinha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 325

PRINCESA - Como, apostando!A palavra de uma princesa é sagrada..~~JOSE~~
JOSE - Foi isso que eu falei ao sapo. Mas a sra. sabe esses sapos como são. Não entendem nada de princesa....
PRINCESA - Não posso me demorar muito. Pois o Rei mandou me vigiar para que não me encontrasse com voces. Já descobriram o Mágico?
JOSE - Só descobrimos a mulher dele!
PRINCESA - Otimo!Não vão demorar muito para encontrala agora!
JOSE - (Medroso) E se nós nos encontrarmos com ele , como é que vai ser?
SAPO - Estaremos salvos!
JOSE - Salvos! Eu acabo virando sapo tambem e depois...(chora)Ele pode mais do que nós!
PRINCESA - Eu vim justamente poe causa disso. Quando eu era menina, a minha Babá me ensinou uma oração de feitiçarias. Depois que ela morreu, me esqueci de quase tudo mas uma coisa eu não esqueci.
SAPO - O que é?
PRINCESA - Eu sei de umas palavras cabalísticas que são tão poderosas que..
JOSE - (Interronpendo) Palavras o que?
SAPO - Cabalisticas.
JOSE - Que é isso?
SAPO - São Palavras de feitiçaria...
PRINCESA - Querem ou não querem aprender? São palavras que botam qualquer mágico para dormir
JOSE - É so falar que ele dorme ?
PRINCESA - Só falar
MULHER -(Dando Uma gargalhada) Ah!Ah!Ah! Ve la se meu marido vai cair nessa Ele não dorme nunca.
JOSE - Que não dorme o que! La em casa só queria dormir...
MULHER - Estava fingindo para saber o que voces diziam..Bobos!
PRINCESA - Estou dizendo que qualquer magico se põe a dormir!Namesma Hora. É só dizer e ele dorme.
SAPO - Que felicidade!Assim que ele estiver dormindo é só carregar com ele para a casa do rei!
JOSE - Oh! Princesa! Que Bom!Diga logo essa palavrinha que eu quero aprender!
PRINCESA - Não se trata de uma palavrinha.Mas, de varias...Um versinho. E eu so posso dizer uma vez. Voces terão que aprender tudo de uma vez. Não posso repetir.
JOSE - Porque?
PRINCESA - Por que perde o efeito. A gente só pode dizer essas palavras uma vez por dia.Voces por exemplo, não podem repetir essas palavras hoje so se encontrarem o Magico

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 326

SAPO - Temos então que ouvir uma vez só e aprender?
PRINCESA - Tem que ouvir uma vez so. E aprender.
JOSE - Pode dizer, que eu aprendo! Eu aprendo tudo de uma vez !
PRINCESA - Então prestem atenção(Os tres se aproximam dela, inclusive a mulher) As palavras são estas. (Diz muito depressa como uma metralhadora)

MISSECOFE DARI, DARI TIRA LIRO
ELI, GLOFE, CIARI, DARI, DARI
DARI DOM, FRONFON.
MALACAFUM, MALACAFUM, CLINCÓIDE!
CHIRIBIBI, CHIRIMICI, MAGA!
TUM! ZARAVAI, OTIM, MARACATU, DISPIM,
REQUEQUE, REQUEQUER.
o RINHANHÃ, O RINHANHÃ;
PINGOLIM. PIMPIM!

JOSE - Fácil!
VOVÓ - Cale a Boca e trate de decorar isso direitinho!
JOSE - (Com basófia) Está nopapo.è so ver o mágico que eu, bumba! Digo esse negócio para ele, e ele zás... cai morto$
PRINCESA - Morto não. Dorme!
JOSE - Ué! Eu pensei que isso matasse !
SAPO - Não fique falando que voce esquece! Cale a boca! ... ...
JOSE - Esqueço nada! Quer ver como eu sei! Quer ver!Misse...Messe...Como é mesmo? (Passa amão na cabeça de um lado para o outro) Como é mesmo?
PRINCESA - Não posso repetir. Procure se lembrar(Para o sapo)Voce aprendeu?
SAPO - Sim alteza!
PRINCESA - Então adeus! Sejam felizes!(Sai enquanto os tres fazem reverencia
JOSE - Agora é que eu quero ver! Agora é que eu quero ver a cara do magico.
SAPO - Precisamos saber onde ele mora...(Para mulher)E a senhora dona josefina, vai nos dizer onde é sua casa?
MULHER - Eu não!Não adianta teimar que eu não digo!
JOSE - Vai dizer sim!
SAPO - É melhor a sra. dizer.
MULHER - Não, não e não(Senta-se longe deles e esconde o rosto entre as mãos,chora) Ai meu marido vai brigar comigo.
SAPO?- (Em segredo para Jose) Que de o casaco?
JOSE - (Apanhando o capote) Está aqui.
SAPO - Se a gente conseguisse vestir esse casaco na dona Josefina; num instante ela

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 327

SAPO - Experimente...
JOSÉ - (indo até a mulher) - Dona Josefina... Não chore, não chore não, nós não deixamos seu marido brigar com a senhora.
MULHER - Vocês sabem como ele fica, quando está zangado.
JOSÉ - Pois é... Ele fica uma fera!
MULHER - Me dá cada surra!
SAPO - Covarde!
MULHER - Eu não gosto de apanhar...
JOSÉ - Nem eu. Apanhar é uma coisa muito chata!
MULHER - E logo agora que estou cheia de reumatismo... Quase não posso me mexer.
SAPO - Ótimo (salta de um lado para outro, contente).
MULHER - Ótimo, por que?
JOSÉ - Nós temos um casaco aqui que cura reumatismo...
MULHER - CHA MESMO?
JOSÉ - Cura mesmo.
MULHER - Já curou alguém?
JOSÉ - Já. Mais de mil pessoas!
SAPO - Ótimo! Ótimo!...
SAPO - Ótimo (salta de um lado para outro, contente).
MULHER - Deixe ver aqui... (José entrega o casaco).
SAPO- (Pulando) - ótimo!...
MULHER - (Examinando)Hum... Casaco vermelho...
SAPO - Fica-lhe muito bem... A senora vai ficar uma belezinha de casaco vermelho.
MULHER- Não. Ainda se fosse azul, eu vestiria. Mas vermelho? Não fica bem numa mulher de mágico.
JOSÉ - Fica lindo! Experimente... (A mulher hesita, por fim decide).
MULHER - Como é vocó, devo vestir?
VOVÓ - Dessa vez eu não quero dar opinião. (Para as criancinhas) Que é que vocês acham? Deve vestir ou não?
MULHER- Bem, eu vou experimentar....Afinal, não custa nada, não é?
JOSÉ- É de graça!
SAPO- Veste logo, anda! (A mulher veste e se põe a saltar como uma desesperada).
MULHER- Pára! Pára! Tira este casaco danado de cima de mim! Tira! (Continua pulando).
SAPO- Diga onde mora!
MULHER- Atrás daquele morro, à beira do rio....
SAPO- Se não for verdade nós vestimos isso outra vez com voce.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 328

MULHER- Eu vou depois...
SAPO- Vai junto conosco!

(A mulher ergue-se, José dobra o casaco, coloca-o de baixo do braço)
JOSÉ- (Para o sapo) Vai na frente que não quero sapos pulando atrás de mim!
SAPO- Voce se lembra das palavras cabalísticas?
JOSÉ- Como é mesmo? Como é mesmo?
MULHER- Vamos! Quero ver voces enfrentarem meu marido! Ah, ah, ah,
VOVÓ- Venha cá, Relógio e seja camarada. Marque outra vez o intervalo.

P A N O

TERCEIRO ATO

CENÁRIO- Caverna de Mágico. Corujas e lagartos empalhados. Uma grande aranha e uma grande teia. Mesa, cadeiras desiguais. Umas roxas, outras azuis, Também outras amarelas. No centro uma trempe, em cima da qual está um caldeirão).

VOVÓ - Conforme voces viram, a mulher do Mágico acabou contando onde morava. E agora, meus amiguinhos, João e José estão chegando em casa do Mágico. Prestem muita atenção porque não é todos os dias que a gente pode ver um Mágico em casa. Vejam! (Abre-se o pano. O Mágico mexe o caldeirão com uma enorme colher de pau. Joga dentro da panela umas ervas e continua a mexer).

MÁGICO - (Cantando):

Mexe, mexe o caldeirão
Até o caldo ferver
Quem beber deste caldinho
Terá vida até morrer! (Batem à porta)

MÁGICO- Quem é?
MULHER - Sou eu!
MÁGICO- Eu quem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.329

MÁGICO- Voce está sozinha?
MULHER- Trago visitas.
MÁGICO-(Esfregando as mãos)- Visitas! Ah, minha mulherzinha conseguiu justamente o que eu mais desejava. Só me faltava uma visita para completar a minha feitiçaria. E agora me aparece gente! (Dança).

Mexe, mexe o caldeirão
Mexe, mexe até ferver....
Quem beber desste caldinho
Terá vida até morrer! (Abre a porta)

Podem entrar! (Entram a mulher, José e o Sapo)
SAPO (Cortesmente)- Com licença....
JOSÉ- Boa tarde....
MÁGICO - Entrem, entrem....
MULHER- Boa tarde, meu querido marido...
MÁGICO (Para José) - Como foi que achou o caminho?
SAPO - Nós queríamos lhe pagar a visita....
JOSÉ (Tremendo) - Pois é! O senhor esteve na nossa casa. Agora é a nossa ves de vir aqui, não é?
MULHER- Fui eu quem os trouxe. Eles estavam tão aflitos. (Piscando os olhos) Queriam tanto pagar a sua visita...!
JOSÉ- É mesmo. (Com medo)- O senhor gosta de visitas, não gosta?
MÁGICO- (Dando uma gargalhada) - Se gosto! Ah, ah! Eu estava esperando por voces...
SAPO (Para José, em voz baixa)- Ele está tramando qualquer coisa.....
JOSÉ- Que nada, ele ficou muito contente, não está vendo?
MÁGICO- Há muito tempo eu não recebia visitas.... Há mais de trezentos anos. Não. Deixe ver... há duzentos e oitenta.....
JOSÉ - Quantos anos o senhor tem?
MÁGICO - Oitocentos.....
JOSÉ - Criança ainda....
MÁGICO - Minha mulher é mais nova do que eu. Tem só quinhentos anos.
SAPO - A senhora parece ter muitos menos.....
JOSÉ - A gente olhando pensa que tem só uns quatrocentos anos, não é, Sapo?
SAPO- Uns trezentos e cinquenta....
MULHER - Ah, isso é mesmo. Ninguém diz. A última visita que veio aqui pensava que eu tinha cento e oitenta anos...(Olha para a coruja empalhada)Coitada!
SAPO - Essa coruja faz parte da mobília?
MULHER (Para o marido) - Digo?
MÁGICO (Mexendo o caldeirão, muito alegre) - Diga, mulher!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 330

MULHER- Essa coruja foi a última pessoa que nos visitou... Era um rapaz muito valente, não era, meu marido?
MÁGICO - Muito.
JOSÉ (Tremendo) - Rapaz? E agora é coruja?
MÁGICO- Foi. Já está empalhada há muitos anos... Eu o transformei em coruja porque minha mulher queria ter um enfeite por aí nesse canto...
JOSÉ (Chorando) - Por que não comprou uma jarra?
MÁGICO- Isto aqui é casa de mágico, seu pateta. Não ve logo que não ficava bem comprar uma jarra?
JOSÉ - E a aranha?
MÁGICO- A Aranha era uma moça muito faladeira, que passeava por aqui cantando todos os dias. Um dia eu a transformei em aranha só para calar a boca.....
JOSÉ - Coitadinha!
SAPO- O senhor não podeia dizer a essa moça que calasse a boca?
MÁGICO - Podia. Mas achei mais fácil transformá-la em aranha. Num instante ela ficou calada.....
JOSÉ- (Sentando-se)-OSenhor não gosta de gente que fala, não é?
MÁGICO - Não.
JOSÉ (Para o sapo) - Então é melhor a gente calar a boca....
MULHER- Não é preciso. Ele vai dar um jeito de voces ficarem calados por muitos e muitos anos.....
JOSÉ - Quantos?
MÁGICO - Uns quinhetos.....
JOSÉ - Meu Deus!
SAPO (Valente) - Isso agora é conversa fiada... Ve lá se vai fazer conosco o mesmo que fez com essa pobre gente...(Apoia-se sobre uma cadeira).
MÁGICO- Essa cadeira verde que está aí era uma camarada igualzinha a voce.... Já está calado há uns seiscentos anos.
JOSÉ (Dando um salto da cadeira onde se sentou) E esta aqui?
MÁGICO - Essa era um camarada bobo como voce...
JOSÉ (Alisando a cadeira) - Desculpe.... Pensei que voce fosse cadeira mesmo!
SAPO - Não seja, bobo, José voce não ve que isto não é possível? Ele está querendo nos meter medo. Mas, comigo não! Não acredito nessas bobagens!
MÁGICO - Mexe, mexe o caldeirão.
Mexe, mexe até ferver!
MULHER - Ainda demora muito?
MÁGICO - Um pouco...
JOSÉ (Consiliador) - Seu Mágico o senhor não vai fazer nada disso conosco hão é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.33

MÁGICO - Não me lembro
SAPO - Como não? Nós lhe demos comida....
MÁGICO - E eu também lhes darei comida... Deste caldeirão.
JOSÉ - Nós lhe demos dinheiro....
MÁGICO - Mulher, traga o saco de dinheiro. (A mulher apanha um enorme saco que entrega a José).
JOSÉ - Obrigado. (Para o sapo) Vamos embora....
MÁGICO - Embora?
JOSÉ - É sim senhor.... Já está ficando tarde....
SAPO (Irritado) - Como?
JOSÉ (Muito terno) - Não precisa não, João. Voce está tão bonitinho assim de Sapo. (Puxando-o) Vamos embora! (Arrasta o saco de dinheiro até a porta).
SAPO - Eu faço questão!
MÁGICO - Voces se esqueceram de uma coisa... (Com ar de deboche) - Voces se esqueceram de que eu dormi em sua casa...
JOSÉ - Pois é: mas não tem importancia. Outra vez que nós viermos aqui, nós prometemos dormir...(Faz menção de sair).
MÁGICO - Ah, ah, ah,! Outra vez que viorem? Pois sim! Tem que ser hoje!.. (Para a mulher) Traga as cordas! (A mulher do mágico traz algumas cordas e o mágico começa a amarrar José).
JOSÉ (Chorando) - Me deixa! Eu não quero dormir amarrado! Eu não estou com sono...(Luta, mas o mágico pode mais que ele e o amarra completamente) Ai, ai!....
SAPO - Eu quero ver ele me pegar! (Com muita valentia) Vem, Mágico bobo!
JOSÉ- Diz aquele negócio que a princesa ensinou! Diz, Sapo, diz!
SAPO - Diga voce. (Salta de um lado para outro, enquanto o Mágico o persegue)
JOSÉ (Chorando) - Missecofe, dari dari dari dari...Não me lembro!
SAPO (Fugindo do Mágico que avançou para ele) - Eu me lembro! Vem Mágico de uma figa! (Tropeça numa cadeira)
JOSÉ (Cuidadoso) - Não machuque o rapaz!
SAPO (Para a cadeira) - Desculpe! Vem, desgraçado que eu te ensino! Quem vai dormir é voce ouviu? E vai dormir mil anos!
JOSÉ - Fala logo! Deixa de contar prosa....Depois dorme o tempo que quiser! Diz aquele versinho da princesa!....
SAPO - Digo Mesmo! (Com imponência)

Missecofe dari, dari, tira liro
Kli, clofee, café, dari, dari, dari, dari...

JOSÉ - Continua!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 337

SAPO - Dari, dari...
JOSE - (Chorando) Foi no dari, que eu me encrequei!...
SAPO - Dar, , dari, dari...(desesperado)Dorme, mágico
MAGICO - (Dando uma garglhado) Dorme o que? (Agarra O Sapoe começa a amarrá-lo tambe) Voces dois sim que vão dormir um belo sono!
MULHER - Eu quero p sapo para servir de escrivaninha. A gente coloca em uma tábua aqui em cima. e pronto. Não fica bonito?
SAPO - Bonito coisa nenhuma ! Eu quero ir embora!
JOSÉ - E eu com certeza vou virar uma cadeira azul...
MULHER - Cadeira, não poltrona.(Para o marido)Uma poltrona estofada cor de laranja.
JOSE - (Chorando) Ah. meu Deus, quando me lembro que passei dois dias e duas noites andando, para chegar aqui e virar mobilia de magico.
MAGICO - Voce não vai virar movilia, não.
JOSE - Que sorte!
MULHER - Como não
MÁGICO - Eu preciso dele para outra coisa!
MULHER - Mas eu quero uma poltrona!
JOSE - Olha aqui, minha filha, deixe seu marido resolver. Se elem não quer que eu vire poltrona , paciencia...
MÁGICO - Não quero mesmo!
SAPO - Eu não quero tambem !
JOSE - Voce não e poltrona, é escrivaninha. Cale a boca.
MULHER - (Zangada)Mas voce me prometeu, voce me prometeu!
JOSE = Fica para outra vez....
MÁGICO - Eu preciso dele.
JOSE - (Contente) Viu? Ele precisa de mim, Nada de poltronas, dessa vez.
MÁGICO - (Para a mulher)Não se aborreça. Voce se lembra da receita desta sopa?
MULHER - Lembro. Voce sabe que eu nunca esqueço de nada...
MÁGICO - Como era?
MULHER - Àgua de serra colhida as tres horas da manhã, dois olhos de cabrito, perna de lagarto, gordura de baleia, trombas de elefante, ovos de pombos cinzentos figado de alfaiare!
JOSE - (Aflito) Mau, mau.!
MAGICO - Está faltando só o fígado de alfaiate...(Dá a colher a ela) Prove aqui.
MULHER - Ótima! Mas voce esqueceu tambem dos ovos de pombos...
JOSE - Figado de alfaiate tem gosto ruim...
MAGICO - (Sem lhe dar importancia) É Verdade voce saiu para arranjar...Arranjou

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 333

JOSE - (Chorando) Eu não e prefiro ser poltrona| ...
MULHER - Primeiro é preciso quebra ai dentro os ovos de pombos...
MÁGICO - Onde estão... ...
MULHER - Eu..Isto é...Eu...
MÁGICO - Não arranjou? Eu lhe disse que era só montar na vassoura e seguir na direção de Mata Grosso...
MULHER - Pois é, eu montei navassoura e fui para o lado do Mato Grosso.
MÁGICO - E Então?
JOSE - A vassoura encrencou no caminho...
MULHER - É isso mesmo...
MÁGICO - Não i possivel. Uma vassoura novinha.Eu nunca tive uma que fôsse tão boa!
JOSE - Pois é: Essas Vassouras últimamente não valem nada.Quebram á toa...
MAGICO - Quebram? Que dizer que voce quebro minha vassoura de estimação
MULHER - Não se sangue, meu bem.Foi por acaso. Eu não tive culpa...
MÁGICO - Não teve culpa o que!Voce estraga tudo que eu tenho! Bem que eu lhe disse que não saisse com aquela vassoura! Não disse?
MULHER - (Chorando) Disse...
MÁGICO - Mas voce é teimosa!(Avança para ela)Voce é uma mulher impossivel!Vou passar mais trinta anos arranjando outra vassoura! (Apanha um pedaço de pau)Mas antes disso hei de lhe ensinar como e que se cuida das coisas! (COrre para a mulher. Amulher corre, Tambem fugindo) Eu te ensino relaxada!
JOSE - (Acompanhando a luta)Sobe em cima da cadeira.Corre para o outro ladoCuidado com a aranha! Volta daí senão ele te pega!
MÁGICO - Cale a boca que voce esta me atrapalhando!
SAPO - Não me conformo. Como é mesmo? (Procura lembrar do versinho, salta conforme pode, ainda que amarrado) Missecofe...
MULHER - Não me bate! Perdão ,perdão!
MÁGICO - (Agarrando-a) Perdão? Voce vai ver (Ergue o cacete e começa a bater na mulher).
SAPO - Como é mesmo? como é mesmo?
VOVÓ - Não deixe que seu marido lhe bata, minha filha! Reaja!Diga aquele versinho que a princesa lhe ensinou.Voce sabe, sim Voce nunca esquece de nada.
MULHER - (desesperada)
MISSECOFE DARI, dari dari liro
Kli, Clofe, clafe, dari dari dari dom from from
Malacafum, malacafum clinfoide
Chiribbi, charbibi, maga!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 33

Tum!
Zaravai, otim, marabum dispim
Requequé, requequé,
Ôrinhanhã, ó rinhannhã
Pingolin, pim, pim!
(O mágico cai adormecido instantaneamente) Meu marido!Ah, meu deus, que fiz eu?
SAPO - A sra, escapou de boa!
MULHER - Que fazer agora? (Sacode o marido) Acorda, querido! acorda!
JOSE - Me desamarra que eu dou um jeito nele.
SAPO - É isso mesmo. Basta desamarrar a gente, Num instante.
MULHER - Voces prometem? Voces fazem ele acordar?
JOSE - Num instante. Eu prometo!(Amulher desamarra Jose.Este assim que se vê livre. amarra a mulher do mágico,com toda a rapidez) Pronto! Serviço limpo!MULHER - Voce prometeu! (Jose desamarra o sapo tambem).
JOSE - Eu prometi eu cumpro. Vou fazer com que ele acorde!
MULHER - Mas então porque que o senhor me amarrou?
SAPO - Não se preocupe. A Sra. não sofrera nada. Vai apenas fazer uma viagem.
MULHER - Pra onde?
SAPO - Ate a casa do rei...
JOSE - Ele vai acordar na casa do rei. E é para lá que vamos agora, (Para o sapo) Vamos(Para a mulher)A senhora vai andando mesmo, que eu não posso carregar dois...(Bota o magico nas costas) Vamos
SAPO? - (Abrindo a porta) Pode passar, minha senhora...
MUHHER - (Com raiva) Traidores! (Para Jose) Passe voce nafrente!(para João) Sapo horroroso!
SAPO - Primeiro as senhoras... Depois os sapos(A mulher sai. O sapo fica segurando a porta para Jose passar com o mágico. as costas)
JOSE - Vai na frente, Nós somos muito amigos, tal e coisa, mas eu não aguento sapo pulando atras de mim!

PANO

EPILOGO
(CENÁRIO :Casa do Rei. o Rei está sentado numa cadeira de espaldar bem alto.a seu lado, uma cadeira menor, onde está a Princesa. Junto de ambos o Primeiro Ministro. Um Grande rel-ogio num canto).

VOVÓ - Agora, meus netinhos, vejam o que se passou na casa do Rei, para onde João e Jose levaram o Magico dormindo...E a mulher do Mágico toda amarrada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p 335

Alias, (Olha para um grande relógio) faltam apenas três minutos para que se extinga completamente o tempo que Vossa Majestade lhes concedeu. Ah, esses alfaiates são uns indivíduos sem palavra, sem escrúpulos. São uns patifes!... (Mudando de tom) Posso mandar meus soldados prendê-los, onde quer que os encontrem?

REI- Eu acho que não devo assinar a sentença de morte antes que o prazo esteja completamente esgotado.

PRINCESA- Faltam ainda três minutos! (Para o Relógio) ò Relógio, seja bonzinho! Vá bem devagar, mas bem devagar mesmo, para dar tempo dos rapazes chegarem! (O Relógio sai do canto, faz uma reverência e começa a andar para trás, bem de mansinho) Obrigada!

MINISTRO- Ah, é assim que Vossa(Majestade) Alteza faz? Quando se trata de prender dois perigosos alfaiates que andam à solta pela rua, atropelando os Reis, Vossa Alteza pede ao Relógio que ande devagar. No entanto, não teve pena dos meus dois sobrinhos que ainda estão no calabouço!

PRINCESA - Tive pena, sim, Ministro. Mas os seus sobrinhos roubaram tanto o Tesouro que não era possível deixar de prendê-los...

MINISTRO - Faltam dois minutos. Quer assinar a sentença?

REI - Espere um pouco...

PRINCESA - Ah, se eles me trouxerem o Mágico!

REI - Pouco me importa o Mágico, eu quero é o meu casaco!

MINISTRO- Quer ter a bondade de assinar agora? Está em cima da hora.

RELÓGIO - Faltam sessenta segundos! Não enxerga?

MINISTRO- Sessenta segundos passam num instante.

RELÓGIO - Vou dar um jeito de demorar....

MINISTRO (Para o Relógio) - Você é assim mesmo... Vive admirando a Princesa! (Ruido de vozes).

PRINCESA - São eles!

REI - (Para o ministro) Vá ver!

MINISTRO - (Indo até a porta) Majestade, vejo um sapo repugnante que se aproxima acompanhando de uma mulher e mais....

SAPO - (Entrando) Dá licença, Majestade? Aqui estamos nós, conforme lhe haviamos prometido....

MINISTRO - (Muito contente) Exatamente o que eu desejava para o Jardim Zoológico! Um sapo que fala!

SAPO - Para o Jardim Zoológico vá o senhor! (Entram José, carregando o Mágico, e a mulher).

JOSÉ- Pronto, seu Rei. Viemos ou não viemos? (Para a Princesa) Aquêles versinhos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 336

REI- Sim, pelo que vejo, conseguiram descobrir o Mágico. Esse que está aí é o Mágico, não é?
SAPO - Sim, Majestade, ainda que um tanto adormecido.....
REI - Adormecido! Então ele dormiu no caminho? (Para o Ministro) Acorde-o!
JOSÉ - (Para o Sapo) Agora é que eu quero ver!
SAPO - Deixe o Ministro se esforçar!
MINISTRO (Sacudindo o Mágico) Acorde, homem! Não ve que é falta de respeito dormir diante do Rei? Acorde, acorde!
SAPO - Duvido!
MINISTRO - (Sacudindo-o irritado) - Acorde!
JOSÉ -(Para a Princesa) - Tem algum versinho aí que sirva para acordar?
PRINCESA - Nenhum!
SAPO (Rindo) - Ah, Ah, Ah! Está difícil hein?
MINISTRO -(Sacudindo o Mágico) Acorde! (Para o Sapo) Não estou pedindo a sua opinião!
SAPO - Agora é que eu quero ver. O senhor não é Ministro? O senhor não acha que sou um sapo horrível? Pois é! Mas quem é que não consegue acordar o Mágico?
MINISTRO - Eu o acordarei! (Ameaçador) Não me aborreça!
SAPO - O Rei está ficando dansado de esperar. Que é que acontece quando um súdito não obedece às ordens do Rei (Pajens aparecendo subitamente, fazendo o gesto de cortar o pescoço).
PAJENS - Lesco!
MINISTRO - Saia! (Para o Rei) Majestade, esse sapo horrível está me perturbando! Peço-lhe que o mande embora! (Para o Mágico) Acorde!
REI - Ele não deixa de ter razão. Quando dou uma ordem e não sou obedecido...
PAJENS - (Voltando) - Lesco!
MINISTRO - Já sei... Já sei... (Para o Mágico) Acorde! (Para o Sapo) Saia daqui!
SAPO - Eu não!
MINISTRO - Saia!
JOSÉ - Você não vê que o seu Ministro está nervoso?
SAPO - Mas eu quero ver com que cara esse homem vai acordar!
JOSÉ (Levando até a porta) Depois eu to conto... (Sai o Sapo)
MULHER - Eu sei que ele não vai acordar nunca mais! Uma vez ele pegou no sono e dormiu trinta e cinco anos!
MINISTRO - Quem é a senhora?
MULHER - Sou a mulher do Mágico.
MINISTRO - Ele dormiu trinta e cinco anos? E que foi que a senhora ficou fazendo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.337

MULHER - Aproveitei para dar uma limpeza na nossa casa. Tinha tanta poeira!
MINISTRO - E como foi que ele acordou?
MULHER- Com uma raiva que só vendo! ...
JOSÉ - Foi isso mesmo que me disseram... Mágico quando acorda é um inferno.
MINISTRO- Cala a boca! (Para o Mágico) Acorde!
JOSÉ(Ajudando) Acorde, senão o Ministro vai ficar mal! O Rei não está gostando da demora!
MINISTRO - Só eu que vou ficar mal!?
JOSÉ - Ué, e então? Não é você quem tem que acordar o Mágico?
MINISTRO - E se ele não acordar?
JOSÉ - Lesco!
MINISTRO- Se ele não acordar, não desencantará o casaco. Se ele não desencantar o casaco... Já se sabe! Lesco! Quem é que vai perder a cabeça?
JOSÉ (Chorando) Pra que que o senhor foi se lembrar?! Eu já tinha até me esquecido! Ai, meu Deus! (Para a Princesa) A senhora não sabe mesmo nenhum outro versinho?
PRINCESA - Não.
JOSÉ - Acorde, seu Mágico! Deixe de bobagem! (Fazendo-lhe cócegas nos pés) Ui, Ui,! Acorde, bobinho! Deixe de brincadeira! ...
MINISTRO - Acho que podemos perder as esperanças...
JOSÉ - Qual nada! (Sacudindo-o) Eu hei de dar um jeiro! Eu faço ele pular! (Sacode-o com muita força e com orgulho) Viu? Eu sou quase igual ao casaco encantado! (Lembrando-se) Ah, o casaco encantado! Se nós o vestíssemos com o casaco encantado?
MINISTRO - O que é que acontece?
REI - Ele vai pular como um desesperado! Eu que o diga!
MULHER- E eu também!
JOSÉ - Eu também!
MINISTRO - Será mesmo bom?
JOSÉ -(Desembrulhando o casaco, e enfiando-o no Mágico) Vamos ver isso agora! Já começou! (O Mágico põe-se de pé eddesanda a saltar) Está funcionando!
MÁGICO - Ui, ui, ui! Que é isto? Onde estou?
JOSÉ - Acorde primeiro que depois eu digo.
MÁGICO - Já acordei! Que é isto? Parem com isto! Tirem este casaco de cima de mim!
JOSÉ - Você promete desencantar o Sapo?
MÁGICO - (Pulando) Prometo!
JOSÉ - Então desencanta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.338

MÁGICO (Indo até a porta, pulando sempre) Está desencantado! (Faz uns gestos cabalísticos) Ui, Ui, agora me tirem o casaco!
JOÃO (Aparecendo e e abraçando José) Ah, meu amigo! Que saudade que eu tinha de ser gente outra vez! (Mágico continua pulando).
JOSÉ- Ah, João, como você está bem disposto! (Esquecendo o Mágico, que continua pulando) Aqui entre nós, eu dizia que você estava bonitinho de Sapo, mas não era verdade. Você era um sapo danado de feio! (Ri).
JOÃO -(Ofendido) Deixe disso. Até que como sapo eu era bem simpático!
JOSÉ (Caçoando) - Feio pra burro!
JOÃO - Não seja exagerado! (Bocejando a mão da Princesa) Não é verdade, Princesa que eu não era tão feio assim?
PRINCESA - Era um amor de sapo!
MÁGICO - Parem com essa conversa! Já estou cansado! (Continua pulando).
JOSÉ - Cansado o que! Você dormiu muito e agora precisa de exercício!
MÁGICO - Tenham pena de mim!
MULHER - Coitado!
JOSÉ - Quer mesmo que eu tire esse casaco?
MÁGICO - Sim! Não aguento mais!
JOSÉ - Você promete que não baterá mais na sua mulher?
MÁGICO - Prometo!
MULHER - Que bom!
JOSÉ - E promete desencantar este casaco?
MÁGICO - Prometo. Mas assim vestido com ele não posso!
JOSÉ - Eu vou tirar. (Tira o casaco e o Mágico cai sentado exausto) Cansadinho, hein?
MÁGICO(Limpando o suor) É verdade! (Erguendo-se) Também assim que desencantar esse casaco vou embora!... Deus me livre!...(apanha o casaco).
REI - Um momento! (Todos se voltam para êle) Deixem o casaco conforme está....
PRINCESA - Oh, meu pai!
JOSÉ - Ué... Depois de tanta perseguição, depois da gente ter apanhado tanto, corrido tanto perigo, o senhor quer o casaco encantado do jeito que está?
REI - Sim! Brevemente o Rei meu vizinho virá me visitar. É um Rei mau e ambicioso. Sei que deseja se apoderar de metade do meu Reino. E para isso, talvez me declare guerra....
JOSÉ - Que é que o casaco tem a ver com isso?
REI - Ah, Se ele tiver mesmo a intenção de me declarar guerra, visto-lhe o casaco encantado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 339

JOSÉ- Bem lembrado! (Entrega o casaco ao Rei).

MÁGICO (Para a mulher) Vamos embora!
MULHER - Mas eu estou amarrada, Por quê?
JOSÉ - Esquecimento....
MÁGICO - E também porque não presta atenção nas coisas que lhe ensino. Onde já se viu uma mulher de mágico tão sem prática? Saiba que mulher de mágico tem que ser tão mágica quanto o marido! Quando entra em numa história deve fazer mágicas também. E você, que foi que fez nesta história?
MULHER - Bem... Dessa vez eu entrei nesta história e fiz algumas tolices. Mas da próxima vez... Ah, vocês hão de ver! Encontrarei Reis e Rainhas... E se encontrar um príncipe também, mas que seja bom, corajoso, belo e honesto, hei de trazê-lo até aqui. Sabem para que? Para que conheça a nossa Princesa! Conhecendo a nossa Princesa, ele se apaixonará por ela. Apaixonando-se, há de casar. E casando terão muitos filhos....

PRINCESA - Ah.... Ela deve estar falando do Principe dagoberto!
JOSÉ - Quem é o Principe Dagoberto?
PRINCESA - Um príncipe belo, valente, honesto, um amor!
JOSÉ (Para a mulher do Mágico) Da próxima vez que a senhora entrar numa história não deixe seu marido andar viajando, não sim?
MULHER - Quem sabe?
MÁGICO - Vamos todos embora. Essa história já acabou! (Puxa a mulher e se dirige para a porta) Adeus! Adeus!

JOSÉ - Adeus! (Para a Vovó) Adeuzinho, sim?
JOÃO - Adeus, minha gente!
PRINCESA- Um momento! (Todos se detém) Antes do senhor ir embora quero que faça ainda uma pequena mágica....
MÁGICO - Pois não, Alteza. Que ordena?
PRINCESA - Faça chover balas de frutas para os meus netinhos.
MÁGICO - Com prazer! (Faz uns gestos cabalísticos; as balas deverão cair sobre os espectadores. Música, adeuses, até que caia completamente o pano).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.340

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ - DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
Superintendencia Regional em Santa Catarina
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 07/83-SCDP/SR/SC

Peça teatral: "O CASACO ENCANTADO"
Autor: LÚCIA BENEDETTI
Faixa Etária sugerida: LIVRE
Justificativa:

DE ACORDO
ENCAMINHE-SE CÓPIA À DCDP
EM 26/5/83
CHEFE DO SCDP/SR/SC
JOSÉ AUGUSTO COSTA
CHEFE DO SCDP/SR/SC

Peça infantil, em 3 atos e 1 epílogo. Sem outra intenção que a de divertir. Conduz o expectador ao mundo encantado da fantasia, com mágicos, reis e princesas. Suscintamente: um mágico encanta um casaco que tinha sido confeccionado para o rei, de modo a sair pulando quem o vestisse, e pôr em dificuldades João e José, os 2 alfaiates. Como só o mágico pode desencantar o casaco, é procurado afanosamente, dando-se as peripécias esperadas. Nada há que impeça a liberação com censura livre.

Florianópolis, 17 de maio de 1983

Paulo de Tarso Kloeckner

Paulo de Tarso Kloeckner
Téc. Cens. mat.0221217

TEATRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239,p.341

TÍTULO O CASACO ENCANTADO

Autor: LÚCIA BENEDETTI

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça SCDP/SR/SC

Obs.:

DF. 29 / 06 / 83 /

Resp. pela elaboração do Processo
Sérgio Roldan de Oliveira
CHEFE DE ARQUIVO - DCDP

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, sem cortes, condicionado ao exame do ensaio

Obs.: Lib. p/ SCDP/SR/SC

Brasília-DF, 30 de 06 de 1983

Brasília – DF de Hellé Prudente Carvalhedo Mat. 2 415 791 de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de livre.

Brasília-DF, 30 de junho de 1983

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 30 / junho / 1983
Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 342

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em 04 julho de 1983

OF. Nº 1.130/83-SE/DCDP

Do : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/ SC.

Assunto : Certificados - encaminha -

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício(s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do (s) certificados de Censura da (s) peça (s) teatral (is): " A CAMINHADA DO ESPANTATUDO NAS ASAS DA GRALHA AZUL OU O SONHO DO GENÉSIO ", de Marilda Kobachuk, " DONA PATINHA VAI SER MISS ", de Arthur Maia, " NÓ CEGO ", de Carlos Alberto Vereza de Almeida, / " O CASACO ENCANTADO ", de Lúcia Benedetti, " A PANTERA E O GI_ GANTE, de Nilson Mello, " O PLANETA DOS PALHAÇOS ", de Pasqual Lourenço.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 343

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 525

PEÇA " O CASACO ENCANTADO "

ORIGINAL DE LÚCIA BENEDETTI

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 30 de JUNHO de 19 88

Brasília, 30 de JUNHO de 19 83

Solange M. F. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 344

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " O CASACO ENCANTADO "

Original de LÚCIA BENEDETTI

Tradução de

Adaptação de

Produção de EQUIPE VIRA LATA

Requerida por VALETIM SCHMOELER - BLUMENAU/SC.

Tendo sido censurada em 30 de JUNHO de 19 83 e recebido a seguinte classificação: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 30 de JUNHO de 19 83

NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

DPF—150

MJ - DPF - DCDP - BSB
-6 SET 1137 83 007248
RECEBIDO POR _____

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.345

Em, 02.09.83

Ofício nº 496/83/RJ
Da: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Endereço: Rua Edgar Gordilho s/nº - Praça Mauá
À Srª Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (faz)
Ref.Prot.: 004168/83-SCDP/SR/RJ

Senhora Diretora:

Para fins de expedição do certificado definitivo, encaminho a V.Sª texto, pareceres e cópia do Certificado provisório nº 178/83/RJ .... da peça teatral "O CASACO ENCANTADO" ..... de LUCIA BENEDETTI ..... o exame foi requerido por TEREZA CRISTINE DE MORAIS DUARTE ...

Atenciosamente

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
CHEFE DO SCDP/SR/RJ

ZFB/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p 346

Ilmº Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas - SR/RJ

Dreza Cristine de Morais Durante
Requerente

Brasileira, —
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade nº 3906557, IFP
Expedido por

Residente à Rua Jurumirana 55

Meier, 20731, 269-8726
Bairro CEP Tel.

vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª., que se digne mandar examinar, de acôrdo com as normas censórias vigentes, a(s) Peça abaixo relacionadas de autoria de:
Espécie

Lúcia Benedetto

TÍTULO (S): O Casaco Encantado

Nestes Termos
Pede Deferimento
Rio, 30 de Junho de 1983

Dreza Cristine de Morais Durante
Requerente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 34

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

NOME: STUDIO NOVE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CGC 28097962/0001-20

Sede: Rua Demétrio Ribeiro 17/ Cobertura 02

Diretor ou Responsável:

2 - DADOS DO AUTOR:

Nome: Lucia Benedetto

Pseudônimo: Filiação

Nacionalidade: Naturalidade

Data do nascimento: Identificação

Estado Civil

Profissão: Endereço:

3 - Parceria:

Nome:

Pseudônimo: Filiação

Nacionalidade: Naturalidade

Data do nascimento: Identificação

Estado Civil

Profissão: Endereço:

4 - Parceria:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do nascimento: Identificação:

Estado Cicil:

Profissão:

Endereço:

Declaro que a matéia a ser examinadaa nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (EXCETUANDO os pedidos de renovação de Certificados ou de confronto de textos), assumindo inteira responsabilidade pelas infrmações aqui prestadas.

Rio de Janeiro, 30/6, de 1983

Tereza Cristine de Morais Durante

Assinatura

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239,p.348

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Rio 30 de Junho de 19 83

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

O CASACO ENCANTADO.-

Original de LUCIA BENEDETTI
Tradução de
Próxima apresentação de STUDIO NOVE PROD. ART. LTDA.
Teatro B N H Cidade RIO DE JANEIRO
Estado RJ.-
A estréia está prevista para 27 de Agosto de 1983

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS S A RIO

6.000 - 4/83

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 349

D. P. F. - RJ
CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

O CASACO ENCANTADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p 350

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

PERSONAGENS

JOÃO :.....A.FREGOLENTE

JOSÉ .....DARY REIS

MÁGICO .....GRAÇA MELO

MULHER DO MÁGICO.....HENRIETTE MORNEAU

REI .....JACY CAMPOS

PRINCESA .....FLORA MAY

MINISTRO .....ORLANDO GUY

RELÓGIO.....NILSON PENA

PAJENS .....NIETA JUNQUEIRA E
ROSA PERRONE

MANEQUIM .....N. N.

VOVÔ .....MARIA CASTRO

Representada pela primeira vez em novembro de 1948 no Teatro Ginástico do Rio de Janeiro, sob a direção de Graça Melo e com cenários e figurinos de Nilson Pena, pela Companhia Artistas Unidos (empresários: Carlos Brant e Hélio Rodrigues).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 351

"O CASACO ENCANTADO"

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ
CENSURA FEDERAL

BO.

Abertura musical em BO ainda.

LUZ-TROMBETAS.

(CENÁRIO DA CIDADE DE JOÃO E JOSÉ)

DANÇA: O povo, saindo de todos os cantos, um avisando o outro da chegada do Rei (trombetas)

João e José, mais destacados "conversam": João pede a José que lhe compre umas latas de tinta; este vai.

João se mistura com o povo e toma conhecimento da chegada de Sua Majestade.

(Trombetas) O povo vai se arrumando para ver o Rei passar. Ele aponta num dos extremos do palco enquanto José vem vindo com a tinta, se esgueirando com dificuldade, até que tropeça derrubando toda a tinta (roxa) no casaco do Rei, no exato momento em que ele e a Princesa estão passando.

O Rei esbraveja, ameaça.

José - (de joelhos) "Não me mate!"

Pajens - Lesco, lesco!

A Princesa intervém e o Rei cede, mas os obriga a fazer um novo casaco.

Todos vão saindo (trombetas) e ao mesmo tempo mudando o cenário que muda para a casa de João e José.

Os dois estão costurando. O manequim, totalmente imóvel, foi trazido enquanto o cenário estava sendo mudado.

DANÇA DO RELÓGIO: O Relógio "marca" as horas enquanto os dois costuram; tempo passando = através de uma clarabóia pode-se ver a lua "caminhando". (A ILUMINAÇÃO ACOMPANHARÁ SUA TRAJETÓRIA) até...

Canto do galo (?)

Relógio se retira e o casaco está pronto.

Início da peça.

§ § § § § § § §

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 352



1º ATO

CENÁRIO

(Casa de João e José. Duas camas, fogão, mesa, alguns manequins. Máquina de costura. Em cima do fogão uma panela. Sobre a mesa, um prato com dois pães. O dia ainda não começou. Ambos trabalharam toda a noite, estão fatigados, mas alegres. Terminaram um grande casaco vermelho com botões dourados. Quando o pano sobe, João, com uma enorme tesoura, está aparando os derradeiros fiapos. José prega o último botão. Ouve-se um galo cantar.)

JOSÉ - Acabei !

JOÃO - Acabei ! (Abraçam-se na maior alegria) Estamos salvos !

JOSÉ (radiante) -(Sacudindo o casaco) Ficou pronto ! O Rei poderá vesti-lo a qualquer hora ! (Tornam a olhar o casaco) Ah.! até que enfim, ficou pronto o casaco ! (Beija o casaco) Meu casaquinho querido ! (Dança com ele) Tra-lá-lá...

JOÃO - Se eu não tivesse trabalhando tanto, não vê que não ficava pronto?!

JOSÉ - Como não? Você quer dizer então que eu não trabalhei também?

JOÃO - Trabalhou, sim. Mas você tinha obrigação de andar depressa. Senão, já sabe. Lesco!

(Faz gesto de cortar a cabeça) Lá se ia a sua cabeça embora!

JOSÉ - E a sua? (Fazendo o mesmo gesto) Lesco, lesco ! Ia embora também.

JOÃO - Mas eu não tive culpa nenhuma ! Foi você quem derrubou tinta no casaco do Rei !

JOSÉ - E de quem era a tinta?

JOÃO - (consternado) Minha.

JOSÉ - E, então?

JOÃO - Então, o quê? Por acaso mandei você sair correndo com a lata de tinta na mão e trope-
çar no Rei ? O casaco ficou que era só tinta roxa. E depois, ainda tive que pedir miseri-
córdia...

JOSÉ - Isso também eu pedi. Ajoelhei-me junto ao Rei e disse: "Seu" Rei (Ajoelha-se), não
nos mate !

JOÃO - Eu também me ajoelhei, quando vi que o Rei não queria atender. E também pedi.

JOSÉ - Pois é. Foi até você quem inventou que nós podíamos fazer um casaco igual e entre-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239,p.353

gá-lo antes do sol raiar. Essa tolice saiu da sua cabeça !... (Olhando as mãos) Estou com os dedos ardendo de tanto costurar.

JOÃO - E o Rei só perdou porque achou impossível. Ele está ainda com raiva de nós. Quer nos matar de qualquer jeito !

JOSÉ - Desta vez nós vencemos. Mas eu sou mesmo um colosso ! (Olha o casaco) Um colosso !

JOÃO - Deixe de ser convencido. Se não fosse eu...

JOSÉ - Convencido é você !

JOÃO - É você ! Seu trapalhão ! (Batem à porta. Os dois se calam).

D. P. F. - R.J. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

JOSÉ - Quem será ?

JOÃO - Quem sabe se o Rei mandou algum soldado nos buscar para... (Faz gesto de cortar a cabeça) Lesco !

JOSÉ - Isso não. O casaco está pronto !... (Batem outra vez) É melhor fingir que esta -- mos dormindo.

JOÃO - É mesmo. (Cada um corre para a sua cama. Põem-se a roncar. Batem outra vez e agora com mais força)

JOSÉ - (Fala baixinho) Vá ver quem é, João.

JOÃO - Vá você...

JOSÉ - Eu não. Pode ser o Rei e ele não gosta de mim !

JOÃO - Nem de mim. (Batem a porta outra vez)

JOSÉ - (Fala francamente) - (Levantando-se) Quem está aí?

MÁGICO - (Com voz forte) Abra a porta ! Sou eu !

JOSÉ - Não posso ! Estou dormindo !

MÁGICO - (Batendo com mais força) Abra !

JOSÉ - (Choramingando) Como é que eu vou abrir se estou dormindo ?

JOÃO - (Erguendo-se) Deixe de ser medroso ! Abra a porta ! (José abre a porta devarinho, espia e torna a fechar)

JOSÉ - Credo, que homem feio !

JOÃO - (Curioso) Quem é ?

JOSÉ - Parece assombração. Tem um chapéu comprido e uma capa preta !

JOÃO - Deixe de bobagem. Assombração não bate na porta! (Abre a porta, entra o Mágico, alto, calças de grandes riscos amarelos e pretos, chapéu de copa bem pontuda, enorme capa preta sobre os ombros; fala sempre com arrogância, o que intimida José horrivelmente)

MÁGICO - Que demora foi essa ? Vocês não sabem que um Mágico não pode esperar?

JOSÉ - Não, senhor. (Examinando meio incrédulo) O senhor é mágico mesmo?

MÁGICO - Claro que sou. Não está vendo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,P.354

JOSÉ - Estou, sim senhor. Mas pensei que fôsse assombração! (Revolta o Mágico)

JOÃO - (Conciliador) Ele estava meio tonto de sono... Não viu direito. Nós trabalhamos a noite inteira, estamos muito cansados. Quer ter a bondade de dizer o que deseja?

MÁGICO - Eu quero comida. Vi com meus olhos mágicos que vocês estavam acordados e resolvi entrar para descansar um pouco. Estou chegando da China.

D.P.F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

JOSÉ - Seu olho mágico viu comida aqui?

MÁGICO - Viu.

JOÃO - Onde ? (Procura pela sala, olha a panela)

JOSÉ - Tomara que ele descubra! Faz três dias que ninguém come direito!

MÁGICO - Em cima da mesa.

JOSÉ - Mas só temos dois pãezinhos! Eu e o João vamos comê-los daqui a pouco, assim que acordarmos. Isto é, vamos dormir, vamos acordar e depois comer o pão.

JOÃO - É verdade. Nós temos só estes dois pãezinhos...

MÁGICO - Pois o que eu quero mesmo é pão !

JOSÉ - Nós temos só dois ... (Choraminga) Um para mim e outro para o João...

JOÃO - Não sobra nenhum para o senhor.

MÁGICO - (Apanhando os pães) Deixem de conversa. Já disse que estou com fome e quero os pães (Começa a comê-los)

JOSÉ - Então, seu Mágico, não faça cerimônia. Pode comer. (Para João) Nós vamos ficar com fome...

MÁGICO - Fome tenho eu, depois de três dias e três noites de viagem! (Mastiga o pão)

JOÃO - Veio de avião?

MÁGICO - (Orgulhoso) Vim num cabo de vassoura! (Acaba de comer o pão) Agora quero dinheiro.

JOSÉ - (Saltando de alegria) Procure!... Se o senhor achar pode ficar com a metade! Nesta casa nunca apareceu dinheiro! (O Mágico enfia a mão no bolso de José e retira uma moeda de ouro) Formidável! (Mete a mão nobolso e não acha nada) Uê! (Para o Mágico) Tira mais! (Mágico tira outra moeda)

JOÃO - Tira em mim! (O Mágico faz o mesmo) Tira mais!

MÁGICO - Agora chega. Não preciso mais do que isso.

JOSÉ - Tira umazinha só pra mim!

JOÃO - Só mais uma, "seu" Mágico! Só mais uma para mim e o meu amigo José...

MÁGICO - Já disse que chega!

JOSÉ - Mais uma, só umazinha!...

MÁGICO - (Zangado) Chega! Eu não tiro dinheiro do bolso dos outros para ninguém. Só para mim

JOSÉ - Mas o senhor pode tirar, não custa nada, é só enfiar a mão no bolso... bumba!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.355

(Tenta fazer o mesmo no seu bolso, sem resultado. Procura o bolso de João, encontra um pedaço de barbante) Ai, ai...(Choraminga)

MÁGICO - Pare com isso! Agora quero dormir e que ninguém me acorde!

JOSÉ - Também quero dormir! (Vai para a cama)

JOÃO - Eu também... (Boceja) Que sono! (Vai para sua cama)

MÁGICO -(Para José) Nessa cama quem dorme sou eu...

JOSÉ - Mas...mas esta é a minha cama, seu Mágico...(Aponta para a cama de João) Durma naquela, é mais macia ... (Mostrando as cobertas) mais quentes. (Afofa o travesseiro e depois o colchão) Colchão de molas...

JOÃO - Pare com isso! (Vai para sua cama)

MÁGICO - Eu vou dormir e você fica de Guarda!

JOSÉ -(Contrariado) De guarda?

MÁGICO - Sim senhor! Não quero escutar barulho, não quero que mosquito assente no meu nariz nem que a coberta caia para o lado! E, principalmente, que ninguém me acorde! (Ameaçador) Ai de você, se alguém me acordar!

JOSÉ - (Medroso) Que é que acontece?

MÁGICO - Transformo você num sapo.

JOSÉ - Ah, meu Deus, eu que tenho tanto medo de sapos! (Treme) Eu prefiro ser passarinho...

MÁGICO - Num sapo, já disse!

JOÃO - (Sonolento) Não faz mal, José; se você virar sapo eu levo você todos os dias para passear na lagoa...

JOSÉ - Mas eu não quero ser sapo! Eu tenho medo de água fria! Não gosto de lagoa! Além disso, sapo come mosquito. Eu não gosto de mosquito!

JOÃO - Você acaba gostando (Torna a bocejar) Uuuu...que sono!

MÁGICO - (Deitando-se) E não me acorde, hem! Senão já sabe! (Puxa as cobertas e começa a roncar).

JOSÉ - (Senta-se perto da cama e começa a abanar os mosquitos, e consertar as cobertas, sempre choramingando, baixinho) Uuuu, uuu...

JOÃO - Ele já dormiu? (Fala em voz baixa)

JOSÉ - Já. Cale a boca, senão eu viro sapo!

JOÃO - Vira nada,seu bobo! Você não está vendo que é bobagem?

JOSÉ - Mas se eu virar sapo o que é que vão dizer de mim?

JOÃO - Este Mágico é um mágico de mentira...

MÁGICO - (Acordando) Tem alguém falando aí?

JOSÉ - Não tem, não senhor, foi o senhor que roncou...(Imita o ronco) E o senhor acordou com o próprio ronco.

D. P. F. - R. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.356

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

MÁGICO - (Ameaçador) Tem alguém falando!

JOSÉ - (Choramingando) Não tem, não senhor... dorme quietinho, dorme...(Puxa as cobertas, arruma o travesseiro do Mágico, canta) Dorme, Magiquinho, tutu vem pegar...dorme Magiquinho, mas dorme sem roncar...(O Mágico começa a roncar)

JOÃO - Deixe de ser bobo. Esse homem é um sabidão. Comeu nossa comida, tirou nosso dinheiro.

JOSÉ -Nós não tínhamos dinheiro nenhum... Foi ele que fêz mágica!...

JOÃO - Mágica o quê! Com certeza alguém botou dinheiro no seu bolso sem você saber.

JOSÉ - Mas quem? Nós não temos nenhum amigo rico! E eu procurei tirar e não tirei nada!

JOÃO - Então o dinheiro era dele mesmo e ele está querendo nos enganar!

JOSÉ - (Medroso) Cala a boca, senão eu viro sapo!

JOÃO - Deixe de ser burro!

JOSÉ - Eu não me importo de ser burro, mas sapo não quero ser!

MÁGICO - (Acordando) Quem falou aí?

JOSÉ - Ninguém, não senhor...(Canta) Dorme, Magiquinho...

MÁGICO - Alguém falou sim, e eu ouvi muito bem! (Senta-se na cama)

JOÃO - (Muito valente) Fui eu que falei. E daí? (Erguendo-se com valentia) Não posso falar na minha casa?

MÁGICO - Não pode, não senhor! Eu mandei, que todos se calassem!

JOÃO - Mas eu não me calei, pronto! Não tenho medo de Mágico não acredito nessabobagem... E você, vá saindo daqui, senão apanha. Chega de amolação.

JOSÉ - (Morto de medo) Venha cá, João. Não brigue. Daqui a pouco o Rei vem aí! (Puxa João para outro canto)

JOÃO - (Empurrando José) Estou cansado de aturar esse Mágico de meia-tijela!

MÁGICO - (Avançando para ele) Mais respeito, ouviu? (Pega-o pelos ombros)

JOÃO - Fora daqui, fora, seu mambembe! (Lutam)

JOSÉ - (Separando a briga) Não faça isso, João! (Puxa-o para um canto, empurrando-o até a porta lateral, fecha a porta. Para o Mágico) O senhor desculpe, ele está nervoso...

MÁGICO - (Consertando a roupa) Atrevido! Ele me pagará! (Ouvem-se trombetas)

JOSÉ - Não fique zangado, não... Deite-se. Eu tomo conta!

MÁGICO - Eu não quero mais dormir. Vou-me embora! (Outra vez trombetas)

JOSÉ - (Alegríssimo. Indo apanhar o casaco) É o Rei...É o Rei...(Para o Mágico) É o Rei...

MÁGICO - Que me importa? Vou-me embora e vocês hão de me pagar caro!

JOSÉ - Pois então vá...Pode ir. Agora vamos ficar de bem com o Rei!

MÁGICO - Vão ficar de bem? É o que pensa! (Vai até a porta e faz uns sinais cabalísticos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, P. 357

CENSURA FEDERAL

Volta) Pronto, aquele já está me pagando o que fez.

JOSÉ -(Choramingando) Não faça feitiçaria na minha casa não, hem! Deixe meu amigo sossegado lá dentro! Se o senhor fizer alguma coisa, eu vou me queixar ao Rei!

MÁGICO - (Atira um pó em cima do casaco) Pois fale com o Rei. Pode-se queixar! (José agarra o casaco)

JOSÉ - Não suje o casaco do Rei! Ele pode se zangar!

MÁGICO - (Rindo) Zangar? (Ri outra vez) Ele vai pular, pular,pular! (Embrulha-se na capa e sai dando gargalhadas) Ah,ah,ah,!...

JOSÉ - João, João! Pode sair que o Mágico já foi embora! (João não responde) João! (Começa a arrumar as camas, põe o casaco em cima de uma cadeira, depois, achando que pode amarrotar, veste-o num manequim. No mesmo instante o manequim salta de um lado para o outro, pula, pula, pula. As trombetas soam mais perto) É o Rei, João ! (Vendo o manequim saltar) Nossa Senhora! Que é isso? Pára, pára! (Arranca o casaco do manequim e corre para a porta. Dois pajens abrem a porta, tocam trombetas. Surge o Rei, acompanhado da Princesa e Pajens)

JOSÉ - Pode entrar, Majestade! Bom-dia, Alteza!... (Fala com medo)

REI - Pelo que vejo, vocês cumpriram a palavra...

JOSÉ - Cumprimos, sim, Majestade. O casaco está pronto...isto é ... o casaco, sabe, Majestade, está pronto. Mas não serve...

REI - Como? Não serve?

JOSÉ - É que este casaco não vai ficar bem no senhor...

REI -- Se não ficar bem, já sabem o castigo que os espera (Ergue a mão com ameaça)

PAJENS - (Todos ao mesmo tempo,,fazendo gesto de cortar a cabeça) Lesco!

JOSÉ - Nossa Senhora! E agora?

REI - Se o casaco está pronto, quero que me entregue.

JOSÉ - Está pronto, sim senhor...(Mostra o casaco) Viu como nós demos conta do serviço? Está prontinho!

PRINCESA - Nesse caso, entregue o casaco, José. E aqui está o perdão...(Mostra um pergaminho)

JOSÉ - Me dá o perdão primeiro... Depois eu dou o casaco...

PRINCESA - Não, José Primeiro o casaco.

JOSÉ - Primeiro perdão... (Estende a mão para alcançar o pergaminho do perdão)

PRINCESA - Primeiro o casaco...O Rei quer vestí-lo ainda hoje!

JOSÉ - Mas " seu" Rei, o senhor tem tantos casacos, por que é que há de querer vestir este aqui?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 358

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ
CENSURA FEDERAL

REI - Porque quero! Além do mais estou desconfiado. Com certeza o casaco não serve para mim !

JOSÉ - Serve, sim senhor...Isto é, serviu, mas agora não serve mais!

REI - E por quê?

JOSÉ - (Indo até a porta) Porque ... (Chamando com voz de choro) João...João! Sai daí!

REI - Logo vi que havia coisa. Por que foi que o outro se escondeu?

JOSÉ - Eu que o empurrei para lá. (Chamando) João...Sai daí, João!

REI - Vá buscá-lo! Dei setença a ambos. Como é que ele se atreve a ficar num quarto quando está aqui o seu Rei?

JOSÉ - Vou perguntar a ele. (Vai até a porta) João...Como é que você se atreve... (Sai um enorme sapo pela porta do quarto, José corre e sobe em cima da cama) Ui! Ui! Nossa Senhora!

REI - (Perplexo) O que é isso?

JOSÉ - É meu amigo João, que virou sapo.

REI - Mentira!

JOSÉ - Juro! (No momento da jura, os personagens se imobilizam)

VOVÔ - Não começe a fazer juramentos, José!

JOSÉ - (Para a Vovô) Mas o Rei não acredita! Fale com ele, Vovô!

VOVÔ - Fale você mesmo.

REI - O seu amigo fugiu!

JOSÉ - Não fugiu, não senhor. É ele mesmo. (De longe) Olha a cara dele. O senhor está vendo?'

REI - Estou vendo coisa nenhuma! Com certeza o casaco não presta e ele fugiu com medo de ser morto. Mas eu hei de agarrá-lo! Hei de procurá-lo até no fim do mundo!

JOSÉ - Não precisa, senhor. Ele está aqui mesmo... O senhor não vê que um sapo deste tamanho só pode ser o meu amigo'

REI - E você não tem vergonha de mentir ao seu Rei?

JOSÉ - Não estou mentindo, não senhor! O senhor e que não conhece sapos, senão via logo que não podia existir um sapo deste tamanho!

REI - Atrevido! Devia morrer por isso. Então não conheço sapos?

PRINCESA - Não se irrite,papai, Quem sabe se é verdade? Eu nunca vi um sapo tão esquisito na minha vida! (Agrada o sapo) Que sapo tão engraçadinho! (Osapo pula de um lado para o outro)

JOSÉ - Viu como ele é mansinho? (Fala de longe, com medo)

REI - Deixe ver esse casaco.

JOSÉ - Majestade, o casaco não está muito bom, mas como Vossa Majestade insiste...

SAPO - Nós trabalhamos a noite inteira, Majestade...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.359

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D. P. F. - RJ
CENSURA FEDERAL

JOSÉ - É verdade.. eu e João, isto é eu e o sapo, que antigamente era João...

REI - Basta de conversas! (Para o Sapo) Quem te ensinou a falar?

JOSÉ - Ele é assim mesmo, Majestade.

REI - Isto aqui não está me parecendo bem... Sapo que fala... Hum! (Faz menção de vestir o casaco) Está bonito!

JOSÉ -- Mas não vai servir... Majestade. É um casaco levado da breca!...

REI - Se não servir, você há de me pagar! E pagará por dois ! Por você e pelo outro que fugiu!

JOSÉ - Virou sapo, Majestade!

SAPO - Deixe ele pensar que eu fugi!

JOSÉ - Cale essa boca que eu não quero conversa com sapo! (Fala para o Rei) Majestade, o meu amigo virou sapo mesmo. ESteve aqui um Mágico...

REI - Deixe ver o casaco e pare com essas tolices! Não acredito em Mágicos!

SAPO - Eu também não acredito! (Sai pulando atrás do Rei) Este negócio de Mágico é bobagem!

REI - Entregue o casaco.

JOSÉ - Por favor, não vista esse casaco!

REI - Por que não?

JOSÉ - O senhor não vai gostar...

REI - (Examinando o casaco) Se eu não gostar, você é quem paga! (Faz menção de vestí-lo)

JOSÉ - O senhor vai se arrepender! (O Rei veste o casaco, depois de alguma hesitação. Acontece com ele o mesmo que aconteceu ao manequim. Salta pela sala toda. Todos os Pajens correm na maior confusão. José mete-se embaixo da cama e se encolhe o mais possível)

REI - Tirem este casaco! Me tirem este casaco! (Continua saltando até que os Pajens lhe arrancam o casaco de cima) Atrevido! Onde está ele? (Para os Pajens) Vocês o deixaram fugir?

JOSÉ - (Aparecendo,medroso) Não senhor, eu me escondi...

SAPO - (Indignado) Por que não fugiu?

JOSÉ - Achei melhor me esconder aqui...(Vendo o Sapo perto dele) Ui!Ui! Saia daqui que eu tenho medo de sapo!

REI - (Para os Pajens) Tirem esse atrevido de baixo da cama! E amanhã bem cedo quero que sejam decapitados! (José ouve a sentença morto de medo)

PRINCESA - (Penalizada) "Eles"? Quer dizer que o sapo também?

REI - O sapo também! Não quero que no meu reino existam sapos destes tamanho. Isso é uma desmoralização!

SAPO - Qualquer país do mundo teria orgulho de um sapo como eu!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.360

D.P.F. - CENSURA FEDERAL - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

PRINCESA - Oh, meu pai! Seja bondoso... Que mal lhe fez este pobre sapo?

JOSÉ - Seja bondoso, "seu" Rei.

REI - Cale-se! Você morrerá amnhã!

SAPO - E eu também?

REI - Também!

PRINCESA - Meu pai... lembre-se de que irá cometer uma injustiça. Decapitar um pobre sapo!... Que dirá a Liga Protetora dos Animais?

REI - A Liga Protetora dos Animais não tem nada com isso. Este é um sapo particular.

PRINCESA - Mais uma razão, meu pai. Um sapo particular merece toda consideração... Ele poderá gritar, dizer coisas contra o senhor... O senhor sabe. É um sapo muito inteligente...

SAPO - Estudei na Universidade Real e sou formado em Ciências e Letras. Tenho curso de Pintura e Arquitetura.

REI - (Cortando a fala do Sapo) Terá que morrer por estar envolvido no caso do casaco que pula. Insultou o Rei! E esse insulto será resgatado com a morte! (Todos os Pajens repetem o mesmo gesto anterior de decapitação)

PAJENS - Lesco!

PRINCESA - Majestade, eu lhe peço...

REI - Não

PRINCESA - Eles afirmam que foi o Mágico o causador de tudo. Pois bem, eu lhe peço, meu pai, que lhes conceda três dias para encontrar o Mágico e desencantar o casaco.

REI - E se, no fim de três dias, não tiverem encontrado o Mágico, nem desencantado o casaco ?

PAJENS - (Fazendo o gesto anterior) Lesco!

JOSÉ - Nós vamos procurar por toda a parte. Nem que a gente leve um ano ou dois, esse Mágico tem que aparecer!

REI - Um ano ou dois? Três dias e nada mais!

SAPO - Agradeça ao Rei. Ele nos concedeu três dias!

JOSÉ - Agradeça você.

SAPO - Eu não posso. Cabe você cumprir esse dever.

JOSÉ - E, você, pare de falar comigo. Eu tenho medo de sapo. Já disse.

SAPO - (Com firmeza) Agradeça!

JOSÉ - Majestade...(Faz uma curvatura) Eu e o sapo lhe agradecemos muito e prometemos encontrar esse Mágico de qualquer maneira.

SAPO - Agradeça à Princesa...

JOSÉ - Augusta Princesa, nós lhe agradecemos muito... Daqui a três dias estaremos muito longe daqui...(Dá a entender que pretende fugir e nunca mais voltar)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 36

REI - Ai de vocês se tentarem fugir! Vou mandar por soldados por toda a parte. Não poderão escapar!

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

SAPO - (Para José) Trapalhão! Agora você estragou tudo!

JOSÉ - (Indignado) Esse Rei está implicando comigo desde que eu tropecei nele!

SAPO - Tudo perdido! Agora não temos mais salvação! Vamos ser vigiados...

REI - Somente para atender ao pedido da minha filha, é que lhes concedo esses três dias. E, agora, até breve! Voltem com o Mágico. Porque, senão o encontrarem, os meus soldados trarão vocês dois amarrados pelos pés! (José se põe a chorar)

JOSÉ - Até breve, Majestade. O senhor vai ver como nós vamos voltar amarrados pelos pés!

(Soam trombetas. Sai o Rei)

PRINCESA - Até breve, José! Não chore...Coragem!

JOSÉ - (Chorando) Não estou chorando não senhora, Augusta Princesa!

PRINCESA - Vocês não vão morrer... Eu hei de ajudar. Por que chorar? Veja o sapo como está firme! Corajoso, não é?

JOSÉ - Sei lá. Eu não estou com medo de morrer, não senhora. Eu não quero é andar com este sapo o dia inteiro.

SAPO - Deixe de bobagem! Você sabe muito bem que eu não sou sapo!

JOSÉ - Não é o quê! Olhe no espelho! É sapo, sim senhor...Ui... ui ...

PRINCESA - Até breve, José...

JOSÉ - Até , breve, Princesa... A senhora vai ajudar mesmo?

PRINCESA - Vou.

JOSÉ - De que jeito?

PRINCESA - Você verá... Até breve! (Sai)

SAPO - É Melhor irmos andando também. Temos que procurar o Mágico.

JOSÉ - Procurar onde? Ele é capaz de ter ido para a China...

SAPO - Não sei onde ele estará. Mas vamos procurar. Apanhe o casaco e faça um embrulho. (José vai obedecendo) Agora, depressa, feche a casa e vamos embora. (José vai obedecendo, com rapidez. O sapo fica na porta. José vai sair, vê o sapo e pára)

JOSÉ - Vá na frente! Não quero sapo atrás de mim! Vá na frente!...

Pano

FIM DO 1º ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 362

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

2º A T O

VOVÔ - Relógio! (Surge o relógio em cena) Venha cá e marque dez minutos de intervalo! (O relógio obedece. Ao sinal de começar o segundo ato, o relógio fará soar sua campainha)

VOVÔ - JOão e José andaram muito. Chegaram numa estrada e... vejam...

C E N Á R I O

(Uma estrada. Pedras, árvores. Aparecem primeiro o sapo e, em seguida, José. Estão cansados)

JOSÉ - Não agüento mais de tanta fome!

SAPO - Eu também! Faz dois dias e duas noites que estamos andando. E nada de encontrarmos o Mágico!

JOSÉ - Ah, se pudesse comer um bife!... Com batatinha, salada de tomates!...

SAPO - (Suspirando) Ah... e uma boa fritada de camarões... depois, sobremesa!...

JOSÉ - Sapo não come fritada. Sapo come mosquito, bichinhos...

SAPO - Já disse que não sou sapo e não quero saber de mosquitos...

JOSÉ - É sapo, sim senhor.

SAPO - Não seja teimoso!...

JOSÉ - (Teimando) Sapo, sapo, sapo!

SAPO - (Desesperado) E eu tenho que agüentar este bobalhão!

JOSÉ - E eu tenho que andar acompanhado de um bicho horroroso como você! Ai meu Deus!

SAPO - Bobalhão!

JOSÉ - Eu é que sou bobo, não é? Mas é você quem faz todas as trapalhadas. Quem foi que teve essa idéia de fazer o casaco? Foi você. Quem foi que brigou com o Mágico? Foi você. Quem foi que virou sapo? Você.

SAPO _ E quem foi que avisou que ia fugir e fez o Rei botar soldados por toda a parte? Foi você! E se não fosse a Princesa....

JOSÉ - É mesmo. E ela ficou de nos ajudar...

SAPO - Ela falou aquilo por falar. Mas não ajuda coisa nenhuma.

JOSÉ - Como é que você sabe?

SAPO - Só falta um dia e ela não mandou ajuda. Amanhã, se não dermos conta do Mágico... Já sabe... Lesco! (Ruído de uma pessoa chorando)

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ
CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.363

JOSÉ - Tem alguém chorando aí...

SAPO - Está enganado.

JOSÉ - Tem, que eu escutei! (Soluços)

SAPO - (Ouve atentamente) Vá ver quem é.

JOSÉ - Vá você.

SAPO - Eu não posso...

JOSÉ - Não pode, por quê?

SAPO - Não vê que fica esquisito um sapo aparecer de repente e começar a falar?

JOSÉ - Ah!... Agora você está dizendo que é sapo, não é?

SAPO - Escuta aqui, JOsé, você sabe muito bem que eu não sou sapo!

JOSÉ - Então vá ver quem é...

SAPO - Não posso! Eu sou sapo, mas não sou, entendeu?

JOSÉ - É sapo, sim! Deixe de história!

SAPO - Veja q uem é... (José levanta-se, caminha até um grande tronco e espia)

JOSÉ - (Choramingando) Sempre eu é que tenho que ver! (Imobilização)

VOVÔ - (Intervindo) Que tem isso? É preciso deixar de ser medroso, José! Vamos! Espie... Coragem! (José caminha para junto da árvore)

JOSÉ - (Olha) Ui! Tem uma mulher chorando!

SAPO - (Autoritário) Pergunte quem é. E por que está chorando.

JOSÉ - Psiu! Psiu! Que choradeira é essa?

JOSEFINA - (Estranha figura, cômica, de feiticeira. Aparecendo) Quem é você?

JOSÉ - Sou o JOsé. E você, quem é?

JOSEFINA - (Admirada) Que sapo tão grande!

JOSÉ - É o meu amigo João que pensa que não é sapo. Como é que você se chama?

JOSEFINA - Josefina.

SAPO - Por que estava chorando?

JOSEFINA - (Assombrada) Ele fala?

SAPO - Por que estava chorando? Não precisa ter medo de mim...

JOSÉ - (CHegando perto do sapo, sempre com muito medo) Olhe aqui, ele é um sapo mansinho, mesmo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 364

D.P.F. - S.R. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

JOSEFINA _ Eu não tenho medo de sapo... Não tenho de nada neste mundo. Só do meu marido!

JOSÉ - Ele é muito valente?

JOSEFINA - Muito. Zanga à-toa. E agora eu sei que ele vai zangar comigo...

SAPO - Por quê?

JOSEFINA - (Chorando outra vez) Porque quebrei a vassour-a de que ele mais gostava...

JOSÉ - Seu marido é fabricante de vassouras?

JOSEFINA - Não.

SAPO - É varredor de ruas?

JOSEFINA - Não.

JOSÉ - Coleciona vassouras?

JOSEFINA - Não.

JOSÉ - Então por que é que ele vai brigar por causa de uma vassoura à-toa como esta?

JOSEFINA - À-toa, não! É uma vassoura formidável! É capaz de sair voando e levar a gente mais depressa do que um avião!

SAPO - (Desconfiado) Seu marido passeia de vassoura?

JOSEFINA - Passeia... (Vaidosa) Eu também passeio... (Ri)

SAPO - (Aproximando-se de José e falando baixo) É capaz de ser parente do Mágico.

JOSÉ - A senhora é parente de um mágico?

JOSEFINA - (Orgulhosa) Eu sou casada com um mágico... Estou aprendendo a ser feiticeira, mas não consigo. Hoje sai para dar um passeio e quebrei a vassoura... (Chora e mostra a vassoura)

SAPO - Não chore... (Para José) Pergunte onde ela mora...

JOSÉ - Onde é que seu marido mora? Nós o procuramos há tanto tempo!

VOVÓ - (Do proscênio. Intervindo) Não diga, minha filha! Não vê que eles querem prender seu marido?

JOSEFINA - (Para Vovó) É?

VOVÓ - Claro. E o dever de uma esposa é ser leal ao marido, ainda que ele

CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D. P. F. - RJ

ande pelo mundo a fazer mágicas.

JOSÉ - Escute aqui, vovó. Não atrapalhe, sim? (Para a mulher) Onde é que vocês moram?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.365

JOSEFINA - Por que querem saber?

JOSÉ - Para fazer uma visita...

JOSEFINA - Meu marido não recebe visitas!

JOSÉ - Mas nós precisamos fazer uma visita a seu marido...

JOSEFINA - Não! Eu não digo!

SAPO - Não custa nada... Diga!

JOSEFINA - Não digo!

JOSÉ - Diga... Depois que prendermos seu marido, nós lhe prometemos uma vassoura nova!

JOSEFINA - Prender! Então vocês vão prender meu marido?

SAPO - Trapalhão! Estragou tudo, outra vez!

JOSEFINA - (Teimosa) Pois não digo! Não adianta insistir que eu não digo!

SAPO - (Som de trombetas ao longe) Está ouvindo? Parece que o Rei vem aí...

JOSÉ - (Ouvindo as trombetas) É mesmo. Deve ser o Rei... Estamos perdidos! Não sabemos nem onde mora o Mágico!

JOSEFINA - E nunca saberão! (Com desprezo) Vocês são tão bobos que nem conhecem quendo é o Rei que vem ou quando é a Princesa. Esse toque é para a Princesa.

SAPO - (Pulando de alegria) José! Estamos salvos!

JOSÉ - Você disse que ela não viria!

JOSEFINA _ A carruagem parou. Está saltando... Aí vem a Princesa! (Curvam-se. José também se curva. O sapo faz uma reverência)

SAPO - Salve, Augusta Princesa!

PRINCESA - Salve.

JOSÉ - Salve! Princesa... Nos estávamos quase apostando que a senhora não viria.

PRINCESA - A palavra de uma Princesa é sagrada...

JOSÉ - Foi isso que eu falei ao Sapo. Mas a senhora sabe esses sapos como são. Não entendem nada de Princesas...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 366

PRINCESA - Não posso demorar muito, pois o Rei mandou me vigiar para que não me encontrasse com vocês. Já descobriram o Mágico?

D. P. F. - R.J. CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

JOSÉ - Só descobrimos a mulher dele!

PRINCESA - Ótimo! Não vão demorar muito a encontrá-lo agora!

JOSÉ - (Medroso) E depois que o encontrarmos como é que vai ser?

SAPO - Estaremos salvos!

JOSÉ - Eu acabo virando sapo também e depois... (Chora) Ele pode mais do que nós!

PRINCESA - Vim justamente por causa disso. Quando eu era menina, a minha Babá me ensinou uma porção de feitiçarias. Depois que ela morreu, eu esqueci quase tudo, mas de uma coisa não me esqueci.

SAPO - O que é?

PRINCESA - Eu sei de umas palavras cabalísticas que são tão poderosas que...

JOSÉ - (Interrompendo) Palavras o quê?

SAPO - Cabalísticas.

JOSÉ - Que é isso?

SAPO - São palavras de feitiçaria...

PRINCESA - Querem ou não querem aprender? Sao palavras que fazem qualquer mágico dormir.

JOSÉ - É só falar que ele dorme?

PRINCESA - Só falar!

JOSEFINA - (Dando uma gargalhada) Ah, ah, ah! Meu marido não dorme nunca!

JOSÉ - Lá em casa, só queria dormir...

JOSEFINA - Estava fingindo, para saber o que vocês diziam...

PRINCESA - Com as minhas palavras qualquer mágico se põe a dormir! É só dizer e ele adormece.

SAPO - Que felicidade! Assim que estiver dormindo, nós o carregaremos para a casa do Rei!

JOSÉ - Oh, Princesa! Que bom! Diga logo essa palavrinha que eu quero aprender!

PRINCESA - Não se trata de uma palavrinha; mas de várias... Um versinho. E eu só posso dizer uma vez. Vocês terão que aprender. Não posso repetir.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p 367

JOSÉ - Por quê?

PRINCESA- Porque perde o efeito. Só se pode dizer essas palavras uma vez por dia.

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - R.J. CENSURA FEDERAL

SAPO - Temos então que ouvir uma vez só e aprender?

PRINCESA - Tem que ouvir uma só vez e aprender.

JOSÉ - Pode dizer, que eu aprendo ! Eu aprendo tudo de uma vez !

PRINCESA - Então prestem atenção. (Os três se aproximam dela, inclusive Josefina) As palavras são estas... (Diz muito depressa)

Missecofe dari, dari tira liro
Cli,Cliofe, clare, dari, dari don fon-fon
Malacafun, malacafun, clincôide !
Chiributu, chirimici,magá!
Tum! Zaravai, otim, maratu, dispim.
Requequé, requequé
Ô rinhanhã ô rinhanhã.
Pingolim, pimpim !

JOSÉ - Fácil !

VOVÔ - Cale a boca e trate de decorar isso direitinho!

JOSÉ - (Com basófia) Fique tranqüila. É só ver o Mágico que eu bumba! Digo esse versinho para ele, e ele zás... Cai morto !

PRINCESA - Morto, não. Dorme !

JOSÉ - Pensei que isso matasse !

SAPO - Não fique tagarelando que você se esquece ! Cale a boca !

JOSÉ - Quer ver como eu sei? Quer ver? Misse...Misse... Como é mesmo? (Passa a mão pela cabeça, anda de um lado para outro) Como é mesmo?

PRINCESA - Não posso repetir. Procure se lembrar ! (Para o Sapo) Você aprende

SAPO - Sim, Alteza!

PRINCESA - Então, adeus! Sejam felizes! (Sai, enquanto os três fazem uma reverência)

JOSÉ - Agora é que eu quero ver! Agora é que eu quero ver a cara do Mágico.

SAPO - Precisamos saber onde ele mora... (Para a mulher) Senhora Dona Josefina, vai nos dizer onde é a sua casa?!

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ
CENSURA FEDERAL
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.368

JOSEFINA - Eu não!

JOSÉ - Vai dizer sim!

SAPO - É melhor a senhora dizer!

JOSEFINA - Não, não e não ! (Senta-se longe deles e esconde o rosto entre as mãos. (Chora) Ai, meu meu marido vai brigar comigo.

SAPO - (Em segredo, para José) (Que dê o casaco?

JOSÉ - (Apanhando o capote) Está aqui.

SAPO - Se a gente conseguisse vestir esse casaco na Dona Josefina, num instante ela resolvia falar onde mora.

JOSÉ - Qual nada, Dona Josefina é teimosa...

SAPO - Garanto que fala...

JOSÉ - Será?

SAPO - Experimente...

JOSÉ - (Indo até a mulher) Dona Josefina... não chore, não chore não. Nós não deixamos seu marido brigar com a senhora.

JOSEFINA - Vocês sabem como ele fica, quando está zangado?

JOSÉ - Pois é... Ele fica uma fera!

JOSEFINA - Me dá cada surra!

SAPO - Covarde!

JOSEFINA - Eu não gosto de apanhar...

JOSÉ - Nem eu. Apanhar não tem graça nenhuma.

JOSEFINA - E logo agora que estou cheia de reumatismo... Quase não posso me mexer.

SAPO - Ótimo! (Salta de um lado para outro contente)

JOSEFINA - Ótimo, por quê?

SAPO - (Confidencial) Nós temos aqui um casaco que cura reumatismo...

JOSEFINA - Cura mesmo?

JOSÉ - Cura mesmo.

JOSEFINA - Já curou alguém?

JOSÉ - Já. Mais de mil pessoas.

SAPO - Vamos indo bem...

JOSEFINA - Deves ver aqui... (José entrega o casaco)

SAPO - (Pulando) Ótimo!

JOSEFINA - (Examinando) Hum... Casaco vermelho...

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p 369

SAPO - Fica-lhe muito bem...

JOSEFINA - NãO: Ainda se fosse azul, eu vestiria. Mas vermelho? Não fica bem numa mulher de mágico.

JOSÉ - Fica lindo! Experimente... (A mulher hesita, por fim se decide)

JOSEFINA - Como é vovô devo vestir?

VOVÔ - Dessa vez, não quero dar opinião. (Para as crianças) Que é que vocês acham? Deve vestir ou não?

JOSEFINA - Bem, eu vou experimentar... Afinal, não custa nada, não é?

JOSÉ - É de graça!

SAPO - Veste logo, anda! (A mulher veste e se põe a saltar como uma desesperada)

JOSEFINA - Pára! Pára! Tirem este casaco de cima de mim (Continua pulando)

SAPO - Diga onde mora!

JOSEFINA - Não digo! Ui, ui, ui, meu reumatismo!

JOSÉ - Diga onde mora!

JOSEFINA _ Atrás daquele morro, à beira do rio...

SAPO - Se não for verdade nós a vestiremos outra vez com isso!

JOSÉ - Deve ser verdade, sim. (Tira o casaco. A mulher pára de pular, senta-se sobre uma pedra, exausta)

JOSEFINA - Uf!

SAPO- Uf! o quê? Vamos andando, que não temos tempo a perder...

JOSEFINA - Eu vou depois...

SAPO - (Autoritário) Vai junto conosco! (A mulher ergue-se, José dobra o casaco, coloca-o debaixo do braço)

JOSÉ - (Para o Sapo) Vá na frente que eu não quero sapos pulando atrás de mim

SAPO - Você se lembra das palavras cabalísticas?

JOSÉ - Como é mesmo? Como é mesmo?

JOSEFINA - Vamos! Quero ver vocês enfrentarem meu marido! Ah, ah, ah!

VOVÔ - Venha cá, relógio, e seja camarada. Marque outra vez o intervalo.

(O relógio entra em cena, marca novamente o intervalo)

Pano

FIM DO 2º ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 370

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

3º ATO

C E N Á R I O

(Caverna do Mágico. Corujas empalhadas, uma grande aranha e uma grande teia. Mesa, cadeiras desiguais. Umas rosas, outras azuis, também outras amarelas. No centro, uma trempe, em cima da qual está um caldeirão.)

VOVÓ - Conforme vocês viram, a mulher do Mágico acabou contando onde morava. E, agora, meus amiguinhos, João e José estão chegando em casa do Mágico. Prestem muita atenção porque não é todos os dias que se pode ver um Mágico em casa. Vejam! (Abre-se o pano. O Mágico mexe o caldeirão com uma enorme colher-de-pau. Joga dentro da panela umas ervas e continua a mexer)

MÁGICO - (Cantando) Mexe, mexe o caldeirão
até o caldo ferver
Quem beber deste caldinho
Terá vida até morrer! (Batem à porta)

MÁGICO - Quem é?

JOSEFINA - Sou eu!

MÁGICO - Eu, quem?

JOSEFINA - A tua mulher!

MÁGICO - Estou sentindo cheiro de gente estranha!

JOSEFINA - Sou eu, pode abrir!

MÁGICO - Você está sozinha?

JOSEFINA - Trago visitas.

MÁGICO - (Esfregando as mãos) Visitas! Ah! a minha mulherzinha conseguiu justamente o que eu mais desejava! Só me faltava uma visita para completar a minha feitiçaria. E, agora, me aparece gente! (Dança)

Mexe, mexe o caldeirão
mexe, mexe até ferver...

Quem beber deste caldinho

Terá vida até morrer! (Abre a porta)

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ
CENSURA FEDERAL

Podem entrar! (Entram a mulher, José e o Sapo)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.371

SAPO - (Cortesmente) Com licença...

JOSÉ - Boa-tarde...

MÁGICO - Entrem, entrem...

JOSEFINA - Boa-tarde, meu querido marido...

MÁGICO - (Para José) Como foi que achou o caminho?

SAPO - Nós queríamos lhe pagar a visita.

JOSÉ - (Tremendo) Pois é. O senhor esteve na nossa casa. Agora é a nossa vez de vir aqui... não é?

MÁGICO - Estou perguntando como foi que chegaram até aqui...

JOSEFINA - Fui eu quem os trouxe. Eles estavam tão aflitos. (Piscando os olhos) Queriam tanto pagar a visita!...

JOSÉ - É mesmo. (Com medo) O senhor gosta de visitas, não gosta?

MÁGICO - (Dando uma gargalhada) Se gosto! Ah, ah,ah! Eu estava esperando por vocês...

SAPO - (Desconfiado. Para José, em voz baixa) Ele está tramando qualquer coisa...

JOSÉ - Que nada, ele ficou muito contente, não está vendo?

MÁGICO - Há muito tempo eu não recebia visitas... Há mais de trezentos anos. Não, deixe ver... há duzentos e oitenta...

JOSÉ - Quantos anos o senhor tem?

MÁGICO - Oitocentos...

JOSÉ - (Impressionado) Criança, aliás...

MÁGICO - Minha mulher é mais nova do que eu. Tem só quinhentos anos.

D. P. F. - S. R. - CENSURA FEDERAL - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

SAPO - A senhora parece ter muitos menos...

JOSÉ - A gente olhando pensa que tem só uns quatrocentos anos, não é, Sapo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.372

SAPO - Uns trezentos e cinqüenta...

JOSEFINA - Ah, isso é mesmo! Ninguém diz. A última visita que veio aqui pensava que eu tinha cento e oitenta anos... (Olha para a coruja empalhada) Coitada!

SAPO - Essa coruja faz parte da mobília?

JOSEFINA - (Para o marido) Digo?

MÁGICO - (Mexendo o caldeirão, muito alegre) Diga, mulher!

JOSEFINA - Essa coruja foi a última pessoa que nos visitou... Era um rapaz muito valente, não era, meu marido?

MÁGICO - Muito.

JOSÉ - (Tremendo) Rapaz? E, agora, é coruja?

MÁGICO - Foi. Já está empalhada há muito anos... Eu o transformei em coruja porque minha mulher queria ter um enfeite aí nesse canto...

JOSÉ - (Chorando) Por que não comprou uma jarra?

MÁGICO - Isto aqui é casa de Mágico. Não vê logo que não ficava bem comprar uma jarra?

JOSÉ - E a aranha?

MÁGICO - A aranha era uma moça muito faladeira, que passava por aqui cantando todos os dias. Um dia eu a transformei em aranha só para fazê-la calar a boca...

JOSÉ - Coitadinha!

SAPO - O senhor não podia dizer a essa moça que calasse a boca?

MÁGICO - Podia. Mas achei mais fácil transformá-la em aranha. Num instan

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ
CENSURA FEDERAL
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 373

te, ela ficou calada...

JOSÉ - (Sentando-se) O senhor não gosta de gente que fala, não é?

MÁGICO - Não.

JOSÉ - (Para o Sapo) Então é melhor a gente calar a boca...

JOSEFINA - Não precisa. Ele vai dar um jeito de vocês ficarem calados por muitos e muitos anos...

JOSÉ - Quantos?

MÁGICO - Uns quinhentos...

JOSÉ - Meu Deus!

SAPO - (Valente) Isso agora é conversa fiada... Vê lá se ele vai fazer conosco o mesmo que faz com essa pobre gente... (Apóia-se sobre uma cadeira)

MÁGICO - Essa cadeira verde que está aí, era um camarada igualzinho a você... Já está calado há uns seiscentos anos.

JOSÉ - (Dando um salto da cadeira onde se sentou) E esta aqui?

MÁGICO - Essa era um camarada bobo como você...

JOSÉ - (Alisando a cadeira) Desculpe... Pensei que você fosse cadeira mesmo!

SAPO - Não seja bobo, José, você não vê que isto não é possível? Ele está querendo nos meter medo. Mas, comigo, não! Não acredito nessas bobagens!

MÁGICO - (Cantando) Mexe, mexe o caldeirão
mexe, mexe até ferver!

JOSEFINA - Ainda demora muito?

MÁGICO - Um pouco...

JOSÉ - (Conciliador) Seu Mágico, o senhor não vai fazer nada disso conosco, não é? Nós somos seus amigos... Lembre-se de que esteve em nossa casa.

MÁGICO - Não me lembro.

SAPO - Como não? Nós lhe demos comida...

MÁGICO - E eu também lhes darei comida deste caldeirão...

D.P.F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.374

JOSÉ - Nós lhe demos dinheiro...

MÁGICO - Mulher, traga o saco de dinheiro. (A mulher apanha um enorme saco que entrega a José)

JOSÉ - Obrigado. (Para o Sapo) Vamos embora...

MÁGICO - Embora?

JOSÉ - É, sim senhor... Já está ficando tarde...

SAPO - (Irritado) Como? Ele precisa me desencantar!

JOSÉ - (muito terno) Não precisa ficar zangado, não, João. Você está tão bonitinho assim de sapo. (Puxando-o) Vamos embora! (Arrasta o saco de dinheiro até a porta)

SAPO - Eu faço questão!

MÁGICO - Vocês se esqueceram de uma coisa... (Com ar de zombaria) Vocês se esqueceram de que eu dormi em sua casa...

(Cantando) Mexe, mexe o caldeirão
Mexe, mexe até ferver!

JOSÉ - Pois é; mas não tem importância. Outra vez que viermos aqui, nós prometemos dormir também... (Faz menção de sair)

MÁGICO - Ah, ah, ah! Outra vez que vierem? Pois sim! Tem que ser hoje!... (Para a mulher) Traga as cordas! (A mulher do Mágico traz cordas e o Mágico começa a amarrar José)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.375

JOSÉ - (Chorando) Eu não quero dormir amarrado! Eu não estou com sono... (Luta, mas o Mágico pode mais que ele e o amarra completamente) Ai, ai!...

SAPO - Eu quero ver ele me pegar! (Com muita valentia) Vem, Mágico bobo!

D.P.F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL-RJ - CENSURA FEDERAL

JOSÉ - Diz aquele versinho que a Princesa ensinou! Diz, Sapo, diz!

SAPO - Diga você. (Salta de um lado para outro, enquanto o Mágico o persegue)

JOSÉ - (Chorando) Missecofe, dari dari dari dari... Não me lembro!

SAPO - (Fugindo do Mágico que avançou para ele) Eu me lembro. Vem Mágico bobo! (Tropeça numa cadeira)

JOSÉ - (Cuidadoso) Não machuque o rapaz!

SAPO - (Para a cadeira) Desculpe! Vem, que eu te ensino! Quem vai dormir é você, ouviu? E vai dormir mil anos!

JOSÉ - Fale logo! Deixe de contar prosa... Depois ele dorme o tempo que quiser! Diga aquele versinho da Princesa!...

SAPO - Digo mesmo! (Com imponência):

Missecofe dari, dari, tira liro
Kli, clofee, café, dari, dari, dari, dari...

JOSÉ - Continua!

SAPO - Dari, dari...

JOSÉ - (Chorando) Foi no dari, dari que eu me atrapalhei!

SAPO - Dari, dari, dari... (Desesperado) Dorme Mágico!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0 239, p. 376

MÁGICO - (Dando uma gargalhada) Dorme o quê! (Agarra o sapo e começa a amarrá-lo também) Vocês dois, sim, é que vão dormir um belo sono!

JOSEFINA - Eu quero o Sapo para servir de escrivaninha. A gente coloca uma tábua aqui em cima, e pronto. Não fica bonito?

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ - CENSURA FEDERAL

SAPO - Bonito coisa nenhuma! Eu quero ir embora!

JOSÉ - E eu? Com certeza vou virar uma cadeira azul...

JOSEFINA - Cadeira, não. Poltrona. (Para o marido) Uma poltrona esfaqueada cor de laranja.

JOSÉ - (Chorando) Ah, meu Deus, quando me lembro que passei dois dias e duas noites andando para chegar aqui e virar mobília de Mágico!...

MÁGICO - Você não virar mobília, não.

JOSÉ - Que sorte!

JOSEFINA - Como não!

MÁGICO - (Misterioso) Eu preciso dele para outra coisa!

JOSEFINA - (Teimosa) Mas eu quero uma poltrona!

JOSÉ - Olhe aqui, minha filha, deixe seu marido resolver. Se ele não quer que eu vire poltrona, paciência...

MÁGICO - Não quero mesmo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 377

D. P. F. - S. R. - CENSURA FEDERAL

SAPO - Eu não quero também!

JOSÉ - Você não é poltrona, é escrivaninha. Cale a boca.

JOSEFINA - (Zangada) Mas você me prometeu, você me prometeu!

JOSÉ - Fica para outra vez...

MÁGICO - Eu preciso dele.

JOSÉ - (Contente) Viu. Ele precisa de mim. Nada de poltrona, dessa vez.

MÁGICO - (Para a mulher) Não se aborreça. Você se lembra da receita desta sopa?

JOSEFINA - Lembro. Você sabe que eu nunca me esqueço de nada...

MÁGICO - Como era?

JOSEFINA - Água da serra colhida às três horas da manhã, dois olhos de cabrito, perna de lagarto, gordura de baleia, trombas de elefantes, ovos de pombos cinzentos e fígado de alfaiate!

JOSÉ - (Aflito) Mau, mau!

MÁGICO - Está faltando só o fígado de alfaiate... (Dá a colher a ela) Prove aqui.

JOSEFINA - Ótima! Mas você esqueceu também dos ovos de pombos...

JOSÉ - (Querendo desanimá-lo) Fígado de alfaiate tem gosto ruim.

MÁGICO - (Sem lhe dar importância) É verdade. Você saiu para arranjar... Arranjou?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.378

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D.P.F. - RJ
CENSURA FEDERAL

JOSÉ - Fígado de alfaiate é amargo, azedo, salgado...

MÁGICO - Cale a boca. Você daqui a pouco vai para a panela!

JOSÉ - (Chorando) Eu não! Eu prefiro ser poltrona!

JOSEFINA - Primeiro é preciso quebrar aí dentro os ovos de pombos...

MÁGICO - Onde estão?

JOSEFINA - Eu... isto é... eu...

MÁGICO - Não arranjou? Eu lhe disse que era só montar na vassoura e seguir em direção de Mato Grosso...

JOSEFINA - Pois é, eu montei na vassoura e fui para os lados de Mato Grosso...

MÁGICO - E então?

JOSÉ - A vassoura enguiçou no caminho...

JOSEFINA - É isso mesmo...

MÁGICO - Não é possível. Uma vassoura novinha. Eu nunca tive uma que fosse tão boa!

JOSÉ - Pois é. Essas vassouras ultimamente não valem nada. Quebram à toa...

MÁGICO - Quebram? Quer dizer que você quebrou minha vassoura de estimação?

JOSEFINA - Não se zangue, meu bem. Foi por acaso. Eu não tive culpa...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.379

MÁGICO - Não teve culpa o quê! Você estraga tudo que eu tenho! Bem que eu lhe disse que não saísse com aquela vassoura! Não disse?

D.P.F. - R.J. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

JOSEFINA - (Chorando) Disse...

MÁGICO - Mas você é teimosa! (Avança para ela) Você é uma mulher impossível! Vou passar mais trinta anos arranjando outra vassoura! (Apanha um pedaço de pau) Mas antes disso hei de lhe ensinar como é que se cuida das coisas! (Corre para a mulher. A mulher corre, também, fugindo) Eu te ensino, relaxada!...

JOSÉ - (Acompanhando a luta) Sobe em cima da cadeira. Corre para o outro canto. Cuidado com a aranha! Volta daí senão ele te pega!

MÁGICO - Cale a boca que você está me atrapalhando!

SAPO - Não me conformo. Como é mesmo? (Procura lembrar-se do versinho, salta conforme pode, ainda que amarrado) Missereis...

JOSEFINA - Não me bata! Perdão, perdão!

MÁGICO - (Agarrando-a) Perdão? Você vai ver! (Ergue o cacete e começa a bater na mulher)

SAPO - Como é mesmo? Como é mesmo?

VOVÓ - Não deixe que seu marido lhe bata, minha filha! Reaja! Diga aquele versinho que a Princesa ensinou. Você sabe, sim. Você nunca se esquece de nada.

JOSEFINA - (Desesperada) Missecofe dari dari dari liro

Kli clofe clafe, dari dari dari don fron fron

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,P.380

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

Malacafun, malacafun clinfóide

Chiribibi, chiribibi, magá!

Tum!

Zaravai, otim, marabum dispin

Requequé, requequé,

Ó rinhanhã, ó rinhanhã

Pingolim, pim, pim!

(O Mágico cai adormecido instantaneamente) Meu marido! Ah, meu Deus, que fiz eu?

SAPO - A senhora escapou de boa!

JOSEFINA - Que fazer agora? (Sacode o marido) Acorde, querido! Acorda!

JOSÉ - Me desamarra que eu dou um jeito nele.

SAPO - É isso mesmo. Basta desamarrar a gente. Num instante.

JOSEFINA - Vocês prometem? Vocês fazem ele acordar?

JOSÉ - Num instante. Eu prometo! (A mulher desamarra José. Este assim que se vê livre, amarra a mulher do Mágico, com toda a rapidez) Pronto!

JOSEFINA - Vocês prometeram! (José vai até onde está o sapo e desamarra-o também)

JOSÉ - Eu prometi e cumpro. Vou fazer com que ele acorde!

JOSEFINA - Mas então por que o senhor me amarrou?

SAPO - Não se preocupe. A senhora não sofrerá nada. Vai apenas fazer uma viagem...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.381

D.P.F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

JOSEFINA - Até onde?

SAPO - Até a casa do Rei...

JOSÉ - Ele vai acordar na casa do Rei. E é para lá que nós vamos agora. (Para o Sapo) Vamos! (Para a mulher) A senhora vai andando mesmo, que eu não posso carregar dois... (Bota o Mágico nas costas) Vamos...

SAPO -(Abrindo a porta) Pode passar, minha senhora...

JOSEFINA - (Com raiva) Traidores! (Para José) Passe você na frente! (Para João) Sapo horroroso!

SAPO - Primeiro as senhoras... depois os sapos. (A mulher sai. O sapo fica segurando a porta para José passar com o Mágico às costas)

JOSÉ - Vai na frente. Nós somos muito amigos, tal e coisa, mas eu não agüento sapo pulando atrás de mim!

Pano

FIM DO 3º ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 382

D.P.F. - S.R. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

EPÍLOGO

C E N Á R I O

(Casa do Rei. O Rei está sentado numa cadeira de espaldar bem alto. A seu lado, uma cadeira menor, onde está a Princesa. Junto de ambos, o Primeiro-Ministro. O relógio num canto.)

VOVÓ - Agora, meus netinhos, vejam o que se passou na casa do Rei, para onde João e José levaram o Mágico dormindo... e a mulher do Mágico, toda amarrada! (Sobe o pano)

REI - (Sacudindo o cetro) Não é possível que já se tenham passado três dias.

PRINCESA - Uns dias tão curtinhos, que nem deram para nada!

MINISTRO - Entretanto, Majestade, é verdade. Já se passaram os três dias do prazo. Aliás (Olha para o relógio), faltam apenas três minutos para que se extinga completamente o tempo que Vossa Majestade lhes concedeu. Ah, esses alfaiates são uns indivíduos sem palavra, sem escrúpulos! São uns patifes!... (Mudando de tom) Posso mandar meus soldados prendê-los, onde quer que os encontrem?

REI - Eu acho que não devo assinar a sentença de morte antes que o prazo esteja completamente esgotado.

PRINCESA - Faltam ainda três minutos! (Para o relógio) Ó relógio seja bonzinho! Vá bem devagar, mas bem devagar mesmo, para dar tempo dos rapazes chegarem! (O relógio sai do canto, faz uma reverência e começa a andar para trás, bem de mansinho) Obrigada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.383

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D. P. F. - RJ
CENSURA FEDERAL

MINISTRO - Ah, é assim que sua Alteza faz! Quando se trata de prender dois perigosos alfaiates que andam à solta pela rua, atropelando os Reis, Vossa Alteza pede ao relógio que ande devagar. No entanto, não teve pena dos meus dois sobrinhos que ainda estão no calabouço!

PRINCESA - Tive pena, sim, Ministro. Mas os seus sobrinhos roubaram tanto o Tesouro, que não era possível deixar de prendê-los.

MINISTRO - Faltam só dois minutos. Quer assinar a sentença?

REI - Espere um pouco...

PRINCESA - Ah, se eles me trouxerem o Mágico!

REI - Pouco importa o Mágico, eu quero é o meu casaco!

MINISTRO - Quer ter a bondade de assinar agora? Está em cima da hora.

RELÓGIO - Faltam sessenta segundos! Não enxerga?

MINISTRO - Sessenta segundos passam num instante.

RELÓGIO - Vou dar um jeito de demorar...

MINISTRO - (Para o relógio) Você é assim mesmo... Vive adulando a Princesa! (Ruído de vozes)

PRINCESA - São eles!

REI - (Para o Ministro) Vá ver!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.384

D.P.F. - CENSURA FEDERAL - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

MINISTRO - (Indo até a porta) Majestade, vejo um grande sapo que se aproxima, acompanhado de uma mulher e mais...

SAPO - (Entrando) Dá licença, Majestade? Aqui estamos nós conforme lhe havíamos prometido...

MINISTRO - (Muito contente) Exatamente o que eu desejava para o Jardim Zoológico! Um sapo que fala!

SAPO - Para o Jardim Zoológico vá o senhor! (Entram José, carregando o Mágico, e a mulher).

JOSÉ - Pronto, "seu" Rei. Viemos ou não viemos? (Para a Princesa) Aqueles versinhos são formidáveis. Pra mim, ele não acorda nunca mais!

REI - Sim, pelo que vejo, conseguiram descobrir o Mágico. Esse que está aí é o Mágico, não é?

SAPO - Sim, Majestade, ainda que um tanto adormecido...

REI - Adormecido! Então ele dormiu no caminho? (Para o Ministro) Acorde-o!

JOSÉ - (Para o Sapo) Agora é que eu quero ver!

SAPO - Deixe o Ministro se esforçar!

MINISTRO - (Sacudindo o Mágico) Acorde, homem! Não vê que é falta de respeito dormir diante do Rei? Acorde, acorde!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p.385



SAPO - Duvido!

MINISTRO - (Sacudindo-o irritado) Acorde!

JOSÉ - (Para a Princesa) Tem algum versinho aí que sirva para acordar?

PRINCESA - Nenhum!...

SAPO - (Rindo) Ah, ah, ah! Está difícil, hem?

MINISTRO - (Sacudindo o Mágico) Acorde! (Para o Sapo) Não estou pedindo a sua opinião!

SAPO - Agora é que eu quero ver. O senhor não é Ministro? O senhor não acha que sou um sapo horrível? Pois é! Mas quem é que não consegue acordar o Mágico?

MINISTRO - Eu o acordarei! (Ameaçador) Não me aborreça!

SAPO - O Rei está ficando cansado de esperar. Que é que acontece quando um súdito não obedece às ordens do Rei? (Pajens aparecendo subitamente, fazendo o gesto de cortar o pescoço)

PAJENS - Lesco!

MINISTRO (ao Sapo) - Saia! (Para o Rei) Majestade, esse sapo horrível está me perturbando! Peço-lhe que o mande embora! (Para o Mágico) Acorde!

REI - Ele não deixa de ter razão. Quando dou uma ordem e não sou obedecido...

PAJENS - (Voltando) Lesco!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 386

MINISTRO - Já sei... Já sei... (Para o Mágico) Acorde! (Para o Sapo) Saia daqui!

D.P.F. - CENSURA FEDERAL - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ

SAPO - Eu não!

MINISTRO - Saia!

JOSÉ - Sai, João. Você não vê que o Ministro está nervoso?

SAPO - Mas eu quero ver com que cara esse homem vai acordar!

JOSÉ - (Levando-o até a porta) Depois eu te conto... (Sai o Sapo)

JOSEFINA - Eu sei que ele não vai acordar nunca mais! Uma vez ele pegou no sono e dormiu trinta e cinco anos!

MINISTRO - Quem é a senhora?

JOSEFINA - Sou a mulher do Mágico.

MINISTRO - Ele dormiu trinta e cinco anos? E que foi que a senhora ficou fazendo durante todo esse tempo?

JOSEFINA - Aproveitei para dar uma limpeza na nossa casa. Tinha tanta poeira!

MINISTRO - E como foi que ele acordou?

JOSEFINA - Com uma raiva, que só vendo!

JOSÉ - Foi isso mesmo que me disseram... Mágico quando acorda é um inferno.

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

MINISTRO - Cale a boca! (Para o Mágico) Acorde!

JOSÉ - (Ajudando) Acorde, senão o Ministro vai ficar mal! O Rei não está gostando da demora!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 387

MINISTRO - Só eu é que vou ficar mal?

JOSÉ - Ué, e então? Não é você quem tem que acordar o Mágico?

MINISTRO - E se ele não acordar?

JOSÉ - Lesco!

MINISTRO - Se ele não acordar, não desencantará o casaco. Se ele não desencantar o casaco... já se sabe! Lesco! Quem é que vai perder a cabeça?

JOSÉ - (Chorando) Pra que o senhor foi lembrar? Eu já tinha até me esquecido! Ai, meu Deus! (Para a Princesa) A senhora não sabe nenhum outro versinho?

PRINCESA - Não.

JOSÉ - Acorde, seu Mágico! Deixe de bobagem! (Fazendo-lhe cócegas nos pés) Ui, ui, ui! Acorde, bobinho! Deixe de brincadeira.

MINISTRO - Acho que podemos perder as esperanças...

JOSÉ - Qual nada! (Sacudindo-o) Eu hei de dar um jeito. Eu faço ele pular! (Sacode-o com muita força e com orgulho) Viu? Eu sou quase igual ao Casaco Encantado! (Lembrando-se) Ah! O Casaco Encantado! Se nós o vestíssemos com o Casaco Encantado?

MINISTRO - O que é que acontece?

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D. P. F. - RJ
CENSURA FEDERAL

REI - Ele vai pular como um desesperado! Eu que o diga!

JOSEFINA - E eu também!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.388

JOSÉ - Eu também!

MINISTRO - Será mesmo bom?

JOSÉ - Desembrulhando o casaco, e enfiando-o no Mágico) Vamos ver isso agora! Já começou! (O Mágico põe-se de pé e desanda a saltar) Está funcionando!

MÁGICO - Ui! Ui! Que é isto? Onde estou?

JOSÉ - Acorde primeiro que depois eu digo.

MÁGICO - Já acordei! Que é isto? Parem com isto! Tirem este casaco de cima de mim!

JOSÉ - Você promete desencantar o sapo?

MÁGICO - (Pulando) Prometo!

JOSÉ - Então desencanta!

MÁGICO - (Indo até a porta, pulando sempre) Está desencantado! (Faz uns gestos cabalísticos) Ui, ui, agora me tirem o casaco!

JOÃO - (Aparecendo e abraçando JOsé) Ah, meu amigo! Que saudade que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 389

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL-RJ - CENSURA FEDERAL

eu tinha de ser gente outra vez! (Mágico continua pulando)

JOSÉ - Ah, João, como você está bem disposto! (Esquecendo o Mágico, que continua pulando) Aqui entre nós, eu dizia que você estava bonitinho de sapo, mas não era verdade. Você era um sapo danado de feio! (Ri)

JOÃo - (Ofendido) Deixe disso. Ate que como sapo eu era bem simpático!

JOSÉ - (Caçoando) Feio pra burro!

JOÃo - Não seja exagerado! (Beijando a mão da Princesa) Não é verdade, Princesa, que eu não era tão feio assim?

PRINCESA - Era um amor de sapo!

MÁGICO - Parem com essa conversa! Já estou cansado! (Continua pulando)

JOSÉ - Cansado o quê! Você dormiu muito e agora precisa de exercício!

MÁGICO - Tenham pena de mim!

JOSEFINA - Coitado!

JOSÉ - Quer mesmo que eu tire esse casaco?

MÁGICO - Sim! Não agüento mais!

JOSÉ - Você promete que não baterá mais na sua mulher?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.390

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - RJ
CENSURA FEDERAL

MÁGICO - Prometo!

JOSEFINA - Que bom!

JOSÉ - E promete desencantar esse casaco?

MÁGICO - Prometo. Mas assim vestido com ele não posso!

JOSÉ - Eu vou tirar. (Tira o casaco e o Mágico cai sentado, exausto) Cansadinho, hem?

MÁGICO -(Limpando o suor) É verdade! (Erguendo-se) Também assim que desencantar esse casaco vou embora! Deus me livre!... (Apanha o casaco)

REI - Um momento! (Todos se voltam para ele) Deixem o casaco conforme está...

PRINCESA - Oh, meu pai!

JOSÉ - Ué... Depois de tanta perseguição, depois da gente ter apanhado tanto, corrido tanto perigo, o senhor quer o Casaco Encantado do jeito que está?

REI - Sim! Brevemente o Rei meu vizinho virá me visitar. É um Rei mau e ambicioso. Sei que deseja se apoderar de metade do meu Reino. E, para isso, talvez me declare guerra...

JOSÉ - Que é que o casaco tem a ver com isso?

REI - Ah: Se ele tiver mesmo a intenção de me declarar guerra, visto-lhe o Casaco Encantado!

D. P. F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - R.J. CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.391

JOSÉ - Bem lembrado! (ENtrega o casaco ao Rei)

MÁGICO - (Para a mulher) Vamos embora!

JOSEFINA - Mas eu estou amarrada. Por quê?

JOSÉ - Esquecimento...

MÁGICO - E também porque não presta atenção nas coisas que lhe ensino. Onde já se viu uma mulher de Mágico tão sem prática? Saiba que mulher de Mágico tem que ser tão mágica quanto o marido! Quando entra numa história deve fazer mágicas também... E você, que foi que fez nesta história?

JOSEFINA - Bem... dessa vez eu entrei na história e fiz algumas tolices. Mas da próxima vez... Ah, vocês hão de ver! Encontrarei Reis e Rainhas... E, se encontrar um Príncipe também, mas que seja bom, corajoso, belo e honesto, hei de trazê-lo até aqui. Sabem para quê? Para que conheça a nossa Princesa! Conhecendo a nossa Princesa, ele se apaixonara por ela. Apaixonando-se, há de casar. E casando terão muitos filhos...

PRINCESA - Ah... ela deve estar falando do Príncipe Dagoberto!

JOSÉ - Quem é o Príncipe Dagoberto?

PRINCESA - Um Príncipe belo, valente, honesto, um amor!

JOSÉ - (Para a mulher do Mágico) Da próxima vez que a senhora entrar numa história não deixe seu marido viajar, sim?

JOSEFINA - Quem sabe?

MÁGICO - Vamos todos embora. Essa história já acabou! (Puxa a mulher e se dirige para a porta) Adeus! Adeus!



JOSÉ - Adeus! (Para a Vovô) Adeusinho, sim?

JOÃO - Adeus, minha gente!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.392

PRINCESA - Um momento! (Todos se detêm) Antes do senhor ir embora quero que faça ainda uma pequena mágica...

MÁGICO - Pois não, Alteza. Que ordena?

PRINCESA - Que mágica deve ser, vovô?

VOVÔ - Faça chover balas de frutas para os meus netinhos.

MÁGICO - Com prazer! (Faz uns gestos cabalísticos. As balas deverão cair sobre os espectadores. Música, Adeusese, até que caia completamente o pano).

Pano

FINAL DA PEÇA

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS /SR/DPF/RJ -

PARECER Nº 1423/83

DATA: 26/07/83

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p. 393

TÍTULO: " O CASACO ENCANTADO "

AUTOR: LUCIA BENEDETTI MAGALHAES

GÊNERO: TEXTO TEATRAL - EXAME COMPARATIVO

CLASSIF.ETÁRIA: L I V R E

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE: -

Trata-se de exame consório comparativo da peça teatral " O CASACO ENCANTADO ", que recebeu certificado definitivo Nº 525, datado de 06 de julho de 1981, com a classificação L I V R E.

A obra ora examinada é cópia fiel da citada acima, com exceção do prólogo que foi totalmente abolido na versão atual, modificação que não afeta o sentido do texto ou a classificação consória anterior.

Devido ao exposto, opino pela manutenção da chancela L I V R E, sem restrições.

Rio de Janeiro, 26 de julho de 1983.

Bel. Maria Luiza Lopes Rezende
Téc. de Censura - SCDP/SR/R.J
Mat. 022.222

Maria Azambuja Brandão
Téc. Censura — SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.840

Bel. Regina Maria F. Menezes
Téc. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat 2.416.010

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 394

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/SR/DPF/RJ

PARECER Nº 1424/83

DATA: 1 de setembro de 1983

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO E NSAIO GERAL

AUTOR: LUCIA BENEDETTI

GÊNERO: INFANTIL

CLASSIF. ETÁRIA: LIVRE

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE:

Tendo comparecido ao ensaio geral da peça em epigrafe tenho a informar que o texto foi rigorosamente obedecido.

O cenário é composto por cubos de diversos tamanhos e formas diferentes.

No vestuário são apresentadas fantasias lembrando o estilo caponos, todas em algodão cru.

A marcação é alegre e suave com alguns numeros musicais e coreografia de danças.

A iluminação é direta, tendo alguns focos dirigidos.

Pelo exposto, opina-se pela liberação sem restrições.

Rio , 1 de setembro de 1983

Maria Regina Maria de Oliveira Azambuja Brandão
Téc. de Censura — SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.940

Del. Regina Maria F. Menezes
Téc. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat 2.416.916

Del. Maria Luiza Lopes Rezende
Téc. de Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 022.222

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.395

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 178/83/RJ

PROVISÓRIO

PEÇA "O CASACO ENCANTADO"

ORIGINAL DE LUCIA BENEDETTI

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 02 de NOVEMBRO de 19 83

RJ, 02 de SETEMBRO de 19 83

Maria Selma Miranda Chaves
Chefe do SCDP|SR|RJ
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 396

M.J- D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O CASACO ENCANTADO"

Original de LUCIA BENEDETTI

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por TEREZA CRISTINE DE MORAIS DUARTE

Tendo sido censurada em 1º de SETEMBRO de 1983 e recebido a seguinte classificação: LIVRE/ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RJ.///

RJ., 02 de SETEMBRO de 1983

ZFB/

Bel. Eliane Maria Couto de Faria
Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

TEATRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.397

TÍTULO O CASACO ENCANTADO

AUTOR: LUCIA BENEDETTI

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior L I V R E

Praça SCDP/SR/RJ

Obs.:

DF. 08 / Set. / de / 1983

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, Sem cortes, condicionado ao exame do ensaio geral.

Obs.: cert. Provisório - SR/RJ

Brasília, 09 de 09 de 19 83

Brasília – DF de Maria Helle Penalvete Carvalhedo Mat. 2 415 791 de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE

Brasília-DF, 12 de 09 de 1983

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 12 / 09 / 1983

Solange M. T. Fernandes
Diretora da DCDP

DPF-538

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 398

Brasília, DF.

Em 15 setembro 1983

OF. Nº 1.643/83-SE/DCDP

Do : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/ RJ.

Assunto : Certificados - encaminha -

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício(s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do (s) certificados de Censura da (s) peça (s) teatral (is): " BODAS DE SANGUE ", de Federico Garcia Lorca, " O CASACO ENCANTADO ", de Lúcia Benedetti, " SONHE COM OS ANJOS ", de Claudia Valéria da Cunha Ribeiro, " MANCHANDO DE ESCURO UMA CASA CLARA ", de Criação coletiva do Grupo Novo Horizonte, " LULUZINHA E BOLINHA EM APUROS / COM O CAPITÃO GANCHO ", de Ana Maria de Oliveira Passos.

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 399

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
525	12 SETEMBRO 1983	12 SETEMBRO 1988

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO

AUTOR (ES): LÚCIA BENEDETTI

CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE:

Solange M. T. Hernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 525

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: TEREZA CRISTINE DE MORAIS DUARTE. - RIO DE JANEIRO/RJ -

DECISÃO: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC/DCDP
ASSINATURA

BSB, 12 DE SETEMBRO DE 19 83.

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 400

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DCDP/BSB

MJ - DPF - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ofício nº 128/83-SCDP/SR/MG Belo Horizonte, 07/outubro/1983
Assunto: Peças teatrais (encaminha)

Senhora Diretora,

Pelo presente, encaminhamos a V.Sª., as peças teatrais: " BLUE JEANS ", de autoria de Zeno Wilde e Wanderley Aguiar Bragança, " O CASACO ENCANTADO ", de autoria de Lúcia Benedetti, e " O MILAGRE ", de autoria de Marco Antonio Gualter Rosas, juntamente com os pareceres dos Técnicos de Censura, relatórios de ensaio geral, requerimentos do interessado, bem como certificados provisórios emitidos por este Serviço.

Atenciosamente,

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
CHEFE DO SCDP/SR/MG

ILMA. SRA.
DRA. SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES.
MD. DIRETORA DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS- DPF
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 401

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202
10 001 1424 8
DCDP / BSB

ILMº. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Argentina Gomes dos Santos
Requerente

Brasileira, Atriz/Diretora
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade M-1.414.501-SSP/MG:
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Quatro, nº 30 - Aptº 301 - Bairro Conjunto Serra Verde/Venda Nova

vem, mui respeitosamente, requerer de V. Sª., que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) peça teatral abaixo relacionada(s), de autoria
Espécie

de: Lúcia Benedetti

"O Casaco Encantado"
Título(s)

N. Termos
Pede deferimento

Belo Horizonte, 24 de agosto de 1983.
Local e Data

Requerente

Anexos: 3 Exemplares do Texto acima especificado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.402

1 - ~~EMPRESA OU GRUPO.~~ (Se houver)

Nome: Tina Argen Produções Ltda. C.G.C.:

Sede: Av. Augusto de Lima, 231 - Sobre-Loja, 35 - Centro Belo Horizonte - MG. CEP: 30.000

Diretor ou Responsável: Argentina Gomes dos Santos

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Lúcia Benedetti Magalhães

Pseudômino: Lúcia Benedetti Filiação:

Nacionalidade: Brasileira Naturalidade: Mococa-SP.

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Dramaturga Est.Civil: Viúva

Endereço: Rio de Janeiro (Representada pela SBAT)

CEP:

3 - PARCERIA

Nome:

Pseudômino: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudômino: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada não foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aquí prestadas.

DATA: B. Hte., 24.08.83

Ass.:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 403

O CASACO ENCANTADO

PRÓLOGO

VÓVÓ — Bom dia, meus netinhos! Vou contar a vocês a história de João e José. (*Abre o pano, João e José estão costurando*) — Olhem. Alí estão êles. João é o mais velho. O mais mocinho é o José. João estudou muito, formou-se, mas não conseguiu emprego. Então aprendeu costura. Mas tambem é muito pobre. Mesmo assim, não deixa de ajudar o amigo. E' por isso que José mora em casa de João. José é um bom rapaz. Mas como é medroso! Apesar de ser um bom ajudante, não se acostuma com a tesoura. Vamos, José; deixa de ser medroso! A tesoura não vai te comer. (*José usa a tesoura*) — Coitados! Estão tão atrapalhados. É noite. (*chamando*) — Relógio! Relógio! (*Entra o Relógio*) — Que horas são? (*Relógio mostra quinze para as cinco*) — Um quarto para as cinco e êles trabalham! Trabalham a noite inteira costurando esse casaco. Como estão cansados! (*João e José se esticam, bocejam demonstrando fadiga*) — Mas precisam terminá-lo! (*João e José retomam a costura com presteza*) — Imaginem que João, como não conseguia trabalho, resolveu ser pintor. Juntou os últimos níqueis que tinha e mandou o amigo comprar tintas. Mas... que fatalidade! Com a presteza de voltar para casa, não reparou que ia passando o Rei. Como foi isso, José? Você não reparou? (*José faz que NÃO agoniado*) — José atropelou o Rei! Trazia os vidros de tinta na mão. E a tinta caiu em cima do Rei! Que desgraça! O Rei quiz matá-lo. Mas... (*chama*) — Relógio! Que horas são? Já? O dia não tarda a raiar! Corra, vá a casa de João e de José para que êles saibam as horas! O casaco deverá ficar pronto antes do amanhecer! (*Sai o Relógio, invade a casa de José e João, marcando cinco horas em ponto*) — E agora vejam o que aconteceu. (*O Relógio dá o sinal de cinco horas e se retira*).

JOSÉ — Acabei!...

FIM DO PRÓLOGO

PRIMEIRO ATO

CENÁRIO: Casa de João e José. Alfaiate. Duas camas, fogão, mesa, alguns manequins. Máquina de costura. Em cima do fogão uma panela, sôbre a mesa, um prato com dois pães. O dia ainda não começou. Ambos trabalharam tôda a noite, estão fatigados, mas alegres. Terminam um grande casaco vermelho, com botões dourados. Quando o pano sobe, João, com uma enorme tesoura está aparando os derradeiros fiapos. José prega o último botão. Ouve-se um galo cantar).

JOSÉ — Acabei!

JOÃO — Acabei! (*abraçam-se na maior alegria*) Estamos salvos! Não seremos decapitados!...

JOSÉ (*sacudindo o casaco*) — Ficou pronto! O Rei poderá vestí-lo a qualquer hora! (*tornam a olhar o casaco*) Ah! até que enfim, ficou pronto o casaco! (*Beija o casaco*) Meu casaquinho querido! (*dansa com êle*) Tra-lá-lá...

JOÃO — Se não fosse eu ter trabalhado tanto, não vê que ficava pronto!

JOSÉ — Como não? Você quer dizer então, que eu não trabalhei tambem!

JOÃO — Trabalhou, sim. Mas você tinha obrigação de andar depressa. Senão, já sabe. Lésco! (*faz gesto de cortar a cabeça*) Lá se ia a sua cabeça embora!

JOSÉ — E a sua? (*fazendo o mesmo gesto*) Lésco, lésco! Ia embora tambem.

JOÃO — Mas eu não tive culpa nenhuma! Foi você quem derrubou tinta no casaco do Rei!

JOSÉ — E de quem era a tinta?

JOÃO — Minha.

JOSÉ — E, então?

JOÃO — Então, o que? Por acaso mandei você sair correndo com a lata de tinta na mão e tropeçar no Rei? O casaco ficou que era só tinta rôxa. E depois, ainda tive que pedir misericórdia...

JOSÉ — Isso tambem eu pedi. Me ajoelhei junto do Rei e disse: "Seu" Rei, (*ajoelha-se*) não nos mate!

JOÃO — Eu tambem me ajoelhei, quando vi que o Rei não ia te atender. E tambem pedi.

JOSÉ — Pois é. Foi até você quem inventou que nós podíamos fazer um casaco igual e entregá-lo antes do sol raiar. Essa besteira saiu da sua cabeça!... (*olhando as mãos*) Estou com os dedos ardendo de tanto costurar.

JOÃO — E o Rei só perdoou porque achou impossível. Êle está ainda com raiva de nós. Quer nos matar de qualquer jeito!

JOSÉ — Dessa vez nós vencemos. Mas, eu sou mesmo um colosso! (*olha o casaco*) Um colosso!

JOÃO — Deixe de ser convencido. Se não fosse eu...

JOSÉ — Convencido é você!

JOÃO — E' você! Seu trapalhão! (*batem à porta. Os dois se calam*).

JOSÉ — Quem será?

JOÃO — Quem sabe se o Rei mandou algum soldado nos buscar para... (*faz gesto de cortar a cabeça*) Lésco!

JOSÉ — Isso não. O casaco está pronto!... (*batem outra vez*) E' melhor fingir que estamos dormindo.

JOÃO — E' mesmo. (*Cada um corre para a sua cama. Põem-se a roncar. Batem outra vez e agora com mais força*).

JOSÉ (*fala baixinho*) — Vai ver quem é, João.

JOÃO — Vai você...

JOSÉ — Eu não. Pode ser o Rei e êle não gosta de mim!

Serviço de Censura de Diversões Públicas — D.F.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 404

JOÃO — Nem de mim. (*Batem na porta outra vez*).

JOSÉ (*levantando-se*) — Quem está aí?

MÁGICO — Abra a porta! Sou eu!

JOSE — Não posso! Estou dormindo!

MÁGICO (*batendo com mais força*) — Abra!

JOSÉ (*choramingando*) — Como é que eu vou abrir se estou dormindo?

JOÃO (*erguendo-se*) — Deixe de ser medroso! Abra a porta! (*José abre a porta devagarinho, espia e torna a fechar*).

JOSÉ — Credo, que homem feio!

JOÃO (*curioso*) — Quem é?

JOSÉ — Parece assombração. Tem um chapéu comprido e uma capa preta!

JOÃO — Deixe de bobagem. Assombração não bate na porta! (*abre a porta, entra o Mágico. Alto, calças de grandes riscos amarelos e pretos, chapéu de copa bem pontuda, enorme capa preta sôbre os ombros; fala sempre com arrogância, o que intimida José horrivelmente*).

MÁGICO — Que demora foi essa? Vocês não sabem que um Mágico não pode esperar?

JOSÉ — Não senhor. (*Examinando meio incrédulo*) O senhor é mágico mesmo?

MÁGICO — Claro que sou. Não está vendo?

JOSÉ — Estou, sim senhor. Mas pensei que fosse assombração!

JOÃO — Cala a bôca, José...

JOSÉ — Mas êle parece assombração mesmo!

MÁGICO — Desaforo! Me deixou esperando do lado de fora, um tempo enorme e agora me chama de assombração!

JOÃO — Êle estava meio tonto de sono... Não viu direito. Nós trabalhamos a noite inteira, estamos muito cansados. Quer ter a bondade de dizer o que deseja?

MÁGICO — Eu quero comida. Vi com meus olhos mágicos que vocês estavam acordados e resolvi entrar para descansar um pouco. Estou chegando da China.

JOSÉ — Seu olho mágico viu comida aqui?

MÁGICO — Viu.

JOÃO — Onde? (*procura pela sala, olha a panela*).

JOSÉ — Tomara que êle descubra! Faz três dias que ninguem come direito!

MÁGICO — Em cima da mesa.

JOSÉ — Mas, só dois pãezinhos que nós temos! Eu e o João vamos comê-los daqui a pouco, assim que acordarmos. Isto é, vamos dormir, vamos acordar e depois comer o pão.

JOÃO — E' verdade. Nós temos só estes dois pãezinhos...

MÁGICO — Pois é que eu quero mesmo é pão!

JOSÉ — Nós temos só dois... (*choraminga*) Um para mim e outro para o João.

JOÃO — Não sobra nenhum para o senhor.

MÁGICO (*apanhando os pães*) — Deixem de conversa. Já disse que estou com fome e quero os pães! (*começa a comê-los*).

JOSÉ — Então, seu Mágico, não faça cerimônia. Pode comer. (*Para João*) Nós vamos ficar com fome...

MÁGICO — Fome tenho eu depois de três dias e três noites de viagem! (*mastiga o pão*).

JOÃO — Veio de avião?

MÁGICO — Vim num cabo de vassoura! (*acaba de comer o pão*) Agora quero o dinheiro.

JOSÉ (*saltando de alegria*) — Vê se acha! Se o senhor achar pode ficar com a metade! Nesta casa nunca apareceu dinheiro! (*O Mágico enfia a mão no bolso de José e retira uma moeda de ouro*) Formidável! (*mete a mão no bolso e não acha nada*) Ué! (*para o Mágico*) Tira mais! (*Mágico tira outra moeda*).

JOÃO — Tira em mim! (*O Mágico faz o mesmo*) Tira mais!

MÁGICO — Agora chega. Não preciso mais do que isso.

JOSÉ — Tira umazinha só pra mim!

JOÃO — Só mais uma, seu Mágico! Só mais uma para mim e o meu amigo José...

MÁGICO — Já disse que chega!

JOSÉ — Mais uma, só uma umazinha!...

MÁGICO (*zangado*) — Chega! Eu não tiro dinheiro do bolso dos outros para ninguem. Só para mim!

JOSÉ — Mas o senhor pode tirar, não custa nada, é só enfiar a mão no bolso... bumba! (*tenta fazer o mesmo no seu bolso, sem resultado. Procura o bolso de João, encontra um pedaço de barbante*) Ai, ai... (*choraminga*).

MÁGICO — Pare com isso! Agora quero dormir e que ninguem me acorde!

JOSÉ — Tambem quero dormri! (*vai para a cama*).

JOÃO — Eu tambem... (*boceja*) Que sono! (*vai para a sua cama*).

MÁGICO (*para José*) — Nesa cama quem dorme sou eu...

JOSÉ — Mas... mas, esta é a minha cama, seu Mágico... (*aponta para a cama de João*) Dorme naquela, é mais macia... (*Mostrando as cobertas*) mais quente. (*ajofa o travesseiro e depois o colchão*) Colchão de molas...

JOÃO — Pare com isso! (*vai para sua cama*).

MÁGICO — Eu vou dormir e você fica de guarda!

JOSÉ — De guarda?

MÁGICO — Sim senhor! Não quero escutar barulho, não quero que mosquito assente no meu nariz, nem que a coberta caia para o lado! E, principalmente, que ninguem me acorde! (*ameaçador*) Ai de você, se alguem me acordar!

JOSÉ (*medroso*) — Que é que acontece?

MÁGICO — Transformo você num sapo!

JOSÉ — Ah, meu Deus, eu que tenho tanto medo de sapos! (*treme*) Me transforma num passarinho, seu Mágico... Eu prefiro ser passarinho...

MÁGICO — Num sapo, já disse!

JOÃO (*sonolento*) — Não faz mal, José; se você virar sapo eu levo você todos os dias para passear na lagôa...

JOSÉ — Mas eu não quero ser sapo! Eu tenho medo de água fria! Não gosto de lagoa! Alem disso, sapo come mosquito. Eu não gosto de mosquito!

JOÃO — Você acaba gostando. (*torna a bocejar*) Uuuu... que sono!

MÁGICO (*deitando-se*) — E não me acorde, heim! Senão já sabe! (*puxa as cobertas e começa a roncar*).

JOSÉ (*senta-se perto da cama e começa a abanar os mosquitos, e consertar as cobertas, sempre choramingando, baixinho*) Uuuu, uuuu...

JOÃO — Êle já dormiu? (*fala em voz baixa*).

JOSÉ — Já. Cala a bôca senão eu viro sapo!

JOÃO — Vira nada, seu bobo! Você não está vendo que é bobagem?

JOSÉ — Mas se eu virar sapo o [illegible] vão dizer de mim?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p.405

JOÃO — Esse mágico é um mágico de mentira...

MÁGICO (*acordando*) — Tem alguem falando aí?

JOSÉ — Não tem, não senhor, foi o senhor que roncou... (*imita o ronco*) E o sr. acordou com o próprio ronco.

MÁGICO (*ameaçador*) — Tem alguem falando!

JOSÉ (*choramingando*) — Não tem, não senhor... dorme quiétinho, dorme... (*Puxa as cobertas, arruma o travesseiro do Mágico, canta*) Dorme, Magiquinho, tutú vem pegar... dorme Magiquinho, mas dorme sem roncar... (*O Mágico começa a roncar*).

JOÃO — Deixe de ser bobo, José. Esse homem é um sabidão. Comeu nossa comida, tirou nosso dinheiro...

JOSÉ — Nós não tínhamos dinheiro nenhum... Foi êle que fez mágica!...

JOÃO — Mágica o que! Com certeza alguem botou dinheiro no seu bolso sem você saber!

JOSÉ — Mas, quem? Nós não temos nenhum amigo rico! E eu procurei tirar e não tirei nada!

JOÃO — Então o dinheiro era dêle mesmo e êle está querendo nos enganar! Comigo, não!

JOSÉ (*medroso*) — Cala a bôca, senão eu viro sapo!

JOÃO — Deixe de ser burro!

JOSÉ — Eu não me importo de ser burro, mas sapo não quero ser!

MÁGICO (*acordando*) — Quem falou aí?

JOSÉ — Ninguem, não senhor... (*canta*) "Dorme, Magiquinho..."

MÁGICO — Alguem falou, sim, e eu ouvi muito bem! (*senta-se na cama*).

JOÃO (*muito valente*) — Fui eu que falei. E daí!? (*ergue-se com valentia*) Não posso falar na minha casa?

MÁGICO — Não pode, não senhor! Eu mandei que todos se calassem!

JOÃO — Mas eu não me calei, pronto! Não tenho medo de Mágico, não acredito nessa besteira... E você vai dando o fora daqui, senão apanha. Chega de amolação.

JOSÉ (*morto de medo*) — Vem cá, João, não briga, não briga que daqui a pouco o Rei vem aí! (*puxa João para outro canto*).

JOÃO (*empurrando José*) — Sai da frente. Estou cansado de aturar esse Mágico de meia tigela!

MÁGICO (*avançando para êle*) — Mais respeito, ouviu? (*pega-o pelos ombros*).

JOÃO — Fóra daqui, fóra, seu mambembe! (*lutam*).

JOSÉ (*separando a briga*) — Não faça isso, João! (*puxa-o para um canto, empurrando-o até a porta lateral, fecha a porta. Para o Mágico*) O senhor desculpe, êle está nervoso...

MÁGICO (*consertando a roupa*) — Atrevido! Êle me pagará! (*ouvem-se trombetas*).

JOSÉ — Não fique zangado, não... Deite-se. Eu tomo conta!

MÁGICO — Eu não quero mais dormir. Vou-me embora! (*Outra vez trombetas*).

JOSÉ (*indo apanhar o casaco*) — E' o Rei... E' o Rei! (*para o Mágico*) E' o Rei...

MÁGICO — Que me importa? Vou-me embora e vocês hão de me pagar caro!

JOSÉ — Pois então vá... Pode ir. Agora vamos ficar de bem com o Rei!

MÁGICO — Vai ficar de bem? E' o que você espera! (*vai até a porta e faz uns sinais cabalísticos. Volta*) Pronto, aquele já está me pagando o que fez.

JOSÉ (*choramingando*) — Não faz macumba na minha casa não, heim! Deixe meu amigo sossegado lá dentro! Se o senhor fizer alguma coisa, eu vou me queixar ao Rei!

MÁGICO (*atira um pó em cima do casaco*) — Pois fale com o Rei, pode se queixar! (*José agarra o casaco*).

JOSÉ — Não suje o casaco do Rei! Êle pode se zangar!

MÁGICO (*rindo*) — Zangar? (*ri outra vez*) Êle vai pular, pular, pular! (*embrulha-se na capa e sai dando gargalhadas*) Ah, ah, ah!...

JOSÉ — João, João! Pode sair que o Mágico já foi embora! (*João não responde*) João! (*começa a arrumar as camas, põe o casaco em cima de uma cadeira, depois, achando que pode amarrotar, veste-o num manequim. No mesmo instante o manequim salta de um lado para outro, pula, pula, pula. Mas José está ocupado em ajeitar a casa e não vê imediatamente. As trombetas soam mais perto*) É o Rei, João! (*vendo o manequim saltar*) Nossa Senhora! Que é isso? Pára, pára! (*Arranca o casaco do manequim e corre para a porta. Dois Pagens abrem a porta, tocam corneta. Surge o Rei, acompanhado da Princesa e Pagens*).

JOSÉ — Pode entrar Majestade, bom dia, Alteza!... (*fala com medo*).

REI — Pelo que vejo, vocês cumpriram a palavra...

JOSÉ — Cumprimos, sim, Majestade. O casaco está pronto... isto é... o casaco, sabe, Majestade, está pronto. Mas não serve...

REI — Como, não, serve?

JOSÉ — E' que este casaco não vai ficar bem no senhor...

REI — Se não ficar bem, já sabem o castigo que os espera... (*ergue a mão com ameaça*).

Rei ~~PAGENS~~ (*todos ao mesmo tempo, fazendo gesto de cortar a cabeça*) Lésco!

JOSÉ — Nossa Senhora! E agora?

REI — Se o casaco está pronto, quero que me entregue.

JOSÉ — Está pronto, sim senhor... (*mostra o casaco*) Viu como nós demos conta do serviço? Está prontinho!

PRINCESA — Nesse caso, entregue o casaco, José. E aqui está o perdão... (*Mostra um pergaminho*).

JOSÉ — Me dá o perdão primeiro... Depois eu dou o casaco..

PRINCESA — Não, José. Primeiro o casaco.

JOSÉ — Primeiro o perdão... (*estende a mão para alcançar o pergaminho do perdão*).

PRINCESA — Primeiro o casaco... O Rei quer vestí-lo ainda hoje!

JOSÉ — Mas "seu" Rei, o senhor tem tantos casacos, por que é que há de querer vestir este aqui?

REI — Porque quero! Além do mais estou desconfiado desse casaco. Com certeza não serve em mim!

JOSÉ — Serve, sim senhor... Isto é, serviu, mas agora não serve mais!

REI — E por que?

JOSÉ — Porque... (*chamando com voz de choro*) João... João! Sai daí!

REI — Logo vi que havia coisa. Por que foi que o outro se escondeu?

JOSÉ — Fui eu que botei êle lá... (*chamando*) João... Sai daí, João!

REI — Vá buscá-lo! Eu dei a sentença a am-

Serviço de Censura de Diversões Públicas

6

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 406

bos. Como é que êle se atreve a ficar num quarto quando está aqui o seu Rei!

JOSÉ — Vou perguntar a êle. (*vai até à porta*) João... Como é que você se atreve... (*sai um enorme sapo pela porta do quarto. José corre e sobe em cima da cama*) Ui! Ui! Nossa Senhora!

REI — O que é isso?

PRINCESA — Um sapo!

REI — Mentira!

JOSÉ — Juro! (*mobilisação*).

VÓVÓ — Não comece a fazer juramentos, José! O Rei não acredita!

JOSÉ (*para Vóvó*) — Mas o Rei não acredita! Fale com êle, vóvó!

VÓVÓ — Fale você mesmo.

VÓVÓ — Agora, vocês têm tempo de descansar e conversar um pouco. Alguem por aí sabe como é que a Princesa vai ajudar? Se souber, cale a bôca! (*chamando*) Relógio! Venha cá! Fique aqui e marque dez minutos de intervalo!

REI — O seu amigo fugiu!

JOSÉ — Não fugiu, não senhor. E' êle mesmo. (*de longe*) Olha a cara dêle. O senhor está vendo?

REI — Estou vendo coisa nenhuma! Com certeza o casaco não presta e êle fugiu com medo de ser morto. Mas eu hei de agarrá-lo! Hei de procurá-lo até no fim do mundo!

JOSÉ — Não precisa, senhor. Êle está aqui mesmo... O senhor não vê que um sapo desse tamanho, só pode ser o meu amigo?

REI — E você não tem vergonha de mentir ao seu Rei?

JOSÉ — Não estou mentindo, não senhor! O senhor é porque não conhece sapos, senão via logo que não podia existir um sapo dêste tamanho!

REI — Atrevido! Devias morrer por isso. Então não conheço sapos?

PRINCESA — Não se irrite, papai. Quem sabe se é verdade? Eu nunca vi um sapo tão exquisito, na minha vida! (*agrada o sapo*) Que sapo tão engraçadinho! (*o sapo pula de um lado para outro*).

JOSÉ — Viu, como êle é mansinho? (*fala de longe, com medo*).

REI — Deixe ver esse casaco.

JOSÉ — Seu Rei, o casaco não está muito bom, mas, como o senhor insiste...

SAPO — Nós trabalhamos a noite inteira, majestade...

JOSÉ — E' verdade... eu e João, isto é, eu e o sapo, que antigamente era João...

REI — Basta de conversas! (*para o sapo*) Quem te ensinou a falar?

JOSÉ — Ele é assim mesmo, seu Rei...

REI — Isto aqui não está me parecendo bem... Sapo que fala... Hum! (*faz menção de vestir o casaco*) Está bonito!...

JOSÉ — Mas não vai servir... Majestade. É um casaco levado da breca!...

REI — Se não servir, você há de me pagar! E pagará por dois! Por você e pelo outro que fugiu!

JOSÉ — Virou sapo, Majestade!

SAPO — Deixe êle pensar que eu fugi!

JOSÉ — Cala esa bôca que eu não quero conversa com sapo! (*fala para o Rei*) Seu Rei, o meu amigo virou sapo mesmo. Esteve aqui um mágico...

REI — Deixe ver o casaco e pare com essas tolices! Não acredito em Mágicos!

SAPO — Eu tambem não acredito! (*sai pulando atraz do Rei*) Esse negócio de mágico é besteira!...

REI — Entregue o casaco.

JOSÉ — Por favor, não vista esse casaco!

REI — Por que não?

JOSÉ — O senhor não vai gostar...

REI (*examinando o casaco*) — Se eu não gostar você é quem paga! (*faz menção de vestir*).

JOSÉ — O senhor vai se arrepender! (*O Rei veste o casaco, depois de alguma hesitação. Acontece com êle o mesmo que aconteceu ao Manequim. Salta, salta pela sala tôda, enquanto o Sapo salta atraz dêle, a Princesa atraz do Sapo. Todos os Pagens correm na maior confusão. José corre para debaixo da cama e se encolhe o mais possível*).

REI — Tira este casaco danado! Me tirem este casaco! (*continua saltando até que os Pagens lhe arrancam o casaco de cima*) Atrevido! Onde está êle!? (*para os Pagens*) Vocês o deixaram fugir?

JOSÉ — Não senhor, eu me escondi...

SAPO — Seu burro! Por que não fugiu?

JOSÉ — Eu achei melhor me esconder aqui... (*vendo o Sapo perto dêle*) Ui! ui! Sai daqui que eu tenho medo de sapo!

REI (*para os Pagens*) — Tirem esse atrevido debaixo da cama! E amanhã bem cedo quero que sejam decapitados! (*José ouve a sentença morto de medo*).

PRINCESA — "Eles"? Quer dizer que o sapo tambem?

REI — O sapo tambem! Não quero que no meu reino existam sapos deste tamanho. Isso é uma desmoralisação!

SAPO — Qualquer país do mundo teria orgulho de um sapo como eu!

PRINCESA — Oh, meu pai! Seja bondoso... Que mal lhe fez êste pobre sapo?

JOSÉ — Seja bondoso, seu Rei.

REI — Cale-se! Você morrerá amanhã!

SAPO — E eu tambem?

REI — Tambem!

PRINCESA — Meu pai... lembre-se de que irá cometer uma injustiça. Decapitar um pobre sapo!... Que dirá a Liga Protetora dos Animais?

REI — A Liga Protetora dos Animais não tem nada com isso. Este, é um sapo particular.

PRINCESA — Mais uma razão, meu pai. Um sapo particular merece tôda consideração... Ele poderá gritar, dizer coisas contra o senhor... O senhor sabe. E' um sapo muito inteligente.

SAPO — Estudei na Universidade Real e sou formado em Ciências e Letras. Tenho curso de Pintura e Arquitetura.

REI (*cortando a fala do sapo*) — Terá que morrer por estar envolvido no caso do Casaco que pula. Insultou o Rei! E esse insulto será resgatado com a morte! (*Todos os Pagens repetem o mesmo gesto anterior de decapitação*).

PAGENS — Lésco!

PRINCESA — Majestade, eu lhe peço...

REI — Não.

PRINCESA — Eles afirmam que foi o Mágico o causador de tudo. Pois bem, eu lhe peço, meu pai, que lhes conceda três dias para encontrarem o Mágico e desencantar o casaco.

REI — E, se no fim de três dias, não tiverem encontrado o Mágico, nem desencantado o casaco?

PAGENS (*fazendo o gesto anterior*) — Lésco!

PRINCESA — Eles encontrarão!

JOSÉ — Nós vamos procurar por tôda a parte. Nem que a gente leve um ano ou dois, esse Mágico tem que aparecer!

REI — Um ano ou dois? TRES DIAS! TRES DIAS e nada mais!

SAPO — Agradeça ao Rei. Ele nos concedeu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 407

três dias!

JOSÉ — Agradeça você.

SAPO — Eu não posso. Cabe a você cumprir esse dever.

JOSÉ — E você, seu sapo, pare de falar comigo. Eu tenho medo de sapo. Já disse.

SAPO — Agradeça!

JOSÉ — Majestade... (*faz uma curvatura*) Seu Rei... Eu e o sapo lhe agradecemos muito e prometemos encontrar esse Mágico de qualquer maneira.

SAPO — Agradeça à Princesa...

JOSÉ — Dona Princesa, nós lhe agradecemos muito... Daqui a três dias estaremos muito longe daqui... (*Dá a entender que pretende fugir e nunca mais voltar*).

REI — Ai de vocês se tentarem fugir! Vou mandar pôr soldados por tôda a parte. Não poderão escapar!...

SAPO (*para José*) — Trapalhão! Agora você estragou tudo!

JOSÉ — Estraguei nada. Esse Rei está implicando comigo desde que eu tropecei nele!

SAPO — Tudo perdido! Agora não temos mais salvação! Vamos ser vigiados! (*soam as trombetas. O Rei vai embora*).

REI — Sómente para atender ao pedido da minha filha, é que lhes concedo esses três dias. E agora, até breve! Voltem com o Mágico. Porque senão o encontrarem os meus soldados trarão vocês dois amarrados pelos pés! (*José se põe a chorar*).

JOSÉ — Até breve, seu Rei. O senhor vai ver como nós vamos voltar amarrados pelos pés! (*Sai o Rei*).

PRINCESA — Até breve, José! Não chore... Coragem!

JOSÉ (*chorando*) — Não estou chorando não senhora, dona Princesa!

PRINCESA — Vocês não vão morrer... Eu hei de ajudar. Por que chorar? Veja o sapo como está firme! Corajoso, não é?

JOSÉ — Sei lá. Eu não estou com medo de morrer, não senhora. E u não quero é andar com êste sapo o dia inteiro.

SAPO — Deixe de bobagem! Você sabe muito bem que eu não sou sapo!

JOSÉ — Não é o que! Olhe no espelho! E' sapo, sim senhor... Ui... tuui...

PRINCESA — Até breve, José...

JOSÉ — Até breve, Princesa... A senhora vai ajudar mesmo?

PRINCESA — Vou.

JOSÉ — De que jeito?

PRINCESA — Você verá... Até breve! (*Sai*).

SAPO — E' melhor irmos andando tambem. Temos que procurar o Mágico.

JOSÉ — Procurar onde? Ele é capaz de ter ido para a China... neto

SAPO — Não sei onde ele estará. Mas vamos procurar. Apanhe o casaco e faça um embrulho. (*José vai obedecendo*). Agora, depressa, fecha a cara e vamos embora. (*José vai obedecendo, com rapidez. O sapo fica na porta. José vai sair, vê o sapo e pára*).

JOSÉ — Você vai na frente! Eu não quero sapo atraz de mim! Vai na frente!...

PANO

SEGUNDO ATO

VOVÓ — João e José andaram muito e chegaram numa estrada e... Vejam como...

CENÁRIO: Uma estrada. Pedras, árvores. Aparecem primeiro o Sapo e em seguida José. Estão cansados).

JOSÉ — Não aguento mais de tanta fome!

SAPO — Eu tambem! Faz dois dias e duas noites que estamos andando. E nada de encontrarmos o Mágico!

JOSÉ — Ah, se eu pudesse comer um bife... Com batatinhas, salada de tomates!...

SAPO (*suspirando*) — Ah... e uma boa fritada de camarões... depois sobremesa...

JOSÉ — Sapo não come fritada. Sapo come mosquito, bichinho...

SAPO — Já disse que não sou sapo e não quero saber de mosquito!...

JOSÉ — E' sapo sim senhor.

SAPO — Não seja burro!

JOSÉ (*teimando*) — Sapo, sapo, sapo!

SAPO (*desesperado*) — E eu tenho que aguentar este bobalhão!

JOSÉ — E eu ter que andar acompanhado de um bicho horroroso como você! Ai meu Deus!

SAPO — Bobalhão!

JOSÉ — Eu é que sou bobo, não é? Mas é você quem arruma tôdas as encrencas! Quem foi que inventou essa idéia de fazer o casaco? Foi você. Quem foi que brigou com o Mágico? Foi você... Quem foi que virou sapo? Você.

SAPO — E quem foi que avisou que ia fugir e fez o Rei botar soldados por tôda a parte? Foi você! E se não fosse a Princesa...

JOSÉ — E' mesmo. E ela ficou de nos ajudar...

SAPO — Ela falou aquilo por falar. Mas não ajuda coisa nenhuma...

JOSÉ — Como é que você sabe?

SAPO — Só falta um dia e ela não mandou ajuda nenhuma. Amanhã se não dermos conta do Mágico... Já sabe... Lésco! (*ruido de uma pessoa chorando*).

JOSÉ — Tem alguem chorando aí...

SAPO — Tem nada!

JOSÉ — Tem, que eu escutei! (*soluços*).

SAPO — Vá ver quem é.

JOSÉ — Vá você.

SAPO — Eu não posso...

JOSÉ — Não pode, por que?

SAPO — Não vê logo que se eu aparecer, a pessoa fica assustada? Não vê que fica exquisito um sapo aparecer de repente e começar a falar?

JOSÉ — Ah!... Agora você está dizendo que é sapo, não é?

SAPO — Escuta aqui, José, você sabe muito bem que eu não sou sapo!

JOSÉ — Então vai ver quem é...

SAPO — Não posso! Eu sou sapo, mas não sou,

Censura de Diversões Públicas - Serviço de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE. 0239, p. 408

entendeu?

JOSÉ — E' sapo, sim! Deixe de história!

SAPO — Veja quem é... (*José levanta-se, caminha até um grande tronco e espia*).

JOSÉ (*choramingando*) — Sempre sou eu que tenho que ver! (*imobilisação*).

VÓVÓ (*intervindo*) — Que tem isso? E' preciso deixar de ser medroso, José! Vamos. Espie. Coragem!...

JOSÉ (*olha*) — Ui! Tem uma mulher chorando!

SAPO — Pergunte quem é e por que está chorando?

JOSÉ — Psiu! Psiu! que choradeira é essa?

MULHER (*aparecendo*) — Quem é você?

JOSÉ — Sou o José. E você quem é?

MULHER — Que sapo tão grande!

JOSÉ — E' o meu amigo João, que pensa que não é sapo. Como é que você se chama?

MULHER — Josefina.

SAPO — E por que estava chorando?

MULHER (*assombrada*) — Ele fala?

SAPO — Por que estava chorando? Não precisa ter medo de mim...

JOSÉ (*chegando perto do sapo, sempre com muito medo*) — Olhe aqui, êle é um sapo mansinho, msemo...

MULHER — Eu não tenho medo de sapo... Não tenho medo de nada neste mundo. Só de meu marido!

JOSÉ — Ele é muito valente?

MULHER — Muito. Zanga atôa. E agora eu sei que ele vai zangar comigo...

SAPO — Por que?

MULHER — Porque eu quebrei a vassoura de que êle mais gostava...

JOSÉ — Seu marido é fabricante de vassouras?

MULHER — Não.

SAPO — E' varredor de rua?

MULHER — Não.

JOSÉ — Coleciona vassouras?

MULHER — Não.

JOSÉ — Então porque é que êle vai brigar por causa de uma vassoura atôa como esta?

MULHER — Atôa não! E' uma vassoura formidável! E' capaz de sair voando e levar a gente a qualquer lugar mais depressa do que um avião!

SAPO — Seu marido passeia de vassoura?

MULHER — Passeia... (*vaidosa*) Eu tambem passeio... (*ri*).

SAPO (*aproximando-se de José e falando baixo*) — E' capaz de ser parente do Mágico.

JOSÉ — A senhora é parente de um mágico?

MULHER (*orgulhosa*) — Eu sou casada com um mágico... Estou aprendendo a ser feiticeira, mas não consigo. Hoje saí para dar um passeio e quebrei a vassoura... (*chora e mostra a vassoura*).

SAPO — Não chore... (*para José*) — Pergunte onde ela mora...

JOSÉ — Onde é que seu marido mora? Nós andamos atraz dêle há tanto tempo.

VÓVÓ (*intervindo*) — Não diga, minha filha! Não vê que êles querem prender seu marido?

MULHER (*para vóvó*) — É?

VÓVÓ — Claro. E o dever de uma esposa é ser leal ao marido ainda que êle ande pelo mundo a fazer mágicas deste jeito.

JOSÉ — Escute aqui, vóvó! A senhora agora virou amiga da onça? Não atrapalhe, sim? (*para a mulher*) Onde é que vocês moram?

MULHER — Para que é que vocês querem saber?

JOSÉ — Para fazer uma visita...

MULHER — Meu marido não recebe visitas!

JOSÉ — Mas nós precisamos fazer uma visita a seu marido...

MULHER — Não! Eu não digo!

SAPO — Não custa nada... Diga!

MULHER — Não digo!

JOSÉ — Diga... vá, depois que nós prendermos seu marido, nós prometemos lhe dar uma vassoura nova!

MULHER — Prender! Então vocês vão prender meu marido?

SAPO — Seu trapalhão! Estragou tudo, outra vez!

MULHER — Pois não digo! Não é preciso teimar que eu não digo!

SAPO — Está ouvindo? Parece que o Rei vem aí...

JOSÉ (*ouvindo as trombetas*) — É mesmo! Deve ser o Rei... Estamos perdidos! Não sabemos nem onde mora o Mágico.

MULHER — E nunca saberão! (*com despreso*) Vocês são tão bobos que nem conhecem quando é o Rei que vem ou quando é a Princesa. Esse toque é para a Princesa.

SAPO (*pulando de alegria*) — E' a Princesa, José! Estamos salvos!

JOSÉ — Eu não disse que ela vinha!

SAPO — Disse coisa nenhuma! Você disse que ela não vinha!

MULHER — A carruagem parou. Está saltando... Aí vem a Princesa! (*curvam-se, José, tambem se curva; o Sapo faz o possivel para fazer uma reverência*).

SAPO — Salve, Augusta Princesa!

PRINCESA — Salve.

JOSÉ — Salve, dona Princesa... Nós estamos quase apostando que a senhora não vinha.

PRINCESA — Como, apostando! A palavra de uma Princesa é sagrada...

JOSÉ — Foi isso que eu falei ao sapo. Mas a senhora sabe esses sapos como são. Não entendem nada de Princesas...

PRINCESA — Não posso me demorar muito, pois o Rei mandou me vigiar para que não me encontrasse com vocês. Já descobriram o Mágico?

JOSÉ — Só descobrimos a mulher dêle!

PRINCESA — Ótimo! Não vão demorar muito a encontrá-lo agora!

JOSÉ (*medroso*) — E se nós nos encontrarmos com êle, como é que vai ser?

SAPO — Estaremos salvos!

JOSÉ — Salvos! Eu acabo virando sapo tambem e depois... (*chora*) Ele pode mais do que nós!

PRINCESA — Eu vim justamente por causa disso. Quando eu era menina, a minha Babá me ensinou uma porção de feitiçarias. Depois que ela morreu, me esqueci de quase tudo, mas, de uma coisa não me esqueci.

SAPO — O que é?

PRINCESA — Eu sei de umas palavras caba-

Censura do Brasil

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 409

lísticas que são tão poderosas que...

JOSÉ (*interrompendo*) — Palavras o que?

SAPO — Cabalísticas.

JOSÉ — Que é isso?

SAPO — São palavras de feitiçaria...

PRINCESA — Querem ou não querem aprender? São palavras que botam qualquer mágico para dormir.

JOSÉ — E' só falar que êle dorme?

PRINCESA — Só falar!

MULHER (*dando uma gargalhada*) — Ah! ah! ah! Vê lá se meu marido vai cair nessa! Ele não dorme nunca!

JOSÉ — Que não dorme o que! Lá em casa só queria dormir...

MULHER — Estava fingindo para saber o que vocês diziam... Bobos!

PRINCESA — Estou dizendo que qualquer mágico se põe a dormir! Na mesma hora. E' só dizer e êle adormece.

SAPO — Que felicidade! Assim que êle estiver dormindo é só carregar com êle para a casa do Rei!

JOSÉ — Oh, Princesa! Que bom! Diga logo essa palavrinha que eu quero aprender!

PRINCESA — Não se trata de uma palavrinha. Mas, de várias... Um versinho. E eu só posso dizer uma vez. Vocês terão que aprender tudo de uma vez. Não posso repetir.

JOSÉ — Por que?

PRINCESA — Porque perde o efeito. A gente só pode dizer essas palavras uma vez por dia. Vocês, por exemplo, não podem repetir essas palavras hoje. Se encontrarem o mágico, as palavras não terão o mesmo efeito e êle os matará.

SAPO — Temos então que ouvir uma vez só e aprender?

PRINCESA — Tem que ouvir uma vez só. E aprender.

JOSÉ — Pode dizer, que eu aprendo! Eu aprendo tudo de uma vez!

PRINCESA — Então prestem atenção. (*Os três se aproximam dela, inclusive a mulher*). As palavras são estas... (*diz muito depressa como que metralhadora*).

Missecofe dari, dari tira liro
Eli, Glofe, ciare, dari, dari
Dari Don, Fronfron.
Maalcafun, malacafun, clincóide!
Chiributú, chirimici, magá!
Tum! Zaravai, otim, maratú, dispim,
Requeque, requequer.
O rinhanha. Orinhanha.
Pingolim, pimpim!

JOSÉ — Fácil!

VÓVÓ — Cale a bôca e trate de decorar isso direit' ho!

JOSÉ (*com basófia*) — Está no papo. E' só ver o Mágico que eu, bumba! Digo esse negócio para êle, e êle záz... Cai morto!

PRINCESA — Morto não. Dorme!

JOSÉ — Ué! Eu pensei que isso matasse!

SAPO — Não fique falando que você se esquece! Cale a bôca!

JOSÉ — Esqueço nada! Quer ver como eu sei! Quer ver! Misse...misse... Como é mesmo? (*passa a mão pela cabeça de um lado para outro*) Como é mesmo?

PRINCESA — Não posso repetir. Procure se lembrar! (*para o sapo*) Você aprendeu?

SAPO — Sim, Alteza!

PRINCESA — Então, adeus! Sejam felizes! (*Sai enquanto os três fazem uma reverência*).

JOSÉ — Agora é que eu quero ver! Agora é que eu quero ver a cara do Mágico.

SAPO — Precisamos saber onde êle mora... (*para a mulher*) E a senhora, dona Josefina, vai nos dizer onde é a sua casa?!

MULHER — Eu não! Não adianta teimar que eu não digo!

JOSÉ — Vai dizer sim!

SAPO — E' melhor a senhora dizer!

MULHER — Não, não e não! (*senta-se longe dêles e esconde o rosto entre as mãos. Chora*) Ai, meu marido vai brigar comigo.

SAPO (*em segredo, para José*) — Que dê o casaco?

JOSÉ (*apanhando o capote*) — Está aqui.

SAPO — Se a gente conseguisse vestir esse casaco na dona Josefina, num instante ela resolvia falar onde mora.

JOSÉ — Qual nada, dona Josefina é teimosa...

SAPO — Garanto que fala...

JOSÉ — Será?

SAPO — Experimente...

JOSÉ (*indo até a mulher*) — Dona Josefina... não chore, não chore não. Nós não deixamos seu marido brigar com a senhora.

MULHER — Vocês sabem como êle fica, quando está zangado!

JOSÉ — Pois é... Ele fica uma fera?

MULHER — Me dá cada surra!

SAPO — Covarde!

MULHER — Eu não gosto de apanhar...

JOSÉ — Nem eu. Apanhar é uma coisa chata!

MULHER — E logo agora que estou cheia de reumatismo... Quase não posso me mexer.

SAPO — Ótimo! (*salta de um lado para outro contente*).

MULHER — Ótimo, por que?

JOSÉ — Nós temos um casaco aqui que cura reumatismo...

MULHER — Cura mesmo?

JOSÉ — Cura mesmo.

MULHER — Já curou alguem?

JOSÉ — Já. Mais de mil pessoas!

SAPO — Ótimo! ótimo!...

MULHER — Deixe ver aqui... (*José entrega o casaco*).

SAPO (*pulando*) — Ótimo!

MULHER (*examinando*) — Hum... Casaco vermelho...

SAPO — Fica-lhe muito bem... A senhora vai ficar uma belezinha de casaco vermelho...

MULHER — Não. Ainda se fosse azul, eu vestiria. Mas vermelho? Não fica bem numa mulher de mágico.

JOSÉ — Fica lindo! Experimente... (*a mulher hesita, por fim se decide*).

MULHER — Como é vóvó, devo vestir?

VÓVÓ — Dessa vez não quero dar opinião. (*para as crianças*) Que é que vocês acham? Deve vestir ou não?

MULHER — Bem, eu vou experimentar... Afi-

Censura de Diversões Públicas — Serviço

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.410

nal, não custa nada, não é?

JOSÉ — E' de graça!

SAPO — Veste logo, anda! (*a mulher veste e se põe a saltar como uma desesperada*).

MULHER — Pára! Pára! Tira êste casaco danado de cima de mim! Tira! (*continua pulando*).

SAPO — Diga onde mora!

MULHER — Não digo! Ui, ui, ui meu reumatismo!

JOSÉ — Diga onde mora!

MULHER — Atraz daquele morro, à beira do rio...

SAPO — Se não for verdade nós vestimos isso outra vez em você.

JOSÉ — Deve ser verdade, sim. (*Tira o casaco. A mulher pára de pular, senta-se sôbre uma pedra, exausta*).

MULHER — Uf!

SAPO — Uf! o que? Vamos andando que não temos tempo a perder...

MULHER — Eu vou depois...

SAPO — Vai junto conosco! (*a mulher ergue-se, José dobra o casaco, coloca-o debaixo do braço*).

JOSÉ (*para o sapo*) — Vai na frente que não quero sapos pulando atraz de mim!

SAPO — Você se lembra das palavras cabalísticas?

JOSÉ — Como é mesmo? Como é mesmo?

MULHER — Vamos! Quero ver vocês enfrentarem meu marido! Ah, ah, ah!

VÓVÓ — Venha cá, relógio e seja camarada. Marque outra vez o intervalo.

PANO

TERCEIRO ATO

CENÁRIO: Caverna do Mágico. Corujas empalhadas, esqueletos. Uma grande aranha e uma grande teia. Mesa, cadeiras desiguais. Umas roxas, outras azuis, tambem outras amarelas. No centro uma trempe, em cima da qual está um caldeirão).

VÓVÓ — Conforme vocês viram, a mulher do Mágico acabou contando onde morava. E agora, meus amiguinhos, João e José estão chegando em casa do Mágico. Prestem muita atenção porque não é todos os dias que a gente pode ver um Mágico em casa. Vejam! (*Abre-se o pano. O Mágico mexe o caldeirão com uma enorme colher de pau. Joga dentro da panela umas hervas e continua a mexer*).

MÁGICO (*cantando*):

Mexe, mexe o caldeirão
até o caldo ferver
Quem beber deste caldinho
Terá vida até morrer! (*Batem à porta*).

MÁGICO — Quem é?

MULHER — Sou eu!

MÁGICO — Eu quem?

MULHER — A tua mulher!

MÁGICO — Estou sentindo cheiro de gente extranha!

MULHER — Sou eu, pode abrir!

MÁGICO — Você está sózinha?

MULHER — Trago visitas.

MÁGICO (*esfregando as mãos*) — Visitas! Ah! a minha mulherzinha conseguiu justamente o que eu mais desejava! Só me faltava uma visita para completar a minha feitiçaria. E agora me aparece gente! (*dansa*).

Mexe, mexe o caldeirão
mexe, mexe até ferver...
Quem beber deste caldinho
Terá vida até morrer! (*abre a porta*).

Podem entrar! (*Entram a mulher, José e o sapo*).

SAPO (*cortezmente*) — Com licença...

JOSÉ — Boa tarde...

MÁGICO — Entrem, entrem...

MULHER — Boa tarde, meu querido marido...

MÁGICO (*para José*) — Como foi que achou o caminho?

SAPO — Nós queríamos lhe pagar a visita...

JOSÉ (*tremendo*) — Pois é! O senhor esteve na nossa casa. Agora é a nossa vez de vir aqui... não é?

MÁGICO — Estou perguntando como foi que chegaram até aqui...

MULHER — Fui eu quem os trouxe. Eles estavam tão aflitos. (*Piscando os olhos*) Queria tanto pagar a sua visita!...

JOSÉ — E' mesmo. (*com medo*) O senhor gosta de visitas, não gosta?

MÁGICO (*dando uma gargalhada*) — Se gosto! Ah, ah, eh! Eu estava esperando por vocês...

SAPO (*para José, em voz baixa*) — Ele está tramando qualquer coisa...

JOSÉ — Que nada, ele ficou muito contente, não está vendo?

MÁGICO — Há muito tempo eu não recebia visitas... Há mais de trezentos anos. Não, deixe ver... há duzentos e oitenta...

JOSÉ — Quantos anos o senhor tem?

MÁGICO — Oitocentos...

JOSÉ — Criança, ainda...

MÁGICO — Minha mulher é mais nova do que eu. Tem só quinhentos anos.

SAPO — A senhora parece ter muito menos...

JOSÉ — A gente olhando pensa que tem só uns quatrocentos anos, não é, Sapo?

SAPO — Uns trezentos e cinquenta...

MULHER — Ah, isso é mesmo. Ninguem diz. A última visita que veio aqui pensava que eu tinha cento e oitenta anos... (*olha para a coruja empalhada*) Coitada!

SAPO — Essa coruja fez parte da mobília?

MULHER (*para o marido*) — Digo?

MÁGICO (*mexendo o caldeirão, muito alegre*) — Diga, mulher!

MULHER — Essa coruja foi a última pessoa que nos visitou... Era um rapaz muito valente, não era, meu marido?

Câmara de Diversões S.B.A.T. Publicações

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 411

MÁGICO — Muito.

JOSÉ (*tremendo*) — Rapaz? E agora é coruja?

MÁGICO — Foi. Já está empalhada há muitos anos... Eu o transformei em coruja porque minha mulher queria ter um enfeite por aí nesse canto...

JOSÉ (*chorando*) — Por que não comprou uma jarra?

MÁGICO — Isto aqui é casa de Mágico, seu pateta. Não vê logo que não ficava bem comprar uma jarra?

JOSÉ — E a aranha?

MÁGICO — A aranha era uma moça muito faladeira, que passava por aqui cantando todos os dias. Um dia eu a transformei em aranha só para fazê-la calar a bôca...

JOSÉ — Coitadinha!

SAPO — O senhor não podia dizer a essa moça que calasse a bôca?

MÁGICO — Podia. Mas achei mais fácil transformá-la em aranha. Num instante ela ficou calada...

JOSÉ (*sentando-se*) — O senhor não gosta de gente que fala, não é?

MÁGICO — Não.

JOSÉ (*para o Sapo*) — Então é melhor a gente calar a bôca...

MULHER — Não é preciso. Êle vai dar um jeito de vocês ficarem calados por muitos e muitos anos...

JOSÉ — Quantos?

MÁGICO — Uns quinhentos...

JOSÉ — Meu Deus!

SAPO (*valente*) — Isso agora é conversa fiada... Vê lá se êle vai fazer conosco o mesmo que faz com essa pobre gente... (*apoia-se sôbre uma cadeira*).

MÁGICO — Essa cadeira verde que está aí era um camarada igualzinho a você... Já está calado há uns seiscentos anos.

JOSÉ (*dando um salto da cadeira onde se sentou*) — E esta aqui?

MÁGICO — Essa era um camarada bobo como você...

JOSÉ (*alisando a cadeira*) — Desculpe... Pensei que você fosse cadeira mesmo!

SAPO — Não seja bobo, José você não vê que isto não é possível? Êle está querendo nos meter medo. Mas, comigo não! Não acredito nessas bobagens!

MÁGICO — Mexe, mexe o caldeirão
Mexe, mexe até ferver!

MULHER — Ainda demora muito?

MÁGICO — Um pouco...

JOSÉ (*conciliador*) — Seu Mágico, o senhor não vai fazer nada disso conosco, não é? Nós somos seus amigos... Lembre-se de que esteve em nossa casa.

MÁGICO — Não me lembro.

SAPO — Como não? Nós lhe demos comida...

MÁGICO — E eu tambem lhes darei comida... dêste caldeirão.

JOSÉ — Nós lhe demos dinheiro...

MÁGICO — Mulher, traga o saco de dinheiro. (*A mulher apanha um enorme saco que entrega a José*).

JOSÉ — Obrigado. (*para o sapo*) Vamos embora...

MÁGICO — Embora?

JOSÉ — E' sim, senhor... Já está ficando tarde...

SAPO (*irritado*) — Como?

JOSÉ (*muito terno*) — Não precisa, não, João. Você está tão bonitinho assim de sapo. (*puxando-o*) Vamos embora! (*arrasta o saco de dinheiro até a porta*).

SAPO — Eu faço questão!

MÁGICO — Vocês se esqueceram de uma coisa... (*com ar de deboche*) Vocês se esqueceram de que eu dormi em sua casa..

JOSÉ — Pois é: mas não tem importância. Outra vez que nós viermos aqui, nós prometemos dormir tambem... (*faz menção de sair*).

MÁGICO — Ah, ah, ah! Outra vez que virem? Pois sim! Tem que ser hoje!... (*para a mulher*) Traga as cordas! (*A mulher do Mágico traz algumas cordas e o Mágico começa a amarrar José*).

JOSÉ (*chorando*) — Me deixa! Eu não quero dormir amarrado! Eu não estou com sono... (*Luta, mas o Mágico pode mais que êle e o amarra completamente*) Ai, ai!...

SAPO — Eu quero ver êle me pegar! (*com muita valentia*) Vem, Mágico besta!

JOSÉ — Diz aquele negócio que a Princesa ensinou! Diz, Sapo, diz!

SAPO — Diga você. (*salta de um lado para outro, enquanto o Mágico o persegue*).

JOSÉ (*chorando*) — Missecofe, dari dari dari dari... Não me lembro!

SAPO (*fugindo do Mágico que avançou para êle*) — Eu me lembro! Vem Mágico de uma figa! (*tropeça numa cadeira*).

JOSÉ (*cuidadoso*) — Não machuque o rapaz!

SAPO (*para a cadeira*) — Desculpe! Vem, desgraçado que eu te ensino! Quem vai dormir é você, ouviu? E vai dormir mil anos!

JOSÉ — Fala logo! Deixa de contar prosa... Depois êle dorme o tempo que quiser! Diz aquele versinho da Princesa!...

SAPO — Digo mesmo! (*com imponência*):

Missecofe dari, dari, tira liro
Kli, clofee, café, dari, dari, dari, dari...

JOSÉ — Continua!

SAPO — Dari, dari...

JOSÉ (*chorando*) — Foi no dari, dari que eu me encrenquei!...

SAPO — Dari, dari, dari... (*desesperado*) Dorme Mágico!

MÁGICO (*dando uma gargalhada*) — Dorme o que? (*agarra o sapo e começa a amarrá-lo tambem*) Vocês dois, sim, é que vão dormir um belo sono!

MULHER — Eu quero o Sapo para servir de escrevaninha. A gente coloca uma tábua aqui em cima, e pronto. Não fica bonito?

SAPO — Bonito coisa nenhuma! Eu quero ir embora!

JOSÉ — E eu? Com certeza vou virar uma cadeira azul...

MULHER — Cadeira, não, poltrona. (*para o marido*) Uma poltrona estofada côr de laranja.

JOSÉ (*chorando*) — Ah, meu Deus, quando me lembro que passei dois dias e duas noites andando, para chegar aqui e virar mobília de Mágico.

MÁGICO — Você não vai virar mobília, não.

Serviço de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 412

JOSÉ — Que sorte!

MULHER — Como não?

MÁGICO — Eu preciso dêle para outra coisa!

MULHER — Mas eu quero uma poltrona!

JOSÉ — Olhe aqui, minha filha, deixe seu marido resolver. Se êle não quer que eu vire poltrona, paciência...

MÁGICO — Não quero mesmo!

SAPO — Eu não quero tambem!

JOSÉ — Você não é poltrona, é escrevaninha. Cale a bôca.

MULHER (*zangada*) — Mas você me prometeu, você me prometeu!

JOSÉ — Fica para outra vez...

MÁGICO — Eu preciso dele.

JOSÉ (*contente*) — Viu? Ele precisa de mim. Nada de poltronas, dessa vez!

MÁGICO (*para a mulher*) — Não se aborreça. Você se lembra da receita desta sopa?

MULHER — Lembro. Você sabe que eu nunca me esqueço de nada...

MÁGICO — Como era?

MULHER — Água da serra colhida às três horas da manhã, dois olhos de cabrito, perna de lagarto, gordura de baleia, trombas de elefantes, ovos de pombos cinzentos e fígado de alfaiate!

JOSÉ (*aflito*) — Mau, mau!

MÁGICO — Está faltando só o fígado de alfaiate... (*dá a colher a ela*) Prove aqui.

MULHER — Ótima! Mas você esqueceu tambem dos ovos de pombos...

JOSÉ — Fígado de alfaiate tem gosto ruím...

MÁGICO (*sem lhe dar importância*) — E' verdade. Você saiu para arranjar... Arranjou?

JOSÉ — Fígado de alfaiate é amargo, azedo, salgado...

MÁGICO — Cale a bôca. Você daqui a pouco vai para a panela!

JOSÉ (*chorando*) — Eu não! Eu prefiro ser poltrona!

MULHER — Primeiro é preciso quebrar aí dentro os ovos de pombos...

MÁGICO — Onde estão?

MULHER — Eu... isto é... eu...

MÁGICO — Não arranjou? Eu lhe disse que era só montar na vassoura e seguir em direção de Mato Grosso...

MULHER — Pois é, eu montei na vassoura e fui para os lados de Mato Grosso...

MÁGICO — E então?

JOSÉ — A vassoura encrencou no caminho...

MULHER — E' isso mesmo...

MÁGICO — Não é possível. Uma vassoura novinha. Eu nunca tive uma que fosse tão boa!

JOSÉ — Pois é: Essas vassouras últimamente não valem nada. Quebram atôa...

MÁGICO — Quebram? Quer dizer que vôcê quebrou minha vassoura de estimação?

MULHER — Não se zangue, meu bem. Foi por acaso. Eu não tive culpa...

MÁGICO — Não teve culpa o que! Você estraga tudo que eu tenho! Bem que eu lhe disse que não saisse com aquela vassoura! Não disse?

MULHER (*chorando*) — Disse...

MÁGICO — Mas você é teimosa! (*avança para ela*) Você é uma mulher impossível! Vou passar mais trinta anos arranjando outra vassoura! (*apanha um pedaço de pau*) Mas antes disso hei de lhe ensinar como é que se cuida das coisas! (*corre para a mulher. A mulher corre, tambem fugindo*) Eu te ensino relaxada!...

JOSÉ (*acompanhando a luta*) — Sobe em cima da cadeira. Corre para o outro canto. Cuidado com a aranha! Volta daí senão êle te pega!

MÁGICO — Cale a bôca que você está me atrapalhando!

SAPO — Não me conformo. Como é mesmo? (*procura lembrar-se do versinho, salta conforme pode, ainda que amarrado*) Missecofe...

MULHER — Não me bate! Perdão, perdão!

MÁGICO (*agarrando-a*) — Perdão? Você vai ver! (*ergue o cacete e começa a bater na mulher*).

SAPO — Como é mesmo? Como é mesmo?

VÓVÓ — Não deixe que seu marido lhe bata, minha filha! Reaja! Diga aquele versinho que a Princesa ensinou. Você sabe, sim. Você nunca se esquece de nada.

MULHER (*desesperada*):

...
Missecofe dari dari dari liro
Kli, clofe clafe, dari dari dari don fron fron
Malacafun, malacafun clinfoide
Chiribibi, chiribibi, magá!
Tum!
Zaravai, otim, marabum dispin
Requequé, requequé,
Ó rinhanhã. Ô rinhanhã.
Pingolim, pim, pim!

(*O Mágico cai adormecido instantaneamente*) — Meu marido! Ah, meu Deus, que fiz eu?!

SAPO — A senhora escapou de bôa!

MULHER — Que fazer agora? (*sacode o marido*) Acorda, querido! Acorda!

JOSÉ — Me desamarra que eu dou um jeito nele.

SAPO — E' isso mesmo. Basta desamarrar a gente. Num instante.

MULHER — Vocês prometem? Vocês fazem êle acordar?

JOSÉ — Num instante. Eu prometo! (*A mulher desamarra José. Êste assim que se vê livre, amarra a mulher do mágico, com tôda a rapidez*) — Pronto! Serviço limpo!

MULHER — Você prometeu! (*José vai até onde está o Sapo e desamarra-o tambem*).

JOSÉ — Eu prometi e cumpro. Vou fazer com que êle acorde!

MULHER — Mas então por que o senhor me amarrou?

SAPO — Não se preocupe. A senhora não sofrerá nada. Vai apenas fazer uma viagem...

MULHER — Para onde?

SAPO — Até a casa do Rei...

JOSÉ — Ele vai acordar na casa do Rei. E é para lá que nós vamos agora. (*Para o Sapo*) Vamos! (*para a mulher*) A senhora vai andando mesmo, que eu não posso carregar dois... (*bota o Mágico nas costas*) Vamos...

SAPO (*abrindo a porta*) — Pode passar, minha senhora...

MULHER (*com raiva*) — Traidores! (*para José*) Passe você na frente! (*para João*) Sapo horroroso!

SAPO — Primeiro as senhoras... depois os sapos. (*A mulher sai. O Sapo fica segurando a porta para José passar com o Mágico às costas*).

JOSÉ — Vai na frente. Nós somos ministros magos, tal e coisa, mas eu não aguento sapo pulando atraz de mim!

PANO

Censura de Diversões Públicas — Serviço de D. P. — Rio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p413

EPÍLOGO

CENÁRIO: Casa do Rei. O Rei está sentado numa cadeira de espaldar bem alto. A seu lado, uma cadeira menor, onde está a Princesa. Junto de ambos o Primeiro Ministro. Um grande relógio num canto.

VÓVÓ — Agora, meus netinhos, vejam o que se passou na casa do Rei, para onde João e José levaram o Mágico dormindo... E a mulher do Mágico, tôda amarrada!

REI (*sacudindo o cétro*) — Não é possível que já se tenham passado três dias.

PRINCESA — Uns dias tão curtinhos, que nem deram para nada!

MINISTRO — Entretanto, Majestade, é verdade. Já se passaram os três dias do prazo. Aliás, (*olha para um grande relógio*) faltam apenas três minutos para que se extinga completamente o tempo que Vossa Majestade lhes concedeu. Ah, esses alfaiates são uns indivíduos sem palavra, sem escrúpulos. São uns patifes!... (*mudando de tom*) Posso mandar meus soldados prendê-los, onde quer que os encontrem?

REI — Eu acho que não devo assinar a sentença de morte antes que o prazo esteja completamente exgotado.

PRINCESA — Faltam ainda três minutos! (*para o relógio*) O' relógio, seja bonzinho! Vá bem devagar, mas bem devagar mesmo, para dar tempo dos rapazes chegarem! (*o relógio sai do canto, faz uma reverência e começa a andar para traz, bem de mansinho*) Obrigada!

MINISTRO — Ah, é assim que sua Alteza faz? Quando se trata de prender dois perigosos alfaiates que andam à solta pela rua, atropelando os Reis, Vossa Alteza pede ao relógio que ande devagar. No entanto, não teve pena dos meus dois sobrinhos que ainda estão no calabouço!

PRINCESA — Tive pena, sim, Ministro. Mas os seus sobrinhos roubaram tanto o Tesouro que não era possível deixar de prendê-los...

MINISTRO — Faltam dois minutos, quer assinar a sentença?

REI — Espere um pouco...

PRINCESA — Ah, se êles me trouxerem o Mágico!

REI — Pouco me importa o Mágico, eu quero é o meu casaco!

MINISTRO — Quer ter a bondade de assinar agora? Está em cima da hora.

RELÓGIO — Faltam sessenta segundos! Não enxerga?

MINISTRO — Sessenta segundos passam num instante.

RELÓGIO — Vou dar um jeito de demorar...

MINISTRO (*para o relógio*) — Você é assim mesmo... Vive adulando a Princesa! (*ruído de vozes*).

PRINCESA — São êles!

REI (*para o Ministro*) — Vá ver!

MINISTRO (*indo até à porta*) — Majestade, vejo um sapo repugnante que se aproxima, acompanhado de uma mulher e mais...

SAPO (*entrando*) — Dá licença, Majestade? Aqui estamos nós, conforme lhe havíamos prometido...

MINISTRO (*muito contente*) — Exatamente o que eu desejava para o Jardim Zoológico! Um sapo que fala!

SAPO — Para o Jardim Zoológico vá o senhor! (*Entram: José, carregando o Mágico e a mulher*).

JOSÉ — Pronto, seu Rei. Viemos ou não viemos? (*para a Princesa*) Aqueles versinhos são formidáveis. Pra mim êle não acorda nunca mais!

REI — Sim, pelo que vejo, conseguiram descobrir o Mágico. Esse que está aí é o Mágico, não é?

SAPO — Sim, Majestade, ainda que um tanto adormecido...

REI — Adormecido! Então êle dormiu no caminho? (*para o Ministro*) Acordai-o!

JOSÉ (*para o Sapo*) — Agora é que eu quero ver!

SAPO — Deixe o Ministro se esforçar!

MINISTRO (*sacudindo o Mágico*) — Acorde, homem! Não vê que é falta de respeito dormir diante do Rei? Acorde, acorde!

SAPO — Duvido!

MINISTRO (*secudindo-o irritado*) — Acorde!

JOSÉ (*para a Princesa*) — Tem algum versinho aí que sirva para acordar?

PRINCESA — Nenhum!...

SAPO (*rindo*) — Ah, ah, ah! Está difícil, heim?

MINISTRO (*sacudindo o Mágico*) — Acorde! (*para o Sapo*) Não estou pedindo a sua opinião!

SAPO — Agora é que eu quero ver. O senhor não é Ministro? O senhor não acha que sou um sapo horrível? Pois é! Mas quem é que não consegue acordar o Mágico?

MINISTRO — Eu o acordarei! (*ameaçador*) Não me aborreça!

SAPO — O Rei está ficando cansado de esperar. Que é que acontece quando um súdito não obedece às ordens do Rei? (*Pagens aparecendo subitamente, fazendo o gesto de cortar o pescoço*).

Sapo PAGENS — Lésco!

MINISTRO — Sáia! (*para o Rei*) Majestade, esse sapo horrível está me perturbando! Peço-lhe que o mande embora! (*para o Mágico*) Acorde!

Rei — Ele não deixa de ter razão. Quando dou uma ordem e não sou obedecido...

Rei PAGENS (*voltando*) — Lésco!

MINISTRO — Já sei... Já sei... (*para o Mágico*) Acorde! (*para o Sapo*) Sáia daqui!

SAPO — Eu não!

MINISTRO — Sáia!

JOSÉ — Sai, João. Você não vê que o seu Ministro está nervoso?

SAPO — Mas eu quero ver com que cara esse homem vai acordar!

JOSÉ (*levando-o até a porta*) — Depois eu te conto... (*Sai o Sapo*).

MULHER — Eu sei que êle não vai acordar nunca mais! Uma vez êle pegou no sono e dormiu trinta e cinco anos!

MINISTRO — Quem é a senhora?

MULHER — Sou a mulher do Mágico.

MINISTRO — Ele dormiu trinta e cinco anos? E que foi que a senhora ficou fazendo durante todo esse tempo?

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.F.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 414

MULHER — Aproveitei para dar uma limpeza na nossa casa. Tinha tanta poeira!

MINISTRO — E como foi que êle acordou?

MULHER — Com uma raiva que só vendo!

JOSÉ — Foi isso mesmo que me disseram... Mágico quando acorda é um inferno.

MINISTRO — Cale a bôca! (*para o Mágico*) Acorde!

JOSÉ (*ajudando*) — Acorde, senão o Ministro vai ficar mal! O Rei não está gostando da demora!

MINISTRO — Só eu que vou ficar mal?

JOSÉ — Ué, e então? Não é você quem tem que acordar o Mágico?

MINISTRO — E se êle não acordar?

JOSÉ — Lésco!

MINISTRO — Se êle não acordar, não desencantará o casaco. Se êle não desencantar o casaco... já se sabe! Lésco! Quem é que vai perder a cabeça?

JOSÉ (*chorando*) — P'ra que que o senhor foi se lembrar?! Eu já tinha até me esquecido! Ai, meu Deus! (*para a Princesa*) A senhora não sabe mesmo nenhum outro versinho?

PRINCESA — Não.

JOSÉ — Acorde, seu Mágico! Deixe de bobagem! (*fazendo-lhe cócegas nos pés*) — Ui, ui, ui! Acorde, bobinho! Deixe de brincadeira!

MINISTRO — Acho que podemos perder as esperanças...

JOSÉ — Qual nada! (*sacudindo-o*) Eu hei de dar um jeito! Eu faço êle pular! (*sacode-o com muita força e com orgulho*) Viu? Eu sou quase igual ao casaco encantado! (*lembrando-se*) Ah! O Casaco Encantado! Se nós o vestíssemos com o casaco encantado?

MINISTRO — O que é que acontece?

REI — Ele vai pular como um desesperado! Eu que o diga!

MULHER — E eu tambem!

JOSÉ — Eu tambem!

MINISTRO — Será mesmo bom?

JOSÉ (*desembrulhando o casaco, e enfiando-o no Mágico*) — Vamos ver isso agora! Já começou! (*O Mágico põe-se de pé e desanda a saltar*) — Está funcionando!

MÁGICO — Ui! Ui! Que é isto? Onde estou?

JOSÉ — Acorde primeiro que depois eu digo.

MÁGICO — Já acordei! Que é isto? Párem com isto! Tirem êste casaco de cima de mim!

JOSÁ — Você promete desencantar o sapo?

MÁGICO (*pulando*) — Prometo!

JOSÉ — Então desencanta!

MÁGICO (*indo até à porta, pulando sempre*) — Está desencantado! (*faz uns gestos cabalísticos*) Ui, ui, agora me tirem o casaco!

JOÃO (*aparecendo e abraçando José*) — Ah, meu amigo! Que saudade que eu tinha de ser gente outra vez! (*Mágico continua pulando*).

JOSÉ — Ah, João, como você está bem disposto! (*esquecendo o Mágico, que continua pulando*) Aqui entre nós, eu dizia que você estava bonitinho de sapo, mas não era verdade. Você era um sapo danado de feio! (*ri*).

JOÃO (*ofendido*) — Deixe disso. Até que como sapo, eu era bem simpático!

JOSÉ (*caçoando*) — Feio p'ra burro!

JOÃO — Não seja exagerado! (*beijando a mão da Princesa*) Não é verdade, Princesa, que eu não era tão feio, assim?

PRINCESA — Era um amor de sapo!

MÁGICO — Párem com essa conversa! Já estou cansado! (*continua pulando*).

JOSÉ — Cansado o que! Você dormiu muito e agora precisa de exercício!

MÁGICO — Tenham pena de mim!

MULHER — Coitado!

JOSÉ — Quer mesmo que eu tire esse casaco?

MÁGICO — Sim! Não aguento mais!

JOSÉ — Você promete que não baterá mais na sua mulher?

MÁGICO — Prometo!

MULHER — Que bom!

JOSÉ — E promete desencantar esse casaco?

MÁGICO — Prometo. Mas assim vestido com êle não posso!

JOSÉ — Eu vou tirar. (*Tira o casaco e o Mágico cai sentado, exausto*) Cansadinho, heim?

MÁGICO (*limpando o suor*) — É verdade! (*erguendo-se*) Tambem assim que desencantar esse casaco vou embora! Deus me livre!... (*apanha o casaco*).

REI — Um momento! (*todos se voltam para êle*) Deixem o casaco conforme está...

PRINCESA — Oh, meu pai!

JOSÉ — Ué... Depois de tanta perseguição, depois da gente ter apanhado tanto, corrido tanto perigo, o senhor quer o casaco encantado do jeito que está?

REI — Sim! Brevemente o Rei meu vizinho virá me visitar. E' um Rei máu e ambicioso. Sei que deseja se apoderar de metade do meu Reino. E para isso, talvez me declare guerra...

JOSÉ — Que é que o casaco tem a ver com isso?

REI — Ah! Se êle tiver mesmo a intenção de me declarar guerra, visto-lhe o casaco encantado!

JOSÉ — Bem lembrado! (*entrega o casaco ao Rei*).

MÁGICO (*para a mulher*) — Vamos embora!

MULHER — Mas eu estou amarrada. Por que?

JOSÉ — Esquecimento...

MÁGICO — E tambem porque não presta atenção nas coisas que lhe ensino. Onde já se viu uma mulher de Mágico tão sem prática? Saiba que mulher de Mágico tem que ser tão mágica quanto o marido! Quando entra numa história deve fazer mágicas tambem... E você, que foi que fez nesta história?

MULHER — Bem... dessa vez eu entrei nesta história e fiz algumas tolices. Mas da próxima vez... Ah, vocês hão de ver! Encontrarei Reis e Rainhas... E, se encontrar um Príncipe tambem, mas que seja bom, corajoso, belo e honesto, hei de trazê-lo até aqui. Sabem para que? Para que conheça a nossa Princesa! Conhecendo a nossa Princesa, êle se apaixonará por ela. Apaixonando-se, há de casar. E casando terão muitos filhos...

PRINCESA — Ah... ela deve estar falando do Príncipe Dagoberto!

JOSÉ — Quem é o Príncipe Dagoberto?

PRINCESA — Um príncipe belo, valente, honesto, um amor!

JOSÉ (*para a mulher do Mágico*) — Da próxima vez que a senhora entrar numa história...

Biblioteca Nacional de Peças de Teatro S.B.A.T.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 415

deixe seu marido andar viajando, não, sim?

MULHER — Quem sabe?

MÁGICO — Vamos todos embora. Essa história já acabou! (*Puxa a mulher e se dirige para a porta*) Adeus! Adeus!

JOSÉ — Adeus! (*para a Vóvó*) Adeusinho, sim?

JOÃO — Adeus, minha gente!

PRINCESA — Um momento! (*Todos se detêm*) Antes do senhor ir embora quero que faça ainda uma pequena mágica...

MÁGICO — Pois não, Alteza. Que ordena?

PRINCESA — Faça chover balas de frutas para ~~os meus netinhos~~ as crianças

MÁGICO — Com prazer! (*Faz uns gestos cabalísticos. As balas deverão cair sôbre os espectadores. Música, adeuses, até que caia completamente o pano*).

PANO

— FIM —

Biblioteca da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239, p. 416

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SUP. REG. M. GERAIS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER nº 215 / 83

TÍTULO : "O CASACO ENCANTADO"

AUTOR : LÚCIA BENEDETTI

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA:- LIVRE

2- CONTEÚDO:

2-1- ENREDO: João e José costuravam um belo casaco para o Rei, quando recebem a visita inesperada de um Mágico malvado. O Mágico transforma João em sapo e encanta o casaco, fazendo-o pular ao ser vestido pelo Rei. Furioso, este ordena aos pobres alfaiates que o prendam, para que se desfizesse o encanto. Depois de muita confusão, ajudados pela Princesa, João e José levam o Mágico até o Rei, obrigando-o a se redimir de suas maldades.

2-2- MENSAGEM PRINCIPAL: Positiva - O bem sempre vence o mal.

2-3- MENSAGEM SECUNDÁRIA: Positiva - Com honestidade e coragem, se vence o inimigo.

3- PÚBLICO ALVO: Infantil.

4- LINGUAGEM: Simples, clara, adequada às crianças.

5- GRAU DE PERSUASÃO: Atenuado pela comicidade do texto.

6- PERSPECTIVA CENSÓRIA: Estória infantil, deverá satisfazer às espectativas de seu público, pelo seu caráter cômico e de aventura. Não apresenta inconvenientes à sua liberação, sem restrições.

PARECER: Pela liberação.
CLASSIFICAÇÃO: LIVRE.

Belo Horizonte 02/09/83
Helena Isabel ASS Emediato - 022.948

T 81

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239/p. 417

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SUP. REG. M. GERAIS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER nº 219/83

1. TÍTULO : O CASACO ENCANTADO

AUTOR : LÚCIA BENEDETTI

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA:- LIVRE

2. CONTEÚDO:

2.1- ENREDO: João e José são alfaiates amigos e pobres. Um dia José sai para comprar tintas para João, que resolveu ser pintor. Na pressa de voltar à casa, dá de encontro com o Rei e derrama os vidros sobre ele. Como castigo são obrigados a confeccionarem um casaco real, igualzinho, até a manhã seguinte, sob pena de terem as cabeças cortadas. Conseguem terminar, quando aparece um mágico que come toda a comida, rouba o dinheiro que têm, além de colocar magia no casaco, fazendo pular sem parar qualquer pessoa que o vestisse e transformar João num enorme sapo. O Rei não aceita o casaco nestas condições e somente com a intervenção da princesa concede-lhes três dias para desencantarem-no. Após várias peripécias encontram a mulher do mágico e obrigam-na a mostrar sua casa. Conseguem assim levá-los ao Palácio, onde o mágico retira a magia do sapo. O Rei considerou melhor, que o casaco continuasse como estava, pois seria útil para defendê-lo contra o inimigo. Todos ficam libertos e felizes.

2.2- MENSAGEM PRINCIPAL: É o divertimento, a alegria para o público. É positiva.

2.3- MENSAGENS SECUNDÁRIAS: A maldade não compensa. O trabalho honesto sempre gratifica. São positivas.

3. PÚBLICO ALVO: Infantil.

4. LINGUAGEM: Simples e adequada ao texto.

5. GRAU DE PERSUASÃO: Fraco por tratar-se de uma estória fantástica.

T 81

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 418

6. PERSPECTIVA CENSÓRIA: Enredo que estimula e contribui para o mundo de fantasias da criança, com dinamismo e arte de quem escreve com dedicação e inteligência. Quando mistura personagens do dia a dia, com figuras mágicas e objetos vivos participando normalmente das cenas, saindo do natural, para penetrar no encantamento, conduzindo o público a momentos de descontração e alegria, atingindo o objetivo.

PARECERA:

1. Pela liberação.
2. Classificação: Livre, por contribuir para o mundo mágico, fantástico da criança.

Belo Horizonte, 05 de setembro de 1983

Bel Anunciação Gonçalves de Assis
Técnica de Censura
mat. 022.986

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DPF/SCDP/SR/MG

BR DFANBSB N8.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 419

RELATÓRIO Nº 135/83
Do: TC Helena Isabel A.S.S.Emediato
Ao: Chefe do SCDP/SR/MG
Assunto: Exame de Ensaio Geral

TÍTULO: "O CASACO ENCANTADO"
AUTOR: LÚCIA BENEDETTI
CLASSIFICAÇÃO: L I V R E

Comparecemos à sala nº 1221 do Edifício Acaiaca, à Av. Afonso Pena, às 19,30 horas, para o exame de ensaio geral da peça intitulada acima, cumprindo órdem de missão nº 290/83.

Sem cenário, a peça nos foi apresentada numa pequena sala, improvisadamente.

O figurino estava parcialmente pronto, caracterizando os personagens da estória, ou seja, o rei, a princesa, o mágico e outros.

O texto foi seguido integralmente, embora os atores, ainda, não o tivessem memorizado de todo, alterando-se apenas o personagem João, para Joana, mulher de José, o outro alfaiate.

A estória é alegre, divertida e musicada, devendo agradar às crianças.

Não vimos inconvenientes à sua liberação, cuja estréia está marcada para o dia 01/10/83, no Teatro Marília.

É o relatório.

Belo Horizonte 30/09/83

Helena Isabel A.S.S.Emediato
022.948

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 420

De acordo com os pareceres elucidativos e relatório de Ensaio Geral: LIVRE.

Emito Certificado provisório, de conformidade com o que dispõe a Port. 017/78-DCDP.

À consideração da Sra. Diretora da DCDP.

Em, 5/10/83

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do Serviço de Censura
~~SR/DPF/MG~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.421

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. SR/MG

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA " O CASACO ENCANTADO "

ORIGINAL DE LÚCIA BENEDETTI

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 30 de NOVEMBRO de 1983

B. Hte.
Brasília, 30 de SETEMBRO de 1983

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do Serviço de Censura
SR/DPF/MG

P/ Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 422

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " O CASACO ENCANTADO "

Original de LÚCIA BENEDETTI

Tradução de

Adaptação de

Produção de TINA ARGEN PRODUÇÕES LTDA

Requerida por ARGENTINA GOMES DOS SANTOS

Tendo sido censurada em 30 de SETEMBRO de 1983 e recebido a seguinte classificação: LIVRE

OBS. O presente Certificado só terá validade, quando acompanhado do texto devidamente carimbado.

Brasília, 30 de SETEMBRO de 1983

P/ Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

TEATRO

TÍTULO O CASACO ENCANTADO

autor: LUCIA BENEDETTI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239,p.423

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça SR/MG

Obs.:

DF. 11 / 10 / 83 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: Imprópria para menores de LIVRE anos, Sem cortes, condicionado ao exame do ensaio.

Obs.: Certif. Provisório SR/MG

Brasília-DF, 13 de 10 de 1983

Brasília – DF de Helle Prudente Carvalhedo Mat. 2 415 791 de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE

Brasília-DF, 13 de 10 de 1983

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 13/10/1983

Silange M. T. Fernandes
Diretora da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0239,p.424

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
525	13 DE OUTUBRO DE 1983	13 DE OUTUBRO DE 1988

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO

AUTOR (ES): LÚCIA BENEDETTI

CLASSIFICAÇÃO: **LIVRE**

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE:

Solange M. F. Hernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: O CASACO ENCANTADO

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

CERTIFICADO Nº 525

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: ARGENTINA GOMES DOS SANTOS - BELO HORIZONTE/MG-

DECISÃO: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DON ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC/DCDP
ASSINATURA

BSB ,13 DE OUTUBRO DE 19 83.

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

DPF – 150

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 425

Brasília, DF.

Em 14 outubro de 1983

OF. Nº 1.841/83-SE/DCDP

Do : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/MG.

Assunto : Certificados - encaminha -

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício(s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do (s) certificados de Censura da (s) peça (s) teatral (is):

" O CASACO ENCANTADO ", de Lúcia Benedetti, " I LOVE YOU JUJU ", de José Luiz Ribeiro, " BATEU MAIS FORTE O MEU CORAÇÃO ", de Fernando Pessoa, " BLUE JEANS - UMA PEÇA SÓRDIDA " de Zeno Wilde, " NADIM NADINHA CONTRA O REI DE FULEIRÓ ", de Má_ rio Brasini.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 426

SAO PAULO- 6209 60 02 11,45P -2 MAI 1458 000000

DCDP /BSA

ENCAMINHADO A [illegible] 20/9/23

6209 DE 020586 SCDP/SR/SP PmT SOL INFO CLASS ET PRAZO VAL CERT PEÇAS TEATRAIS BIPT ''O CASACO ENCANTADO'' DE LUCIA BENEDETTI VG '''MURAL OETICO '' DE C VARIOS VG '''NA RUA DO LAZER VOCE TEO O QUE FAZER'' DE MARLEI CUNHA ET ''TODA DONZELA TEM UM PAI QUE E UMA FERA'' DE GLAUCIO GILL PT

CH SCDP/SR/SP

INFORMAÇÃO/ARQUIVO/DCDP

DCDP

Obs: AS PEÇAS TEATRAIS: MURAL POÉTICO E NA RUA DO LAZER VOCE TEM O QUE FAZER NADA CONSTA

BSB, 05/05/86

Walter de Oliveira
Chefe do Arquivo/DCDP

NNNNNNO
611461DPFED BR
1130342DPFE BR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0239, p. 427/427

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº [illegible] 6 MAI 10 30 86 000000

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....
Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/SP

ENCAMINHADO A [illegible]

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 341/DCDP de 05 05 86 RERA NR 6209 SCDP/SR/SP VG INFO PEÇAS TEATRAIS BIPT "O CASACO ENCANTADO" VG CLASS LIVRE VG CERT VAL 131088 PTVG "TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA" VG CLASS QUATORZE ANOS VG CERT VAL 240889 PTVG DEMAIS PEÇAS NADA CONSTA PT DCDP

DPF-SAv. 84

Assinatura ou rubrica do expedidor: Raymundo Cuadrado de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura DCDP